UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

MOEDA E DISCURSO POLÍTICO: EMISSÕES MONETÁRIAS DA CIRENAICA ENTRE 322 E 258 a.C.

Daniela Bessa Puccini

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano

Linha de Pesquisa: Representações simbólicas em Arqueologia

São Paulo
2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Resumo

A proposta deste trabalho é estudar as moedas da Cirenaica emitidas entre o início do domínio de Ptolomeu I na região e a morte do último governante independente, Magas, em 258 a.C. O nosso objetivo é analisar, a partir dos tipos monetários, qual a expressão política das facções existentes nas cidades da Cirenaica e qual o posicionamento desses grupos em relação ao controle lagida. Lançando mão da comparação entre os tipos monetários, do uso de determinadas inscrições associadas aos tipos e aos principais acontecimentos políticos e da adoção sucessiva de diversos padrões monetários pelas cidades, discutiremos como foi construído o discurso político da autoridade emissora dessas cidades como resposta aos principais acontecimentos desses anos.

Palavras-chave: numismática grega, Cirenica helenística, iconografia monetária antiga, moeda e política, monarquia ptolomaica

Abstract

The purpose of this research is study the Cyrenaica's coins issued between the beginning of the Ptolemy's control in the region and the death of the last independent government, Magas, in 258 a.C. Our goal is analyse, from the monetary types, the political expression of the city's factions and what the position of these groups about a lagid's control. Through the comparision between the types, the use of some inscriptions associated to the types and to the main political events and the successive adoption of various monetary standards by the cities, we will discuss how was built the political message of the issuing authority as an answer to the main events of these years.

Key words: Greek numismatic, Helenistic Cyrenaica, ancient monetary iconography, coins and politics, Ptolemaic monarchy

À minha família

Em memória do meu avô Toninho

Agradecimentos

A todas as pessoas que colaboraram nesta pesquisa e que, sem as quais, este trabalho não teria se realizado a contento, quero expressar aqui a minha gratidão e amizade.

À professora Maria Beatriz Florenzano, minha orientadora no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, condição primeira para a realização deste mestrado. Agradeço pela prontidão em ajudar e pela generosidade com que me auxiliou ao longo de todo este trabalho.

Ao professor Nicola Bonacasa, da Universitá degli Studi di Palermo, pela amizade, disponibilidade, pelas oportunidades que me proporcionou e o apoio constante. A Abdugheder Mzeini, Superintendente do Departamento de Antigüidades de Shahat, a Hamsa Mzeini, Farag Abdulaati Hamed e a todo o pessoal deste departamento, pelo suporte e acolhimento, fundamentais para a realização de um trabalho cuidadoso, frutífero e tranqüilo na Líbia. A Luciano Ozório Rosa, embaixador do Brasil na Líbia, pelo incentivo e interesse.

À Capes, agência que financiou esta pesquisa.

A Michel Amandry, curador do Cabinet de Médailles de Paris; à professora Cristina Kormikiari, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, e ainda a toda a equipe do Labeca; a Sarah Sorda, diretora do Istituto di Numismatica di Roma; a Ettore Castorina, preposto do Polo Didattico di Agrigento da Universitá degli Studi di Palermo; à Embaixada da Líbia no Brasil; a Claudio Parisi Presicce, diretor do Museu Arqueológico e de Arte dos Musei Capitolini, e a suas filhas, Ariana e Matilda; a Denis e Águeda Vialou, do Muséum National d'Histoire Naturelle e professores em nosso museu; a Mohamed Benabdelhadi, professor da Faculté des Sciences et Techniques du Fez da Université Sidi Mohammed Ben Abdella; ao pessoal da Biblioteca da nossa instituição e também da Biblioteca do Departamento de Arqueologia da Universitá degli Studi di Palermo.

A Christopher Langner; a Kátia Ferraz; a José Roberto Pellini; a Lucio Nassaro; a Dirceu Rodrigues; a Adriano Bandeira; a D. Neuza e Renata; a Graziella Barozzi e Gastone; a Rosa Maria Bonacasa; a Salvatore; a Salem Awad; a Claudio, Sandro, Fabio, Danielle. A Salvatore, Cicio, Stephania e Dominique Tahib, de Palermo; a Alessandra e Simona, de Roma.

ÍNDICE GERAL

Apresentação 11

Parte I 15

1. Geografia da Cirenaica 16

a. A Cirenaica atualmente 16

b. Nomenclatura 16

c. O território das cidades gregas da Líbia 17

d. O território dos grupos indígenas vizinhos dos gregos da Líbia 23

e. A população da Cirenaica 25

2. Contextualização histórica 26

Introdução 26

a. A fundação de Cirene e a dinastia dos Batíadas 27

Sobre as fontes: o discurso da alteridade e o decreto de fundação 28

Da fundação 30

O papel do Santuário de Apolo em Delfos 31

Líbia: terra estranha aos gregos? 32

O fundador 35

A relação entre gregos e líbios 37

Traços de Thera em Cirene 41

A narrativa sobre os Batíadas 43

A reforma de Demonax 44

O Egito e os Batíadas 46

Batos IV e a prosperidade da Cirenaica 48

Arcesilas IV e o fim da dinastia 50

b. O período republicano até a guerra de Thibron 52

Democracia 52

Conflitos internos 54

As fronteiras com Cartago 56

Estela dos fornecedores de cereais 57

Aliança com Alexandre, o Grande 58
A guerra contra Thibron 61
c. A partir da chegada de Ptolomeu I à Cirenaica 62
Diagramma de Cirene 62
Expansão para o oeste 64
Revolta de 313-2 a.C. 65
Expedição contra Cartago 67
Depois da morte de Ofelas 70
Magas, vice-rei da Cirenaica 70
Rei Magas 71

3. Histórico das emissões monetárias da Cirenaica anteriores a 322 a.C. 74

PARTE II 82
4. Repertório de moedas 83
Introdução 83
a. Histórico da bibliografia utilizada na confecção do repertório 84
b. Critérios de classificação 87
c. Elementos que compõem as fichas das moedas 88
d. Metais e padrões monetários 95
Metais 97
Padrões monetários 101
e. Atribuição das moedas aos intervalos propostos no repertório 105

Repertório tipológico das moedas da Cirenaica cunhadas entre 322 e 258 a.C. 114

5. Achados arqueológicos 160
Introdução 160
a. Os tesouros monetários 161
b. Os achados de superfície em Euespérides 163
c. Cruzando os dados 166

Tabela das moedas do repertório 168

6. Análise dos tipos monetários 170
Introdução 170
Silfium 172
Zeus Ammon 181
Hermes Parammon 188
Apolo Myrtous 196
Tumba de Batos 198
Hermes 202
Dioniso (e Eros) 203
Ninfa Cirene, ninfa do rio Lethon e Ártemis 206
Líbia 210
Gerbo e caranguejo 213
Gazela 214
Palmeira 215
Cavalo 216
Cavaleiro 218
Quadriga 219
Apolo 222
Niké 223
Atena com elmo ateniense 224
Tridente e golfinho 225
Ísis 227
Atena com elmo coríntio e Niké 231
Héracles em pele de leão e Zeus sentado no trono 232
Héracles em pele de leão nas cunhagens de Euespérides 234
Os tipos de Alexandre nas moedas de Ptolomeu rei 236
Tipos helenísticos nas moedas de Cirene 237
Atena guerreira 238
Alexandre em quadriga de elefantes 239
Retratos de Ptolomeu e Berenice 240

7. Conclusão 243

Anexos 248
Anexo 1: Planta de Cirene 249
Anexo 2: Decreto de fundação de Cirene
Anexo 3: Relação dos tesouros monetários que contêm moedas da Cirenaica datadas do último quartel do século IV e primeira metade do século III a.C., publicados no *IGCH* 251

Mapas 255
Mapa 1: Líbia atual 256
Mapa 2: Cirenaica atual 257
Mapa 3: Líbia antiga 258
Mapa 4: Mediterrâneo antigo 259

8. Bibliografia 260

ÍNDICE DE FIGURAS

1. Vista da planície costeira 18
2. Vista do Djebel Akhdar 19
3. Fonte Kyra 20
4. Teatro de Apolônia 21
5. Palácio Colunado (Ptolemais) 21
6. Santuário de Apolo (Cirene) 32
7. Reconstrução de cálice encontrado em Cirene 33
8. Fragmentos de cálice encontrado em Cirene 33
9. Afresco com representação do pescador (Thera) 34
10. Afresco com representação de líbios (Thera) 35
11. Pintura rupestre (Tassili) 35
12. Relevo com representação de divindades gregas e líbias (Cirene) 39
13. Via de Batos (Cirene) 42
14. Templo de Zeus (Cirene) 49
15. Retrato de Arcesilas IV em bronze (Cirene) 51
16. Moeda de Thibron 61
17. Tesouro dos Estrategos (Cirene) 65
18. Estatueta de terracota com representação da “deusa do *silfium*” 175
19. Tetradracma de Cirene com representação da “deusa do *silfium*” 175
20. Cerâmica com representação da “Pesagem do *silfium*” 176
21. Escultura da cabeça de Zeus Ammon (Cirene) 183
22. Relevo com representação de Zeus Ammon e outras divindades (Cirene) 183
23. Êxedra de Apolo Carneius (Cirene) 189
24. Detalhe da coluna central da êxedra de Apolo Carneius (Cirene) 189
25. Dióbolo de Metaponto com representação de Hermes Parammon 191
26. Dióbolo de Metaponto com representação de Zeus Ammon 191
27. Hermes com caduceu em coluna do Artemision 193
28. Relevo com representação de Ammon e divindade juvenil (Cirene) 194
29. Reconstrução do Recinto do Mirto (Cirene) 196
30. Reconstrução do Oikos de Ofeles e da Tumba de Batos (Cirene) 200
31. Tumba de Batos datada do século IV a.C. (Cirene) 200

32. Peliké lucana com representação da tumba de Agamêmnon 201
33. Moeda de Acragas com representação do deus-rio e águia sobre coluna jônica 201
34. Cópia em gesso da ninfa Cirene sendo coroada pela Líbia (Cirene) 206
35. Cópia em gesso da ninfa Cirene estrangulando o leão (Cirene) 206
36. Hemidracma de Cirene com representação da ninfa epônima 207
37. Dracma de Cirene com representação da ninfa epônima 207
38. Templo de Ártemis (Cirene) 210
39. Litra de Siracusa com representação de Ártemis 210
40. Tetradracma sículo-púnico com representação de cabeça feminina 212
41. Tetradracma sículo-púnico com representação de cabeça de Perséfone 212
42. Relevo com representação de divindades gregas, líbias e as gazelas (Cirene) 215
43. 50 litras de Siracusa com representação do cavalo com a estrela 217
44. Relevo com representação de divindades e quadriga 221
45. Decadracma ateniense com representação de Atena 224
46. Estátua de Ísis (Cirene) 229
47. Templo de Ísis (Cirene) 230
48. Santuário das Divindades Alexandrinas (Cirene) 230
49. Estáter da Macedônia com representação de Héracles e cavalo 233
50. Decadracma de Alexandre com Zeus sentado no trono 233
51. Tetradracma de Cirene com representação de Héracles no Jardim das Hespérides 251

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Balanço do uso dos metais nas moedas do repertório 99
Gráfico 2. Ocorrências dos tipos monetários mais representados no repertório 178

Apresentação

Este trabalho, intitulado *Moeda e discurso político: emissões monetárias da Cirenaica entre 322 e 258 a.C.*, tem como objetivo discutir, a partir dos tipos monetários, a propaganda política utilizada nas emissões deste intervalo para identificar quais forças políticas estavam agindo nas cidades desta região durante o governo de Ptolomeu I e seu preposto Ofelas e ainda de Magas, filho de Berenice I.

Escolhemos este tema porque nas fontes textuais as referências a uma dominação das cidades por parte de Ptolomeu I não nos permitem vislumbrar a atuação dos diversos grupos que compunham o quadro das cidades e as relações que elas estabeleceram inicialmente com esses governantes. Nesses relatos, as cidades acabam sendo ofuscadas por acontecimentos em um âmbito maior, a da formação e consolidação dos impérios helenísticos. Nos documentos epigráficos, temos notícias das publicações oficiais, em que os monarcas determinavam o sistema político que seria colocado em funcionamento dentro deste sistema maior. Mais uma vez não nos chega a mensagem das cidades.

Como podemos notar, houve um controle – ao menos parcial – de Ptolomeu I sobre as cidades cirenaicas, que se faz visível nas moedas, seja pelos tipos monetários como pelas inscrições. Mas a existência das cunhagens autônomas simultaneamente a essas moedas lagidas pode nos revelar facetas da sociedade cirenaica e qual o discurso político construído pelas cidades em relação a um controle externo.

Ao longo de toda esta dissertação, é possível perceber que, embora nosso trabalho trate das cunhagens das cidades de uma região que seria em época romana denominada Cirenaica, na maior parte do tempo é a cidade de Cirene que recebe mais atenção, seja na contextualização, seja na análise das emissões monetárias. Isso se explica por vários motivos.

Primeiro porque Cirene foi a primeira *pólis* a ser fundada no platô – e a primeira cidade grega a ser estabelecida no Norte da África. Foi ali que os gregos de Thera chegaram na metade do século VII a.C. e construíram uma rica cidade, que desde o início estabeleceu relações comerciais com diversas partes do mundo antigo. E foi a

partir de Cirene que as outras cidades da Cirenaica se desenvolveram. Elas constituem, portanto, subcolônias desta importante *pólis* do Norte da África.

Isso não quer dizer que as outras cidades não tenham sido importantes. Barce, por exemplo, grande produtora de cereais e onde se encontrava uma população líbia rica e com atuação significativa no cenário político da região, destacou-se em época clássica, como veremos em nossa contextualização histórica e no histórico das cunhagens da região. Já em época helenística, Ptolemais e Apolônia adquiriram o status de cidade e receberam dos lagidas construções monumentais. E a julgar pela riqueza dos vestígios arqueológicos, Ptolemais se tornou uma das cidades mais ricas da Cirenaica em época tardo-helenística.

Mas o segundo motivo que nos leva a focalizar a atenção em Cirene é que as fontes textuais – que estavam previstas para serem analisadas desde o projeto desta pesquisa – centram-se principalmente em Cirene. Foi em Cirene que os Batíadas se instalaram e, por ser então a mais importante cidade do platô, ela foi palco dos principais acontecimentos políticos até o período helenístico. Isso nós podemos afirmar a partir das fontes textuais. Com relação aos vestígios arqueológicos, Cirene é a cidade da Cirenaica que foi mais escavada. Deste modo, também com relação à arqueologia as publicações são majoritariamente centradas em Cirene, e nos últimos anos os estudos feitos sobre a sua *chora* (a zona rural que é parte do território desta *pólis*) trouxeram informações valiosas sobre a relação entre gregos e líbios tanto econômicas quanto culturais. Por ter recebido tantas missões arqueológicas, também provém de Cirene grande parte dos documentos epigráficos publicados até a atualidade. No entanto, tentaremos, na medida do possível, referenciar a situação das outras cidades do platô quando as fontes nos permitirem.

De qualquer maneira, em nosso repertório figuram moedas em sua maioria batidas em nome de Cirene. Mas também encontramos algumas moedas feitas em nome das cidades de Barce e Euespérides. A julgar pela grande quantidade de cunhagens com as iniciais de Cirene, tudo indica que as emissões monetárias da região em época helenística tenham sido centralizadas nesta cidade. Wilson (2006 : 146) faz referência, em seu artigo sobre achados monetários em Euespérides, à descoberta de moldes de argila para a confecção de discos de metais como

evidência da existência de uma casa de moeda nesta cidade. Mas como a estratigrafia da região é muito confusa, não podemos datar esses moldes com exatidão.

Outro indício que vale a pena observar de antemão é a quantidade de moedas de bronze batidas em nome de Cirene encontradas em Euespérides. Essas pequenas denominações feitas no menos nobre dos metais não só foi responsável pela monetarização da economia a partir de *c*. 325 a.C., como também são um indício de que as moedas batidas em nome de Cirene fossem destinadas a circular em toda a região, e não somente nesta cidade.

Portanto, eu quero ressaltar aqui que vou trabalhar com as moedas publicadas, batidas em nome das três cidades do platô – Cirene, Barce e Euespérides. Sendo uma pesquisa de mestrado, este é um estudo introdutório aos tipos, às inscrições e à metrologia destas moedas, tendo em vista os seus aspectos políticos. Vale destacar que o recorte escolhido – moedas da Cirenaica batidas entre 322 e 258 a.C. –, além de cronologicamente histórico, se justifica também pelos aspectos físicos desse tipo de suporte. O primeiro deles é que durante quase todo este intervalo a Cirenaica bateu moedas nos três metais[1]. Segundo porque ao longo deste intervalo a Cirenaica bateu moedas em três padrões monetários: o ático inicialmente, depois o ródio e por último o fenício, que perdurou por toda a época helenística nas possessões ptolomaicas e nas cidades com as quais os lagidas tinham relações. E por fim, porque em nenhum momento, anterior ou posterior, a Cirenaica bateu tantos e tão variados tipos monetários quanto durante os anos de enfoque desta pesquisa.

Lançaremos mão ainda dos tesouros monetários para tentar compreender o alcance dessas emissões no espaço. Não são numerosas as moedas da Cirenaica encontradas nesses tesouros, de modo que não podemos traçar um verdadeiro quadro do papel econômico dessas cunhagens. Mas sempre é possível extrair desses tesouros algumas informações, que combinadas a achados monetários dentro da região e aos dados provenientes das fontes textuais, podemos ter uma idéia, embora limitada, da circulação deste meio de troca.

---

[1] Segundo a classificação proposta por Morkholm (1980), as cunhagens em ouro seriam interrompidas na segunda década do século III a.C., aproximadamente vinte anos antes da morte de Magas.

Por fim, gostaríamos de esclarecer nesta introdução que, como este é o primeiro trabalho feito sobre a Cirenaica no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, atendemos à solicitação da banca de qualificação de incluir neste estudo um panorama da geografia da região, uma contextualização histórica que abrangesse desde a fundação da primeira cidade, Cirene, até o momento de interesse deste trabalho – ou seja, de 631 até 322 a.C. – e ainda um histórico das cunhagens feitas pelas cidades do platô também dos períodos arcaico e clássico, até a chegada de Ptolomeu I à região. Essa abordagem da sociedade cirenaica na *longue durée* sem dúvida contribuiu na análise das emissões em questão, tendo em vista que tornou possível vislumbrar uma evolução no uso dos metais, dos tipos e dos padrões monetários ao longo desses séculos. Acrescentamos ainda como anexo o decreto de fundação da cidade de Cirene – datada do século IV a.C. –, uma planta desta cidade e uma lista do conteúdo dos tesouros monetários em que constavam moedas da Cirenaica deste início do período helenístico.

Muito ainda se tem a explorar sobre as moedas da região. O potencial de desdobramento de temas a partir deste material é imenso. Mas neste trabalho introdutório optamos por uma abordagem de caráter mais geral, que é o da análise iconográfica principalmente das moedas autônomas. Esses desdobramentos serão reservados para futuros estudos.

PARTE I

1. Geografia da Cirenaica

a. A Cirenaica atualmente

A região hoje denominada Cirenaica se localiza no Norte da África, na parte leste da atual Líbia. Atualmente as fronteiras da Cirenaica são delimitadas ao norte pelo Mar Mediterrâneo, a leste pelo Egito – a parte ocidental da Marmárica, ou seja, do Golfo de Bomba até Sollum (a antiga Catabathmos) – e a oeste pelo extremo oriental da Sirte Maior, no Golfo de Sidra (LARONDE, 1989 : 15) (Mapa 1).

Ao sul, o limite sempre foi muito difícil de ser definido por causa da presença do deserto. A colonização italiana na Líbia, que se iniciou na primeira metade do século XX, ocupava os territórios que se estendiam até o Sudão e Chade. Mas, para fins de pesquisa, costuma-se delimitar o sul da Cirenaica até o paralelo 28, ou seja, o território que, quando da colonização italiana, estava sob administração dos comissariados de Benghazi e Derna – ou, para localizarmos este ponto na Antigüidade, é justamente na linha que corta o Oásis do Augila, citado em Heródoto (IV, 172) com este mesmo nome. Este território, portanto, compreende uma área total de 278.900 km^2. (Mapa 1)

b. Nomenclatura

Na Antigüidade, a região recebeu o nome de Cirenaica somente quando foi transformada em província romana, juntamente com Creta, por volta de 76 a.C. até a época de Diocleciano, entre 284 e 305 a.C. (DI VITA *et al.*, 1999 : 186; KORMIKIARI, 2003 : 6). Antes disso, não parece ter havido uma designação particular em grego para esta área especificamente. E mesmo a partir de período romano, encontramos referência à palavra como adjetivo e traduzido do latim, nos decretos de Augusto, de I a.C. (*SEG*, IX, 8 *apud* CHAMOUX, 1953 : 35), η Κυρηναικη επαρκηα (isto é, província cirenaica). Como substantivo próprio, Estrabão, no século I d.C., emprega Cirene para designar toda a província (III, 157; XVII, 798), como também usava a expressão η Κυρηναια (Cirenaia), que também aparece em Aristóteles (*Política*, 1319b, 18), no século IV a.C., e em Teofrasto (*Hist.*

Plant., IV, 3, 1), na mesma época. Já ao nome Pentápolis[2], que só aparece a partir de I d.C., é Plínio, o Velho quem faz a referência (V, 5, 5), assim como Estrabão (XVII, 837).

Antes disso, todo o território a leste da fronteira do Egito era conhecido pelos gregos como Líbia, talvez como um empréstimo da palavra egípcia *Libou*, que designava um grupo indígena[3] que habitava a sua fronteira, a leste (CHAMOUX, 1953 : 35; KORMIKIARI, 2000 : 94). Deste modo, tanto os indígenas do Norte da África a leste do Egito até o Marrocos atual – incluídos aí os berberes que se avizinhavam à região que os gregos ocuparam –, assim como a população helênica propriamente que ocupou o "platô cireneu" eram conhecidos como líbios pelos gregos (PAUSÂNIAS, VI, 19, 10).

Portanto, embora André Laronde, em seu livro *Cyrène et la Libye Hellénistique*: *Libykai Historiai. De l'époque republicaine au principat d'Auguste* (1987), chame a atenção para a incoerência de se usar a palavra Cirenaica referindo-se à região antes de período romano, faremos uso desta nomenclatura por uma questão de praticidade. Utilizaremos também os adjetivos cireneus, barceus, euesperitanos para nos referir aos habitantes de cultura grega que estavam instalados próximos das cidades de Cirene, Barce e Euespérides. No mais, chamaremos de líbios os berberes – inclusive os helenizados – que viviam na região, quando o nome do grupo destes últimos não for especificado.

c. O território das cidades gregas da Líbia

Na Antigüidade, quando os gregos ocupavam esta região, os limites eram bem menos definidos e também menos extensos no sentido leste-oeste do que são atualmente. De modo geral, o território era delimitado ao norte pelo Mar Mediterrâneo, a oeste pela Sirte Maior, onde se localiza o Golfo de Sidra, a leste pelo Golfo de Bomba. Ao sul, como ainda hoje esse limite é discutível e variável –

[2] A designação Pentápolis também faz referência à Líbia Superior quando da reforma feita por Diocleciano, que consistiu na divisão da região em duas zonas. Nesta área, estavam incluídas Cirene, Barce, Berenice, Ptolemais e Arsínoe.

[3] Neste trabalho, utilizaremos o termo "grupo indígena" para designar os grupos berberes do Norte da África, como foi adotado por Cristina Kormikiari em sua pesquisa de doutorado e cujos resultados foram publicados no trabalho "Grupos indígenas berberes na Antigüidade: a documentação textual e epigráfica" (2001 : 13-6). Sobre este assunto, em especial no subitem Tribo ou grupo indígena: estabelecendo um conceito, a autora, além de explicar a sua escolha por "grupos indígenas", discute o sentido negativo que palavras como "tribo", "sociedade tribal", "sociedade primitiva" carregam.

em função da presença do deserto –, não é possível estabelecer exatamente uma linha que dividia o domínio dos gregos do território ocupado pelos berberes. Em período helenístico, em virtude das disputas territoriais que se travaram com os cartagineses e com os indígenas a leste e a oeste de Cirene, o território ora se expandia, ora recuava. Na contextualização histórica específica do período helenístico, detalharemos melhor os avanços e recuos desses limites territoriais. Mas podemos adiantar que a oeste a fronteira dos gregos chegou a alcançar a Torre de Eufrantas (ESTRABÃO, XVII, 3, 20; 8, 36) já nos primeiros anos do governo de Ptolomeu I e a leste, no governo de Magas, na primeira metade do século III a.C., o domínio macedônio atingiu Paraitonion (atual Marsa Matrouh) (POLIANO, II, 28 *apud* CHAMOUX, 1956 : 27). (Mapa 2)

Os primeiros gregos que chegaram à Líbia, na segunda metade do século VII a.C., instalaram-se sobre um grande platô de calcário que se ergue em três degraus – a partir da planície costeira em direção ao sul –, chegando a atingir, no seu ponto mais alto, 868 m de altitude[4]. Depois desse ponto, o platô começa então a declinar mais suavemente, até alcançar as estepes pré-desérticas.

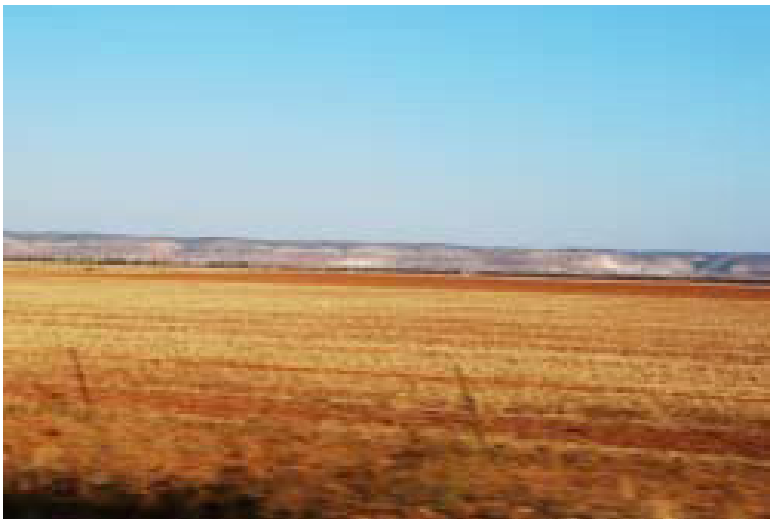


Figura 1. Vista da planície costeira para o primeiro degrau do platô. Foto tirada da estrada em algum ponto entre Benghazi e Taucheira (sentido S). Extraída de: Arquivo pessoal.

[4] Neste ponto se localiza o santuário rupestre de Slonta, cuja origem é anterior à chegada dos gregos. Este santuário fica a aproximadamente 20 km da cidade de Cirene, a primeira e mais alta dentre as cidades gregas do platô (CHAMOUX, 1953 : 15).

A primeira cidade a ser fundada pelos gregos no Norte da África foi Cirene, atual Shahat (Mapa 1). Ela se localiza a aproximadamente 600 m de altitude. Pertencia à cidade de Cirene no século V a.C. todo o litoral entre a ilha de Aphrodisias (ilha Kersa, a oeste de Derna) e algum ponto indeterminado onde começa o território de Barce. Para o interior, em direção ao deserto, não se sabe exatamente a sua profundidade. (Mapas 1 e 2)

Situava-se em uma área que foi denominada pelos árabes de Djebel Akhdar, Montanha Verde. Esse nome se deve ao fato de que justamente nesse ponto, quando os ventos que vêm do mar carregados de umidade atingem o platô cireneu, precipitam-se as chuvas. Calcula-se que a média de precipitações nessa área seja em torno de 650 mm/ano (CHAMOUX, 1953 : 16).

Figura 2. Vista do Djebel Akhdar, com a planície costeira ao fundo. Foto tirada a partir do Anfiteatro romano, localizado no Santuário de Apolo de Cirene (sentido NE). Extraída de: Arquivo pessoal.

Em virtude dessas chuvas, que caem principalmente no inverno, a região é toda cortada por *oueds*[5], que atravessam aproximadamente 15.000 km^2 de área. Esses *oueds* que descem em direção ao mar esculpem montanhas na sua superfície até

[5] Rio, em árabe. Embora a denominação *oued* seja a mais apropriada para expressar as condições específicas do regime dos "rios" desta região (KORMIKIARI, 2000 : *passim*), quando associada ao nome propriamente do *oued*, optamos nesta dissertação pela utilização da palavra em português, rio. Deste modo, rio Lethon, rio Cínips.

atingir o primeiro degrau do platô. Mas antes de essa água desaguar no mar, ela é absorvida pelo calcário, que por natureza é poroso. A circulação dessa água subterrânea ocasiona a formação de falésias com fontes de água permanentes.

Em Cirene, especialmente, o relevo é favorável a esse tipo de formação. O maior exemplo disso é a fonte do Santuário de Apolo, que fica localizada ao pé de uma pequena falésia que marca a borda do platô superior (CHAMOUX, 1953 : 17).

Figura 3. Fonte Kyra, sobre o terraço superior do Santuário de Apolo. Heródoto atribui a esta fonte o local onde os thereus teriam chegado à Cirenaica e inscrições testemunham que ali eram realizados cultos de Apolo e das ninfas em período arcaico. Extraída de: BONACASA, 2000 : 49.

E é graças a um índice pluviométrico relativamente bom nas maiores altitudes do platô que encontramos no Djebel Akhdar uma floresta mediterrânica, que se estende por cerca de 160 km de comprimento por 30 km de largura e é composta de ciprestes, azinheiras, juníperos, pinheiros de Alep, oliveiras silvestres, pistacheiros, mirto[6], além de uma vegetação rasteira de lentiscos e medronheiros. Ao redor do Djebel Akhdar, estendia-se a estepe dos asfódelos (KORMIKIARI, 2003 : 8-9).

Já Barce se situava a oeste de Cirene, no primeiro degrau do platô, a aproximadamente 300 m de altitude. Seu território abarcava também o litoral onde termina a costa de Cirene até o limite com a costa de Taucheira. Ficava localizada dentro de uma espécie de bacia, com 1.100 km^2 de área, onde as bordas do platô são mais altas que a sua parte interna[7]. Ali, com as águas que caem das chuvas, acumula-se uma terra vermelha extremamente fértil, resultado da decomposição do calcário, e que propicia ainda hoje a cultura de cereais. (CHAMOUX, 1953 : 16)

[6] Na Antigüidade, esta área inspirou Calímaco a chamá-la de Myrtousa (*Hinos*, II, 91).
[7] Sobre o platô, além de Barce, há uma outra bacia com formação semelhante, em que a água não é escoada para o mar, denominada es-Sirual, de 9.000 km^2.

Na planície costeira, os gregos fundaram ao longo do período arcaico até o helenístico as cidades de Apolônia, Ptolemais, Taucheira (ou Arsínoe) e Euespérides (que foi realocada com o nome de Berenice) (Mapa 2). Nessa área, em linhas gerais, a exposição aos ventos do sul e do oeste, somada a uma baixa precipitação pluviométrica – uma média de 200 mm ao ano – proporcionam um clima mais árido que nas partes superiores do platô. Deste modo, as chuvas não são suficientes para alimentar durante o ano inteiro os *oueds* que cortam a região, que permanecem ativos somente durante a época das chuvas, no inverno.

Figuras 4 e 5. À esquerda, teatro de Apolônia, com o mar ao fundo. O auditório foi parcialmente esculpido na rocha. Datado de época helenística. À direita, Palácio Colunado, localizado em Ptolemais, símbolo da prosperidade de que esta cidade gozou a partir de época helenística. Extraídas de: Arquivo pessoal.

Apolônia, que até o período helenístico era conhecida como o "porto de Cirene", localizava-se na costa, a 18 km de Cirene. As pequenas ilhas costeiras se ligavam às suas margens através de "línguas" de areia meio submersas que ofereciam um ancoradouro natural adequado aos pequenos barcos. O que não acontecia no litoral de Taucheira, que era aberto para o mar (CHAMOUX, 1953 : 14). Ptolemais, por sua vez, que recebeu o status de cidade somente em período helenístico, existia anteriormente como o "porto de Barce" e localizava-se a aproximadamente 40 km de Barce (KORMIKIARI, 2003 : 8).

Já Euespérides era a mais ocidental das cidades gregas da Líbia e se estendia ao longo do *oued* Lethon[8] – na faixa costeira, perto da entrada da Sirte Maior. Ficava

[8] Alguns estudiosos da Cirenaica, como Chamoux, acreditam que o *oued* Lethon seria o antigo lago (ou rio mesmo?) Triton e estaria portanto situado no território de Euespérides. Há estudiosos do Norte da África, como St. Gsell e G. Camps, que consideram que este se localizaria em território que seria

separada de Barce por uma zona ocupada pelos indígenas, estendendo-se até o mar ao sul do território de Taucheira. Ao sul, ela fazia fronteira com o território ocupado pelos Nassamones, já na Sirte Maior.

Embora Euespérides esteja situada na estepe e receba vento seco e quente do deserto e do oeste, na desembocadura do *oued*, nas lagunas, formaram-se oásis com uma vegetação africana de palmeiras bem diferente do restante da Cirenaica. Nessa área, a umidade que se acumula no terreno calcário propicia a formação de jardins demasiadamente férteis em comparação com o entorno árido das estepes e do deserto propriamente.

Entre Euespérides e o Golfo de Bomba, toda a área tem precipitação superior a 150 mm ao ano. Se considerarmos como área útil aquelas que possuem precipitações anuais superiores a 200 mm ao ano – deste modo, excluindo o es-Sirual, que tem uma média inferior a esta –, a Cirenaica possui uma área útil de 16.100 km^2, o que corresponde a três quartos do território do Peloponeso e ainda a duas vezes a área de Creta (8.618 km^2). (LARONDE, 1987 : 15) (Mapa 3)

Vale ainda observar que no Norte da África, entre o Egito e a Tunísia – excluindo, portanto, a Cadeia do Atlas, que se estende até a Tunísia (KORMIKIARI, 2003 : 21) –, é sobre o platô que encontramos maior índice de pluviosidade e maior altitude. O que os estudiosos chamam de "crescente fértil" na Cirenaica corresponde à área que vai de Euespérides até Darnis, em sentido SO-NE. Para se ter uma idéia dessa extensão, em linha reta, a distância entre Euespérides e Barce por terra é de 103 km, dali para Cirene são mais 120 km, e de Cirene a Derna são 80 km (LARONDE, 1989 : 15). (Mapa 2)

Mas o platô, em virtude das grandes extensões de deserto que o circundam, fica relativamente isolado das cidades maiores do Norte da África (Mapa 6). As menores distâncias para o exterior da Líbia são por mar. A partir de Apolônia, são 300 km até Creta, 450 até o Gythion, o porto de Esparta, e 600 até o Pireu. Por outro lado, são 800 km até Alexandria e 900 até Naucrátis. A distância entre o Golfo de Bomba e Euespérides (Berenice) é maior do que entre Apolônia e o Cabo Crioumetopon, em Creta. (CHAMOUX, 1953 : 12)

---

hoje a Tunísia. Heródoto (IV, 178, 180 e 191) situou-o na Sirte Menor, entre o *oued* Cínips (a leste de Lepcis Magna) e as ilhas Ceraunis (ilha Kerkena). Sobre esta discussão, ver KORMIKIARI, 2000 : 34.

d. O território dos grupos indígenas vizinhos dos gregos da Líbia

A propósito, quando os gregos instalaram-se sobre o platô, eles encontraram neste território os grupos indígenas berberes, que ocupavam desde a fronteira do Egito até o Marrocos. Heródoto é, dos autores antigos, o que melhor descreve os costumes e os territórios de ocupação desses indígenas. Também Plínio, na sua *História Natural* (V, 1-46), e Estrabão, na *Geografia* (II), citaram esses grupos, mas não com interesse focado exclusivamente neles, etnográfico, como fez Heródoto. Mesmo com referências das fontes históricas, mapear o território em que os grupos líbios se localizavam sempre foi um desafio, desde os historiadores e geógrafos antigos até os dias de hoje. Isso se deve ao fato de que, ao menos nas redondezas do platô, embora alguns grupos indígenas fossem agricultores, e portanto sedentários, e tivessem um território mais definido, outros eram pastores seminômades e se deslocavam entre o platô e o deserto de acordo com a disponibilidade de água e de pasto no decorrer do ano (KORMIKIARI, 2001 : 19-25).

Heródoto, no livro IV da *História*, cita esses grupos a partir do Egito, indo em direção ao oeste. Na sua descrição, ele inicia com os Adimarquidas (IV, 168), que ocupam a Marmárica, o território a leste do platô, entre a fronteira com o Egito e o porto chamado Plinos na Antigüidade (atual golfo de Sollum). Plínio (V, 33) e Estrabão (II, 5, 33) chamaram esse grupo de Marmáridas.

Em seguida, ele cita os Giligamas, que ocupavam até a ilha de Afrodisias (atual Kersa). Nesta área encontram-se ainda a ilha de Platéia, que foi ocupada pelos gregos antes de fundarem Cirene, o porto Menelaos e Aziris, território que passou a ser domínio dos cireneus (HERÓDOTO, IV, 169). O autor acrescenta que na linha de Platéia começava a crescer o *silfium*, planta nativa desta região[9], até a Sirte.

Depois, ele faz referência aos Asbistis, que ocupavam o interior do platô, na região onde se instalou Cirene, e comenta que os Asbistis eram hábeis condutores de carros puxados a quatro cavalos (IV, 170).

A seguir, vêm os Ausquisas, na região onde se localizaria Barce, que ocupavam até o litoral, na fronteira com Euespérides. E ainda acrescenta que no centro do

[9] Mais adiante, trataremos mais detalhadamente desta planta e de sua importância.

território dos Ausquisas localizam-se os Bácalos, que ocupavam o território que se estendia até o mar, no litoral de Taucheira (IV, 171).

Depois encontramos então os Nassamones, que Heródoto diz terem sido numerosos. Os Nassamones eram seminômades e nos períodos de transumância deslocavam-se do litoral da Sirte Maior para o Oásis do Augila, para colher tâmaras (HERÓDOTO, IV, 172; DESANGES, 1980 : 370 *apud* KORMIKIARI, 2001 : 20). Em seguida, para oeste, Heródoto cita os Psilos, grupo que foi extinto (IV, 173).

Para o sul do território dos Nassamones, estariam os Garamantes, também muito numerosos. Heródoto nos informa que nesta área, que seria entre a Sirte Maior até onde corre o Cínips, há colinas de sal e tamareiras em abundância. Eles criavam bois e eram guerreiros que também utilizavam carros puxados por quatro cavalos. Escavações recentes no Fezzan, a área dos Garamantes, revelaram que eles não eram nômades e construíram cidades como Djerma, localizada a 900 km do Oásis do Augila, Zenchecra, a 3,5 km desta última, e ainda um entreposto em Saniat Gebril, próximo dessas duas, dominando as rotas que ligavam a região de Níger ao Mediterrâneo (KORMIKIARI, 2001 : 23).

Heródoto diz ainda que uma rota que partia dali levava ao território dos Lotófagos, no litoral (IV, 174 e 183). Os Lotófagos estariam no território dos Gindanes, na Sirte Menor, e na opinião de St. Gsell (1927, V : 82 *apud* KORMIKIARI, 2001 : 21) eles seriam mesmo os Gindanes, que foram denominados pelos gregos de Lotófagos por se alimentarem das frutas do lótus, a jujubeira, planta selvagem típica do Norte da África oriental.

Indo para o oeste, encontramos os Maques, na parte ocidental da Sirte Maior, em cujo território corta o *oued* Cínips e deságua no mar (HERÓDOTO, IV, 175). Segundo Pseudo-Scilax (*Périplo*, 109 *apud* KORMIKIARI, 2001 : 25), eles eram seminômades, pois no verão, o período de estiagem, deslocavam-se da Sirte Maior para o interior em busca de água para suprir as necessidades do rebanho.

Heródoto segue descrevendo outros grupos que ocupavam a Líbia mais a oeste, já na atual Tunísia. Mas acreditamos que os grupos aqui citados são aqueles que tiveram contato direto com os gregos. Por isso, priorizamos neste panorama aqueles que se fazem necessários para a compreensão da história dos gregos no Norte da África.

e. A população da Cirenaica

Há estimativas de que a população de Cirene no século IV a.C. tivesse alcançado entre 240 mil e 300 mil habitantes (HANSEN e NIELSEN, 2004 : 1243; LARONDE, 1987 : 340-2). Como afirma Hansen e Nielsen, mesmo se aceitarmos as estimativas de um número mais baixo, ainda assim Cirene foi uma das cidades mais populosas do mundo grego. Este número foi sugerido por Beloch (1886 : 259 *apud* LARONDE, 1987 : 340), que estabeleceu a relação entre densidade populacional e superfície cultivada. Segundo este estudioso, uma superfície de 12.000 a 15.000 km^2 e uma densidade de 20 hab./km^2 resultaria em 240 mil a 300 mil habitantes.

Segundo estimativas de G. Rohlfs (1886 : 127 *apud* LARONDE, 1987 : 340), que trabalha com uma área cultivável maior e mesma densidade demográfica, no período helenístico Cirene teria alcançado 100 mil habitantes, e toda a região, 1 milhão. Ele considera que a área cultivável da zona de Cirene fosse de 17.200 km^2 e de todo o platô, de 24 mil km^2, com uma densidade populacional de 20 hab./km^2.

2. Contextualização histórica

Introdução

Para fazer uma contextualização histórica da Cirenaica desde a fundação da *pólis* de Cirene até a chegada de Ptolomeu I à cidade – sem cair no erro de se querer esgotar toda a história de três séculos que precederam o intervalo de enfoque desta pesquisa –, tivemos de encontrar um eixo que nos guiasse no desenho de um cenário. O recorte que me pareceu mais sensato seria o de traçar o percurso – ou seja, a formação e as relações envolvidas neste processo – da sociedade cirenaica, e em especial da aristocracia fundadora da primeira cidade do platô, Cirene. Pois é a partir desta que podemos compreender mais adiante em que consistia o poder emissor das cunhagens feitas entre 322 e 258 a.C. e qual era essa mensagem.

Através das fontes textuais, os relatos centrados na aristocracia nos permitem compreender qual parcela da sociedade daria suporte para a estruturação do governo ptolomaico na região: aquela que seria designada a ocupar as magistraturas da cidade. Essas fontes ainda nos permitem entender a série de revoltas que ocorreram neste conturbado início de período helenístico na Líbia grega, para posteriormente compreendermos como essas diferentes forças se expressaram por meio das emissões monetárias.

Para tanto, como foi definido no projeto inicial de pesquisa, faremos uso dos relatos dos autores da Antigüidade, de alguns documentos epigráficos e, em alguns momentos, lançaremos mão dos vestígios arqueológicos, seja para complementar informações, seja para contrapor dados que serão aqui levantados.

Nesta tarefa se mostrou fundamental um olhar crítico das fontes literárias. Por um lado, porque elas não são exatamente contemporâneas aos fatos relatados. Por outro, porque muitas vezes esses autores recorrem a outras fontes para escrever a sua versão dos fatos. Outros ainda têm uma posição tendenciosa, tendo sido designados a escrever uma história com interesses definidos.

Além desses inconvenientes, os relatos se centram nos grandes acontecimentos, nas guerras que imortalizaram os gregos e os seus governantes. Deste modo, somente unindo os diversos tipos de fontes e confrontando as informações com a evidência arqueológica, e numismática em especial,

conseguimos nos dias de hoje fazer uma tentativa de compreensão da complexa sociedade que se formou na Cirenaica e de que modo esta sociedade se expressou em um momento em que a *pólis* se descaracterizava para sobreviver a um mundo em que os grandes impérios helenísticos estavam em formação.

Dentro deste cenário maior, tentaremos compreender as especificidades das cunhagens gregas feitas em uma colônia situada no Norte da África, que trazem em seus aspectos fundamentais – iconografia e metrologia – indícios das relações que esta região havia estabelecido com outras localidades do mundo antigo e na medida do possível da maneira como esta aristocracia e o governo ptolomaico fizeram uso deste meio de troca para expressar a sua atuação política.

a. A fundação de Cirene e a dinastia dos Batíadas

A Cirenaica é cheia de particularidades. Ela é a única região do Norte da África em que os gregos estabeleceram *póleis*. Ela teve um dialeto próprio, um sistema numérico próprio, se enriqueceu com o *silfium*, uma planta com propriedades principalmente contraceptivas que só se desenvolveu no solo da Líbia – e na Antiguidade – e depois se extinguiu. Em uma de suas cidades, Cirene – a primeira e mais importante – se iniciou uma dinastia que permaneceria no poder por dois séculos aproximadamente. E ao contrário da maioria das outras *apoikiai* gregas fundadas nos séculos VIII e VII a.C., a primeira cidade a ser fundada ali foi estabelecida no interior do território, não no litoral.

Afora essas particularidades, assim como nas outras colônias gregas originárias deste mesmo movimento colonizador – como na Sicília e na Itália do Sul, por exemplo –, o relato dos historiadores antigos sobre a Cirenaica é permeado por conflitos entre os novos colonos e os povos nativos. Embora os gregos de Thera tenham se estabelecido em meio a grandes e famosos grupos indígenas guerreiros da Líbia e com eles tenham tido diversos contratempos – para não dizer que travaram batalhas que ficaram conhecidas na história do Norte da África, como as batalhas de Irasa e de Leukon –, se analisarmos a história e a arqueologia da Cirenaica não nos parece que inicialmente a relação entre gregos e líbios tenha sido de hostilidade.

Cirene foi fundada em *c.* 631 a.C., por colonos provindos de Thera (Mapa 3), e se estabeleceu em meio a um imenso platô com um potencial incrível para o desenvolvimento da agricultura, como citamos anteriormente. O clima mediterrânico e o solo fértil favoreceram a agricultura e a criação de animais, o que possibilitou a produção de trigo, legumes, frutas, produtos derivados de ovelhas e cabras, a criação de cavalos e acima de tudo a exploração do *silfium*. Essa riqueza de recursos – aliada à sua posição privilegiada no Mar Mediterrâneo – possibilitou a Cirene estabelecer desde o início um amplo comércio com diversas localidades do mundo antigo (WHITE, 1992 : 7).

Sobre as fontes: o discurso da alteridade e o decreto de fundação

No caso particular de Cirene, esta fundação foi muito bem documentada historicamente. Heródoto (IV) relata detalhes deste empreendimento e ainda tece uma interessante narrativa sobre a dinastia que ali se formaria, aquela que se iniciou com Batos, o fundador, e que teve oito sucessores até seu fim, na metade do século V a.C.

Mas vale observar aqui de antemão que as versões históricas a que temos acesso provêm de autores gregos, já que os grupos indígenas que se localizavam a oeste da Cirenaica somente a partir do século IV a.C. começaram a fazer uso da escrita e nos legaram alguma documentação (KORMIKIARI, 2000 : *passim*). Deste modo, o discurso da alteridade e helenocêntrico presente na "história dos outros" poderia nos levar a enganos significativos na compreensão da história e da estruturação da sociedade grega em terreno estrangeiro.

Embora o discurso de Heródoto contenha, sem dúvida, dados importantes sobre a história política da região e também da localização e dos costumes dos grupos berberes que viviam neste território, temos sempre de estar atentos que esse discurso da alteridade foi construído em um momento em que os gregos conviviam com a ameaça persa e que esse discurso visava a uma afirmação da identidade grega, sempre em contraponto com os bárbaros.

Outra fonte de grande valia para compreendermos a fundação de Cirene é um documento epigráfico, conhecido como *Estela dos Fundadores*, datado do século IV a.C. Este documento é o registro de um decreto do povo de Cirene estipulando que os thereus teriam em Cirene condições de igualdade com os colonos com relação à

cidadania, conforme o que foi acordado no momento em que os colonos partiam da metrópole para a Líbia, no século VII a.C. (GRAHAM, 1960 : 96).

Para compreendermos o discurso construído por Heródoto e o motivo que levaria, no século IV a.C., os cireneus a produzirem um documento desta natureza – lembrando que esses decretos de fundação, também em outras colônias gregas, datam de a partir do século V a.C. –, precisamos fazer algumas considerações.

Quando a colonização estava em cena, nos séculos VIII e VII a.C., os gregos não tinham uma consciência de si mesmos como um grupo étnico comum. Na *Ilíada*, obra datada de *c.* século VIII a.C., quando encontramos uma referência a Hélas, esta se refere a uma região específica da Grécia central, e não à Grécia que no período clássico seria única. Ao invés disso, há referências aos grupos étnicos diversos que habitavam as diversas regiões que seriam consideradas parte de uma só Grécia no período arcaico. Já na *Odisséia*, encontramos Hélas como uma área um pouco mais abrangente, incluída aí toda a Grécia central acima do istmo de Corinto, não incluídas as ilhas. Somente a partir do século VI a.C., com Xenófanes, encontramos a referência a Hélas significando a Grécia como um todo. (HALL, 2001 : 216)

Lembremos que a etnicidade é uma construção que parte da consciência de que um grupo tem de si próprio em relação aos outros. É uma percepção interna. E que essa percepção é categorizada pela utilização de nomes, como líbios, argivos, aqueus, etc. No entanto, a partir de Heródoto encontramos uma categorização, gregos, que não encontramos nas fontes anteriores (*id.*, *ibid.*) – o que vale dizer, no momento em que a "colonização" dos séculos VIII e VII a.C. se realizava.

No século V a.C., diante da ameaça persa e de uma busca crescente de definição e de agregação de diversos grupos em uma mesma identidade grega, Heródoto definiria a helenidade a partir de traços comuns com relação a descendência, língua, religião e costumes, mas que, se observarmos a fundo, esta unidade na verdade não existia. Isso foi um projeto intencional do autor, mais do que uma reflexão da diversidade em si. E se Heródoto privilegia os traços culturais aos genealógicos para definir *helenidade*, isso se deve à crescente polarização do mundo desencadeada pela Guerra do Peloponeso, em que os atenienses, embora

não pudessem reivindicar uma origem helênica, eram considerados autóctones e, portanto, os gregos por excelência, os helenos da Hélade (HALL, 2001 : 220-3).

Lembremos ainda que Tucídides, dos autores antigos, foi o mais preocupado em especificar qual era exatamente a metrópole das colônias por ele tratadas. Portanto, não é de se estranhar que tenha existido uma tendência geral entre as colônias, nos séculos V e IV a.C., de definir com exatidão a sua metrópole e o tipo de relação estabelecida entre elas, talvez como fruto da mesma necessidade de busca de origens e de identidade ocorrida no período clássico na Grécia (GRAHAM, 1983 : 11-2).

Da fundação

Graham, o autor de *Colony and Mother City*, observa, a partir da análise da *Estela dos Fundadores*[10], que a fundação de Cirene tem características que fazem parte de um modelo geral de fundações deste período. A grande maioria das fundações foi motivada pela superpopulação e pela busca de novas terras e este fato acentua ainda mais a necessidade que essas colônias tinham de serem auto-suficientes e terem terra suficiente para alimentar a população (GRAHAM, 1983, p. 5).

Nesta *Estela*, uma das cláusulas proibia os colonos de retornarem a sua terra natal, a não ser por motivos de extrema necessidade, ou quando diante de um problema a metrópole não tivesse meios de ajudar a sua colônia. Poderiam retornar ainda se, até cinco anos após a partida dos colonos, o empreendimento não desse certo. Caso o colono retornasse em desobediência a uma dessas condições, ele não obteria de volta a sua cidadania. Por outro lado, uma cláusula previa que os habitantes de Thera, uma vez que a colônia estivesse estabelecida, teriam cidadania plena na colônia.

Graham (1983 : 5-6) comenta que há uma tendência nos autores antigos de colocar o valor pessoal nas narrativas de fundação e que muitas vezes esses relatos ofuscam os reais motivos e o quadro geral da fundação em si. Ele considera a fundação de Cirene como um ato do estado movido por necessidade. Heródoto (IV, 153) informa que uma vez que os gregos deixaram Corobios, o pescador cretense,

[10] SEG, IX, 3, 1. O texto integral desta inscrição está reproduzido no Anexo 2.

em Platéia, retornaram a Thera, anunciaram a fundação da colônia e então os thereus decidiram enviar neste empreendimento homens de sete distritos, escolhidos na proporção de um irmão entre dois e determinaram ainda que o comandante seria Batos. Então, os thereus despacharam para Platéia duas naus de cinqüenta remos.

O papel do Santuário de Apolo em Delfos

Heródoto nos conta que, na primeira vez em que a sacerdotisa do Santuário de Apolo, em Delfos (Mapa 3), ordenou ao rei de Thera, Grinnos, e seus companheiros que fundassem uma colônia na Líbia, eles não deram ouvidos, até porque eles não sabiam em que parte da Terra se localizava a Líbia. Somente depois de terem sido assolados na ilha por uma seca que durou sete anos, eles retornaram a Delfos e, sendo novamente aconselhados a fundar uma colônia na Líbia, encontraram um cretense de Ítanos, de nome Corobios, pescador de múrices, que já conhecia este território, para lhes acompanhar nesta empreitada.

Nesta passagem – assim como em muitas outras que narram fundações de colônias gregas – podemos perceber como as questões religiosas permeavam esses empreendimentos desde a escolha do local onde se estabeleceria uma *pólis*. Heródoto (V, 42) nos conta que uma fundação somente poderia ser efetivada depois de o oráculo de Delfos ser consultado. Graham (1983 : 25-6) observa que de fato, por se tratar de um oráculo de cunho internacional, ali deve ter sido acumulado grande conhecimento sobre as mais diversas regiões do mundo antigo, e a partir dali terem sido enviados colonos para áreas ainda não ocupadas pelos gregos. O autor acredita que gregos consultavam o oráculo, acima de tudo, esperando uma sanção do deus. Não é à toa que Apolo acabou sendo o deus fundador, o *Arquegueta*, de muitas colônias, como Cirene e Siracusa, por exemplo.

Figura 6. Santuário de Apolo, em Cirene (sentido NE). Extraída de: Arquivo pessoal.

Por sinal, o oráculo acabou se transformando num verdadeiro árbitro dos assuntos das colônias (GRAHAM, 1983 : 26). Quando os cireneus decidiram chamar Demonax, no final do século VI a.C., para reestruturar o quadro cívico da cidade, antes o oráculo de Delfos foi consultado. Assim como Arcesilas III, quando se refugiou em Samos depois de ser expulso pelos aristocratas cireneus, consultou o oráculo para saber o que deveria fazer quando retornasse a Cirene.

Líbia: terra estranha aos gregos?

Uma preocupação que permeia os estudos atuais sobre as colônias gregas é a maneira como os gregos chegaram nessas localidades e de que forma conseguiram ganhar espaço e construir grandes cidades, que chegavam mesmo a superar em beleza e riqueza a metrópole da qual os colonos haviam partido. Através das evidências dos achados arqueológicos e também da releitura dos textos originais gregos sabemos que, quando os gregos partiram para esses empreendimentos, eles já navegavam pelo Mediterrâneo e já haviam travado relações comerciais com muitas das populações nativas instaladas no litoral. Michel Gras (1998 : 7) define este mar como “um espaço que divide e une. Fronteira e traço de união, [o Mediterrâneo] é um cimento líquido que veicula os homens, os produtos e as idéias”. E este fluxo de homens, produtos e idéias é muito anterior ao período histórico do qual temos notícias através dos relatos literários. Temos evidências da circulação de

pessoas pelo Mediterrâneo muito anteriores ao advento da escrita alfabética grega, no século VIII a.C.

No caso de Cirene, no discurso de Heródoto (IV, 150-8) percebemos que a Líbia já era conhecida dos cretenses quando os thereus resolveram partir para fundar uma colônia. Dados arqueológicos confirmam que de fato cretenses e líbios tiveram contatos anteriores à fundação de Cirene. Sandro Stucchi (1967), através de fragmentos cerâmicos de um cálice encontrados em Cirene, conclui que, a julgar pela forma do recipiente, pela decoração e pela argila, este material teria sido produzido em Creta no período minóico pós-palaciano.

Figuras 7 e 8. À esquerda, reconstrução hipotética de cálice encontrado em Cirene. À direita, fragmentos desse cálice: parte externa e interna (da esquerda para a direita). Extraídas de: STUCCHI, 1967 : 20 e 19.

Há exemplares com a mesma forma deste encontrados em Cirene, com esmalte aplicado na parte externa depois de cozido, proveniente de Ialysos e de Micenas (Mapa 3). A cobertura da parede externa, com esmalte branco-acinzentado, aparece como caracteristicamente cretense. O interior do cálice, todo decorado, remete a uma característica tardia da cerâmica minóico-micênica (FURUMARK, 1941 : 12 *apud* STUCCHI, 1967 : 19-20).

Para reforçar os indícios desses primeiros achados, em 1965, em uma escavação empreendida em Tocra (Mapa 1), sob a direção de J. Boardman e J. Hayes, foi encontrado um selo tardo-minóico com a mesma decoração feita no cálice encontrado em Cirene, em que figura um polvo, animal que foi extremamente representado nos vasos minóico-micênicos (STUCCHI, 1967 : 36 *apud* VANDERPOOL, 1965 : 357).

E não só dentro da Cirenaica encontramos esclarecimentos às questões relacionadas ao contato entre gregos e líbios antes da fundação de Cirene. Daoud

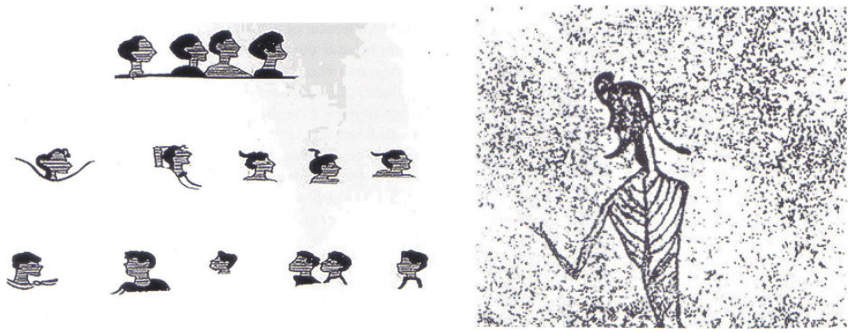
Hallag (2006), que foi arqueólogo do Departamento de Antigüidades de Shahat, retoma o trabalho empreendido por Marinatos (1974) em Thera para mostrar que, ao contrário do cenário pintado no relato de Heródoto – em que os thereus não sabiam nem mesmo para que lado da Terra a Líbia se localizava –, os líbios já conheciam Thera desde o século XV a.C. Segundo este autor, por volta de 3400 AP, o reagrupamento dos egípcios em um único reino, dominando todas as partes do Delta e da bacia do Nilo, fez com que os líbios que ali viviam se refugiassem em Thera e só retornassem à terra natal quase mil anos depois (PEAKE e FLEURE, 1927 *apud* HALLAG, 2006 : 220).

Uma das imagens de influência líbia em Thera trabalhadas no artigo de Hallag é a do pescador, representada em um afresco de Akrotiri, situada na parte sudoeste da ilha (Mapa 3). Marinatos já havia chamado a atenção para as características tipicamente líbias que compõem a representação. O cabelo do pescador é representado à moda líbia, com uma franja na parte da frente da cabeça e um cabelo ainda mais crespo na parte de trás, preso em rabo de cavalo.

Figura 9. Representação de pescador em afresco encontrado em Akrotiri (Thera). Extraída de: SANTORINI, s.d. : E66.

Em outro afresco também encontrado em Thera, que é interpretado como de um grupo de guerreiros em uma embarcação, dentre os homens representados como guerreiros, usando elmo com crista, há um especialmente que apresenta essa franja típica dos penteados líbios (na imagem, o segundo da esquerda para a direita, na segunda linha). Este guerreiro apresenta ainda o nariz adunco característico da

representação dos líbios, que sai de um osso frontal também saliente. Além dos afrescos, pinturas rupestres encontradas na Argélia e no sul da Líbia que datam de 9 mil anos B.P. acusam o mesmo estilo à moda líbia de usar o cabelo.



Figuras 10 e 11. À esquerda, de acordo com Marinatos (1974), possível representação de líbio em Thera (no centro da imagem), em afresco encontrado em Akrotiri. À direita, detalhe de pintura rupestre em Tassili (Argélia) com a representação de homem com penteado à moda líbia. Extraídas de: HALLAG, 2006 : 218 e 220.

A partir dessas primeiras descobertas – e de todas as outras que teriam sido feitas posteriormente – de vestígios cretenses em território líbio e de vestígios de influência líbia em Thera anteriores à chegada dos gregos, a história da Cirenaica ganha outro tom e muito do que viria a ser narrado por Heródoto posteriormente torna-se mais compreensível.

O fundador

Batos foi adorado em Cirene como o *oikistes*, uma figura de importância cívico-religiosa nas colônias gregas. Heródoto é a nossa principal fonte sobre o envolvimento de Batos nesta fundação. Ele nos informa que Batos – que Píndaro (*Pyth*., V, 87) denominaria Aristóteles – foi indicado pelo rei de Thera, Grinnos, para a sacerdotisa do Santuário de Apolo em Delfos para ser o fundador da colônia, quando os thereus foram lhe consultar sobre uma situação de pobreza na ilha (IV, 150). Uma vez que conseguiu o consentimento do oráculo, Batos foi escolhido pelo estado para levar a cabo este empreendimento, como está atestado em Heródoto (IV, 153) e na *Estela dos fundadores*.

O *oikistes* seria aquele que, com o apoio da metrópole, realizaria as condições gerais necessárias para a fundação de uma colônia e principalmente

executaria todos os rituais para o estabelecimento da nova *pólis* (GRAHAM, 1983 : 30). No caso de Batos, além de *oikistes*, ele desempenhou a função de rei e inaugurou uma dinastia que duraria oito gerações (HERÓDOTO, IV, 163). Heródoto (IV, 159) acrescenta que ele governou por quarenta anos e tinha boas relações com os líbios. Diodoro (VIII, 30) o caracterizaria posteriormente como o rei que "garantia a democracia e honrava os deuses".

Mas no sentido contrário à tendência da historiografia grega clássica de opor gregos e nativos, Hallag (2006 : 220) defende que Batos seria um descendente desses líbios que se refugiaram em Thera anteriormente. Segundo o autor, a palavra Batos – que foi utilizada por Heródoto (IV, 150) para denominar o futuro fundador de Cirene – deriva da palavra líbia *Abti*, que significa governante, líder. Esta mesma palavra foi usada como título de rei no Delta do Nilo (KHUSHAYM, 2002 *apud* HALLAG, *ibid.*), onde havia uma população líbia numerosa, e ainda hoje é utilizada no dialeto da Cirenaica e se pronuncia Batti (*id.*, *ibid.*).

De qualquer modo não podemos esquecer que Heródoto mesmo justifica o uso de Batos em seu texto. Segundo este autor, thereus e cirenaicos alegavam que ele havia recebido esse nome de nascimento. Mas Heródoto particularmente acredita que ele recebeu esse honroso nome quando foi designado pela sacerdotisa a desempenhar tão honrosa função. Píndaro, poeta grego originário da Beócia, no século V a.C. se referiria ao fundador como Aristóteles (*Pyth.*, V, 87).

Se Batos era um descendente de líbios ou não, é fato que, enquanto no Egito os líbios eram vistos como convidados oficiais, prisioneiros e inimigos, em Thera os líbios foram representados em cenas cotidianas, no trabalho, na família e com suas vestes características, como podemos observar na representação do pescador e do guerreiro líbio entre homens de outras origens em uma embarcação (Figuras 9 e 10).

Heródoto (IV, 155) narra que Batos, pelo lado paterno, era um filho bastardo de um nobre de Thera. Ele nos conta que a mãe de Batos, uma cretense que chegou a Thera acidentalmente, foi adotada como concubina por Polímnestos, um homem importante entre os thereus, e que passado algum tempo teria nascido Batos. Atualmente os estudiosos estão de acordo que os fundadores das colônias gregas estabelecidas nos séculos VIII e VII a.C. seriam integrantes da aristocracia ou mais

especificamente que teriam acesso a esta classe e receberiam apoio desta. Afinal, uma empresa desse porte demandaria recursos para o seu estabelecimento que não poderiam partir da iniciativa de um homem de origem humilde. Além de que as relações entre a colônia e a metrópole somente seriam viáveis através de um governante que tivesse acesso à elite da metrópole.

A situação de Batos como bastardo mas com acesso à aristocracia era muito adequada para um empreendimento do porte da fundação de uma colônia. Mitchell (2000 : 85) nota que encontramos relatos semelhantes a este em outras colônias gregas, como em uma das versões sobre a fundação de Siracusa. Segundo Heródoto (V, 40-2), Dorieus, filho do rei de Esparta Anaxandrides, após a morte do pai, foi preterido a assumir como rei por ser o segundo filho, embora fosse o primeiro filho da primeira esposa. Injuriado, parte para colonizar Siracusa e conseguir em terra estrangeira exercer sua soberania. Também Batos, filho bastardo, conquistaria na Líbia a nobreza a que não teria acesso em Thera.

Se a hereditariedade no mundo grego clássico era uma prerrogativa da cidadania (ARISTÓTELES, *Política*, III, 1276a), nas colônias vemos um filho ilegítimo, com cidadania ilegítima conseguir resolver na fundação de uma colônia o problema da hereditariedade que ele tinha na metrópole. Com isso, o fundador de uma *pólis* inaugura uma nova linhagem de cidadania naquela localidade e consegue legitimar o seu *status* de cidadão.

A relação entre gregos e líbios

Embora não saibamos exatamente as relações que gregos e líbios travaram inicialmente, assim como nas outras colônias gregas, a política de contato adotada parece ter sido amigável. Os gregos que ali se instalaram tinham como vizinhos grupos guerreiros bélicos, instalados principalmente na área pré-desértica. Mas os vizinhos mais imediatos, que tinham um modo de vida sedentário, mais parecido com o dos gregos, deve ter se operado uma transformação cultural recíproca. Embora as narrativas dos autores antigos, como Heródoto e Diodoro, se centrassem em conflitos entre os dois grupos, não podemos esquecer que esse discurso visava a enaltecer e imortalizar os feitos dos gregos.

Mas pelas evidências arqueológicas e pela epigrafia, o cenário entre gregos e líbios parecia mais ser o de alianças e casamentos entre os dois grupos

(BONACASA, 2000 : 37), além de uma política de cooperação mútua ao menos durante o governo dos primeiros Batíadas. Devemos acrescentar que tanto gregos da Líbia como líbios propriamente viviam sob regime monárquico – se podemos denominar assim a existência de reis entre os grupos líbios –, o que pode justificar a simpatia que a dinastia inspirou nos grupos indígenas mais próximos e mesmo o suporte que esses grupos deram tanto para a prosperidade da Cirenaica como para a manutenção do poder da dinastia.

Na versão de Heródoto (IV, 150-158), quando os thereus chegaram à Líbia, foram os líbios que lhes indicaram o melhor local para fundarem a colônia. Segundo este autor, os thereus partiram para lá guiados pelo cretense Corobios, o pescador de múrices ao qual nos referimos anteriormente. Antes de se instalarem no continente, ficaram dois anos na ilha de Platéia, e então partiram para Aziris, que é parte do território dos Giligames, onde permaneceram por seis anos. Depois disso, foram aconselhados pelos líbios a instalarem-se em um lugar ainda melhor. Os líbios então os conduziram até a fonte de Apolo, nas alturas do platô, dizendo que ali sim seria o melhor lugar para eles, "onde o céu é furado", fazendo referência às chuvas abundantes que caem na região.

Para o desenvolvimento da colônia, os indígenas sedentários parecem ter sido utilizados como mão-de-obra na construção da cidade, na agricultura e principalmente na exploração do *silfium*. Heródoto (IV, 170) nos conta, por exemplo, que os Asbistis, vizinhos diretos dos cireneus, aderiram aos costumes gregos. E Laronde (1990 : 176), questionando esse discurso etnocêntrico construído por Heródoto, acrescenta que o modo de vida semelhante entre gregos e líbios sedentários, que viviam da agricultura, deve ter proporcionado uma troca não só cultural entre os dois povos, mas também uma parceria no desenvolvimento econômico da colônia como um todo.

Figura 12. Relevo com a representação de divindades gregas e líbias (Museu das Esculturas, Shahat). Extraída de: Arquivo pessoal.

De fato, se atentarmos ao desenrolar da história relatada por Heródoto, percebemos que desde a chegada dos gregos a relação com os líbios logo se estabeleceu. Para começar, sabemos, não somente por Heródoto mas também pela *Estela dos Fundadores*, que os thereus não levaram mulheres nessa empreitada. Desde Batos I e seus companheiros devem ter ocorrido casamentos entre homens gregos e mulheres líbias.

Como esses grupos eram comandados por reis locais, é possível que esses casamentos fossem realizados com nobres líbias, o que faria com que o governo dos Batíadas recebesse suporte desses grupos e que justificaria a grande duração desta dinastia e mesmo o rápido enriquecimento da região, já que a *chora* das cidades gregas era povoada pelos grupos líbios e a exploração dos produtos provenientes da zona rural dependia da mão-de-obra dos indígenas. A aliança entre nobres líbios e a família dos Batíadas está muito evidenciada no governante de Barce à época de Arcesilas III. Este rei era casado com a filha de Alazeir, rei de Barce, que a julgar pelo seu nome seria filho de um integrante da família Batíada – talvez Batos II – com uma nobre líbia (ROBINSON, 1965 : clxiv; MITCHELL, 2000 : 98).

Outra evidência que nos leva a considerar que os primeiros gregos e os líbios construíram e desenvolveram a colônia juntos é a referência feita aos periecos dos thereus na reforma constitucional feita por Demonax de Mantinéia no final do século VI a.C. (Heródoto, IV, 161). Os periecos provavelmente eram líbios que trabalhavam com os gregos. Como será discutido mais detalhadamente adiante, ao privilegiar os

thereus, que são os fundadores, e os seus periecos, fica subentendido que esse grupo era parte orgânica e essencial do desenvolvimento da colônia desde sua fundação.

Notamos ainda no *Diagramma* de Ptolomeu I, datado de c. 321 a.C., a mistura entre helenos e líbios ainda era uma preocupação social, que se manifesta em uma cláusula que concede cidadania aos cireneus que fossem filhos de mãe líbia e pai grego que habitassem entre Catabathmos, na fronteira do Egito com a Líbia, e Automala, na fronteira com Cartago. (Mapa 2)

O aspecto determinante para se compreender a relação entre gregos e líbios é ressaltado por Laronde (1990), que faz marcadamente a distinção entre nômades – os grupos que viviam ao sul da área agricultável – e seminômades e sedentários. Esta divisão também é feita por Heródoto, mas em Diodoro (III, 49) a distinção entre os líbios sedentários que viviam da agricultura, pastores nômades e os nômades guerreiros do sul do deserto encontra uma expressão mais útil na compreensão do quadro de relações entre gregos e líbios baseado em afinidades e interesses econômicos comuns.

Em seu estudo sobre os *pyrgoi* – torres de armazenamento de cereais – da *chora* de Cirene (neste estudo de Laronde, datados do período helenístico), ele observa que a necessidade de armazenar os produtos em uma torre, que também poderia ser utilizada como refúgio – como a torre de Aglomachos, onde os barceus que foram mortos por Arcesilas III tentaram se refugiar (HERÓDOTO, IV, 164) –, talvez fosse interesse comum tanto de gregos quanto de líbios sedentários. Os dois grupos viviam sob a ameaça de serem saqueados por grupos guerreiros nômades do deserto, como os Garamantes. (LARONDE, 1990 : 173-4)

A julgar por listas de nomes encontradas na *chora* de Cirene, a influência líbia na onomástica é mais marcante do que a helênica (LARONDE, 1987 : 338-40). Mas esta parecia ser uma constante também na *chora* das outras cidades da Cirenaica, onde encontramos ainda representações de divindades gregas pastoris vestidas à moda líbia (FRASER e MATTHEWS, 1987, v. I *apud* MITCHELL, 2000 : 99).

A parceria entre gregos e líbios prosperou de tal forma que depois da queda da dinastia, a influência religiosa e cultural líbia se tornou ainda mais forte nas *chorai* e nas regiões mais distantes das cidades. Como a riqueza da região era baseada em

rebanhos, cavalos e nas colheitas – do *silfium*, de cereais, de oliva, vinha, frutas e legumes – e eram os líbios que trabalhavam nessas atividades, os maiores beneficiários dessa estrutura sob sistema monárquico eram os Batíadas e os grandes proprietários de terras.

Traços de Thera em Cirene

Logo de início – e não pretendemos aqui enumerar todas as influências visíveis de Thera principalmente em Cirene –, a herança da metrópole se traduz principalmente na adoção da monarquia como forma de governo, sistema que durou dois séculos (MITCHELL, 2000 : 86). Mas dos vestígios arqueológicos, é no projeto urbano das cidades da Cirenaica que melhor percebemos uma continuidade com um modelo que vigorou em Thera.

Do ponto de vista da escolha topográfica, a fundação de Cirene, baseada em uma grade viária funcional, repete a estrutura de Thera, onde encontramos também uma implantação urbana na qual a cidade é colocada sobre uma dorsal de colina marcada e repartida por uma via mediana com função de artéria principal, ao longo da qual se alinham as estruturas segundo um sistema de tradição arcaica (BONACASA, 2000 : 40). Também nas outras cidades gregas da Cirenaica encontramos esse mesmo padrão. (Anexo 1: Planta de Cirene)

Os primeiros edifícios, que datam entre o fim do século VII e começo do VI a.C., foram construídos sobre quatro colinas: Acrópole (onde se estabeleceu a residência dos Batíadas, na colina ocidental), o Apollonion (na colina setentrional), o santuário extra-urbano de Deméter e Perséfone (na colina meridional) e um pouco posteriormente, o templo de Zeus (na colina oriental). (BONACASA, 2000 : 41; CHAMOUX, 1953 : 133)

Para que a cidade tivesse bom domínio da região circundante e acesso aos principais pontos do território, foram construídas desde o início quatro vias a partir de Cirene, que são utilizadas ainda hoje: em direção ao norte (Apolônia); a leste (Lamlunda-Darnis); ao sul e sudoeste (Slonta-Barce-Ptolemais); e a oeste (Balagrae-Ptolemais) (BONACASA, 2000 : 42). A *Skyrotá* – via que ligava o Santuário de Apolo à Ágora e por onde passava a procissão em honra do deus políade Apolo, também

conhecida como Via de Batos – já fazia parte da implantação inicial e foi mantida como artéria principal da cidade até período tardo-antigo.

Figura 13. Via de Batos, que liga o Santuário de Apolo à Ágora (Cirene). Extraída de: Arquivo pessoal.

Graças às diversas orientações proporcionadas pelas vias, é possível perceber a repartição da cidade em sete quarteirões: da Acrópole a sudoeste; do Apollonion a noroeste; da colina setentrional a norte; da Ágora ao sul; do Olympieion a nordeste; o Quarteirão Central a leste; e o Meridional ao sul.

Mesmo considerando que Cirene tenha uma paisagem diferente de Thera, o esquema da grande via de coligação em Cirene é idêntica ao da metrópole, embora em Cirene esse esquema tenha ficado ainda mais articulado do que em Thera. No mais, em Apolônia, Taucheira, Euespérides e Ptolemais encontramos o mesmo princípio de alinhamento de estruturas ao longo de um eixo condutor. (BONACASA, 2000 : 40)

Outro fator que deve ser considerado é que há uma tendência nas colônias a uma continuidade nos cultos, no calendário, no dialeto, na forma da escrita, nas instituições do estado e nas divisões cívicas. Tucídides chama de *nomisma*[11] a essa continuidade e Graham atribui a essa continuidade uma percepção da origem da colônia, uma necessidade interna. O autor completa que nesta época a organização

[11] Tudo o que é estabelecido pelo uso; costume; regra. (BAILLY, p. 1332)

familiar era extremamente importante, como atestam as divisões cívicas em *genos*, *frátrias* e tribos. Esses grupos familiares estavam intimamente ligados à religião e, portanto, a identificação de culto entre a colônia e a metrópole está mais relacionada a uma questão de parentesco do que a uma obrigação política ou dependência econômica (*id., ibid.* : 14-5).

E não podemos deixar de notar que as moedas, que começaram a ser cunhadas na Cirenaica no século VI a.C., tinham o mesmo padrão adotado na metrópole, o eubóico-ático. É muito difícil determinar, a partir dos traços semelhantes entre colônia/metrópole, o tipo de relação que essas colônias mantinham com a metrópole, se comercial, política ou até mesmo familiar, já que os achados arqueológicos são muito limitados neste sentido. Mas a questão da identidade seria uma preocupação constante nas colônias gregas, que se acentuaria no século IV a.C.

A narrativa sobre os Batíadas

Segundo Heródoto, Batos I reinou por quarenta anos, aproximadamente até 600 a.C. O primeiro dos Batíadas acabou sendo considerado como o bom rei, que garantia a democracia na colônia e honrava os deuses (DIODORO, VIII, 30). Já os outros Batíadas não parecem ter gozado de boa fama. Diodoro acusa os Batíadas seguintes de terem adotado um espírito tirânico, bem diferente do modo de governar do primeiro rei (*id.*, *ibid.*).

Arcesilas I, filho de Batos I, governou por 16 anos e não parece ter feito nada de muito significativo para a cidade (HERÓDOTO, IV, 159). Com Batos II, o terceiro dos Batíadas, a boa relação entre gregos e líbios estabelecida por Batos I começou a ser abalada. Heródoto narra que este rei fez um apelo aos gregos para que migrassem para a Líbia, prometendo-lhes lotes de terra. Gregos de diversas partes do continente e das ilhas partiram para o platô, mas a grande maioria vinha do Peloponeso. Com isso, Cirene se transformou em uma cidade populosa.

Mas para cumprir sua promessa, ele doou os lotes de terras férteis que pertenciam aos Asbistis, empurrando-os em direção às estepes pré-desérticas, iniciando assim, segundo a tradição literária, a primeira querela entre gregos e líbios. Estes, inconformados, pediram ajuda a Ápries, faraó do Egito, o que acabou culminando, por volta de 570 a.C., na batalha de Irasa, conflito em que os líbios

foram gravemente derrotados pelos gregos. Com essa investida, Cirene, além de uma grande cidade, populosa, parecia ainda possuir um exército poderoso.

Sob Arcesilas II, o quarto dos Batíadas, a situação complicada entre gregos e líbios só se acentuou e a postura impositiva e tirânica deste rei levou a um descontentamento geral. Segundo Heródoto (IV, 160), por volta de 560 a.C., desavenças entre o rei e seus irmãos fez com que estes últimos partissem de Cirene para fundar uma outra cidade na Cirenaica, Barce. Esta cidade foi estabelecida sobre uma bacia extremamente fértil, em uma área em que estavam instalados os líbios. Essa região agrícola é ainda hoje considerada a mais rica do país e ao que tudo indica os líbios que ali viviam eram prósperos. Nesta cidade se formou uma oligarquia poderosa que fez resistência a Cirene até o fim do século IV a.C., quando Ptolomeu conquistou a Cirenaica.

Foi a partir dos conflitos entre a população indígena de Barce e o rei de Cirene que uma das maiores guerras do platô cireneu estourou, que ficou conhecida como a batalha de Leukon. Segundo Heródoto (IV : 160), os líbios de Barce, que haviam organizado um levante contra o rei, diante do avanço das tropas reais, fugiram em direção ao deserto, onde, associando-se aos líbios guerreiros das estepes pré-desérticas, levaram 7 mil hoplitas gregos à morte. Essa batalha foi uma revanche à batalha de Irasa e demonstrou que os líbios estavam em condições de enfrentar os cireneus. (CHAMOUX, 1953 : 137)

A reforma de Demonax

Sob Batos III, por volta de 550 a.C., o desentendimento entre gregos e líbios e ainda os conflitos internos causados pela vinda de imigrantes de diversas localidades – principalmente no governo de Batos II – fizeram com que os cireneus fossem a Delfos consultar o oráculo sobre qual seria a solução para os problemas que a Cirenaica vinha enfrentando. Não sabemos se Batos III apoiou a iniciativa ou não. A pitonisa lhe respondeu que Cirene poderia garantir privilégios aos colonos recém-chegados, que já possuíam terras, e que os poderes da monarquia poderiam ser reduzidos. E sugeriu ainda que convidassem um reformador de Mantinéia (Arcádia), de nome Demonax, para servir como árbitro dessa reestruturação.

Demonax estabeleceu uma constituição dividindo os cireneus em três tribos. A primeira era composta pelos primeiros colonos, os thereus, e seus periecos[12]. A segunda era constituída pelos peloponésios e cretenses. E a última, pelos povos das ilhas, que seriam principalmente jônios. O rei mantinha o controle sobre a administração dos bens sagrados – ou seja, o rei continuaria a exercer controle sobre as terras sagradas e seus rendimentos – e as cerimônias de culto. Mas os poderes políticos e judiciários ficariam sob a responsabilidade dos magistrados, escolhidos entre os cidadãos. (HERÓDOTO, IV, 161)

Com essas medidas, os colonos que chegaram depois dos thereus, a partir da segunda geração dos Batíadas, foram integrados na cidade. E o rei, que antes detinha todos os poderes – jurídicos, religiosos, econômicos –, teve de dividir sua autoridade com as magistraturas. Com essa divisão baseada na proveniência dos colonos, os thereus e seus periecos constituíam uma classe à parte, protegida por poderes políticos adquiridos em constituição.

Ao incluir os periecos na primeira tribo, juntamente com os primeiros colonos da cidade, Demonax de certa forma brecou uma possível democratização dessa parcela da sociedade. Por outro lado, os thereus foram nominalmente colocados no status de aristocracia proprietária de terras, capaz de se opor à monarquia. Eles constituíam a classe cujo poder se justifica pelo longo tempo de ocupação da cidade (MITCHELL, 2000 : 88).

A julgar pelas medidas adotadas, podemos perceber que o que estava ocasionando conflitos dentro da cidade era mais uma questão de organização cívica do que de distribuição de riquezas. Pois a economia agrícola e o poder econômico continuaram nas mãos dos proprietários, mas o direito de cidadania então passou a ser fundado na proveniência. Deste modo, Cirene abre as portas para novos colonos e se torna uma cidade cosmopolita (CHAMOUX, 1953 : 139-141).

[12] Mitchell (2000 : 87) observa que o termo *perioikoi* foi utilizado por Heródoto anteriormente (IV, 159) como adjetivo significando líbios e que esses líbios não viviam sob governo grego, mas tinham seu próprio rei, Adikran. Para a autora, pode ser que se tratasse de líbios. Talvez tivessem sido servos em Thera que seguiram seus proprietários para fundar a colônia. Ou ainda seriam líbios que se helenizaram.

O Egito e os Batíadas

Arcesilas III ficou conhecido como tirânico. Foi ele quem entregou Cirene a Cambises em 525 a.C. (HERÓDOTO, IV, 165) e que, ao contrário de Batos III, não aceitou a diminuição do poder real estabelecido na constituição de Demonax. Deste modo, ele fomentou uma revolta reivindicando esses poderes e foi derrotado e exilado para Samos, sob a proteção de Evelton (Mapa 3). Já sua mãe, Pheretime, partiu para Chipre. Em Samos, Arcesilas III recrutou um exército prometendo-lhes partilha de terras na Cirenaica, mas desta vez não dos indígenas, mas dos grandes proprietários que a ele faziam resistência. Retornou então a Cirene, restabeleceu seu poder na cidade e entregou a cidade aos persas, em 525 a.C.

Uma vez sentindo-se novamente confiante, começou então a perseguir justamente a classe privilegiada por Demonax. Esses aristocratas de Cirene foram enviados por Arcesilas III a Chipre para serem executados, mas no caminho foram salvos por habitantes de Cnidos e devolvidos a sua terra natal, Thera – afinal, eles constituíam uma classe privilegiada (Mapa 3). Outros conseguiram escapar de Arcesilas e partiram de vez da região. Outros ainda foram mortos por ele em Barce. Nesta mesma cidade, Arcesilas e seu sogro Alazeir, rei de Barce, acabaram também sendo mortos (HERÓDOTO, IV, 162-167).

Pheretime, tendo retornado de Chipre e se instalado em Cirene, quando soube da morte do filho, fugiu para o Egito. Lá, incitou Amasis a fazer uma expedição contra Barce para vingar a morte do filho. Assim, Barce, depois de muito resistir, acabou caindo nas mãos dos persas e submetida a descendentes da dinastia que lá moravam. Muitos homens foram mortos, alguns presos e exilados para o Egito, onde o rei, Dario, lhes deu terras em Bactra (HERÓDOTO, IV, 200-5).

Mas os Batíadas já tentavam fazer aliança com os egípcios desde Amasis. Heródoto (II, 181) narra que Amasis concluiu um tratado de amizade e cooperação militar com os cireneus e ainda quis casar-se com uma princesa de Cirene, Ladike, seja porque queria uma esposa “helênica”, seja mesmo para travar amizade com os gregos do platô. Segundo este autor, ela era ou filha de Batos, ou filha de Arcesilas, ou ainda filha de um nobre cireneu de nome Critôbulos. Nesta passagem, Heródoto (II, 182) nos informa que esta princesa fez uma promessa a Afrodite em Cirene – em troca de melhora na sua relação com Amasis –, que consistiu na oferenda de uma

imagem de Afrodite que foi colocada na entrada da cidade. Também Amasis ofereceu em Cirene uma estátua dourada de Atena e uma imagem de si mesmo.

Após a morte de Amasis, depois da derrota dos líbios na batalha de Irasa, quando Cambises se tornou sátrapa do Egito, os cireneus lhe enviaram 500 minas em prata, as quais, desdenhoso, o rei distribuiu aos seus soldados (HERÓDOTO, III, 13). Por outro lado, ao saber da presença de Ladike no Egito e de seu casamento com Amasis, Cambises devolveu a princesa aos cireneus (*id.*, II, 181).

No final do governo de Arcesilas III, com o apoio de Samos, que era pró-persa, ele conseguiu resgatar os poderes que havia perdido na reforma de Demonax, haja vista que prometeu distribuição de terras aos sâmios que retornassem com ele para lutar contra os aristocratas de Cirene. E foi justamente seu medismo e os conflitos com a classe poderosa da Cirenaica que o levaram à morte.

Não sabemos em que medida Arcesilas se submeteu aos persas, mas ao que tudo indica ele tornou-se um vassalo pró-Pérsia (MITCHELL, 2000 : 91). Sabemos através de Heródoto (III, 91) que Cirene, Barce, o Egito e os líbios vizinhos dos egípcios faziam parte da província do Egito (a sexta província) e pagavam 700 talentos (além de uma receita em prata proveniente da pesca no lago Moiris e o fornecimento de 100 mil medimnos em trigo) como tributo aos persas.

Em uma lista de províncias da época de Dario, datada de c. 521 a.C., de Bisutun, não encontramos mais os líbios, Cirene nem Barce, o que de certa maneira demonstra que a entrega de Cirene por Arcesilas III não foi total (MITCHELL, 2000 : 91). Mas como por volta de 514 a.C. Pheretime implorou a Ariandes que se vingasse da morte de seu filho, é provável que as relações estreitas entre Cirene e os persas tenham continuado sob o governo de Dario, que sucedeu Cambises por volta de 522 a.C. Por outro lado, um pouco posteriormente, constatamos que os líbios constavam da lista de forças terrestres da expedição de Xerxes contra a Grécia continental, por volta de 481 a.C., fornecida por Heródoto (VII, 71), mas não encontramos referência à cidade de Cirene, tampouco de Barce nesse testemunho.

A narrativa de Heródoto (VI, 205) sobre a vingança de Pheretime contra Barce tem um tom moralista e antipersa muito evidente. O autor nos conta que após a morte de Arcesilas III ela atuou como regente em Cirene e que sua crueldade contra os barceus acabou mal: ela morreu infestada por larvas. O discurso de Heródoto nesta passagem coloca Pheretime como uma poderosa rainha ao estilo oriental: ela

entregou os barceus mais culpados aos persas, que foram empalados por estes e suas esposas tiveram os seios cortados e também foram suspensas sobre as muralhas (HERÓDOTO, IV, 202).

Nesta passagem ainda ele nos conta que ela era filha de Batos – que seria o Batos II, e portanto irmã de Arcesilas II. Como mãe de Arcesilas III, podemos constatar que ela era tia de seu marido, Batos III. O casamento endogâmico de Pheretime compõe mais uma vez o discurso helenocêntrico de Heródoto, que nos mostra a rainha se casando com um parente próximo, o que estava longe de ser um costume grego. O fato de ela ter se casado com seu sobrinho encontra equivalentes no casamento entre irmãos, costume dos faraós egípcios. Embora também encontremos paralelos a esta prática em Corinto, com a família aristocrática dos Baquíadas (HERÓDOTO, V, 92) e em Esparta, com o rei Anaxandrida, que se casou com sua sobrinha (HERÓDOTO, v, 39-41), no século VI a.C., e ainda na família de Leuquitides, em que sua filha se casou com seu neto, portanto tia do seu esposo (*id.*, VI, 71). Em Cirene, no episódio de Pheretime, percebemos a necessidade de se concentrar dentro da dinastia o poder monárquico, diante dos crescentes conflitos entre a classe dos proprietários de terras e os reis (MITCHELL, 2000 : 92).

Batos IV e a prosperidade da Cirenaica

Quase não temos informações sobre o governo de Batos IV, o que sugere que os conflitos internos tenham se acalmado. Como o deserto se pacificou, uma onda de trocas pelas caravanas começou a se desenhar e colocou os gregos pela primeira vez em contato com o Oásis de Siwa. O culto de Ammon apareceu e logo se popularizou – além de que encontramos a partir desses anos uma grande quantidade de cunhagens que trazem o tipo deste deus-carneiro –, talvez como conseqüência deste tráfico. No governo dos dois últimos Batíadas, a riqueza de que temos testemunhos pelas contas dos demiurgos se justifica tanto pelos ganhos com as terras sagradas, como pelo monopólio do *silfium* que Arcesilas III havia conseguido retornar para as mãos da dinastia. (CHAMOUX, 1953 : 167)

E esta prosperidade encontra testemunhos nos vestígios arqueológicos e nas emissões monetárias. Foi sob Batos IV que foi construído o grande Templo de Zeus sobre a colina oeste de Cirene. Esse templo é considerado um dos maiores da

Grécia e suas dimensões são comparáveis ao Templo de Zeus de Olímpia. Foi construído durante as Guerras Médicas, o que indica mais uma vez que a Cirenaica não foi diretamente afetada pelos conflitos entre persas e gregos continentais (CHAMOUX, 1953 : 161).

Figura 14. Templo de Zeus, localizado na colina oeste de Cirene, construído sob Batos IV, no século V a.C. Extraída de: Arquivo pessoal.

Mas Barce, cuja política não se emparelhava à de Cirene, tentou outra revolta por volta de 483 a.C., quando os persas foram derrotados em Maratona (POLIANO, *Estratagemas*, VII, 28 *apud* CHAMOUX, 1953 : 164-5). Nesta investida eles foram invadidos e saqueados pelos persas. Barce passou assim ao controle de Cirene, já que Batos IV não tomou parte nessa revolta. A cunhagem autônoma de Barce cessou por mais ou menos 20 anos, retornando então com os tipos bem parecidos aos de Cirene, com o *silfium* no anverso e tipos particulares, como o boi e chifres de carneiro, no reverso (CHAMOUX, 1953 : 165).

Mas apesar da dependência em relação a Cirene, Barce prosperou sobremaneira. Pelas cunhagens, podemos perceber que a cunhagem de Barce se tornou muito mais abundante do que a de Cirene propriamente, e foi a partir desta época que passou a dominar um extenso território, inclusive Taucheira (ROBINSON, 1965 : clxv).

Quanto a Euespérides, muito pouco sabemos de sua história até a chegada dos persas. Mas sabemos que, quando os persas intervieram nos conflitos em Barce,

em 510 a.C., eles avançaram até Euespérides (HERÓDOTO, IV, 204). A julgar por sua cunhagem, no começo do século IV a.C., Euespérides gozava de alguma autonomia em relação a Cirene.

Arcesilas IV e o fim da dinastia

O rei seguinte, Arcesilas IV, que governou a partir de c. 462 a.C. e foi o último dos Batíadas, é famoso pela propaganda política que construiu em torno de sua imagem. Para isso, ele utilizou duas estratégias basicamente: instalou em Euespérides uma colônia de mercenários cretenses a seu serviço, na qual buscaria apoio e para onde se refugiaria em caso de necessidade; por outro lado, ele justificou a sua soberania pelas suas vitórias na corrida com quadrigas nos jogos pan-helênicos (em Delfos em 462 a.C. e em Olímpia em 460 a.C.). É Píndaro (*Pith.,* V) quem narra sua participação vitoriosa na corrida de carros dos Jogos Píticos de 462 a.C., evidentemente contratado pelo rei para celebrar sua vitória. Ele enviou a Delfos seus quatro melhores cavalos e ainda Eufemos e Carrotos – o irmão de sua esposa – como aurigas. Depois de vencer, o rei doou seu carro de corrida no Santuário de Apolo, em Delfos, no Pórtico dos Cretenses – grupo que havia sido incluído por Demonax entre os cidadãos de Cirene.

Sua participação nos Jogos Píticos tem significados que ultrapassam a concorrência entre cidades gregas. Por um lado, Arcesilas IV, ao fazer uma propaganda sobre sua vitoriosa participação nos jogos, mostrava aos aristocratas cireneus o seu valor e a habilidade dos seus cavalos, conseguindo com essas vitórias superar em fama um aristocrata cireneu, Telesicrates, que venceu na corrida a pé nos Jogos Píticos de 474 a.C. (MITCHELL, 2000 : 94). As relações entre os aristocratas cireneus e a monarquia estavam estremecidas, e era urgente a Arcesilas mostrar às cidades da Cirenaica a sua superioridade como rei. Por outro lado, Arcesilas sentiu que não poderia mais recorrer ao Egito para conter qualquer conflito interno que partisse de seus inimigos e talvez uma propaganda de suas habilidades na equitação lhe rendesse algum apoio por parte da Grécia continental.

Os persas estavam se enfraquecendo depois das derrotas sofridas em Salamina, Platéia e Mykale (Mapa 3). Em 465 a.C. Xerxes foi assassinado e os conflitos de sucessão ao trono que se travaram entre os três filhos de Xerxes – e

que acabou terminando com a vitória de Artaxerxes – estremeceu ainda mais a situação política em um Egito vulnerável. Por volta de 460 a.C., um rei líbio, Inaros, vizinho dos egípcios, levou o Egito a se revoltar. Para isso, buscou o apoiou de atenienses que se encontravam em Chipre (TUCÍDIDES, I, 104), quando também os cireneus apoiaram esta revolta antipersa. Estes invadiram Mênfis, mas foram derrotados pelos persas (Mapa 3). Os atenienses que escaparam com vida atravessaram a Líbia até alcançar Cirene. Arcesilas, embora não saibamos detalhes, tentou se refugiar em Euespérides, onde acabou sendo morto (TUCÍDIDES, I, 110).

Figura 15. Retrato de Arcesilas IV, em bronze, encontrado no Templo de Apolo, em Cirene. Pelo nível estratigráfico do achado, este retrato foi datado da época em que o rei ainda estava vivo. Extraída de: CHAMOUX, 1953, pl. XXIV.3.

Há um conjunto de possíveis causas que justificam de certo modo o fim da dinastia. Mas a queda da dinastia em si pode significar que a aristocracia proprietária de terras passou a deter grande parte dos ganhos e riquezas que antes estavam sob monopólio dos Batíadas. Depois da morte de Arcesilas IV, não encontramos nenhum testemunho de que tenha ocorrido uma redistribuição de terras, o que por outro lado justificaria a instabilidade política que se seguiu entre o fim da dinastia e a chegada de Ptolomeu I à Cirenaica – evidência de uma insatisfação de parcela da sociedade – e a adoção de uma espécie de sistema democrático.

b. O período republicano até a guerra de Thibron

As fontes textuais referentes à Cirenaica do fim do século V a.C., após a queda dos Batíadas, até a aliança que os cireneus fizeram com Alexandre, no caminho da peregrinação deste último ao Oásis de Ammon, além de esparsas, são também incompletas.

Já sobre a guerra contra o tirano Thibron, espartano que tentou tomar a Cirenaica aliado a oligarcas de Cirene em *c.* 323-2 a.C., o relato a que temos acesso é de Diodoro Sículo, que foi um porta-voz dos tiranos da Sicília e, como a maioria dos autores, em seu discurso tendencioso tenta rechear os relatos de guerras e batalhas com o heroísmo dos gregos e macedônios.

Outro problema que se coloca na compreensão deste intervalo a partir das fontes históricas é que, em geral, elas não foram dedicadas a narrar os episódios propriamente na Cirenaica, mas esses episódios entraram no contexto de conflitos outros que estavam acontecendo na Grécia, na Sicília e na Magna Grécia e então a Cirenaica foi encaixada em meio à narrativa, mas as particularidades desses acontecimentos não foram bem definidas.

Faremos aqui uma breve exposição de algumas referências que serão úteis posteriormente tanto para a compreensão do quadro político, como das emissões monetárias que são objeto desta pesquisa. E mesmo que estas referências sejam lacunosas, em conjunto, podemos extrair algumas informações sobre a sociedade cirenaica da época em que Ptolomeu chegou à região.

Democracia

Acredita-se que em Cirene foi instituída uma democracia moderada, não radical, afinal encontramos um *demos*, que seria constituído de todos os cireneus, sendo dominado por uma classe proprietária de terras, como em muitas outras localidades do mundo grego, como Esparta (MITCHELL, 2000 : 100).

Uma evidência que sinaliza para o estabelecimento de uma democracia em Cirene é o aparecimento, a partir da metade do século V a.C., de inscrições de demiurgos, que consistiam de magistrados responsáveis pela administração das terras sagradas para a *pólis*, que antes estavam sob monopólio real. Esses magistrados eram escolhidos anualmente, um de cada tribo. Nessas inscrições

encontramos registros de diversos rendimentos provindos dessas propriedades, como cevada, trigo, uvas, azeitonas, azeite, dentre outros.

Outros estudiosos, no entanto, acreditam que a democracia ali instalada sofreu influência forte de Atenas. Serena Ensoli e Barbara Mitchell utilizam traços da urbanística da cidade como suporte para sua argumentação. Segundo essas autoras, dentre as diversas transformações que a cidade de Cirene operou no seu quadro urbano para atender a uma nova necessidade de atuação política do *demos*, na segunda metade do século V a.C., a que mais expressa uma democracia nos moldes de Atenas é a presença, a partir deste momento, de um grande edifício público que ficou conhecido como Edifício para Reuniões Públicas. Ele foi construído no lado ocidental da Ágora e consistia de um espaço público para uma assembléia democrática que encontra paralelos nos edifícios atenienses deste período (ENSOLI, 2000 : 65; MITCHELL, 2000 : 100).

A este respeito – se Cirene adotou uma democracia nos moldes de Atenas ou de Esparta – temos de ressaltar que quando Ptolomeu foi chamado por oligarcas de Cirene para deter Thibron, alguns oligarcas haviam sido exilados e seus bens confiscados, como a prática de ostracismo que estava em alta no final do século V e IV a.C. em Atenas.

Como observa Mitchell (*id.* : 101), se por um lado Cirene, durante a guerra do Peloponeso, enviou dois trirremes para ajudar os messênios, sob o comando de Gilipos, a atacar Atenas em Siracusa (TUCÍDIDES, VII, 50), por outro temos uma inscrição ateniense em honra de um cidadão cireneu de nome Epikerdes que enviou ajuda financeira aos prisioneiros atenienses em Siracusa, em *c.* 413 a.C. (IG: i.125 *apud* MITCHELL, 2000 : 101).

Afinal, as relações tanto com Atenas quanto com Esparta sempre foram uma constante nas colônias gregas da Líbia. Atenas era um dos maiores centros consumidores dos produtos da Cirenaica (ver, adiante, *Estela dos Fornecedores de Cereais* e moeda de Cirene rebatida sobre cunhagem ateniense em *Histórico das emissões monetárias da Cirenaica anteriores a 322 a.C.*), e dela diversos produtos foram importados para o platô líbio ao longo de toda a história.

Por outro lado, as relações com Esparta não se justificavam somente pelo comércio. Thera era uma colônia de Esparta, e portanto Cirene era uma subcolônia

espartana. Grande quantidade de espartanos colonizaram a Cirenaica na segunda onda migratória que veio para Cirene, ainda no período arcaico. Com a reforma de Demonax, os espartanos haviam conquistado *isopoliteía* na Cirenaica. Os cultos de Carneius, Zeus Lycaios, dentre outros, significavam uma influência de Esparta. Na arte, um vaso que ficou conhecido como Taça de Arcesilas, demonstra como a arte lacônica estava conectada à Cirenaica. Deste modo, diante da diversidade de contatos que a Cirenaica teve com diversas localidades, seja por via comercial ou qualquer outra relação que essas cidades tenham estabelecido, não conseguimos encontrar no sistema adotado no período republicano um molde definido.

Conflitos internos

Embora esta fase da história da Cirenaica seja um tanto quanto mal documentada, encontramos nos autores referências a conflitos internos nas cidades gregas da Líbia na segunda metade do século V a.C. que nos ajudam a fazer algumas considerações sobre a situação política das cidades neste período republicano. Tucídides e Pausânias relatam conflitos entre gregos e líbios do leste da Cirenaica e a atuação de messênios nesses conflitos no sentido de restabelecer a ordem na cidade. Já Diodoro refere-se a uma *stasis* por volta de 401 a.C. – cuja referência de Aristóteles também sugere tratar-se desse mesmo conflito – e também à participação de messênios na solução dessa crise, mas neste caso em Cirene.

Segundo Tucídides (VII, 50), quando o espartano Gilipos navegava para Siracusa levando hoplitas do Peloponeso como reforço para lutar contra os atenienses, antes de chegar, sua nau foi desviada da rota, indo parar na Líbia. Ali, os cireneus lhes forneceram duas trirremes e pilotos para a viagem. Ao saírem de Cirene, indo em direção a Neápolis[13] pela costa, juntaram-se aos euespéritas, cuja cidade estava sendo sitiada pelos líbios. Eles, então, derrotaram os líbios e continuaram a viagem.

Pausânias (IV, 26) confirma a hostilidade que estava havendo entre os euespéritas e os líbios. Ele fala que quando os messênios foram expulsos de Naupactes, quando da derrota ateniense de 404 a.C., partiram uns para a Sicília, outros para Régio, e outros uniram-se aos euespéritas, que estavam sendo

[13] Tucídides (VII, 50), neste trecho, diz que a partir da África, Neápolis, entreposto cartaginês, é o ponto em que se encontra a menor distância até a Sicília, de dois dias e uma noite.

importunados pelos bárbaros das redondezas e convidaram os gregos a se estabelecerem na região (Mapa 3). Esses messênios foram sob o comando de Comon.

Diodoro da Sicília (XIV, 34) também testemunha a ida dos fugitivos messênios em 401 a.C. aproximadamente, mas para Cirene, onde uma luta de facções estava estourando. Ele diz que uma parte dos fugitivos foram para a Sicília, outra foi para Cirene, em número de 3 mil homens, e se uniram aos exilados que lá se encontravam. Nesta época, os cireneus estavam com problemas internos e Ariston e seus partidários tomaram a cidade. Quinhentos dos cireneus mais poderosos foram mortos; os outros cidadãos, os mais ilustres, foram exilados. Esses exilados, unindo-se aos messênios, marcharam contra aqueles que tinham tomado a cidade. Os cireneus foram derrotados e os messênios ficaram no campo de batalha. Depois dessa batalha, os cireneus trocaram os parlamentares e eles se reconciliaram, e prometeram sob juramento não fazerem mais represálias, pois eles viveriam juntos na cidade.

Aristóteles (*Política*, 1319, 18b) faz uma referência rápida que parece estar relacionada a esta revolução que ocorreu em Cirene, quando fala dos demagogos: estes últimos só devem ir até o ponto em que a maioria ultrapasse o número de notáveis e da classe média; se ela o ultrapassa, a cidade se desorganiza ainda mais e os notáveis tendem a relutar cada vez mais em suportar a democracia. Ele acrescenta que essa foi a causa de uma revolução em Cirene.

Sobre os messênios, ao que tudo indica, Diodoro e Pausânias não dialogaram sobre esses acontecimentos, pois nem Diodoro faz referência aos messênios que se encontravam em Euespérides, nem Pausânias faz referência a exilados messênios em Cirene. A julgar pelos conflitos relatados por Diodoro da Sicília sobre os exilados messênios que chegaram a Cirene, as fontes históricas nunca conseguem ser explícitas o suficiente para nos dar dados mais exatos sobre que tipo de luta de facções estava estourando em Cirene.

Mas se observarmos o relato de Aristóteles, podemos constatar que os conflitos que estavam ocorrendo envolviam a aristocracia e os democratas. Pelo que podemos perceber, os democratas deveriam estar muito insatisfeitos com a situação privilegiada em que a aristocracia se encontrava depois da queda dos Batíadas e

estavam reivindicando uma redistribuição mais equilibrada das terras e dos ganhos que a economia da região poderia proporcionar a toda a população.

Outro indício que não podemos ignorar diz respeito à *Estela dos Fundadores*. Como mostramos anteriormente, ela data do século IV a.C. e reivindicava acima de tudo o direito dos thereus de terem cidadania plena nas cidades da Líbia. Como os aristocratas estavam em posse de grande quantidade de terras e a reforma de Demonax havia concedido *isopoliteía* a gregos de diversas localidades, é bem possível que populações gregas estivessem chegando à Cirenaica e estivessem se chocando com os aristocratas no sentido de exigirem uma maior distribuição das riquezas. Lembremos que no período helenístico a Cirenaica encontrava-se muito populosa e que a falta de uma distribuição mais igualitária das terras poderia estar ocasionando os conflitos que estamos expondo aqui.

Pelos vestígios arqueológicos, percebemos que no século IV a.C. havia se constituído na Cirenaica uma aristocracia muita rica, poderosa, criadora de cavalos, exportadora de cereais e do *silfium*. O exílio de oligarcas na segunda metade deste século sinaliza para uma insatisfação de uma camada da população e uma conseqüente desordem social que propiciou a vinda de Ptolomeu I e a nomeação de Ofelas como preposto para assegurar a ordem na região.

As fronteiras com Cartago

Além dessas referências sobre os messênios e os conflitos internos em Cirene e entre os euespéritas e os líbios, há ainda alguma informação sobre disputas de fronteiras. Neste relato que se seguirá encontramos ainda indícios da ambição da aristocracia da Cirenaica em expandir seu território no sentido oeste e sul, por onde corriam as estradas de caravanas do ouro que vinha do deserto.

Em uma passagem de Salústio (LXXIX, 4-5 *apud* BACCHIELLI, 1999 : 185), evidenciam-se batalhas entre cireneus e cartagineses. De acordo com alguns estudiosos, esta disputa de fronteiras aconteceu por volta de 331 a.C. (GSELL, I : 451 *apud* LARONDE, 1971 : 301). Para Salústio, Cartago, a mais poderosa cidade da África, sentia-se ameaçada pelo poderio de Cirene, que tinha riqueza comparável à sua. Deste modo, as duas cidades travaram batalhas sucessivas para estabelecer um limite territorial entre elas, pois ali não havia nenhuma montanha nem qualquer acidente natural que pudesse ser considerado como fronteira. Depois de muitas

perdas em batalha para ambos os lados, eles fizeram um acordo: em um certo dia, representantes das duas cidades partiriam de seus respectivos pontos de origem em direção contrária um do outro; os cartagineses correriam para o leste e os cireneus, para o oeste. No ponto em que eles se encontrassem, seria marcada a fronteira territorial entre eles.

Mas como os cartagineses avançaram muito mais rapidamente que os cireneus, estes últimos acusaram-nos de terem partido antes. Deste modo, os cireneus fizeram uma proposta aos cartagineses: ou os irmãos Filenes seriam enterrados vivos naquele ponto em que tinham alcançado, ou deixariam os cireneus avançarem até onde quisessem. Os irmãos cartagineses, para não voltarem humilhados para casa, escolheram sacrificar suas vidas por Cartago. E assim foi. Os cartagineses ergueram altares aos irmãos Filenes e deram ao local o seu nome em homenagem.

Uma década depois, quando Thibron invade a Cirenaica, os cartagineses lutaram a favor dos seus vizinhos gregos para deter o avanço deste tirano espartano. Por outro lado, no final do século IV a.C., Ofelas se aliaria a Agátocles para invadir Cartago. (DIODORO, XVIII, 19-21; XX, 3-40)

Estela dos fornecedores de cereais

Há um texto inscrito sobre um bloco de mármore que foi reaproveitado na construção do Frigidarium das Pequenas Termas, em Cirene. A *Estela dos fornecedores de cereais* (SEG IX.2, *apud* CHAMOUX, 1953 : 231; LARONDE, 1987 : 30-4), como ficou conhecida, foi encontrada em 1922, pela missão italiana, em Cirene. Ela diz respeito ao envio de cereais feito pela cidade de Cirene à Grécia, por volta de 332 a.C., devido à grande escassez de cereais que atingiu diversas cidades de lá. Segundo este documento, Cirene enviou 805 mil medimnos de cereais a 43 cidades da Grécia continental e insular – além de constar também os nomes de Cleópatra e Olímpias, irmã e mãe de Alexandre, que se encontravam em Épiro, onde Olímpias havia assumido como regente (Mapa 3). Desse total, 100 mil seriam direcionados exclusivamente a Atenas.

De acordo com G. Oliverio (1932 : 32 *apud* LARONDE, 1987 : 33), 805 mil medimnos equivale a 422.840, 22 hl[14], uma soma considerável para ser enviada por

[14] Para fazer este cálculo, G. Oliverio usa o medimno lacônio de 52.526 l (LARONDE, 1987 : 38).

uma cidade somente. Para termos uma idéia, a produção de cevada na Ática em 328 a.C. foi de 387.925 medimnos – ou seja, 200.364 hl – e mais 39.462 medimnos de trigo – 20.410 hl (GLOTZ, 1928, IV : 209 *apud* LARONDE, 1987 : 33). Se julgarmos pelo testemunho de Demóstenes, que coloca o preço do medimno de trigo a 16 dracmas, somente os 100 mil medimnos enviados a Atenas renderiam a Cirene 1.600.000 dracmas (DEMOSTENES, *Contra Fórmion*, XXXIV, 39, 918 *apud* LARONDE, 1987 : 33).

Aliança com Alexandre, o Grande

Outra referência feita pelos autores antigos à Cirenaica diz respeito à peregrinação feita por Alexandre, o Grande, por volta de 331 a.C., tendo partido de Alexandria com destino ao Oásis de Ammon. Nesta ocasião, uma embaixada de cireneus veio ao seu encontro para lhe propor uma aliança.

Diodoro (XVII, 49, 3) narra que Alexandre já se encontrava na metade do caminho quando os cireneus lhe encontraram e lhe presentearam com uma coroa de ouro, 300 cavalos de guerra e cinco quadrigas. Alexandre então concluiu com os embaixadores cireneus um tratado de aliança.

Segundo a versão de Quintus Curtius Rufus (IV, 7, 8 *apud* LARONDE, 1987 : 28), quando os cireneus lhe encontraram, deram-lhe presentes e lhe convidaram a visitar Cirene. Alexandre então fez um pacto de amizade com os cireneus e concordou com o pedido.

Os estudiosos da Cirenaica, dentre eles André Laronde, por influência de Pseudo-Sylax (*Périplos*, 107 *apud* LARONDE, 1987 : 28), localizam o encontro em Paraitonion, atual Marsa-Matrouh, a 270 km de Alexandria, 300 km do Oásis de Ammon e 630 km de Cirene. Este autor do século IV a.C. coloca Paraitonion como território em posse dos egípcios nesta época, e somente 20 km adiante, em Apis, atual Oum-el-Rakham, se iniciaria o território dos Marmáridas, indígenas que tinham uma relação nada amigável com os cireneus. Ele escreve ainda que nesta época o território dos cireneus se iniciaria somente no Cabo Quersoneso, atual Ras-et-Tim (Mapa 1).

Como os autores acham difícil que os cireneus tivessem ido ao encontro de Alexandre cortando caminho pelo interior, pelo deserto, devido ao risco de serem

atacados e pilhados pelos líbios, acredita-se que este ponto na costa do Norte da África seria o ponto mais provável de encontro entre eles. Mesmo porque, no caminho para Ammon, Paraitonion é o último ponto indo pela costa, a partir do qual necessariamente se deve entrar em direção ao deserto. (*id.*, *ibid.*)

Mas é a respeito do encontro propriamente que podemos explorar mais aspectos sobre a sociedade cirenéia da época. Diodoro nos conta que os cireneus deram ricos presentes a Alexandre. Entre esses ricos presentes, ele nos fala da coroa de ouro, que foi dado em referência à Liga de Corinto, como símbolo de reconhecimento do poder de Alexandre sobre as cidades gregas, embora a Cirenaica não fizesse parte da Liga.

Portanto, ao que tudo indica, os aristocratas de Cirene – e aí podemos considerar somente Cirene, e não as outras cidades da Cirenaica –, por causa dos conflitos internos com os democratas da cidade – e talvez com as outras cidades –, parecem ter buscado nessa aliança com Alexandre uma validação da sua hegemonia sobre as outras camadas e ainda sobre as outras cidades da Cirenaica. (LARONDE, 1987 : 28)

Mas ao contrário do que afirma Quintus Curtius, não parece que a embaixada dos cireneus tivesse ido ao seu encontro para lhe propor que lhes restituísse a autonomia. Não temos nenhum relato anterior com relação a uma dominação da Cirenaica por Alexandre. A julgar pelas emissões monetárias dessa época, as cidades da Cirenaica estavam autônomas. Elas continuaram batendo moedas como fizeram ao longo de todo o século IV a.C. E se fizermos um paralelo com as moedas de Chipre, em que os reis permaneceram nos seus postos mas foram anexados ao império de Alexandre, suas emissões, a partir da anexação, deixam de trazer a inscrição com o nome do rei local e passam a ser batidas em nome de Alexandre e com tipos de Alexandre. No caso da Cirenaica, foram mantidos os tipos locais e em nome da cidade, embora, talvez por razões econômicas, as cidades tenham adotado o padrão ático estabelecido por Alexandre. (LARONDE, 1987 : 29)

Portanto, ao se dirigirem a Alexandre, parece que os cireneus estavam buscando mais uma estabilidade interna do que política externa. Pois um regime que se revoltasse contra aqueles que fizeram pacto de amizade com o Rei estaria se revoltando contra o Rei propriamente. (*id., ibid.* : 36)

O ato de enviar cereais a 43 cidades gregas entre 330 e 325 a.C. também parece mais uma política de boa-vizinhança para com o Rei, que se impressionaria com o volume da remessa, do que uma venda lucrativa propriamente. Não podemos esquecer que na lista das cidades há referência também a Olímpias e Cleópatra, mãe e irmã de Alexandre, o que só vem confirmar essa política que Cirene travou com o monarca macedônio. (*id.*, *ibid. : 36*)

Tudo indica que, assim como os cireneus haviam feito uma aliança com os persas anteriormente, era-lhes usual propor este tipo de política quando um dominador maior, estrangeiro, conquistava o Egito. Deste modo, a Cirenaica estaria livre de dominação e, ao mesmo tempo, não representaria uma ameaça aos conquistadores vizinhos.

Outro ponto que temos de destacar aqui é que o fato de Cirene ter feito esse acordo com Alexandre não significa que as outras cidades da Cirenaica também fizessem a mesma política. Se lembrarmos dos levantes antipersas ocorridos em Barce no final do século VI e começo do V a.C., constatamos que Cirene havia se entregado aos persas, enquanto Barce havia oferecido resistência. No caso de Alexandre, não sabemos ao certo o posicionamento das outras cidades, pois não temos nenhuma referência a elas. (LARONDE, 1987 : 35)

Mas na guerra contra Thibron, podemos perceber que Euespérides e Barce fizeram aliança com Thibron contra Cirene. Se reunirmos todos os indícios que temos sobre o separatismo das cidades da Cirenaica, podemos entender também porque somente em período romano a Cirenaica recebeu uma denominação para a região inteira e foi de fato transformada politicamente numa região única. Antes disso, o que podemos notar é que as cidades se desenvolveram cada qual a sua maneira, disputavam entre si e principalmente contra Cirene uma posição dominante na região e notamos também que cada uma delas tinha uma *chora* independente da outra, sendo a de Cirene a maior de todas. (LARONDE, 1987 : 36)

Uma vez colocado isto, podemos agora sim compreender porque a hegemonia de Cirene é retratada em muitos momentos nas cunhagens das outras cidades. E porque, quando Ptolomeu chegou à Cirenaica, ele centralizou o grosso da produção das cunhagens de toda a região na casa de moeda de Cirene.

A guerra contra Thibron

Segundo Diodoro Sículo (XVIII, 19-21), Thibron, que foi tesoureiro de Alexandre e havia se desentendido com este, recebeu um apelo de oligarcas de Cirene que se encontravam em Creta para que lhes ajudasse a retornar à cidade. Eles partiram então com um exército para a Cirenaica. Chegando lá, Thibron tomou o porto de Cirene e sitiou a cidade. Ganhando a confiança dos cireneus, ele convenceu os habitantes a lhe entregarem 500 talentos de prata e a metade dos seus carros para sua campanha. Em seguida, propôs uma aliança a Barce e Euespérides e pilhou os bens dos mercadores que se encontravam no porto.

Figura 16. Moeda de bronze (4,70 g), cunhada pelo espartano Thibron, em Cirene (ou Apolônia). Extraída de: MORKHOLM, 1991 : VII.109.

Como ele começava já a acumular uma fortuna, acabou se desentendendo com Mnasiklés, um tenente de seu exército, que reivindicava uma partilha mais equilibrada do butim. Mnasiklés convenceu os cireneus a se unirem a ele e então, juntos, invadiram Barce e Euespérides, cidades que então já haviam se aliado a Thibron. Depois de convencer as duas cidades a desistir da aliança com Thibron, voltaram ao porto de Cirene e devolveram os produtos aos mercadores.

Thibron, quando estava prestes a acreditar que tudo estava perdido, conquistou Taucheira. Mas os líbios reagiram e mataram muitos dos seus homens. Os que conseguiram fugir do ataque líbio por mar foram parar no Egito e em Chipre. Mais uma vez Thibron tomou fôlego ao saber que 2.500 mercenários do Cabo Taenarum estavam a caminho para lhe prestar socorro. Mas neste meio tempo, os cireneus atacaram Thibron (Mapa 3). Quando os mercenários de Taenarum chegaram, os cireneus imediatamente pediram ajuda aos líbios e aos cartagineses e então uma sangrenta batalha se iniciou. Thibron, muito autoconfiante, tentou tomar outras cidades da Cirenaica, e como todos os estrategos cireneus já haviam sido mortos em campo de batalha, eles elegeram o cretense Mnasiklés como um dos generais,

dentre outros. Como esta guerra já se extendia por longo tempo, começou a faltar alimento e os oligarcas cireneus se dividiram: uns se aliaram a Thibron, outros partiram para o Egito. Esta última facção acabou convencendo Ptolomeu de que deveriam ser restaurados a sua terra natal.

Desta forma, eles conseguiram o apoio de Ptolomeu e acabaram retornando a Cirene, acompanhados de uma frota e de uma infantaria, e com Ofelas como general. Os oligarcas que permaneceram com Thibron, ao saberem que esta grande Força se aproximava, tentaram fugir e foram mortos. Os democratas, ao saberem que os oligarcas estavam retornando, se uniram a Thibron para lutar contra Ofelas. Mas Ofelas capturou Thibron e tomou o controle da Cirenaica, entregando-a a Ptolomeu.

c. A partir da chegada de Ptolomeu I à Cirenaica

A partir da chegada de Ptolomeu à Cirenaica, em *c.* 322 a.C., as fontes textuais se tornam ainda menos explícitas com relação à situação interna dessas cidades. Os relatos feitos por Diodoro (XIX), Justino (XVII), Pausânias (I), dentre outros autores antigos, são centrados nas ações de Ptolomeu, de modo que os acontecimentos na Cirenaica são citados somente de passagem. Sendo assim, tentaremos extrair o máximo possível dessas passagens sobre as cidades gregas da Líbia, com vistas a extrair desses relatos rápidos alguns indicativos da existência e do posicionamento dos diversos grupos que compunham essas cidades nesses anos que antecedem a anexação da região ao Egito, em c. 246 a.C.

Diagramma de Cirene

Logo que chegou a Cirene, Ptolomeu redigiu – com a ajuda dos seus *nomográphoi* – o que seria conhecido pelos estudiosos como *diagramma* de Cirene. Este *diagramma* pode ser entendido tanto como uma carta real quanto como um estatuto municipal. Ele restituía os poderes dos aristocratas que lhe procuraram e incluía medidas pacificadoras entre as partes. Como vimos anteriormente, a Cirenaica se encontrava em conflitos internos, ocasionados em grande parte pela posse da terra e pela exploração abusiva dos recursos locais. Segundo o relato de

Diodoro, como já mencionamos, alguns oligarcas de Cirene haviam sido exilados e o tirano Thibron tentava conquistar a região, ora recebendo apoio de democratas, ora dos oligarcas. Diodoro relata que, enquanto uma facção oligárquica se aliou a Thibron, outra partiu para o Egito para pedir a Ptolomeu que fossem restaurados a sua terra natal.

A ida de Ptolomeu e a promulgação do *diagramma* chama a atenção para alguns pontos que serão aqui contemplados. É certo que os aqueles que procuraram Ptolomeu queriam restabelecer a situação em que viviam antes da chegada de Thibron, quando gozavam de grande riqueza e poder. Por outro lado, Ptolomeu viu naquele pedido a oportunidade de aumentar ainda mais sua riqueza. A presença militar lagida na Cirenaica logicamente significava uma garantia aos aristocratas de impedir que fossem surpreendidos por novos sobressaltos, mas também significou um meio de Ptolomeu consolidar sua autoridade sobre a Cirenaica (LARONDE, 1987 : 349).

Uma das principais medidas anunciadas em seu *diagramma* é a ampliação da *politeuma*[15] de mil para 10 mil homens acima de 30 anos. Essa medida contém em si uma tendência bastante democrática à primeira vista. Mas ao determinar que esses 10 mil seriam escolhidos pelos *timeteres*, e que estes últimos seriam indicados pelos *gerontes*, e que os *gerontes* eram indicados por Ptolomeu, ele acaba constituindo uma *politeuma* que no fim das contas estava indiretamente ligada a ele.

Depois ele estabelece uma *bulé* de 500 conselheiros acima de 50 anos, reelegíveis depois de dois anos do término do mandato. Como observa Machu (1951 : 44), uma instituição composta por homens já em idade avançada em um cargo de grande rotatividade – o mandato era de dois anos no máximo – não oferece nenhuma resistência ao "protetor" estrangeiro.

Esse mesmo problema se encontra no corpo dos estrategos. Estes também teriam de possuir mais de 50 anos de idade – medida nada comum entre as cidades gregas. Além disso, dos seis estrategos, uma cadeira estava incondicionalmente reservada a Ptolomeu. Não satisfeito, ele ainda determina que os estrategos podiam ser reeleitos (CARY, 1928 : 237; MACHU, 1951 : 44). Sendo estratego, Ptolomeu adquire o direito por lei de intervir diretamente nos negócios da cidade.

---

[15] A πολιτευμα distingue-se dos cidadãos comuns devido ao direito de voto.

Outra garantia que ele reserva para si com relação à manutenção de sua autoridade é que qualquer agressão a sua guarnição e qualquer desrespeito às suas decisões seriam sentenciados com pena de morte. E para garantir a lealdade de seus mercenários, concede a eles o status de *katoikoi* – embora não haja nenhuma indicação de que ele tenha estabelecido uma colônia de mercenários em Cirene como fez posteriormente em Alexandria (CARY, 1928 : 235), já que a ajuda militar que Ptolomeu teve de enviar a Cirene por volta de 313-2 a.C. para abafar a revolta popular indica que seus soldados não eram tão numerosos.

Uma medida incluída no *diagramma* foi o reconhecimento de cidadania aos filhos de mulheres líbias casadas com cireneus, cujo limite de proveniência dessas mulheres a leste foi definido até Catabathmos. Afinal, os líbios sempre foram uma ameaça para os governos e a população grega local, e ao incluir este grupo entre os cidadãos Ptolomeu parecia estar querendo criar um equilíbrio em uma situação que sempre escapou ao controle dos cirenaicos (LARONDE, 1987 : 219-20).

Expansão para o oeste

Por intermédio de Ofelas, Ptolomeu colocou em ação um projeto de expansão para o oeste imediatamente à conquista de Cirene. No mesmo ano em que Ofelas foi enviado à Cirenaica para lutar contra Thibron e os democratas, ele iniciou uma série de conquistas, o que era uma aspiração dos aristocratas locais: o território das tribos do sul da Cirenaica. O território ao sul da Grande Sirte, por onde cortavam as principais estradas de caravanas de ouro que vinham da África profunda e onde desembocava o fluxo que passava pelo Oásis do Augila, era um território que até então estava sob domínio dos Maques e Nassamones (Mapa 2).

Figura 17. Tesouro dos Estrategos, construído como dízimo pago pela vitória sobre os Maques e Nassamones e oferecido no Santuário de Apolo[16], em Cirene. Extraída de: Arquivo pessoal.

Nos primeiros anos do seu governo, Ofelas já havia conquistado as outras cidades da Cirenaica e avançado a sudoeste até Automala, entre o Altar dos Filenes e a Torre de Eufrantas. Esse rápido avanço em direção a Cartago tornou-se uma grande preocupação para os cartagineses, que viam a província de um grande império se aproximar cada vez mais das suas fronteiras.

E de fato o avanço foi rápido e efetivo, pois até *c.* 313 a.C., Ofelas já havia alcançado a Torre de Eufrantas (ESTRABÃO, XVII, 3, 20 e 8, 36), que como observa Consolo Langher (1998 : 151) fica mais próximo de Lepcis Magna (341 km), a primeira cidade púnica a oeste, do que de Euespérides (596 km). (Mapa 2)

Revolta de 313-2 a.C.

Ainda segundo Diodoro (XIX, 79), em 313-2 a.C houve uma grande revolta dos cireneus contra o domínio ptolomaico. O autor siciliota conta que os cireneus sitiaram a guarnição ptolomaica, que se refugiou na acrópole. Os fiéis a Ptolomeu lhe enviaram mensagens solicitando ajuda. Em princípio, Ptolomeu enviou uma embaixada para exortar os cireneus a desistirem da revolta. Mas, ao contrário do que se esperava, eles reagiram matando os enviados de Ptolomeu e endurecendo o

[16] Sandro Stucchi data este monumento em 308 a.C. (PRESICCE, 2000 : 126).

sítio à acrópole. Ptolomeu enviou, então, Ágis e Epainetos para acabar com a revolta. Os dois mandaram os cireneus responsáveis pela revolta para Alexandria, tomaram as armas dos revoltosos e, depois de restabelecerem a ordem na cidade, retornaram para o Egito.

É interessante notar que nesta passagem nem Diodoro nem qualquer outro historiador antigo fez qualquer referência a Ofelas. Entretanto, quando Diodoro narra a tentativa de Agátocles de se associar a Cirene na investida contra Cartago, é Ofelas quem está no poder e recebe Orthon. Essa lacuna na referência a Ofelas gerou uma discussão entre os estudiosos sobre o posicionamento do preposto nesta revolta. O estopim dessa discussão foi uma referência feita por Justino (XXII, 7, 4) a Ofelas como rei depois da revolta, o que levou os pesquisadores a sugerirem que o preposto teria conseguido a independência de Cirene neste episódio. O estudioso J. P. Thrige (1940 : 249 *apud* LARONDE, 1971 : 305), baseado no termo *rex cyrenarum* de Justino, refere-se a essa revolta como a Revolta de Ofelas. Ele argumenta que Ofelas teria apoiado os cireneus quando estes reclamaram a independência da Cirenaica e com isso conseguiu ser nomeado rei. Outros estudiosos, como V. Ehrenberg (1938 *apud* LARONDE, 1971 : 298) e H. Berve (s.d. *apud* LARONDE, 1971 : 299), defendem ou que Ofelas foi incapaz de abafar a revolta por incompetência ou foi conivente com os cireneus. Pois, do contrário, ele não aceitaria que Ágis tomasse a frente no combate.

Há também estudiosos, como Alexandrin Gercke (1887 : 262 *apud* LARONDE, 1971 : 305), que acreditam que Ofelas conseguiu a independência de Cirene e o título de rei sem se opor a Ptolomeu. Talvez eles tenham travado um acordo e Ptolomeu tenha lhe concedido a Cirenaica, já que a situação escapava ao seu controle e fosse mais seguro conceder a independência aos cireneus e garantir por meio de Ofelas o domínio indireto da região, mantendo assim a estabilidade política.

Laronde (1971), ao retomar esta idéia, opõe-se a V. Ehrenberg e a H. Berve. Ele acredita que Ofelas não estava em condições de enfrentar os rebeldes. Tudo o que podia fazer era se meter na acrópole com os que se mantinham fiéis a Ptolomeu. Ainda segundo o estudioso francês, parece não ter havido nenhuma mudança na estruturação dos poderes na ocasião, pois Diodoro insiste no fato de Ágis ter enviado os responsáveis pela revolta para Alexandria e ter tomado as armas dos cireneus. Isso sugere que Ptolomeu não fez nenhuma concessão aos

revoltosos. Laronde ainda completa afirmando que Ptolomeu não permitiria que Ofelas retornasse ao poder se tivesse se unido aos revoltosos.

A julgar pelas emissões monetárias, em que ocorre um emparelhamento de tipos iconográficos e de inscrições das moedas batida na região em relação às do Egito por volta de 314 a.C., Ptolomeu parecia já estar assumindo uma postura autoritária na Cirenaica e isto pode ter sido o um dos motivos que levaram os cireneus a se revoltar. Nesta ocasião, ele adota uma política de emissões monetárias semelhantes nos dois lugares. No Egito, lança uma série monetária que trazia na inscrição o étnico da cidade associado ao seu nome no genitivo: em Alexandria, ΑΛΕΞΑΝΔΡΕΙΟΝ ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ (moeda de Alexandria em nome de Ptolomeu); em Cirene, ΚΥΡΑΝΑΙΟΝ ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ (moeda de Cirene em nome de Ptolomeu) (MORKHOLM, 1980 : 149)[17]. Morkholm entende este emparelhamento de cunhagens como uma primeira intervenção de Ptolomeu nas emissões da Cirenaica.

Expedição contra Cartago

Segundo Diodoro (XX, 3-40), quando Agátocles de Siracusa desembarcou na África, aproveitando-se que os púnicos haviam deslocado todas as suas forças para a Sicília, ele objetivava tomar o território dos cartagineses, que gozavam de grande luxo à época, convertendo à causa grega os líbio-fenícios, os líbios, os numídios, e os gregos de Cirene e contando com o elemento surpresa para tomar o território daqueles que eram seus maiores inimigos, os cartagineses.

No primeiro ano em solo africano (c. 310 a.C.), ele conquistou a costa oriental da península de Capo Bom, com a ajuda dos tunísios. Como os cartagineses haviam perdido um de seus generais e decidiram ir à Sicília pedir socorro à frota que havia partido para lá, Agátocles completou a conquista desta área até Hadrúmetos e Thapsos (Mapa 2). Entre o final de 310 e começo de 309 a.C., a parte interna a oeste dessas duas localidades estavam em suas mãos e o siracusano já havia tecido uma rede de alianças com alguns dinastas líbios, entre eles Elymas.

Para travar aliança com os gregos de Cirene, ele enviou Orthon, seu mensageiro, a esta cidade (309-8 a.C.) para propor um acordo com Ofelas, "que dominava a Cirenaica e um forte exército e estava ambicioso por um maior domínio",

[17] Neste mesmo período, em Chipre, foram cunhadas moedas com o nome não de Ptolomeu, mas de Nicocles, como observa Morkholm (1980 : 149).

nas palavras do autor siciliota. Em recompensa pelo apoio, Ofelas exerceria livremente seu domínio sobre Cartago e Agátocles ficaria com os domínios cartagineses da parte ocidental da Sicília. Com isso, Agátocles concretizaria o seu intento de dominação de toda a ilha, e Ofelas, por outro lado, teria Cartago e os seus territórios africanos (CONSOLO LANGHER, 1998 : 152).

Ofelas concordou e, aproveitando-se do seu casamento com Eutídice[18], mandou um mensageiro a Atenas solicitando apoio militar. Ofelas recrutou 10 mil soldados em Atenas e partiu para Cartago com 10 mil soldados de infantaria, 660 de cavalaria, 100 carruagens e mais de 300 condutores com homens para lutar ao seu lado. Seguiam-no também não menos que 10 mil pessoas chamadas de não combatentes, muitas dessas mulheres e crianças. Ofelas havia prometido a essas pessoas terras férteis e as riquezas de Cartago. Entretanto, chegando lá, foi traído e morto por Agátocles, que conseguiu convencer esse exército a se unir a ele na guerra.

Por conseqüência de toda a polêmica causada pelo termo *rex cyrenarum* de Justino e a suposição de uma traição de Ofelas a Ptolomeu, os estudiosos também questionam o posicionamento de Ofelas quando da investida contra Cartago. Alguns acreditam que Ofelas teria partido para Cartago sem o conhecimento de Ptolomeu e que esta seria mais uma traição de Ofelas. Sobre esta hipótese é importante destacar que à época era Cassandro, inimigo de Ptolomeu, quem governava Atenas. Segundo Édouard Will (1964 *apud* LARONDE, 1971 : 304), Cassandro estaria dando apoio ao poder crescente de Ofelas ao permitir que soldados e colonos partissem para a guerra ao lado do governante de Cirene.

Chamoux (1953 : 163) destaca que Ofelas jamais teria ousado sair em direção a Cartago se houvesse a possibilidade de Ptolomeu atacá-lo pela retaguarda. Segundo Édouard Will, Ofelas teria aproveitado que Ptolomeu encontrava-se muito ocupado na disputa com Antígono para partir contra Cartago.

Outros acreditam que Ptolomeu tinha conhecimento dessa guerra. Laronde (1971 : 304) argumenta que nada o impediria de intervir na Cirenaica, como teria feito em 312 a.C., quando enviou Ágis embora estivesse lutando contra Demétrio em

[18] Eutídice era filha de Miltíades, que era da família do comandante das tropas vitoriosas de Maratona (Diodoro, XX, 40). Segundo Plutarco (*Demetrius*, 14, 1), depois da morte de Ofelas, Eutídice voltou para Atenas e tornou-se esposa de Demétrio Poliorcetes.

Gaza. O estudioso francês acredita que a expedição de Ofelas contra Cartago teria sido mais um desejo dos cireneus de expandir suas fronteiras para o Norte da África do que uma traição a Ptolomeu. E a favor desta última hipótese é importante ressaltar que, na versão de Justino (XXII, 7, 4), foi Ofelas, e não Agátocles, quem propôs a aliança.

Quanto ao convite de Agátocles para Ofelas para que juntos fizessem uma expedição contra Cartago, é mais provável que Ofelas estivesse representando o interesse conjunto da Cirenaica e do Egito e que ele gozasse mesmo de grande autonomia para tomar esse tipo de decisão sem ter de consultar Ptolomeu previamente, mesmo porque esse projeto de expansão era a tônica do governo de Ofelas sob Ptolomeu. Mas esse excesso de iniciativa de Ofelas pode ter incomodado não somente Agátocles, mas também Ptolomeu, que justamente no momento em que Ofelas marchava em direção a Cartago, Diodoro narra o ataque improvisado de Ptolomeu contra Cassandro, que bem pode ter sido ocasionado por um ressentimento de Ptolomeu com relação a Cassandro (CONSOLO LANGHER, 1998 : 157-8).

Além do mais, Ofelas tinha a intenção de criar uma colônia em território cartaginês, como podemos observar na grande quantidade de não combatentes que lhe acompanharam nesta empreitada. É certo que em Cirene os democratas encontravam-se insatisfeitos com a política que vinha sendo adotada por Ptolomeu I, ainda estratego, e ao que tudo indica os colonos que se estabeleceriam em Cartago eram parte da facção democrática responsável pela revolta que alguns anos antes havia estourado em Cirene (CONSOLO LANGHER, 1998 : 154).

Portanto, como observa Consolo Langher (*ibid.* : 153), talvez Ofelas já estivesse esperando o convite de Agátocles. Mesmo porque Ofelas deveria estar preocupado com as suas fronteiras a oeste, no sentido de assegurá-las caso Agátocles tomasse Cartago.

Depois desses episódios em solo cartaginês, se iniciaria uma série de relações políticas entre Agátocles e Ptolomeu que culminaria com o casamento, em 295 a.C., entre Agátocles e Teossena, irmã de Magas e enteada de Ptolomeu. Nesta mesma época ele estava se preparando para fazer uma segunda investida contra Cartago (DIODORO, XX, 40) – empresa que não se concretizou – e era conveniente a Ptolomeu I consolidar aliança com o siracusano, cujas ações se emparelhavam com

os interesses de Ptolomeu. Para o monarca do Egito, Cartago significava um concorrente no controle dos mercados mediterrâneos (NENCI, 1953 : 108). E o casamento de Agátocles com Teossena, irmã de Magas, significava um controle ainda mais efetivo da fronteira entre Cirene e Cartago (CONSOLO LANGHER, 1998 : 152).

Depois da morte de Ofelas

Nos oito anos seguintes, Ptolomeu ficou envolvido com a política externa para consolidar sua posição entre os poderes que atuavam no Mediterrâneo. Em *c.* 307-6 a.C., ele é derrotado em Salamina de Chipre (Mapa 3) por Demétrio Poliorcetes (DIODORO, XX, 47-52; PLUTARCO, *Demóstenes*, 15), que se auto-intitula rei. Mesmo vencido, Ptolomeu também toma para si o título real, assim como fizeram os outros sucessores de Alexandre neste momento (DIODORO, XX, 53; JUSTINO, XV, 20) e também Agátocles, que ao assumir para si este título, iguala-se aos diádocos (DIODORO, XX, 54, 1).

Na Cirenaica, essas notícias propiciaram o levante de uma segunda revolta dos cireneus contra o domínio ptolomaico, já que a vitória era uma prerrogativa do monarca helenístico. Cinco anos depois da defecção, depois da batalha de Ipsos (301 a.C.) (Mapa 3), Ptolomeu, retoma o controle da região e coloca seu enteado Magas como vice-rei (PAUSÂNIAS, I, 6).

Magas, vice-rei da Cirenaica

Segundo Pausânias (I, 7), Magas foi indicado por sua mãe, Berenice, para assumir o governo da Cirenaica. Ele era filho de um Filipe, um macedônio “sem ilustração”, e deve ter nascido por volta de 320 a.C., o que se calcula que contasse com 20 anos de idade quando foi nomeado vice-rei da Cirenaica.

Logo após a morte do primeiro dos Iagidas, suas ambições dinásticas se tornam mais evidentes. Dois anos antes de Ptolomeu I falecer, ele havia transferido o trono do Egito ao seu filho Ptolomeu Filadelfo. Como Magas não aceitou se submeter ao poder de seu meio-irmão mais jovem, ele declarou a independência da Cirenaica em relação ao Egito e se auto-intitulou rei, episódio que ficou conhecido como a Revolta de Magas.

Em seguida, lançou-se em uma expedição para tomar Alexandria de Ptolomeu II. Para isso, tendo se casado com Apame, filha de Antíoco – que havia feito aliança com Ptolomeu II –, Magas persuadiu-a a quebrar esta aliança. Data desta época os muros a leste da Acrópole, que Magas teria construído temendo que, enquanto se ausentasse, os cireneus se revoltassem (CHAMOUX, 1956 : 28). Deixou ainda uma guarnição em Cirene e então partiu para invadir o Egito. Mas quando estava a caminho do Egito, soube que os Marmáridas estavam em revolta e então decidiu dar meia-volta e retornar a Cirene (PAUSÂNIAS, I, 7). Este episódio, como observa Chamoux (1956 : 20), teria acontecido depois do casamento entre Ptolomeu II e sua irmã Arsínoe II e antes da Primeira Guerra da Síria, em 274 a.C. (PAUSÂNIAS, I, 7)

Segundo Pausânias, nesta expedição Magas teria alcançado o Paraitonion (atual Marsa Matrouh) a um ponto que fica a 60 km de Alexandria. Embora tenha desistido da invasão do Egito, ele manteve a dominação sobre o Paraitonion por algum tempo. Com isso, ele tinha o controle da estrada principal que conduzia ao Oásis de Siwa, importante rota comercial e uma das principais rotas de entrada para Mênfis pelo deserto. No parecer de Chamoux (1956 : 27), nesta investida, além do apoio por terra, Magas teria sido acompanhado por uma frota[19], o que explicaria a aliança que ele fez com os cretenses neste momento.

Rei Magas

Embora Magas – assim como Ofelas – não tenha batido moedas com seu nome, nem mesmo após a morte de Ptolomeu I, temos três documentos epigráficos que atestam o título de rei a Magas. O primeiro trata-se de uma dedicatória ao deus da Ágora de Cirene que, embora mutilada, se pode constatar a presença da palavra *basileus* (rei) antes do nome de Magas (SEG IX.112 *apud* CHAMOUX, 1956 : 26).

O segundo documento é um tratado entre Magas e a confederação dos Oreioi (*Inscr. Creticae*, II : 211 sqq. *apud* CHAMOUX, 1956 : 26), encontrado no Santuário de Dictynna, na costa sul de Creta, em cuja inscrição se pode ler duas vezes a referência a Magas como rei. Este documento oficializava um acordo de assistência recíproca em caso de ataque ameaçando o território. Se considerarmos que

[19] Chamoux, para fazer esta afirmação, se baseia nos seguintes episódios históricos: expedição persa depois da morte de Arcesilas (HERÓDOTO, IV, 200); expedição lagida contra Cirene, em 312 a.C. (DIODORO, XIX, 79).

Ptolomeu II estava instalado militarmente em Itanos, na extremidade oriental da ilha, com essa cláusula os cretenses buscavam assegurar um equilíbrio de forças na ilha, enquanto Magas garantiria um ponto de apoio para a sua frota de guerra (CHAMOUX, 1956 : 29; MACHU, 1951 : 48). Le Rider (1966 : 191-2) acredita que Magas teria firmado este acordo visando ou facilitar a contratação de mercenários cretenses – serviço por ele requerido, como sugerem achados monetários em Creta datados dos anos de seu governo independente – ou ele estaria interessado na madeira fornecida nesta região, que lhe serviria para a construção naval.

Em outro achado, uma dedicatória feita sobre a base de uma estátua de Niké em mármore, encontrada no Santuário de Ares Enyalios, em Apolônia, o porto de Cirene, é expresso o desejo de que o rei Magas "salvaguarde os cetros, os povos e as cidades". Este documento homenageia uma conquista militar, que segundo Chamoux (1958 : 574) teria sido feita por Magas a leste da Cirenaica (Catabathmos) na expedição contra Ptolomeu II. Neste documento, Magas é colocado em pé de igualdade com Ares, o que leva o estudioso francês a supor que ali havia se desenvolvido um culto ao soberano.

Neste estudo, Chamoux ainda levanta a hipótese de que este epigrama tenha sido escrito por Calímaco em homenagem ao rei da Cirenaica. A propósito, Chamoux acaba por considerar Magas "um homem de espírito". Pois, no modelo de monarca helenístico inaugurado por Alexandre, o Grande, durante o governo de Magas, a Cirenaica viveu o florescimento das manifestações artísticas e se projetou através dos grandes artistas e filósofos que lá se formaram. Ele parece ter incentivado e patrocinado as artes, como no caso do próprio poeta Calímaco, que teve a oportunidade de se associar à Biblioteca de Alexandria, mas que antes compôs versos em honra a Magas (*Hinos*, I, II, VI). Ou no caso de Hegésias, outro literata, aluno de Aristipo, que também pôde ensinar em Alexandria (CÍCERO, *Tusculanes*, I, 34, 83 *apud* CHAMOUX, 1956 : 32). E foi sob o seu governo ainda que nasceu e se formou o filósofo Eratóstenes (ATENEU, VII, 67; XI, 11; XIV, 12 *apud* CHAMOUX, 1956 : 33).

Embora Magas tivesse o apoio ao menos de uma parcela da população da Cirenaica para exercer o seu poder, por volta de 261 a.C. ele se reconciliou com Ptolomeu II. Nesta ocasião ficou acordado entre os dois monarcas que, enquanto

Magas vivesse, a Cirenaica estaria sob seu domínio e gozaria de autonomia e independência em relação ao Egito. Mas após sua morte, em *c.* 258 a.C., sua filha Berenice II poderia finalmente se casar com Ptolomeu III, filho de Ptolomeu II, e a união entre a Cirenaica e o Egito se concretizaria (JUSTINO, XXVI, 3).

Mas antes de Berenice II casar-se, houve um período de independência da Cirenaica que os estudiosos, embora não saibam muito bem o que tenha ocorrido, denominaram de *Koinon*, já que esta palavra foi inscrita nas moedas batidas neste intervalo. Segundo Bacchielli (1999 : 186), depois da morte de Magas, três facções das cidades se tornaram aparentes: uma representada pelos que apoiavam a união da Cirenaica ao Egito; a facção republicana, que tinha raízes na tradição democrática do final do século V e IV a.C.; e ainda aqueles que queriam a continuação do regime estabelecido por Magas, mas independente de influência ptolomaica.

Deste modo, como a situação interna escapava ao controle, Demétrio, o Justo, que se encontrava na ocasião em Cirene, convidou dois filósofos arcádios chamados Ecdelos e Demófanes, para restabelecer a ordem na cidade (*id., ibid.* : 186). Por fim, em *c.* 246 a.C., Berenice se casaria e a Cirenaica foi então anexada ao Egito.

3. Histórico das emissões monetárias da Cirenaica anteriores a 322 a.C.[20]

A Cirenaica iniciou a cunhagem de moedas no começo do século VI a.C.[21] A maioria das moedas de todos os períodos foi batida na casa de moeda de Cirene, mas Barce e Euespérides[22] também tiveram uma cunhagem significativa, embora existam lacunas em suas emissões. Até *c.* 435 a.C., somente a prata foi utilizada nas cunhagens da região. Somente a partir desta data é que o ouro foi introduzido.

Nos primeiros 50 anos aproximadamente, Cirene bateu moedas em padrão[23] eubóico-ático[24], que era o mesmo adotado em Thera, e não traziam inscrito o étnico. O anverso, desde as primeiras cunhagens, já trazia o que se tornaria conhecido no mundo grego como o símbolo de Cirene, que é o *silfium*. Nessas primeiras imagens do *silfium* ele aparece como a planta inteira, ou somente seus frutos. A única variação a este tipo geral é a representação do gerbo no anverso (BMC Cyr., Cyrene 3b), o rato canguru dos desertos africanos. O reverso é sempre incuso com figuras geométricas. Neste modelo, foram batidos tetradracmas, didracmas, dracmas, hemidracmas e óbolos (*BMC Cyr.,* Cyrene 1-9).

Deste intervalo, há um exemplar que foi recunhado sobre uma moeda ateniense com representação de cabeça de Atena no anverso e coruja no reverso (*BMC Cyr.* Cyrene 1a). Este exemplar ajudou Robinson a estabelecer aproximadamente o início das cunhagens – já que esta moeda não teria sido rebatida em Cirene antes de 560 a.C. – e testemunha os contatos entre Cirene e Atenas desde o começo do desenvolvimento da colônia.

A partir de *c.* 525 a.C., podemos perceber que as moedas de Cirene se tornam estilisticamente mais sofisticadas. O étnico começa a aparecer nos discos de metal integralmente ou abreviado (KYPANA ou KYPA) e os tipos são mais variados –

---

[20] Neste histórico de cunhagens da região, seguimos os recortes cronológicos propostos no BMC *Cyr*.
[21] Robinson (1965 : 1) atribui ao ano de 570 a.C. o início das cunhagens em Cirene.
[22] Foram encontrados em Euespérides (atual Benghazi) dois moldes de argila para confecção de discos de metal, um dos quais continha traços microscópicos de prata provavelmente utilizado para cunhar óbolos. Como toda a estratigrafia da região foi muito remexida nos tempos atuais, não foi possível datar esses achados. Mas essas descobertas sinalizam para a existência de uma casa de moedas em Euespérides. (WILSON, 2006 : 146)
[23] Sistema de pesos.
[24] O padrão eubóico-ático baseava-se em tetradracma (ou estáter) de 17,2 g, dracma de 4,3 g e óbolo de 0,72 g. (KRAAY, 1976 : 329-30)

começam a ter representações outras no anverso e no reverso. Além do padrão eubóico-ático, passam a circular também algumas denominações no padrão asiático[25], que predominaria no século V a.C. Talvez esse desenvolvimento da cunhagem seja um reflexo do crescimento da cidade, ocasionado pelo apelo à imigração feito por Batos II aos gregos e também às relações que se abriam sob Amasis entre Cirene e o Egito depois da Batalha de Irasa.

Além do *silfium* – que ainda é predominante –, encontramos também a cabeça da ninfa Cirene, divindade epônima, que aparece no reverso, de perfil, com o *silfium* no anverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 25). Outra ninfa[26] também está presente em outro interessante exemplar em que ela aparece vestida com quíton ao lado de Héracles com pele de leão no Jardim das Hespérides[27] no reverso e o *silfium* no anverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 10a). Há também representação de reverso de uma figura feminina alada em pé, vestida com quíton (BMC *Cyr.*, Cyrene 24), mas não sabemos ao certo quem seria. Robinson sugere ser a ninfa Cirene ou Ártemis.

Nesses anos, começa a ser representada a cabeça de Zeus Ammon, com chifre e cabelo curto, no reverso. Ele vai figurar com anverso de *silfium* (BMC *Cyr.*, Cyrene 26). Acompanha-o também uma figura feminina com quíton e coroa sentada e com *silfium* aos seus pés (BMC *Cyr.*, Cyrene 12a), no anverso. Há ainda uma variação desta figura feminina que pode ser considerada a Panacéia em que ela faz parceria com Pégasus, o cavalo alado, no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 12).

A propósito, os animais, fantásticos ou os da fauna local, estão representados consideravelmente neste primeiro período. Temos o gerbo que foi citado acima. Outro tipo de importância local que será posteriormente representado na cunhagem da Cirenaica e que figura já nesta época é a gazela, que aparece no reverso, fazendo par com o *silfium* no anverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 15 e 31).

Há uma dracma em que encontramos uma cabeça de touro com face humana, com barba e chifre, no anverso, e um padrão floral com botões de lótus no reverso

---

[25] O padrão asiático baseava-se em tetradracma de 13,30 g. Na Cirenaica, desenvolveu-se uma dracma em peso asiático que pesava 1/5 do tetradracma ático. (*id., ibid.* : 329)

[26] Seria uma das ninfas da Tarde, relacionadas com o episódio mitológico de Héracles no Jardim das Hespérides?

[27] Esta representação é interessante, pois embora não exista um consenso sobre a localização do que seria denominado na literatura grega o Jardim das Hespérides (ver discussão em KORMIKIARI, 2000 : 34), desde o início os gregos do platô atribuíram um aspecto divino ao local onde seria fundada Euespérides e ali considerariam estar localizado o Jardim onde Héracles, o herói civilizador, gozaria as delícias desse paraíso ao lado da ninfa.

(BMC *Cyr.*, Cyrene 19). A górgona vai aparecer no reverso em duas denominações, em um tetradracma (BMC *Cyr.*, Cyrene 10) e em um hemidracma (BMC *Cyr.*, Cyrene 30). Ao lado do *silfium* no anverso, temos a cabeça de águia com uma tartaruga abaixo (BMC *Cyr.*, Cyrene 13a) ou com uma serpente no bico (BMC *Cyr.*, Cyrene 13), golfinhos (BMC *Cyr.*, Cyrene 16), um escorpião (BMC *Cyr.*, Cyrene 41) e o galo (BMC *Cyr.*, Cyrene 21b).

Além dessas, temos ainda as representações do leão associadas ao mito de Cirene sobre a Montanha dos Mirtos, a Myrtousa. Neste período já figura a máscara de leão, com o grifo no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 21). Há também um exemplar com a cabeça de leão no reverso, fazendo parceria com o *silfium* (BMC *Cyr.*, Cyrene 14).

Outras moedas que têm o *silfium* no anverso têm como reverso: a palmeta (BMC *Cyr.*, Cyrene 23), o grão de trigo (BMC *Cyr.*, Cyrene 32) e ainda a estrela de quatro pontas (BMC *Cyr.*, Cyrene 33).

Em Barce, as cunhagens iniciaram-se por volta de 525 a.C. Também só havia cunhagens em prata e nos dois padrões, o ático em sua maioria e o asiático. Foram batidos tetradracmas e didracmas em padrão eubóico-ático e dracmas asiáticas.

Nos tetradracmas há a representação do *silfium* no anverso com o touro caminhando e a palmeira como tipo secundário no reverso (BMC *Cyr.*, Barce 1). Nos didracmas, o touro está no anverso e o *silfium* como tipo secundário, e no reverso a cabeça de um carneiro (BMC *Cyr.*, Barce 2). Na dracma asiática, o *silfium* no anverso e novamente o carneiro no reverso.

O touro retratado nessas emissões é o mesmo, com chifres longos que aparece nas cunhagens de Cirene nesta mesma época. O carneiro tem uma forte ligação com as representações de Ammon com chifres de carneiro que já aparecia nesta época em Cirene também. Em alguns exemplares, encontramos a inscrição B e BA, iniciais do nome da cidade.

Já na cunhagem atribuída a Euespérides, que deve ter se iniciado por volta de 500 a.C., temos somente uma denominação, a dracma asiática, com *silfium* no anverso e o golfinho no reverso (BMC *Cyr.*, Euhesperides 1). Há variações desse tipo em que no reverso aparecem como tipos secundários a gazela (BMC Euhesperides 1a) ou uma garra de caranguejo (BMC *Cyr.*, Euhesperides 1d). Em quase todos os exemplares encontramos as inicias da cidade, EY.

Entre 480 e 435 a.C., em Cirene, teremos tetradracmas e didracmas em padrão ático, que são datados até 450 a.C. aproximadamente, quando da queda dos Batíadas. Destas, foi batido o *silfium* no anverso com a cabeça de Zeus Ammon no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 42-44). No padrão asiático – que já vinha marcando presença no começo do século V e que depois de 450 a.C. passa a ser o único padrão utilizado até Cirene 332-1 a.C., quando Cirene faz aliança com Alexandre –, o tipo predominante é o *silfium* no anverso com cabeça de Zeus Ammon no reverso. Neste tipo, teremos tetradracmas (BMC *Cyr.*, Cyrene 45), dracmas (BMC *Cyr.*, Cyrene 47), hemidracmas (BMC *Cyr.*, Cyrene 57) e óbolos (BMC *Cyr.*, Cyrene 60). Nas dracmas encontramos, além da representação de Ammon, a cabeça da ninfa Cirene (BMC *Cyr.*, Cyrene 46). Somente uma denominação, o tri-hemióbolo asiático (BMC *Cyr.*, Cyrene 59), tem no anverso outro tema que não o *silfium*. Neste exemplar encontramos uma cabeça feminina com coroa de oliveira no anverso, e a cabeça de Zeus Ammon no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 59). Todos os tetradracmas, didracmas e dracmas deste período possuem o étnico.

Há algumas cunhagens que são atribuídas a um momento de aliança entre as cidades, em que um tetradracma ático traz no anverso o *silfium* com o étnico de Euespérides (EY) e no reverso a cabeça de Zeus Ammon com o étnico de Cirene (KYPA) (BMC *Cyr.*, Cyrene 60c-d).

Em Barce, o quadro não é muito diferente do de Cirene. Todos os tipos atribuídos a estes anos têm no anverso o *silfium* e no reverso a cabeça de Zeus Ammon. Somente um exemplar, um tetradracma asiático (BMC *Cyr.*, Barce 9b), tem o inverso: cabeça de Ammon no anverso, *silfium* no reverso. Foram cunhados em padrão ático somente tetradracmas (BMC *Cyr.*, Barce 5). No asiático, dracmas (BMC *Cyr.*, Barce 10) e hemidracmas (BMC *Cyr.*, Barce 17). Todas as denominações trazem o étnico de Barce: BAPKAION, BAPKA, BAPK.

Assim como nas cunhagens de Cirene, a inscrição em algumas moedas de Barce sugerem que ela tenha feito aliança, depois de 450 a.C., com Cirene, cujo tetradracma ático com *silfium* no anverso e a cabeça de Zeus Ammon no reverso (BMC *Cyr.*, Barce 49) traz a inscrição KY no anverso e BAP no reverso. Em outro tetradracma também ático, a aliança parece ter sido feita com Taucheira, pois na mesma representação de anverso e reverso (BMC *Cyr.*, Barce 50) encontramos a

inscrição TE no anverso e BAPK no reverso. Com esta mesma cidade, Barce parece ter cunhado também uma dracma asiática com os mesmos tipos e com as mesmas inscrições da denominação em padrão ático (BMC *Cyr.*, Barce 51).

Em Euespérides, datada de aproximadamente 450 a.C., temos, como nas outras cidades, o tema predominante de *silfium*/cabeça de Ammon. Mas nesta cidade foram cunhados somente dracmas (BMC *Cyr.*, Euhesperides 2) e hemidracmas (BMC *Cyr.*, Euhesperides 5) em padrão ático, todos com o étnico (EYEΣ).

Como notamos, se a Cirenaica havia começado suas cunhagens com uma certa variedade de tipos e de denominações, no século V a.C., na época em que os Batíadas estão prestes a sair de cena, elas se tornam homogêneas e poucas denominações foram cunhadas em padrão ático. O asiático começa a tomar força, sendo o padrão predominante das maiores às menores denominações a partir de 450 a.C., embora nem assim possamos afirmar que neste intervalo de tempo a cunhagem tenha sido abundante e rica iconograficamente.

O mesmo não podemos dizer de a partir de 435 a.C., quando começam a surgir algumas cunhagens em ouro. Neste metal, até a aliança com Alexandre, em 332-1 a.C., foram batidos em padrão asiático dracmas, hemidracmas e tri-hemióbolos. Os tipos já começam a variar um pouco mais e estilisticamente eles já trazem características do século IV a.C. Na dracma, a cabeça de Ammon enfim passa para o anverso, com o *silfium* indo pela primeira vez para o reverso[28] (BMC *Cyr.*, Cyrene 60f). Os hemidracmas têm *silfium* no anverso e cabeça de Ammon no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 61) e o tri-hemióbolo traz cabeça da ninfa Cirene como anverso e a cabeça de Ammon ou de Hermes Parammon como reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 63 e 67) e o contrário (BMC *Cyr.*, Cyrene 68), que estréia nessa denominação em ouro. As cunhagens em ouro não trazem o étnico.

Em prata, também foi o padrão asiático que tomou conta das denominações e a grande transformação foi a representação das cabeças de frente. Temos tetradracmas com *silfium* no anverso e a cabeça de Ammon no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 69) e vice-versa (BMC *Cyr.*, Cyrene 77) – com étnico acompanhando a imagem do *silfium*. Nas dracmas neste metal e neste padrão temos *silfium* no

[28] Antes disso, desde o século IV a.C., o *silfium* só aparecia no reverso quando fazia dupla com outro *silfium* no anverso.

anverso e cabeça de Ammon de Hermes Parammon no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 97 e 99). Os tri-hemióbolos têm *silfium* no anverso e no reverso, cabeça de Ammon ou da ninfa Cirene (BMC *Cyr.*, Cyrene 101 e 103) e cabeça de Cirene no anverso com o *silfium* no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 104). Neste metal começam a figurar os nomes de magistrados, que ora dividem espaço com o étnico, ora não.

Mas é a partir de 332-1 a.C. que novos tipos entram nas cunhagens de Cirene e o padrão ático estabelecido por Alexandre para suas cunhagens passa a ser o utilizado nas cunhagens em ouro. Em Cirene, em ouro, os tipos que eram batidos em padrão asiático são reproduzidos em padrão ático. Todos têm nomes de magistrados, exceto os estáteres e hemiestáteres. Na primeira denominação, começa a ser cunhada a quadriga no anverso com Ammon no reverso, que continuará figurando após a chegada de Ptolomeu, com poucas variações no uso dos tipos secundários. Nestas cunhagens, a cena é invariavelmente agonística e faz referência à crescente importância que os cireneus adquiriram nas corridas de carro nos jogos olímpicos a partir do século V a.C. Conduz essa quadriga ora uma Niké alada (BMC *Cyr.*, Cyrene 107), ora uma figura feminina que Robinson acredita ser a ninfa Cirene (BMC *Cyr.*, Cyrene 110). Zeus Ammon aparece em pé, com o cetro, fazendo libação ou não. Pode ser representado com um carneiro ao seu lado ou não, com Niké em sua mão ou não (BMC *Cyr.*, Cyrene 106). Ainda nesta denominação com anverso de quadriga, a representação de reverso que mais percebemos a influência dos tetradracmas de Alexandre tem Zeus Ammon ou Lycaios sentados no trono com diversos atributos, como a águia, voando ou parada, e o estilo de representação de Zeus que resgata aquele adotado originalmente por Élis e pela Liga Arcádia (BMC *Cyr.*, Cyrene 117 e 118).

Ainda em ouro, os hemiestáteres têm, assim como no intervalo de interesse de nossa pesquisa, o cavaleiro no anverso com o *silfium* no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 124). Também *silfium* no anverso e cabeça de Atena no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 134) e vice-versa serão posteriormente representados.

Já na prata até a chegada de Ptolomeu encontramos denominações em padrão asiático. Nos tetradracmas, dracmas, hemidracmas e tri-hemióbolos temos cabeça de Ammon ou Hermes Parammon no anverso e o *silfium* no reverso, sendo que entre 332-1 e 322 a.C., somente tetradracmas com cabeça de Ammon no anverso e

o *silfium* no reverso e dracmas com cabeça de Hermes Parammon no anverso e *silfium* no reverso foram batidos em prata.

Em Barce, somente a prata foi utilizada nas cunhagens entre 435 e 332-1 a.C. Os tetradracmas asiáticos têm a representação de *silfium* no anverso e a cabeça de Ammon ou vice-versa (BMC *Cyr.*, Barce 21 e 29), que passam a ter o nome dos magistrados a partir do século IV a.C. (BMC *Cyr.*, Barce 30 e 34). Os hemidracmas asiáticos também têm *silfium* no anverso e cabeça de Ammon no reverso (BMC *Cyr.*, Barce 38), mas nesta denominação também a cabeça de Hermes Parammon pode estar representada no reverso (BMC *Cyr.*, Barce 39). Ainda em padrão asiático, também há tri-hemióbolos, com *silfium* no anverso e cabeça de Ammon no reverso (BMC *Cyr.*, Barce 44) com nome de magistrado. Entre a aliança com Alexandre e os primeiros anos do governo de Ofelas, temos somente um décimo em ouro em padrão ático que foi atribuído a Barce, com a representação de cabeça de Hermes Parammon no anverso e cabeça de carneiro no reverso (BMC *Cyr.*, Barce 20). De todo o intervalo até a chegada de Ptolomeu, não encontramos cunhagens atribuídas a Euespérides.

CIRENAICA

Tipos, metais e padrões*

570 a 480 a.C.	480 a 435 a.C.	435 a 332-1 a.C.	332-1 a 323 a.C.
Eubóico-ático AR *Silfium* Fig. feminina sentada Ninfa Cirene Gazela Gerbo Fig. feminina alada Ninfa e Héracles Ammon Carneiro Touro Grão de trigo Górgona Leão Águia Golfinhos Grifo Estrela Escorpião Touro face humana Galo Palmeta	Eubóico-ático e asiático AR *Silfium* Ammon Ninfa Cirene	Asiático AU e AR *Silfium* Ammon Ninfa Cirene Hermes Parammon	Ático e asiático AU e AR *Silfium* Quadriga Ammon Lycaios Hermes Parammon Ninfa Cirene Atena Carneiro Cavaleiro

* Quadro não exaustivo, que serve como sistematização geral das cunhagens.

PARTE II

4. Repertório de moedas

Introdução

Nesta parte de nossa dissertação, trataremos de diversos aspectos que contribuíram para a elaboração do nosso repertório e que podem ser úteis na análise dos tipos monetários. Deste modo, discutiremos temas outros que aparentemente não interfeririam em nossa análise, mas que no geral ampliam a compreensão sobre as moedas de nosso interesse propriamente e conseqüentemente o uso de determinadas imagens nas cunhagens em questão.

Para começar, elaboramos um capítulo em que apresentamos os estudos mais importantes realizados pelos numismatas desde o século XIX sobre as moedas da Cirenaica como um todo, comentamos as fontes utilizadas na confecção do nosso repertório. Depois tratamos dos critérios utilizados na confecção do nosso repertório e de que modo esses critérios podem nos auxiliar na análise dos tipos monetários propriamente. E ainda para compreendermos fisicamente nosso repertório, expomos algumas informações sobre os elementos que compõem as fichas das moedas que são o foco desse trabalho.

Como achamos que seria interessante justificarmos por que as moedas foram atribuídas a determinados intervalos pelos numismatas que nos guiaram neste trabalho, fizemos um texto introdutório sobre o uso de determinados metais e padrões monetários ao longo deste intervalo, para que possamos compreender a metodologia utilizada por Morkholm na classificação destas. Para os detalhes desta classificação, justificamos porque as moedas foram atribuídas aos intervalos de tempo propostos no repertório.

Para complementar, elaboramos um capítulo em que comentamos brevemente os achados monetários publicados no *Inventory of Greek Coin Hoards* (1973) e aqueles encontrados em superfície em Euespérides e publicados em um artigo de Bond e Swales (1965). Assim, quando chegamos ao repertório propriamente, uma série de critérios que foram utilizados pelos estudiosos na classificação das moedas já foi por nós tratada e podemos então avançar e fazer a análise dos tipos monetários, que é o objetivo primeiro do nosso trabalho.

a. Histórico da bibliografia utilizada na confecção do repertório

O estudo das cunhagens antigas da Cirenaica iniciaram-se no século XIX. O primeiro estudioso a fazer uma pesquisa sistemática das moedas emitidas nesta região foi o dinamarquês Ludwig Müller, cujo estudo foi publicado em importante obra denominada *Numismatique de l'Ancienne Afrique*, publicada em 1860. Nesta obra, todo o primeiro tomo é dedicado às emissões da Cirenaica propriamente e abrangem desde as primeiras cunhagens feitas em Cirene, no século VI a.C., assim como das outras cidades da Cirenaica que bateram moedas, até período romano. Todos os numismatas consagrados que se dedicam à Cirenaica, concordando ou discordando, sempre fazem referência à obra de Müller.

Depois de Müller, outro trabalho significativo que contribuiu para uma reflexão sobre as cunhagens da Cirenaica e para a classificação proposta pelo dinamarquês foi o estudo feito pelo grego J. N. Svoronos, *Ta Nomismata tou Kratous ton Ptolemaion*, em 1904. Svoronos se debruçou sobre as cunhagens dos Ptolomeus e toda a cronologia que ele propôs para as moedas deste período na Cirenaica foi estabelecida em paralelo com as emissões egípcias. Embora seu trabalho tenha um valor inestimável, também algumas modificações foram feitas pelos numismatas posteriormente no sentido de corrigir datações e atribuições – que foram poucas – desta sua obra do começo do século XX. É uma pena que sua obra, escrita em grego moderno (do começo do século XX), não tenha recebido até hoje uma reedição, muito menos uma tradução para uma língua mais difundida.

Nesta dissertação de mestrado, o catálogo que nos serviu de base em princípio foi o de E. S. G. Robinson, *Catalogue of the Greek Coins of Cyrenaica*. Robinson foi por muitos anos *assistant keeper* do departamento de numismática do Museu Britânico. Esta obra teve uma primeira versão em 1927, em que ele trabalhou somente com a coleção do Museu Britânico. Na versão utilizada aqui, de 1965, ampliada e com um estudo mais minucioso das cunhagens, ele trabalha não somente com a coleção do Museu Britânico, mas também fez um levantamento das moedas batidas na Cirenaica que fazem parte de coleções públicas e privadas de diversas partes do mundo. Sua obra contempla, como a de Müller, todas as cunhagens batidas na Cirenaica, desde as primeiras, no século VI a.C., até aquelas feitas quando a Cirenaica era uma província romana, sob Tibério.

Robinson, no prefácio, diz que seu estudo teve como base o trabalho de Müller e que poucas alterações foram feitas em seu catálogo com relação às datações e classificações feitas pelo numismata dinamarquês. Ele afirma que a única diferença metodológica significativa feita em relação ao trabalho de Müller foi considerar todas as moedas sem o étnico como pertencentes ao *corpus* de moedas de Cirene. Isso porque, indiscutivelmente, a maior parte das moedas batidas na Cirenaica saíram da casa de moeda desta cidade.

Robinson tinha acesso a todas as moedas do Museu Britânico e seu bom relacionamento com os colecionadores e com museus públicos lhe permitiu ter acesso a muitas das moedas que não constam do Museu Britânico. Dentre aquelas que ele não teve a chance de ter em mãos propriamente, gentilmente foram-lhe fornecidas informações detalhadas e imagens. Deste modo, para a sua classificação, ele leva em consideração todos os aspectos das cunhagens. Ele faz a identificação dos cunhos, fornece o eixo, o peso, o padrão, o metal, as inscrições, faz uma descrição detalhada dos tipos e ainda acrescenta a proveniência da denominação especificamente que foi catalogada.

Portanto, sua classificação contempla todos esses aspectos em conjunto. Paralelamente, ele discute a classificação feita por Müller, e nas cunhagens de período ptolomaico, ele soma também as considerações feitas por Svoronos. Em geral, em nosso repertório, concordamos com a classificação feita por Robinson.

Outros estudos mais recentes, porém menos abrangentes, foram feitos posteriormente a essa obra. O suíço Lucien Naville, que publicou *Les Monnaies d'Or de la Cyrénaique (de 450 a 250 avant J.-C.)*, em 1951 – portanto pouco anterior à reedição do Catálogo do Museu Britânico –, fez um estudo das cunhagens em ouro da Cirenaica. Como a região não cunhou em ouro por mais do que duzentos anos, esse estudo não contempla todos os períodos abordados nos estudos de Müller e de Robinson.

Naville trabalhou com as moedas propriamente, e quando não teve acesso a elas, utilizou moldes, fotografias e decalques de moedas de museus e de coleções privadas. Ele utiliza como base de comparação para o desenvolvimento da sua classificação a primeira versão da obra de Robinson, mas faz alguma alteração à classificação do numismata inglês e apresenta uma ou outra denominação que não

constava do primeiro Catálogo do Museu Britânico, embora já possamos encontrar essas denominações no segundo. Ele utiliza a mesma divisão de períodos para as emissões já estabelecidas por Robinson, e a cada período ele faz um paralelo das emissões que ele vai apresentar em ouro com as de prata numeradas de acordo com o BMC *Cyr*. Ele também lança mão de todos os critérios disponíveis: metrologia, tipologia, estudo das inscrições.

Embora não constitua um catálogo, mas foi utilizado neste trabalho como base de classificação, devemos citar o artigo de Morkholm, "Cyrene and Ptolemy I – Some Numismatic Comments" (*Chiron*, n. 10, 1980 : 145-159). O numismata trabalhou neste artigo com as cunhagens em ouro e prata batidas em Cirene sob Ptolomeu I, fazendo um paralelo com a cronologia proposta por Svoronos para as moedas do Egito do mesmo período. Ele também discute, e muitas vezes discorda, das ordenações feitas por Robinson (1965), e ainda considera também o trabalho de classificação feito por Lucien Naville, para as moedas de ouro, que por sua vez em alguns casos não é concordante com a de Robinson.

Neste artigo, Morkholm utiliza a tipologia, a metrologia e as inscrições para situar em que contexto essas cunhagens foram lançadas. É um trabalho extremamente interessante e de grandíssima utilidade nesse nosso estudo, embora não tenham sido consideradas as cunhagens de bronze.

Para suprir esta falta, utilizamos o trabalho de T. V. Buttrey, *The Extramural Sanctuary of Demeter and Persephone at Cyrene, Lybia, Final Reports* (Vol. VI, Part I, The Coins), de 1997. Buttrey foi *honorary keeper* das moedas do Museu Fitzwillian e atualmente leciona numismática grega e romana nos cursos de pós-graduação do Museu de Arqueologia Clássica da Universidade de Cambridge.

Nesta obra, ele trabalha com 834 moedas que foram encontradas no Santuário de Deméter e Perséfone, localizado fora dos muros da cidade de Cirene, durante as escavações empreendidas entre 1969 e 1981, sob a responsabilidade inicialmente do Kelsey Museum e a partir de 1973, da University of Pennsylvania, ambas sob a coordenação de Donald White. Grande parte dessas moedas é de bronze, principalmente as do período abordado nesta nossa pesquisa.

A classificação proposta por Buttrey para estas cunhagens é baseada nas características de fabricação, nas inscrições ou na tipologia. Em geral, ele concorda com a classificação proposta por Morkholm (1980) e discute também o trabalho de

Robinson. Ele, assim como Morkholm, faz recortes temporais curtos para datar as moedas, criando intervalos de tempo associados aos principais acontecimentos políticos da Cirenaica. Seu trabalho é, sem dúvida, cuidadoso e atualizado, embora muitas das moedas que ele tenha trabalhado estivessem em péssimo estado de conservação, o que de certa forma limitou um pouco a possibilidade de confrontá-las mais efetivamente com a classificação proposta por Robinson. Mas aqui neste trabalho, como sua classificação é minuciosa e pontual, esse estudo será largamente utilizado na análise das moedas de bronze.

b. Critérios de classificação

Visando atender aos objetivos propostos nesta dissertação, escolhemos os seguintes critérios para o ordenamento das nossas moedas:

* Cronologia – como o nosso objetivo é compreender as diversas forças políticas das cidades da Cirenaica em um dado intervalo de tempo, o arranjo cronológico nos auxilia a considerar os contextos em que determinados tipos monetários foram utilizados e estabelecer uma comparação do seu uso ou não em outros momentos, dentro de um intervalo maior.

* Sistema ponderal – através da adoção de um padrão monetário, podemos identificar a política monetária adotada e até mesmo o poder emissor, de modo que os tipos monetários podem adquirir um novo significado. O sistema ponderal auxilia-nos ainda a datar as emissões.

* Metal – designa o poder e a riqueza da autoridade emissora. Eventualmente designa também as funções da cunhagem (o ouro seria utilizado para o pagamento dos soldados hierarquizados, por exemplo?);

* Denominação – auxiliam na identificação da força da propaganda política de uma dada autoridade emissora e na confrontação da representação dos diversos grupos no repertório das cidades.

Adotamos em nosso repertório a mesma ordenação feita nos catálogos tradicionais, como a de Robinson, Morkholm e Buttrey. Isso porque esta classificação tradicional prioriza a ordenação cronológica das emissões, de modo a nos proporcionar uma visão do uso dos tipos monetários ao longo do intervalo aqui

proposto. Esta foi a forma que me fez sentir mais segura para propor uma análise dos tipos monetários no estudo dessas cunhagens.

Este repertório foi organizado cronologicamente, por tipos principais. Estamos aqui utilizando a terminologia numismática em que tipo designa a imagem representada na face da moeda, tanto no anverso como no reverso. Nosso repertório foi assim organizado seguindo em primeiro lugar o critério cronológico e em segundo lugar elencando as combinações de anverso e reverso das moedas. As 90 combinações aqui trabalhadas foram selecionadas, como já foi mencionado, principalmente de três catálogos de moedas de numismatas consagrados: *A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum (Cyrenaica)*[29], de E. S. G. Robinson (1965); *Les Monnaies d'Or de la Cyrénaïque (de 450 à 250 avant J.-C.)*, de Lucien Naville (1951); e *The Extramural Sanctuary of Demeter and Persephone at Cyrene, Lybia, Final Reports* (Vol. VI, Part I, The Coins), de T. V. Buttrey (1997).

Para a ordenação dos tipos em ordem cronológica, foi utilizado em primeiro lugar o critério metrológico proposto por Otto Morkholm no artigo "Cyrene and Ptolemy I – Some Numismatic Comments" (*Chiron*, n. 10, 1980 : 145-159). Para as moedas de bronze, utilizamos a classificação feita por Buttrey[30]. Dentre as 834 moedas estudadas por este autor, 613 são de bronze cunhadas na casa de moeda de Cirene, e somente 8 são de Euespérides. Não foram encontradas moedas de bronze atribuídas a Barce nas escavações. Mas, em seção à parte, ele propôs uma data para as emissões atribuídas às cidades da Cirenaica que foram publicadas em outros catálogos, de modo que pudemos utilizar esta classificação. Embora Buttrey estabeleça como ponto de partida das cunhagens de bronze na Cirenaica o ano de 325 a.C., será utilizada aqui, como data inicial para a cunhagem das cidades neste metal, o ano de 322 a.C., data aproximada da chegada de Ofelas na Cirenaica.

c. Elementos que compõem as fichas das moedas

Em cada ficha deste repertório, as informações sobre as emissões vêm divididas em dois blocos. No primeiro bloco, acima da apresentação da imagem da moeda, estão listadas as características de todas as emissões batidas com um dado

[29] Daqui em diante, utilizaremos a abreviatura BMC Cyr. para fazer referência a este catálogo.
[30] Todos os tipos que foram catalogados por Buttrey nesta publicação e que estiverem dentro do recorte cronológico desta pesquisa serão indicados por um asterisco colocado ao lado da denominação (nas moedas de ouro e prata) ou do diâmetro (nas de bronze) nas fichas do repertório.

tipo, que são: tipo principal de anverso e reverso, a inscrição e a data atribuída à emissão. Embaixo da imagem, um outro bloco, com as informações metrológicas e o nome das cidades às quais foram atribuídas a emissão com aquela combinação de tipos de anverso e reverso. Por fim, colocamos uma referência bibliográfica e a procedência da imagem utilizada.

Cada tipo deste repertório foi numerado em algarismo arábico, em negrito. Quando for feita uma referência a uma determinada moeda dentro do texto desta dissertação, ela será feita a esta nossa numeração (em negrito, entre parênteses ou não, conforme o caso).

Inserimos na ficha de cada moeda deste repertório a descrição geral dos tipos principais de anverso e reverso. Não serão listados aqui todos os atributos de cada tipo, somente os mais importantes. Os tipos secundários que acompanham cada tipo principal são indicados no corpo da descrição. Como tipos secundários consideramos somente aqueles que complementam a compreensão e identificação do tipo principal. Utilizamos direita (d.) e esquerda (e.) abreviados na descrição das imagens.

Já no tocante às inscrições, que estão relacionadas à autoridade responsável pelas emissões e a partir das quais podemos em geral inferir se uma emissão é autônoma ou real, elas foram listadas em alfabeto grego, com a indicação de onde elas figuram, se no anverso ou no reverso, entre parênteses. Como inscrições[31], foram consideradas somente: o étnico de Cirene (KYPANAION, KYPANAΣ, KYPANA, KYPA, KYPH, KYP, KY), o de Euespérides (E, EY) e o de Barce (BA); a inscrição utilizada durante a revolta democrática (ΔAMΩ KYPANA, ΔAMΩ KYPA..., ou seja, em nome do povo de Cirene); as inscrições feitas em nome de Ptolomeu como estratego da Cirenaica (KYPANAION ΠTOΛEMAIΩ, KYPAN ΠTOΛEM); as inscrições reais em nome de Ptolomeu I (ΠTOΛEMAIOY BAΣIΛEΩΣ, ΠTOΛ BAΣI, ΠTO BAΣIΛ, ou seja, o rei Ptolomeu) ou associadas a seu título real (BAΣIΛEΩΣ ou BAΣI); aquelas feitas em homenagem póstuma a Berenice (BEPENIKHΣ

[31] Neste repertório, foi indicado também quando não há inscrição ou se a inscrição não figura em todas as emissões, mas somente em algumas. Quando a emissão encontra-se muito deteriorada e não é possível ler com clareza a inscrição – mas percebe-se que há alguma –, vem indicada como ilegível.

ΒΑΣΙΛΙΣΣΗΣ, ou a rainha Berenice); e ainda as inscrições das cunhagens com os tipos de Alexandre, o Grande, feitas em seu nome (ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ).

Os nomes e os monogramas dos magistrados, embora tenham sido utilizados pelos numismatas citados para classificarem as emissões, não foram incluídos neste estudo. O mesmo fizemos com relação a algumas representações nas moedas que foram entendidas por Robinson (1965 : *passim*) como marcas de cunhagem[32] (cacho de uva, espiga de cereal, gerbo, *silfium*, caranguejo, roda, estrela, cornucópia, tripé, serpente, aljava, arado, *plectrum*, tocha). Certamente, eles enriqueceriam muito esta pesquisa, mas como nosso objetivo aqui é o estudo dos tipos monetários principais, julgamos que não seria necessário incluir esses elementos aqui, embora eles sejam citados em *Atribuição das moedas aos intervalos propostos no repertório*. Já o que concerne às inscrições cívicas e reais, estas são necessárias não somente para a compreensão da classificação feita pelos numismatas, mas principalmente para confrontarmos os tipos monetários às inscrições.

A ordenação das moedas neste repertório, por ser em primeiro lugar cronológica, segue intervalos que correspondem aos principais acontecimentos históricos na Cirenaica e também a mudanças na política monetária feitas por Ptolomeu I, como veremos adiante. Estas datas, todas aproximativas, foram utilizadas pelos numismatas que nos ajudaram a classificar as moedas deste repertório cronologicamente e acreditamos que esses recortes cronológicos foram o melhor que se pôde fazer tendo em vista o limite de nossas fontes textuais e materiais. Deste modo, a seqüência cronológica aqui adotada está subdividida da seguinte forma:

[32] Entende-se por marcas de cunhagem pequenos sinais que, de acordo com consenso entre numismatas, devem indicar seja o oficial responsável pela emissão, seja a própria emissão.

c. ano(s) a.C.	Contexto
322-313	**Primeiros anos do governo de Ofelas na Cirenaica**
314	**Primeira intervenção de Ptolomeu I na cunhagem da Cirenaica**
313-312	**Primeira revolta dos Cireneus contra Ptolomeu I**
312-309	**Ofelas se prepara para expedição contra Cartago**
309-308	**Tentativa de redução de peso das moedas de ouro**
308-305	**Primeira redução de peso das moedas de prata**
305-300	**Segunda revolta dos Cireneus contra Ptolomeu**
300-298	**Magas é nomeado vice-rei da Cirenaica**
290-283	**Segunda redução de peso das moedas de prata**
282-261	**Magas independente**
261-258	**Reconciliação de Magas com Ptolomeu II**

O primeiro intervalo, entre 322 e 313 a.C., diz respeito às cunhagens autônomas da Cirenaica sob o preposto de Ptolomeu, Ofelas. Buttrey havia delimitado este primeiro período entre os anos 325 e 313 a.C. Por conveniência, a data de início dessas cunhagens foi alterada para 322 a.C., quando Ofelas chega à Cirenaica. Isso porque é um consenso entre os numismatas (Robinson, Morkholm) de que as primeiras cunhagens em bronze feitas pelas cidades sejam posteriores à chegada de Ptolomeu I. Portanto, acreditamos que não haja problemas em datar essas emissões a partir de 322 a.C.

O ano de 314 a.C., que foi colocado no repertório à parte, na verdade é a data aproximada em que Ptolomeu fez sua primeira intervenção na cunhagem da Cirenaica, ao introduzir nas emissões locais a legenda KYPANAION ΠΤΟΛΕΜΑΙΩ. Esta subdivisão foi considerada separadamente para que ficasse bem marcado o reflexo do domínio ptolomaico nas cunhagens da região.

Entre 313 e 312 a.C. ocorreu a revolta dos democratas contra Ptolomeu I, narrada em Diodoro (XIX, 79, 1-4). As cunhagens destes anos têm evidente viés popular, expresso tanto na inscrição ΔΑΜΩ KYPANA e o uso de representações iconográficas que se destacam do conjunto, como veremos em nossa análise.

O quarto intervalo, de 312 a 309 a.C., marca os anos que antecederam a partida de Ofelas na expedição contra Cartago. Adotamos a cronologia de Édouard Will (1964 : 322), segundo o qual foi no ano de 309 a.C. que Ofelas aliou-se a Agátocles de Siracusa para, juntos, tomarem Cartago.

Entre 309 e 308 a.C., segundo Morkholm (1980 : 152), Ptolomeu fez uma tentativa de redução do peso das cunhagens de ouro. A idéia seria de baixar a razão do ouro para a prata de 1 : 10 para 1 : 11. Deste modo, essas pequenas moedas de ouro valendo 1/11 do estáter ficaram separados neste intervalo de tempo.

Em 308 a.C., ainda segundo Morkholm (1980 : 152), inaugura-se o padrão ródio na Cirenaica. Este padrão foi chamado por Morkholm de “peso ptolomaico” – porque na verdade ele derivou do Egito, onde, a partir de 310 a.C., havia sido adotado. Este padrão, que aqui será denominado ródio, predominou na Cirenaica até a primeira década do século III a.C. aproximadamente.

Em 305-304 a.C., os cireneus se revoltaram pela segunda vez contra o domínio de Ptolomeu I, depois da sua derrota na batalha de Salamina de Chipre, em 306 a.C. Segundo Pausânias (I, 6-7), esta revolta teria durado cinco anos, ou seja, até *c.* 300 a.C., quando Ptolomeu reconquistou o controle da Cirenaica e colocou seu enteado Magas como vice-rei da região.

A partir de então, entre 300 e 298 a.C., iniciaram-se as cunhagens reais, paralelamente às autônomas. Nessas novas cunhagens, Ptolomeu I adotaria o padrão fenício para suas moedas em ouro e as de prata, batidas pela cidade, continuariam a ser feitas segundo o sistema de peso reduzido determinado por

Ptolomeu em 308 a.C. Entendemos por moedas reais aquelas batidas sob autoridade emissora ptolomaica.

Entre 290-283 a.C. ocorre, como reflexo da política monetária adotada por Ptolomeu no Egito, uma segunda redução no peso das moedas de prata na Cirenaica. Oito anos antes aproximadamente, no Egito, Ptolomeu havia feito uma outra redução no peso das moedas de prata, mas nenhuma emissão que correspondesse a essa medida foi encontrada na Cirenaica. Portanto, embora Morkholm considere esta redução como a terceira – afinal, no Egito ptolomaico, esta seria a terceira redução das moedas de prata –, será feita aqui referência à segunda redução, por dizer respeito à Cirenaica. Neste momento, a cidade poderia bater moedas de ouro em seu próprio nome, mas adotando o padrão fenício anteriormente estabelecido, que então estaria equiparado às de prata. Morkholm coloca como o fim deste intervalo o ano de 280 a.C., mas considerando que Ptolomeu I morreu em 283 a.C. (Will, 1984a : 108) e que essas cunhagens foram feitas sob o primeiro lagida, o *terminus ante quem* dessas emissões será o ano de morte de Ptolomeu I.

O intervalo seguinte, que foi classificado como dos anos em que Magas governou independente do Egito, não corresponde exatamente ao período de revolta. Chamoux (1956 : 21) não consegue fechar uma data exata para este acontecimento – se teria ocorrido em 279 a.C. ou se em 274 a.C. Mas como, a partir da morte de Ptolomeu I, Magas passou a governar a Cirenaica sozinho, ficou estabelecido para esse intervalo os anos entre 282 e 261 a.C.

Por volta de 261 a.C., Magas se reconcilia com Ptolomeu II, seu meio-irmão. Ele faz um acordo com Ptolomeu II de que, enquanto ele estivesse vivo, a Cirenaica lhe pertencia – e continuaria independente do Egito. Há muita discussão em torno da data de morte de Magas, mas será utilizada aqui a estabelecida por Buttrey, que foi também a utilizada por Robinson: o ano de 258 a.C.

Este é um modelo geral adotado nas moedas de ouro e prata. Como as moedas de bronze são mais difíceis de serem datadas em intervalos tão curtos, tivemos de recorrer a intervalos maiores em alguns momentos, como o intervalo entre 308 e 300 a.C. e ainda entre 300 e 283 a.C. De qualquer maneira, seja em ouro, prata ou bronze, como afirmamos anteriormente, todas as datas são aproximativas.

No que diz respeito às imagens deste repertório, estas servem como referência para os tipos gerais. Elas foram extraídas do catálogo de Buttrey (1997), de Morkholm (1991)[33], de Robinson (1965) e do Naville (1951). Há ainda fotos que foram feitas por mim no Cabinet des Medailles de Paris, assim como uma imagem foi extraída de um *site* da internet: www.coinarchive.com (último acesso em 19/11/2007). Como ela foi ampliada, utilizamos uma escala como referência. As fontes das imagens foram especificadas no segundo bloco de informações de cada ficha.

No segundo bloco de informações de cada ficha encontramos os dados metrológicos da moeda em questão. O primeiro item especificado no segundo bloco de informações de cada ficha é o padrão monetário. Ele está disposto como a primeira das informações metrológicas para que possamos observar quais metais e denominações foram emitidos com dadas representações de anverso e reverso, batidos em um padrão determinado. Os nomes dos metais foram indicados abreviados (AU, ouro; AR, prata; AE, bronze).

No bronze não será indicado nem o padrão nem o peso, pois as moedas neste metal perdem muito peso – seja pela circulação, seja porque foram encontradas já muito deterioradas nas escavações –, de modo que fica muito difícil identificar o padrão em que foram batidas e identificar as denominações a partir do peso. Também nos catálogos que nos guiaram para classificar nossas moedas não utilizam este critério na classificação das moedas de bronze. Para suprir esta falta, indicamos o diâmetro das cunhagens em bronze (em cm).

No que concerne às denominações, foi utilizado o seguinte critério para nomear as denominações: em ouro, utilizamos a nomenclatura estáter, hemiestáter, 1/4 de estáter, 1/3 de estáter, décimo (1/10 de estáter), 1/11 de estáter e 1/12 de estáter; em prata, tetradracma, didracma, dracma, tri-hemióbolo e óbolo. Quando existir mais de uma denominação sob um mesmo tipo, estas foram indicadas em ordem da mais pesada para a mais leve. Em bronze, não foram definidas as denominações, pelas mesmas razões pelas quais não foram denominados os padrões neste metal, como

[33] Não fizemos comentário sobre esta obra de Morkholm (1991) como tendo sido utilizada na confecção do repertório porque desta obra em especial, para o repertório propriamente, extraímos somente as imagens. Os critérios que foram utilizados na classificação das moedas deste repertório foram extraídos de outra obra de Morkholm (1980).

foi exposto anteriormente. Quando os pesos são muito contrastantes, apresentamos cada um deles.

Nas moedas de ouro e prata, os pesos foram indicados em gramas. Foi citado o peso do exemplar que foi representado pela imagem e especificado na referência bibliográfica. Quando mais denominações foram batidas com a mesma combinação de tipos de anverso e reverso, serão indicados os pesos de todas as denominações. Quando uma moeda for atribuída a mais de uma cidade, será citado o peso da emissão de cada cidade, na ordem em que aparecerem no item Cidade. Em alguns casos, o peso ou o diâmetro não foi fornecido pelo catálogo em que a moeda foi publicada e não temos uma outra fonte a recorrer para completar esta informação. Neste caso, indicamos que esse dado não foi fornecido. O diâmetro segue as mesmas regras de apresentação dos pesos.

Como não podemos afirmar se realmente funcionaram casas de moedas em Euespérides e em Barce no intervalo de tempo das emissões abordadas neste repertório, utilizamos aqui a indicação da cidade em nome da qual foi feita determinada emissão ou à cidade a qual foi atribuída esta emissão pelos numismatas citados, quando o étnico não estiver presente.

Nas referências bibliográficas, colocamos o número que esta moeda foi catalogada nas obras utilizadas, que foram expostas anteriormente. Quando as imagens forem provenientes do Cabinet des Médailles, em Paris, ou da internet, inserimos uma referência do BMC *Cyr.* de uma das emissões que pertencem àquele tipo geral da emissão utilizada no nosso repertório, também fornecida por essas fontes. Neste caso, especificamos também a proveniência da imagem desta moeda. Quando não for especificada a proveniência da imagem significa que ela foi extraída do catálogo indicado na referência bibliográfica. Todas as abreviações dos nomes das obras utilizadas na referência bibliográfica encontram-se na Bibliografia.

Para uma visualização geral dos tipos constantes deste repertório, elaboramos uma tabela, que se encontra antes da análise propriamente dos tipos monetários.

d. Metais e padrões monetários

Como o objetivo de nosso estudo é analisar as diferentes forças que atuaram no cenário político das cidades da Cirenaica dentro de um intervalo de tempo definido, para compreendermos a escolha dos tipos monetários utilizados por estas,

observamos que dentro deste recorte a Cirenaica cunhou moedas nos três metais e em três padrões diferentes. Isso não significa que ao longo de todo este tempo ela tenha cunhado os três metais simultaneamente. O ouro, por exemplo, foi abandonado depois que a cidade fez suas últimas emissões autônomas sob Ptolomeu I. Outro dado a ser constatado é a adoção de sucessivos padrões ao longo do intervalo, o que possibilitou a Morkholm (1991) propor uma classificação das moedas batidas em ouro e prata sob Ptolomeu I até a sua morte, estudo este que nos guiou na confecção deste repertório.

Para as moedas de bronze, que foram utilizadas até Magas se reconciliar com o seu meio-irmão Ptolomeu Filadelfo, foram escolhidos outros critérios, que não o padrão. Baseados na classificação proposta por Buttrey (1997), essas moedas foram dispostas em seqüência cronológica segundo os tipos, as inscrições, as marcas de cunhagem e os monogramas de magistrados, critérios esses que serão expostos adiante, em *Atribuição das moedas aos intervalos propostos no repertório*.

Julgamos importante abrir um capítulo à parte para discutir metal e padrão monetário porque, mesmo que esta pesquisa se centre na análise dos tipos monetários, não podemos desvincular dessa percepção o fato de que a moeda é feita de um dado material, que é a liga metálica. E que este metal tem um peso, que foi convencionado diversamente conforme o momento. E ainda que certas imagens foram utilizadas ou não em um padrão ou outro, como veremos na análise dos tipos monetários.

Em época helenística, o mundo antigo já havia acumulado tantos padrões preexistentes que vale a pena também resgatarmos um pouco a origem de alguns padrões e em que sua adoção pode ser considerada como herança de um passado. Não que via de regra isso tenha motivado a adoção deste ou daquele padrão por parte de Ptolomeu I, mas sempre é um dado a mais pensarmos quais localidades já haviam feito uso de um dado padrão que Ptolomeu I adotou.

Como observa Stazio (1999 : 411), o sistema ponderal é um dos meios pelos quais se exercitava na Antigüidade a intervenção da moeda sobre um território. Ele é um indicador do território ao qual uma moeda se destinava, que não é necessariamente onde ela foi emitida. Embora as moedas da Cirenaica sejam raramente encontradas em tesouros monetários – o que nos possibilitaria um estudo

da circulação dessas emissões fora da região –, o fato de Ptolomeu I ter imposto um padrão monetário único em suas possessões e ainda outras localidades não submetidas a ele terem também aderido a esse padrão é um indicativo da criação de uma zona de aceitabilidade dessas moedas.

Metais

As moedas em ouro começaram a ser batidas na Cirenaica a partir de 450 a.C.[34] Mas pelos catálogos de Robinson (1965) e de Naville (1951), o ouro torna-se mais abundante nas cunhagens da região na segunda metade do século IV a.C., mais exatamente a partir do momento em que os gregos do platô tomaram o controle do Augila e dos territórios cortados pelas rotas de caravanas. Elas deixaram de ser batidas no século III a.C. Segundo Naville, elas teriam sido cunhadas até 250 a.C. Mas de acordo com Morkholm (1991 : 70), as moedas neste metal precioso teriam suas últimas emissões entre 290 e 283 a.C. Esta disparidade nas datas se deve ao fato de que Naville havia considerado que as últimas cunhagens autônomas da região haviam sido feitas sob Magas reconciliado com Ptolomeu II, o que Morkholm discorda. Segundo o autor, este metal anteriormente, quando Magas passa a adotar somente as cunhagens em bronze rebatidas sobre os bronzes reais com reverso de águia de Ptolomeu I.

A prata, que vinha sendo batida na Cirenaica desde o século VI a.C., também vive seus últimos momentos nos anos finais de Magas. Ela teve um último suspiro nos tetradracmas e didracmas batidos sob Magas reconciliado com Ptolomeu II (**84** e **85**). Durante o *Koinon*, foi batido somente um didracma ródio (BMC *Cyr.*, Koinon 1, pl. XXVII.13) neste metal, sendo todo o restante da produção feita em bronze. Com todos os outros Ptolomeus e em época romana, somente o bronze foi utilizado nas moedas da região.

Embora Buttrey atribua o ano de 325 a.C. para o início das cunhagens em bronze das cidades gregas da Líbia, o próprio estudioso (1997 : 35) está de acordo que provavelmente elas tenham começado a ser batidas após a chegada de

34 Achados de objetos feitos em marfim no Artemísion de Cirene, datados da metade do século V a.C., sinalizam que esta cidade já se beneficiava do fluxo de mercadorias que vinha da África, especialmente do Sudão, nesta época. O marfim e o ouro eram os principais produtos vendidos pelos mercadores do Sudão no Oásis do Augila. Embora o Augila propriamente só tenha caído em controle dos cireneus na segunda metade do século IV a.C., o contato comercial com a região ao sul da Cirenaica já existia anteriormente e pode justificar o início das cunhagens em ouro pelos gregos da Líbia no século V a.C. (LARONDE, 1987 : 208)

Ptolomeu à região. Anteriormente, Thibron já havia cunhado moedas em bronze durante a *stásis* que se instaurou quando da sua tentativa de dominação das cidades da Cirenaica, mas não se tratam de emissões feitas pelas cidades e seus tipos e inscrições mostram que essas cunhagens têm um caráter outro das moedas de bronze que constam deste repertório.

A tabela abaixo mostra o uso dos metais nos intervalos trabalhados:

c. Anos a.C.	Cunhagens Autônomas			Cunhagens Reais		
	Ouro	Prata	Bronze	Ouro	Prata	Bronze
322-313	■		■			
314	■	■				
313-312		■	■			
312-309	■	■	■			
309-308	■					
308-305		■	■			
305-300	■	■	■			
300-298		■	■	■		■
290-283	■	■	■			■
282-261			■			
261-258					■	■

Desde o início das cunhagens em prata na Cirenaica, era Atenas que fornecia o metal para a confecção de suas moedas (GARDNER, 1918 : 218-21 *apud* ROBINSON, 1965 : cclviii). A julgar pelo crescente comércio que a região desenvolveu com a Ática ao longo de sua história – como podemos atestar na *Estela de Fornecedores de Cereais*, em que a Atenas é a cidade que recebe maior quantidade de cereal –, é possível que até época helenística Atenas continuasse a

ser a principal fonte de prata da região. No Egito, Morkholm (1991 : 4) afirma que, embora os Ptolomeus tivessem acesso a algumas minas de prata em Chipre sob seu controle, essas minas não forneciam quantidade suficiente desse metal. O que garantiria ao Egito um fluxo considerável de moedas de prata seria uma balança comercial favorável. O autor observa ainda que as cunhagens em ouro e bronze adquiriram posição predominante no Egito ptolomaico a partir de 260 a.C. devido à dificuldade na obtenção da prata. Na Cirenaica também acontece o desaparecimento da prata nas emissões monetárias, após o *Koinon*.

Como podemos observar no Gráfico 1, neste repertório a prata está presente somente em 24 moedas, o que não necessariamente significa que este metal tenha sido pouco utilizado, como veremos logo abaixo. Antes de 300 a.C., portanto durante 22 anos aproximadamente, são 16 exemplares batidos em prata. Depois da chegada de Magas à Cirenaica até *c.* 258 a.C., são 6. Os didracmas que trazem a representação de Hermes Parammon no anverso com o *silfium* no reverso têm diversos subtipos e a julgar por essa variedade, supõe-se que tenham sido batidos repetidamente, seqüencialmente ao longo do tempo, em grande quantidade.

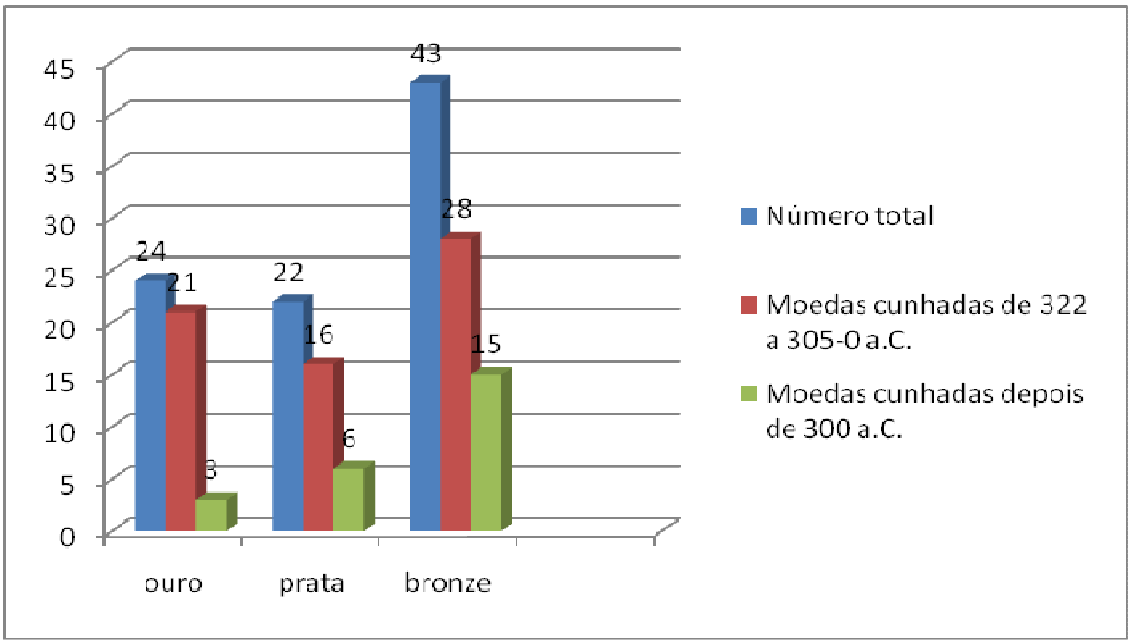


Gráfico 1. Balanço do uso dos metais nas moedas do repertório

Através dos tesouros monetários também podemos supor que, embora a prata não conste em grande número neste repertório de tipos, ela deve ter sido batida em grandes quantidades. Dos nove tesouros aqui elencados (Anexo 3), cinco deles possuem moedas de prata de Cirene deste intervalo (**IGCH 151**, **152**, **154**, **1757**, **2276**). Nos tesouros de Creta, foram encontrados, respectivamente, 27 didracmas em Mitrópolis (**IGCH 151**), 65 didracmas em Festo (**IGCH 152**) e 12 didracmas na região central da ilha (**IGCH 154**) (correspondentes aos nossos tipos **47**, **57**, **68**, **71**). Na Mesopotâmia ou Babilônia (**IGCH 1757**), foi encontrado somente um tetradracma (não conseguimos a bibliografia específica sobre este tesouro, mas possivelmente trata-se da moeda que tem Zeus Ammon no anverso e o *silfium* no reverso, em padrão ródio). E por fim na Argélia (**IGCH 2276**), 44 didracmas (que correspondem aos tipos **57** e **68** do nosso repertório). Com exceção do tesouro encontrado na Babilônia, todos os outros possuem quantidades significativas de moedas de Cirene em prata.

Esses números fornecidos por esses tesouros monetários são ainda mais significativos se observarmos os números fornecidos por Buttrey (1997 : 2) da quantidade de moedas por metal encontradas nas escavações do Santuário Extra-urbano de Deméter e Perséfone em Cirene. Segundo o estudioso, foram encontradas 111 moedas de prata da Cirenaica nessas escavações. Dessas 111, somente quatro eram do século IV a.C. e quatro do século III a.C. As outras 103 moedas eram dos séculos VI-V a.C. Mas nenhuma dessas quatro moedas em prata do século IV a.C. consta de nosso repertório, são anteriores às cunhagens da Cirenaica em aliança com Alexandre. Do século III a.C. as quatro moedas encontradas correspondem aos nossos tipos **76**, **84** e **85**.

Em ouro, como observamos no Gráfico 1, temos: 21 tipos batidos até 300 a.C. e somente 3 tipos batidos sob Magas vice-rei, sendo dois tipos reais e um autônomo, num total de 24 tipos emitidos em ouro ao longo de todo este intervalo. Percebemos nestes números uma concentração de cunhagens em ouro nos 22 primeiros anos da presença ptolomaica na região, quando Ofelas expandia as fronteiras mais para o oeste.

Pelos tesouros monetários, percebemos que dos nove tesouros, somente dois, de Túnis, datados em c. 300 a.C., possuíam moedas de ouro de Cirene (IGCH 2265 e 2266). No IGCH 2265 não foi especificada a quantidade de 1/3 de estáteres

encontrados (**54**). No IGCH 2266, foram resgatados somente um 1/3 de estáter, dois hemiestáteres e onze tri-hemióbolos (um dos tipos desse achado corresponde ao tipo **40** de nosso repertório, segundo LARONDE, 1987 : 355. Não temos referência bibliográfica sobre os outros tipos encontrados).

No Santuário de Deméter e Perséfone, foram encontradas apenas quatro moedas de ouro no total. Todas são datadas do final do século IV a.C. (**4**, **5** e **8**), o que é um dado interessante.

Mas o bronze é de longe o metal que mais figura neste repertório. São 28 moedas de bronze batidas até 300 a.C., mais 15 até *c.* 258 a.C., num total de 43 moedas em bronze representadas aqui. Nos tesouros monetários, dos nove registrados no IGCH, dois possuem moedas de bronze de Cirene (IGCH 1686, de Trípoli, e IGCH 2299, dos Açores). Em Trípoli, mais de mil moedas de bronze de Cirene foram resgatadas. Além das três correspondentes à moeda **76** do nosso repertório, com Zeus Ammon no anverso e a palmeira no reverso, todas as outras são dos tipos representados na moeda **77**, com Apolo Myrtous no anverso e a lira no reverso. Nos Açores apenas uma moeda de bronze (**76**) foi encontrada.

Padrões monetários

No padrão ático, de 322 até 309 a.C., foram cunhadas moedas com base no tetradracma de 17,2 g estabelecido por Alexandre. Na Cirenaica, a referência é feita pelos didracmas de 8,6 g, com seu correspondente em ouro, o estáter, que equivale a um didracma.

Buttrey (1997 : 36) sugere que possivelmente as moedas de bronze tivessem sido batidas segundo denominações específicas. Segundo este pesquisador, nos primeiros anos do governo de Ofelas, teriam existido frações em bronze baseadas no peso das denominações áticas, que seriam: 17,2 g, 8,6 g, 4,3 g e 2,15 g, que correspondem às denominações unidades, meios, quartos e oitavos, também propostas por Bond e Swales (1965 : 94-5) e Robinson (1965 : xcii). Além de que a perda de metal durante a circulação das moedas de bronze é muito grande, os números sugeridos por Buttrey tiveram como base as moedas encontradas nas escavações – quase sempre muito danificadas, assim como as de Bond e Swales, em achados de superfície em Euespérides. Como observa Morkholm (1991 : 7), quando as moedas submetidas a estudos metrológicos ficaram sujeitas a condições

muito desfavoráveis de conservação, como a qualidade do solo e do clima, durante o tempo em que ficaram enterradas – e que é o caso da Cirenaica, em que o terreno calcário e o clima aceleram muito a decomposição dos metais, esses aspectos têm de ser considerados com muito cuidado. Deste modo, neste estudo preferimos não classificá-las segundo denominações nem padrões, mas nos precavemos de indicar diâmetros diferentes de moedas com mesmos tipos quando estes forem muito contrastantes, como se representassem denominações diferentes.

Em 309-8 a.C., ocorre uma redução no peso das pequenas denominações em ouro, em que a equivalência do ouro para a prata cai de 1 : 10 para um 1 : 11. Deste modo, as pequenas denominações em ouro, que antes corresponderiam a 1/10 de estáter, passam a pesar 1/11 do estáter, em média 0,78 g. Assim, se mantém na prata o didracma de 8,59 g (0,78 g x 11 = 8,58 g).

O padrão seguinte adotado na Cirenaica foi o ródio. Essa adoção correspondeu a uma redução no peso da prata, a primeira na Cirenaica sob Ptolomeu I. Nesta nova proposta, os didracmas, que antes eram batidos em padrão ático, passariam a pesar 7,85 g em média, que representariam tetradracmas de 15,8 g. Na Cirenaica, essa reforma refletiu a alteração feita anteriormente no Egito, por volta de 310 a.C. Só foi encontrado um tetradracma (**47**) em padrão ródio datado destes anos. Este padrão foi adotado somente para as moedas de prata, autônomas, na Cirenaica.

Nos anos seguintes, entre 305 e 300 a.C., durante a revolta antimonárquica, vários padrões foram utilizados. Há cunhagens alexandrinas (dos tipos e pesos de Alexandre), no padrão ático anteriormente estabelecido por Alexandre. Provavelmente essas cunhagens tenham sido batidas no final deste intervalo para pagamento de mercenários. Em compensação, o ouro passa à proporção de 1 : 12 em relação ao didracma ático (e 1 : 11 do didracma ródio), que se mantém em 8,6 g em média.

O aparecimento das moedas de prata em padrão ático neste momento aponta para a independência em relação ao Egito, onde o padrão ático já havia sido abandonado desde 310 a.C. Os cireneus devem ter sentido a necessidade de uma cunhagem internacional utilizável fora da área econômica de Ptolomeu. (MORKHOLM, 1991 : 69)

O padrão ródio mantém o mesmo peso do período anterior nas moedas de prata. Há emissões que neste intervalo ficaram definidas como de padrão “incerto”,

com 5,75 g. Morkholm (1980 : 153) defende que essas emissões talvez tenham somente valor fiduciário, em que houve uma tentativa de baixar a razão entre o ouro e a prata de 1 : 11 para 1 : 12, e que tenham sido batidas com peso ainda mais reduzido provavelmente por uma escassez de prata nas casas de moeda de Cirene durante a revolta.

A partir de 300 a.C. aproximadamente, quando Magas assume como vice-rei da Cirenaica, Ptolomeu estabelece que suas moedas reais, em ouro, passariam a ser cunhadas em padrão fenício. O estáter então passa a pesar 7,15 g em média.

Aqui vale observar que Ptolomeu I cunhou uma pequena denominação em ouro, um 1/3 de estáter, em padrão ático (**67**). Morkholm (1991 : 63) considera essa cunhagem como sendo de transição, pois o padrão ático estabelecido por Alexandre já havia sido abandonado em nome de um padrão ptolomaico, que padronizaria as cunhagens de suas possessões. De qualquer maneira, temos de considerar que o padrão ático, devido à grande popularidade que gozou com as corujas atenienses, se tornou um padrão internacional que não foi adotado somente por Filipe e Alexandre, mas por todos os diádocos exceto Ptolomeu (MORKHOLM, 1991 : 8). Provavelmente ele tivesse uma necessidade específica para abrir uma exceção em suas cunhagens e bater essa moeda com a representação de retrato de Ptolomeu I no anverso e Niké no reverso. Para as cunhagens autônomas, Ptolomeu permitiu o uso da prata no padrão ródio, como anteriormente estabelecido para esses metais em cunhagens feitas pela cidade.

No intervalo seguinte (290-283 a.C.), houve uma segunda redução de peso das cunhagens em prata na Cirenaica, no mesmo momento que em Alexandria. As moedas de prata passaram a ser batidas em padrão fenício – conforme anteriormente estabelecido para as cunhagens reais, com o estáter de 7,15 g –, e a cidade pôde então cunhar seu último exemplar em ouro, em padrão fenício.

Em Alexandria, entre os anos de 298 e 290 a.C., houve uma redução no peso da prata em que o tetradracma chegou a 14,90 g. Na Cirenaica não foi encontrada nenhuma emissão que correspondesse a essa redução.

O padrão fenício foi adotado daí em diante como padrão oficial das cunhagens reais na Cirenaica. Conhecido também como padrão cireneu, foi usado em Cartago,

Chipre, Síria, Fenícia e em Siracusa sob Hieron II (WALBANK, 1984a : 20; PRÉAUX, I : 284).

No intervalo em que Magas governou independente, em que foram cunhadas somente moedas autônomas, só encontramos exemplares em bronze rebatidos sobre os bronzes com reverso de águia de Ptolomeu I (entre 300 e 283 a.C.) – com exceção de um (**78**), que Buttrey sugere ter sido emitido no final deste intervalo.

Há algumas observações a serem feitas sobre essas seqüências de reduções do peso do ouro e da prata sob Ptolomeu I. Robinson observa que antes de Ptolomeu iniciar suas reduções no Egito, Rodes, importante cidade comercial, fez algumas reduções em suas moedas. O padrão então adotado, de Quios, com tetradracmas de 15,6 g, foi primeiramente reduzido para 15,2 g e depois para 14,9 g. Mas esses tetradracmas foram abandonados e substituídos por didracmas que inicialmente pesavam 7 g e posteriormente 6,7-6,8 g. Embora Morkholm (1991 : 10) denomine esse padrão reduzido de Rodes como ródio, ele não corresponde em peso ao padrão ródio definido aqui neste nosso estudo. Mas no final das contas, o seu peso se aproxima muito do resultado final do padrão fenício de Ptolomeu, que chegou em c. 290 a.C. a um estáter com 7,15 g, muito próximo do padrão adotado em Rodes. Não podemos afirmar que essas reduções em Rodes tenham estimulado Ptolomeu a reduzir suas moedas, mas este é mais um dado a ser acrescentado e pode ser entendido como mais um reflexo das boas relações que Ptolomeu teve com Rodes, principalmente a partir do final do século IV a.C.

Com Ptolomeu, as reduções que culminariam no padrão fenício final, com estáter de 7,15 g, na verdade significam um processo de redução que se iniciou no Egito em 310 a.C. com a adoção do padrão ródio (que não é o de Quios adotado em Rodes). Por volta de 290 a.C., Ptolomeu chegaria a um valor de 14,3-14,4 g para os tetradracmas, peso que seria mantido, com variação de no máximo 0,1 g, até o começo do século I a.C. Este padrão, que Morkholm (1991 : 10) é muito próximo do que foi utilizado nos grandes centros comerciais fenícios nos séculos V e IV a.C., onde o *shekel*, que consiste de sua unidade, pesava pouco mais de 7 g. O autor considera isto uma coincidência. Para ele seria difícil que as condições locais na Fenícia, quarenta anos depois de este padrão cair em desuso ali, influenciassem a escolha de Ptolomeu. Deste modo, seria mais provável que o monarca tenha feito

essa escolha como um desejo de manter uma razão entre o ouro e a prata mais fácil de ser articulada.

Por outro lado, uma vez adotado em época helenística, os fenícios viram este padrão como se fosse o seu próprio, e a partir de então este padrão tornou-se tão popular nessas localidades que mesmo os reis Selêucidas, iniciando por Alexandre Balas, adotaram-no em suas províncias fenícias. E quando essas províncias ficaram independentes no final do século II a.C., todas elas, com exceção de Trípoli, continuaram a bater sua prata autônoma neste padrão, e o *shekel* duplo de Tiro tornou-se a mais aceitável e abundante cunhagem da região. (MORKHOLM, 1991 : 10)

e. Atribuição das emissões monetárias aos intervalos propostos no repertório

Como dissemos anteriormente, para ordenar as emissões dentro das subdivisões cronológicas propostas em nosso repertório, foram utilizados critérios metrológicos para as moedas de ouro e prata. Como o tempo de adoção dos padrões é maior que os pequenos intervalos marcados pelos numismatas, eles lançaram mão também das características dos tipos monetários e das inscrições, assim como dos nomes e monogramas de magistrados e das marcas de cunhagem. Combinados, esses critérios permitiram distribuir as cunhagens em espaços curtos de tempo. Em geral, foi respeitada a ordenação feita pelos numismatas consagrados já citados na apresentação do repertório.

Moedas de ouro e prata

Entre *c.* 322 e 313 a.C.

Segundo Morkholm (1980 : 148), nos primeiros anos do governo de Ofelas, até 313 a.C., a Cirenaica continuou batendo moedas no padrão ático, seguindo os pesos estabelecidos por Alexandre anteriormente e sob os mesmos magistrados para as moedas de ouro e prata. Desse período fazem parte, em ouro, os estáteres, hemiestáteres, ¼ de estáter e décimos – os décimos em ouro eram uma denominação exclusiva da Cirenaica. Por isso, incluímos neste repertório os tipos que foram batidos desde a aliança com Alexandre, já que Morkholm (1991 : 67) alega que não houve uma interferência de Ptolomeu I nos assuntos monetários da

cidade antes de *c.* 314 a.C. e ainda que as moedas continuaram a ser batidas pelos mesmos magistrados e com os tipos locais que já estavam em uso.

c. 314 a.C.

Em 314 a.C., pela primeira vez a posição dominante de Ptolomeu se torna evidente na Cirenaica nos estáteres e hemiestáteres em ouro de Atena/Niké (**31**) e nos didracmas de Hermes Parammon/*silfium* (**33**), ambos com inscrição trazendo, ao lado do étnico, também o nome de Ptolomeu (KYPANAION ΠΤΟΛΕΜΑΙΩ – moeda de Cirene em nome de Ptolomeu). Os tipos Atena/Niké são considerados por Morkholm (1980 : 148) como influenciados pelas moedas com as mesmas representações cunhadas no Egito em *c.* 315 a.C. por Ptolomeu. A única cunhagem que não apresenta a inscrição em nome de Ptolomeu I e da cidade, mas somente em nome da cidade, tem no anverso um Dioniso (**32**) semelhante ao Dioniso que traz a inscrição do então estratego (**34**). Neste Dioniso, vem representada a mesma espiga que aparece no didracma **33** deste intervalo, o que fez Morkholm a incluir esta moeda neste grupo.

Entre *c.* 313 e 312 a.C.

Para as cunhagens datadas da primeira revolta dos cireneus, o que caracteriza essas moedas é a inscrição ΔΑΜΩ KYPANA (do povo de Cirene). Dioniso (**36**) novamente figura nas cunhagens locais, mas com a inscrição em nome dos democratas. A moeda de bronze com a representação da tumba de Batos no reverso (**39**) foi classificada neste intervalo por sua iconografia.

Entre *c.* 312 e 309 a.C.

Nos anos em que Ofelas se preparava para a expedição contra Cartago, Morkholm chama a atenção para a presença da palmeira de Cartago (**39**, **42** e **43**), assim como do símbolo de Tanit no anverso da cunhagem em ouro, fazendo alusão à divindade púnica. Os didracmas e tri-hemióbolos com a representação de Hermes Parammon no anverso e o *silfium* no reverso (**41**), embora não tenham a palmeira, foram atribuídos a estes anos por conterem o mesmo nome de magistrado dos didracmas com a palmeira (**42**) e ainda das emissões do período de revolta,

representando uma retomada da ordem e o regresso das emissões em nome da cidade sem a referência ao *damos*. O cavaleiro, com o *silfium* no anverso (**40**) entrou neste intervalo por ter sido batido ainda em padrão ático e por ter sido encontrado em um tesouro monetário em Túnis em um local onde provavelmente Agátocles desembarcou para esta expedição.

Entre *c.* 309-308 a.C.

As denominações em ouro deste intervalo correspondem à redução da equivalência do ouro para a prata de 1/10 para 1/11 do estáter, também empreendida no Egito, na tentativa de manter o didracma em 8,59 g.

Entre *c.* 308 e 305 a.C.

Ocorreu a primeira redução no peso das moedas de prata da Cirenaica com a adoção do padrão ródio. Na Cirenaica, essa medida pode ser percebida por didracmas com Hermes Parammon no anverso (**48**). Somente um tetradracma (**47**) dentre os analisados nos três catálogos, com Amon no anverso, corresponderia a esta redução, com 14,95 g. Nesta moeda encontramos a mesma cornucópia (que foi considerada como marca de cunhagem) de alguns exemplares dos didracmas deste intervalo.

Entre *c.* 305 e 300 a.C.

Foram batidos, em padrão ático, nos tipos de Alexandre, estáteres e hemiestáteres em ouro (**49**) e tetradracmas em prata (**50**), com a inscrição ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ. A presença do *silfium* e do gerbo como marcas de cunhagem permitem a atribuição a Cirene, como veremos mais adiante. Os magistrados das moedas de ouro são os mesmos que bateram os didracmas ródios do intervalo anterior. Nas de prata, os magistrados seriam aqueles que bateriam as moedas reais de Ptolomeu I depois de 300 a.C.

Há também, em ouro e em padrão ático, um grupo composto por 1/12 de estáter em que figura Amon no anverso com raio no reverso e outra com aljava no anverso e o *silfium* no reverso (**51** e **52**), equivalendo-se deste modo ao didracma ródio. Já a prata foi batida em padrão ródio (**53**).

Há um conjunto de moedas que foram classificadas por Robinson como de padrão incerto. Incluímos estas cunhagens neste intervalo por associação às outras moedas deste grupo, tanto em ouro, como em prata e bronze. Como Robinson (1965 : cxviii-cxx) prefere não se posicionar sobre o padrão monetário dessas cunhagens, se ródio ou fenício, é bem possível que elas tenham sido batidas em ródio e tenham perdido bastante metal por causa de uma circulação excessiva, já que se tratam de pequenas denominações. As dracmas com Ísis e o *silfium* (**54**) se associaria nesta nossa classificação à moeda que tem Parammon (**53**), deste intervalo, que tem o mesmo monograma de magistrado, composto por um "sigma" com um meio círculo em cima. A esta mesma moeda de Parammon associamos outra de padrão incerto, com Apolo no anverso e a estrela no reverso (**55**).

Na moeda que tem cabeça de Ísis no anverso e a águia no reverso (**56**), temos a mesma águia sem o raio que encontramos nos estáteres e hemiestáteres de Alexandre, batidos neste intervalo, e a mesma Ísis, com coroa de espigas, também de padrão incerto (**54**). Já a moeda de bronze com a representação de cabeça de Ammon no anverso e Atena com elmo ateniense no reverso (**65**) seria uma alternativa para os óbolos que têm estes mesmos tipos (**57**), com as mesmas características, neste mesmo intervalo.

Entre *c.* 300 e 298 a.C.

Datam destes anos as primeiras emissões reais de Ptolomeu I, quando ele estabelece que o padrão fenício seria o oficial desse tipo de cunhagem. Essas cunhagens têm os mesmos tipos e pesos de emissões feitas em Alexandria nesses primeiros anos de Ptolomeu rei. O monarca reservou para si a prerrogativa sobre as cunhagens em ouro.

Nos 1/3 de estáter, com retrato de Ptolomeu I/Niké, é o caranguejo como marca de cunhagem que levou os numismatas – Robinson e Morkholm – a atribuírem esta cunhagem a Cirene. Como essa emissão foi batida no padrão ático, é mais provável que ela represente uma necessidade específica para seu uso. Morkholm observa que esta emissão, por ser feita em padrão ático, representa uma cunhagem de transição entre um sistema ponderal adotado por Ptolomeu I e aquele que foi adotado pelos outros diádocos (1991 : 69).

Paralelamente a estas cunhagens reais, a cidade também bateu suas próprias moedas. Ela continuou batendo os didracmas em padrão ródio que já vinha sendo empregado na Cirenaica por imposição de Ptolomeu I. Nos tetradracmas está presente o mesmo caranguejo que foi utilizado neste momento nos 1/3 de estáter de Ptolomeu, assim como nos didracmas de Carneius/*silfium* deste intervalo.

Entre *c.* 290 e 283 a.C.

As cunhagens feitas entre 290-283 a.C. coincidem com a última reforma monetária empreendida também no Egito, que se constituiu em mais uma redução no peso das emissões autônomas, que foram equiparadas às reais. As moedas de ouro e prata passam a ser batidas no padrão fenício das moedas de ouro de Ptolomeu feitas alguns anos antes, e as denominações maiores trazem o nome da cidade. O caranguejo, presente nas moedas reais e autônomas do intervalo anterior, também consta do estáter autônomo. Essa cunhagem, incluída neste período por Morkholm (1980 : 154), foi classificada por Naville como batida entre os anos 261 e 258 a.C. Naville argumenta que as cunhagens de ouro na Cirenaica teriam terminado quando Magas se reconcilia com Ptolomeu II, depois de 261 a.C. Com a proposta de Morkholm, o final das emissões em ouro no período helenístico na Cirenaica é antecipado. O magistrado responsável por esta emissão é o mesmo dos didracmas deste intervalo.

Entre *c.* 261 e 258 a.C.

Por volta de 261 a.C., quando Magas se reconcilia com seu meio-irmão Ptolomeu II, todas as emissões, em prata e bronze, trazem inscrição real e o retrato de Ptolomeu ou de Berenice. Todas as emissões deste período trazem o que Robinson consideraria como o “monograma de Magas”. Robinson havia incluído as emissões com este monograma no período anterior, o da “Revolta de Magas”, mas Buttrey achou que elas seriam mais adequadas ao período de reconciliação com o rei do Egito – em que todas as moedas trazem retratos e inscrições reais – do que ao de independência, que têm tipos locais.

Bronze

Entre *c.* 322 e 313 a.C.

Como Buttrey identificou em seu catálogo duas séries para as moedas de bronze de Cirene, uma que tem no reverso a representação do *silfium* (**14** a **20**) e outra com reverso de roda (**21** a **24**), optamos por manter esta ordenação para que as séries ficassem mais visíveis. Tanto Buttrey (1997 : 36) como Robinson (1965 :xci-xcv) classificam as moedas de bronze baseados em denominações que teriam como base o tetradracma ático – 17,2 g, 6,6 g, 4,3 g e 2,15 g.

As moedas que têm a roda como reverso são associadas a este intervalo pelo nome de magistrado. A roda foi utilizada como marca de cunhagem nas moedas de Euphris, que tem os tipos de Alexandre de Atena e Niké com a inscrição [ΚΥΡΑΝΑΙΟΝ] ΠΤΟΛΕΜΑΙΩ atribuída a Robinson a *c.* 314 a.C. Os seguintes magistrados bateram os tipos com reverso de roda: AM, ΘA, KP e NIKΩN, que são associados por Robinson aos anos de governo de Ofelas. Além disso, as moedas com anverso de Ammon foram reutilizadas para bater as que têm Ammon no anverso e *silfium* no reverso (**15**), cujo monograma seria o de Euphris.

Da série com reverso de *silfium*, além daquela com representação de Ammon, temos o magistrado ΤΗΡΗΣ, que também trabalhou nesses primeiros anos do governo de Ofelas e que cunhou no anverso Apolo (**14**) e Parammon (**13**). O *silfium* triplo tem o mesmo modelo do representado no reverso da moeda **6**, com Atena no anverso. Inicialmente este tipo de representação do *silfium* era utilizado em tri-hemióbolos, o que levou Robinson (1965 : ccliv) a considerá-lo como uma forma de marcação da denominação, o que já não aconteceria nestes anos.

A moeda **17**, com as representações de cavaleiro no anverso e *silfium* no reverso, faz parte do grupo que Müller havia lido KY como inscrição e que Robinson, em um dos exemplares desses tipos, lê KP, que seria o magistrado que também bateu o cavaleiro no anverso com a roda no reverso (**23**) e que encontram paralelo nos hemiestáteres com anverso de cavaleiro deste intervalo (**5**). Já as moedas com Líbia no anverso (**18**) são associadas a representações semelhantes neste mesmo intervalo de tempo, em ouro (**8**). As moedas de bronze com Atena com elmo coríntio no anverso e *silfium* no reverso (**20**) foram incluídas aqui por associação ao ¼ de estáter que tem os mesmos tipos em ouro (**6**) e o elmo coríntio representado nas

moedas de Alexandre. A moeda de bronze de Atena com elmo ateniense (**19**) entra nesta classificação como uma variante da Atena com elmo coríntio. Ela tem o mesmo estilo de representação da anterior, com círculo de pérolas e com o reverso marcadamente incuso.

A moeda de número **25**, com representação de Héracles e suas armas, foi atribuída a Euespérides porque o tema está relacionado ao mito de fundação desta cidade. Todas as outras moedas de bronze de Euespérides deste intervalo possuem o étnico. As moedas de Barce foram atribuídas a esta cidade por causa da presença do carneiro no reverso, iconografia familiar a esta cidade. A de número **30** foi atribuída a este intervalo por causa do anverso, que tem um cavalo muito similar a um batido em Cirene neste intervalo (**24**). Já a de número **29** foi associada a esta pelo reverso, o carneiro, além de que tem o reverso incuso característico das cunhagens em bronze do final do século IV a.C.

Entre *c.* 313 e 312 a.C.

A moeda **38** foi incluída neste intervalo de revolta democrática pela inscrição sugestiva, ΔΑΜΩ ΚΥΡΑΝΑ (do povo de Cirene). Já a moeda que tem a tumba de Batos no reverso (**37**) pareceu aos numismatas, como Robinson, Buttrey e Morkholm, adequada aos anos de revolta, em que a memória do fundador da colônia teria um significado especial.

Entre *c.* 312 e 309 a.C.

A moeda tem a palmeira no reverso (**43**), o que sugere ter sido batida para a expedição contra Cartago.

Entre *c.* 308 e 300 a.C.

Na verdade, essas cunhagens são posteriores ao insucesso da expedição de Ofelas e anteriores ao início das cunhagens de Ptolomeu.

Robinson (1965 : cxxv) – assim como Buttrey (1997 : 37), que segue a mesma classificação neste caso – afirma como a atribuição das moedas de bronze a este intervalo é um tanto quanto arbitrária. Por um lado, não se percebe uma ruptura no estilo e na fabricação em relação aos intervalos anteriores. Uma alternativa foi

analisar as que foram recunhadas. Há exemplares no Museu Britânico, como a que tem a gazela no anverso e o *silfium* no reverso (**59**), que foram rebatidas sobre moedas que tinham o cavaleiro no anverso e a roda no reverso (**23**), de anos anteriores. Os monogramas dos magistrados responsáveis por essas cunhagens – ΣΩΣΙΟΣ e ΑΡΙΣΤΙΠΠΟ, no caso da gazela com o *silfium*; ΕΥΑ, nas moedas com caranguejo no anverso e gerbo no reverso (**62**), e ΣΩ(?)ΣΙ.., nas cunhagens com gerbo no anverso e caranguejo no reverso (**63**) – também figuram em moedas batidas no intervalo seguinte. Robinson, que trabalha com denominações em bronze, observa que essas cunhagens parecem ter sofrido um reflexo da redução de peso das moedas em prata, em padrão ródio. No exemplar de Euespérides, em que figura a ninfa local, Buttrey encontrou uma moeda deste tipo nas escavações do Santuário de Deméter. Ela havia sido recunhada sobre uma moeda cartaginesa que tinha a cabeça de Perséfone no anverso e o cavalo livre no reverso, datada entre 370-40 a.C. por Visonà. Buttrey (1998 : 55) acredita que esta moeda cartaginesa, raramente encontrada na Cirenaica, retornou com os soldados após o insucesso da expedição contra Cartago. Já Robinson encontrou exemplares desta moeda – e da **64**, também de Euespérides – que foram rebatidos sobre moedas sículo-púnicas, e por isto também associou essas cunhagens aos anos seguintes ao retorno dos soldados desta expedição.

Na moeda que tem Ammon no anverso e Atena no reverso, encontramos uma representação mais elaborada do que as de Atena (**19**) do primeiro intervalo. O pescoço da Atena é drapeado como nos retratos ptolomaicos, mas a ausência de uma inscrição ou um tipo principal associado diretamente às cunhagens de Ptolomeu I colocam esta moeda na fronteira entre o intervalo seguinte e os anos anteriores.

Entre *c.* 300 e 283 a.C.

Todas essas cunhagens têm inscrições associadas ao título de rei que Ptolomeu adotou nas moedas da região após c. 300 a.C. Como Robinson e Buttrey, trabalham com o peso das moedas de bronze, eles associam estas cunhagens ao padrão ródio usado pelas cidades nas moedas de prata, com a dracma valendo 3,90 g. Os magistrados que bateram essas moedas são os mesmos que cunharam os

didracmas ródios deste intervalo, cujo monograma se assemelha a um “pi” com um círculo no meio.

No tipo real (**73**), a inscrição é em nome de Ptolomeu. A atribuição a uma cunhagem batida em Cirene é feita pela presença do *silfium* como marca de cunhagem, assim como o caranguejo, que mais freqüente como marca de cunhagem nas moedas posteriores à chegada de Magas. Robinson (1965 : cxlviii-cxliv) observa que o magistrado que bateu estas moedas é o mesmo que cunhou os estáteres reais e os didracmas autônomos destes anos.

Entre *c.* 282 e 261 a.C.

Os bronzes atribuídos aos anos que Magas governou independente foram assim classificados por terem sido recunhados sobre moedas de bronze reais de Ptolomeu I. A inscrição, quando presente, é feita em nome da cidade, o que sugere a independência desta em relação ao Egito.

Entre *c.* 261-258 a.C.

Os tipos em bronze deste intervalo, além de terem inscrições e retratos reais de Ptolomeu e Berenice, todos possuem um monograma que sugere ser um monograma do nome de Magas, que associa as letras gregas “mi” e “gama”. Buttrey observa que muitos exemplares com os retratos de Ptolomeu e Berenice foram cunhados sobre moedas autônomas de Cirene (1998 : 38).

REPERTÓRIO TIPOLÓGICO DAS MOEDAS DA CIRENAICA

EMITIDAS ENTRE 322 E 258 a.C.

322-313 a.C. – Moedas autônomas

OURO

1
Anverso: Quadriga à d.
Reverso: Zeus Lycaios sentado à e., segurando uma águia com a mão d.; *thymiaterion* à e.
Inscrição: KYPANAION (anverso)
Data: 322-313 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Estáter
Peso: 8,73 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 116 (pl. XIII.25)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

2
Anverso: Quadriga à d.
Reverso: Zeus Ammon sentado à e., segurando uma águia com a mão d. e com a mão e. apoiada sobre o cetro; *thymiaterion* à e.
Inscrição: KYPANAION (anverso)
Data: 322-313 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Estáter
Peso: 8,64 g e 8,63 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 116c (*anv*. pl. XIII.22; *rev*. XIII.26)
Procedência da imagem: *Anv.* Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)/*Rev.* BMC *Cyr.*,116c (pl. XIII.26)

3
Anverso: Quadriga à d.
Reverso: Zeus Ammon laureado em pé à e., com *himation* e cetro, fazendo libação; à e., *thymiaterion*
Inscrição: KYPANAION (anverso)
Data: 322-313 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Estáter
Peso: 8,63 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 117 (pl. XIV.1)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

4
Anverso: Quadriga à d., conduzida pela Niké, vestida com túnica
Reverso: Zeus Ammon laureado com *himation*, cetro e fazendo libação; à e., *thymiaterion*
Inscrição: KYPANAION (anverso)
Data: 322-313 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Estáter
Peso: 8,62 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 118 (pl. XIV.2)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

5
Anverso: Cavaleiro à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrições: KYPANAION (anverso) ou KYPA (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,65 1,3

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Hemiestáter
Peso: 4,28 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 131 (pl. XIV.23)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

6
Anverso: Cabeça de Atena à e. ou à d., com elmo coríntio
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYP (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,15

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: 1/4 de estáter
Peso: 2,19 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 136 (pl. XV.4)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

7
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à e. ou à d.
Reverso: Cabeça da ninfa Cirene à d.
Inscrição: KY (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Décimo
Peso: 0,93 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 160 (pl. XV.30)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

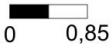
8
Anverso: Cabeça laureada (ou não) de Zeus Ammon à e.
Reverso: Cabeça coroada de Líbia à d.
Inscrição: KY (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Décimo
Peso: 0,91 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 158 (pl. XV.28)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

9
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à d.
Reverso: Cabeça da ninfa Cirene à e.
Inscrição: não há
Data: 322-313 a.C.

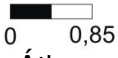
Escala gráfica em cm:



Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Décimo
Peso: 0,86 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 138 (pl. XV.6)

10
Anverso: Cabeça da ninfa Cirene à d., com *cecryphalus*
Reverso: Cabeça de Hermes Parammon à e.
Inscrição: não há
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:



Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Décimo
Peso: 0,86 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 142 (pl. XV.10)

11
Anverso: Cabeça diademada de Hermes Parammon à d., com *apex*
Reverso: Cabeça coroada de Líbia à e.
Inscrição: KY
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,80
Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Décimo
Peso: 0,84 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 141 (pl. XV.9)

12
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à d.
Reverso: Cabeça de carneiro à d.
Inscrição: não há
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,76
Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Décimo
Peso: 0,84 g
Cidade: Barce
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Barce 20 (pl. XXXV.1)

BRONZE

13
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYP (reverso) na emissão menor
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,15 2,3

Metal: AE
Diâmetro: 2,30 cm e 1,52 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 174 (pl. XVIII.1); BMC Cyrene 199 (pl. XIX.15)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris) (denominação mais pesada)

14
Anverso: Cabeça laureada (ou não) de Apolo à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrições: KYPANA, KYPA ou não há (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,14 2,28

Metal: AE
Diâmetro: 2,15 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 184 (pl. XVIII.14)

15
Anverso: Cabeça laureada (ou não) de Zeus Ammon à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso) ou não há
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,075 2,15

Metal: AE
Diâmetro: 2,15 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 180 (pl. XVIII.9)

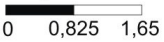
16
Anverso: Cabeça coroada da ninfa Cirene à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPANA (anverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,025 2,05

Metal: AE
Diâmetro: 2,05 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 178 (pl. XVIII.5)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

17
Anverso: Cavaleiro à e.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: ilegível
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:



Metal: AE
Diâmetro: 1,65 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 201b (pl. XLV.9)

18
Anverso: Cabeça coroada de Líbia à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:

Metal: AE
Diâmetro: 1,39 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 201a (pl. XLV.11)

19
Anverso: Cabeça de Atena à e., com elmo ateniense
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:

Metal: AE
Diâmetro: 1,39 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 201c (pl. XIX.18)

20
Anverso: Cabeça de Atena à d., com elmo coríntio
Reverso: *Silfium*
Inscrição: não há
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:

Metal: AE
Diâmetro: 1,52 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 202 (pl. XIX.23)

21
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: Roda
Inscrição: não há
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,2 2,4

Metal: AE
Diâmetro: 2,40 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 187 (pl. XIX.1)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris) (denominação mais pesada)

22
Anverso: Cabeça de cavalo à d.
Reverso: Roda
Inscrição: não há
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,14 2,28

Metal: AE
Diâmetro: 2,28 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 188 (pl. XIX.6)

23
Anverso: Cavaleiro à d.
Reverso: Roda; à d., *silfium*
Inscrição: não há
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,825 1,65

Metal: AE
Diâmetro: 1,97 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 194 (pl. XIX.10)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

24
Anverso: Cavalo marchando ou galopando à d.
Reverso: Roda
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,98 1,96

Metal: AE
Diâmetro: 1,95 cm e 1,39 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 190 (pl. XIX.8); Buttrey (1998, pl. 5.153)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

25
Anverso: Cabeça de Héracles à d., com pele de leão
Reverso: Clava entre aljava (e flecha?)
Inscrição: não há
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,27 2,54

Metal: AE
Diâmetro: 2,54 cm
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Addenda 188 *bis* (pl. XLVI.9)

26
Anverso: Cabeça de Héracles com pele de leão à d.
Reverso: Tridente
Inscrição: EY (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,27 2,54

Metal: AE
Diâmetro: 2,54 cm
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Euhesperides 5 *bis* a (pl. XLVI.11)

27
Anverso: Cabeça laureada de Zeus Ammon à e.
Reverso: Tridente
Inscrição: ΕΥ (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Metal: AE
Diâmetro: 2,03 cm
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Euhesperides 6 (pl. XXXVIII.13)

28
Anverso: Golfinho à d.
Reverso: Tridente; coroa ao redor
Inscrição: ΕΥ (anverso)
Data: 322-313 a.C.

Metal: AE
Diâmetro: 1,52 cm
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Euhesperides 11 (pl. XXXVIII.19)

29
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: Carneiro à d.
Inscrição: não há
Data: 322-313 a.C.

Metal: AE
Diâmetro: 2,03 cm
Cidade: Barce
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Barce 46c (pl. XXXVII.16)

30
Anverso: Cavalo arreado galopando à d.
Reverso: Carneiro à d.
Inscrição: BAP ou BA (reverso)
Data: 322-313 a.C.

Metal: AE
Diâmetro: 1,90 cm
Cidade: Barce
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Barce 47 (pl. XXXVII.17)

314 a.C. – Moedas autônomas

OURO

31
Anverso: Cabeça de Atena à d., com elmo coríntio
Reverso: Niké com túnica em pé ou caminhando à e., com coroa na mão d. e estandarte na e.
Inscrição: [KYPANAION] ΠΤΟΛΕΜΑΙΩ (reverso)
Data: 314 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Estáter e hemiestáter
Peso: 8,48 g e 4,25 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 170 (pl. XVII.1); 170b
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

PRATA

32
Anverso: Cabeça de Dioniso à d., com coroa de hera; atrás, tirso com fitas
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 314 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 8,43 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 170e (pl. XVII.5)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

33
Anverso: Cabeça diademada de Hermes Parammon à e., com *apex*
Reverso: *Silfium*
Inscrição: [ΚΥΡΑΝ] ΠΤΟΛΕΜ (reverso)
Data: 314 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,14 2,28

Padrão: Ático
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 8,20 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 170f (pl. XVII.6)
Procedência da imagem: Morkholm (1991, pl. VII.111)

34
Anverso: Cabeça de Dioniso à d., com coroa de hera; tirso com fitas atrás
Reverso: Atena Alkidemos à d. em pé
Inscrição: [ΚΥΡΑΝΑΙΟΝ ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ] (reverso)
Data: 314 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,1 2,2

Padrão: Ático
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 7,70 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: Naville, p. 54, fig. 1
Procedência da imagem: Morkholm (1991, pl. VII.112a)

313-312 a.C. – Moedas autônomas

PRATA

35
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à e.
Reverso: Hermes à e., com clâmide, pétaso e sandálias aladas, segurando o caduceu na mão d.
Inscrição: ΔΑΜΩ ΚΥΡΑ[ ] (reverso)
Data: 313-312 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,14 2,28

Padrão: Ático
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 8,42 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 172 (pl. XVII.10)
Procedência da imagem: Morkholm (1991, pl. VII.113)

36
Anverso: Cabeça de Dioniso à d., com coroa de hera; atrás, tirso
Reverso: Eros à d., tocando lira
Inscrição: ΔΑΜΩ ΚΥΡΑΝΑ (reverso)
Data: 313-312 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,075 2,15

Padrão: Ático
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 8,41 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 173b (pl. XVII.11)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

BRONZE

37
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: Tumba de Batos
Inscrição: KYPANAION
Data: 313-312 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,05 2,1

Metal: AE
Diâmetro: 2,15 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 187c (pl. XIX.4)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

38
Anverso: Cabeça de Ártemis à d., com aljava no ombro
Reverso: Niké à d., com coroa na mão d. e fita na e.
Inscrição: ΔΑΜΩ KYPANA (anverso)
Data: 313-312 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,015 2,03

Metal: AE
Diâmetro: 2,03 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 188a (pl. XLV.13)

312-309 a.C. – Moedas autônomas

OURO

39
Anverso: Cavaleiro à d.; símbolo de Tanit
Reverso: *Silfium* à e.; palmeira à d.
Inscrição: KYPA (anverso)
Data: 312-309 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Hemiestáter
Peso: não foi fornecido
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: Naville 144

40
Anverso: Cavaleiro à e.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 312-309 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,33

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: 1/3 de estáter
Peso: 2,87 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 210 (pl. XX.2)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

PRATA

41
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à e.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 312-309 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AR
Denominação: Didracma e tri-hemióbolo
Peso: 8,39 g e 1,00 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 171 (pl. XVII.7); BMC *Cyr.*, Cyrene 173c (pl. XVII.14)

42
Anverso: Cabeça de Dioniso à d., com coroa de hera; atrás, tirso
Reverso: *Silfium* à e.; palmeira à d.
Inscrição: KYPANA (reverso)
Data: 312-309 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 7,24 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 173a (pl. XVII.13)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

BRONZE

43
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: Palmeira
Inscrição: ilegível (reverso)
Data: 312-309 a.C.

Metal: AE
Diâmetro: 2,10 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 187b (pl. XLV.12)
Procedência da imagem:
imagedb.coinarchives.com/img/cng/069/enlarged/690739.jpg (acesso em: 19/11/2007)

309-308 a.C. – Moedas autônomas

OURO

44
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à e.
Reverso: Cabeça da ninfa Cirene à e.
Inscrição: não há
Data: 309-308 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: 1/11 de estáter
Peso: 0,91 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 213 (pl. XX.13)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

45
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: Cabeça de Ártemis coroada à d., com aljava
Inscrição: não há
Data: 309-308 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,7

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: 1/11 de estáter
Peso: 0,80 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 214b (pl. XX.16)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

46
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: Cabeça da ninfa Cirene à e. ou à d.
Inscrição: não há
Data: 309-308 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,72

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: 1/11 de estáter
Peso: 0,73 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 214a (pl XX.15)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

308-305 a.C. – Moedas autônomas

PRATA

47
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 308-305 a.C.

Padrão: Ródio
Metal: AR
Denominação: Tetradracma
Peso: 14,95 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 225 (pl. XX.27)

48
Anverso: Cabeça diademada (ou não) de Hermes Parammon à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 308-305 a.C.

Padrão: Ródio
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 7,53 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 227 (pl. XX.28)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

305-300 a.C. – Moedas autônomas

OURO

49
Anverso: Cabeça de Atena à d., com elmo coríntio
Reverso: Niké à e., com a coroa na mão d. e o estandarte na e.
Inscrição: ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ (reverso)
Data: 305-300 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: Estáter e hemiestáter
Peso: 8,60 g e 4,30 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Coinages 0a (pl. XXVIII.1); BMC *Cyr.*, Regal Coinagens 0b (pl. XXVIII.2)
Procedência da imagem: Morkholm (1991, pl. VII.121)

PRATA

50
Anverso: Cabeça de Héracles à e. ou à d., com pele de leão
Reverso: Zeus laureado à e., sentado no trono, com a águia na mão d. e a mão e. apoiada sobre o cetro
Inscrição: ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ (reverso)
Data: 305-300 a.C.

Padrão: Ático
Metal: AR
Denominação: Tetradracma
Peso: 17,09 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues, p. 72, 1 (pl. XXVIII.3)
Procedência da imagem: Morkholm (1991, pl. VII.118)

OURO

51
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: Raio
Inscrição: não há
Data: 305-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,72

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: 1/12 de estáter
Peso: 0,69 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 218 (pl. XX.20)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

52
Anverso: Aljava
Reverso: *Silfium*
Inscrição: não há
Data: 305-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,5

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: 1/12 de estáter
Peso: 0,44 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 224a (pl. XX.24)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

PRATA

53
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à e. ou à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 305-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,1 2,2

Padrão: Ródio
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 7,46 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 242 (pl. XXII.8)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

54
Anverso: Cabeça de Ísis à e. ou à d., com a coroa de espigas de cereais
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 305-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,76 1,52

Padrão: Incerto
Metal: AR
Denominação: Dracma
Peso: 2,64 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 268 (pl. XXV.4)

55
Anverso: Cabeça diademada de Apolo à d.
Reverso: Estrela
Inscrição: não há
Data: 305-300 a.C.

Escala gráfica em cm:

0 0,88

Padrão: Incerto
Metal: AR
Denominação: Óbolo
Peso: 0,48 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 274a (pl. XXV.8)

56
Anverso: Cabeça de Ísis à e., com coroa de espigas de cereais
Reverso: Águia à e., com asas abertas, de frente para serpente que se ergue diante dela
Inscrição: não há
Data: 305-300 a.C.

Escala gráfica em cm:

0 0,88

Padrão: Incerto
Metal: AR
Denominação: Óbolo
Peso: 0,48 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 275 (pl. XXV.10)

57
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: Cabeça de Atena à d., com elmo ateniense e pescoço drapeado
Inscrição: não há
Data: 305-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,76

Padrão: Incerto
Metal: AR
Denominação: Óbolo
Peso: 0,43 g e 0,27 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 273 (pl. XXV.7 *rev.*); BMC *Cyr.*, Cyrene 274 (pl. XXV.7 *obv.*)

58
Anverso: Cavalo à d. ou à e.
Reverso: Lira
Inscrição: não há
Data: 305-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,88

Padrão: Incerto
Metal: AR
Denominação: Óbolo
Peso: 0,40 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 272 (pl. XXV.6)

308-300 a.C. – Moedas autônomas

BRONZE

59
Anverso: Gazela à d. ou à e.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 308-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,925 1,85

Metal: AE
Diâmetro: 1,85 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 285 (pl. XXV.18)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

60
Anverso: Cabeça de ninfa à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: EY (reverso)
Data: 308-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,885 1,77

Metal: AE
Diâmetro: 1,77 cm
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: BMC Euhesperides 8 (pl. XXXVIII.15)

61
Anverso: Cabeça diademada (ou não) de Líbia à d.
Reverso: Gazela à d.
Inscrição: KY ou KYPA (reverso)
Data: 308-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,76 1,52

Metal: AE
Diâmetro: 1,60 cm, 1,52 cm e 1,14 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: Buttrey (1998, n. 165); BMC *Cyr.*, Cyrene 287 (pl. XXV.28); BMC *Cyr.*, Cyrene 208 (pl. XIX.21)

62
Anverso: Caranguejo
Reverso: Gerbo à d.
Inscrição: KYP (anverso)
Data: 308-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,74 1,48

Metal: AE
Diâmetro: 1,48 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 285a (pl. XXV.22)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

63
Anverso: Gerbo à e.
Reverso: Caranguejo
Inscrição: não há
Data: 308-300 a.C.

Metal: AE
Diâmetro: 1,39 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 285c (pl. XXV.24)

64
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à e.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: EY (reverso)
Data: 308-300 a.C.

Metal: AE
Diâmetro: 1,27 cm
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Euhesperides 10b (pl. XXXVIII.18)

65
Anverso: Cabeça diademada de Zeus Ammon à d.
Reverso: Cabeça de Atena à d., com elmo ateniense e pescoço drapeado
Inscrição: não há
Data: 308-300 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,14

Metal: AE
Diâmetro: 1,14 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 289 (pl. XXV.27)

300-298 a.C. – Moedas reais

OURO

66
Anverso: Cabeça diademada de Ptolomeu I à d., com a égide
Reverso: Alexandre, o Grande em pé, à e., na quadriga de elefantes, com égide e raio na mão d.
Inscrição: ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ (reverso)
Data: 300-298 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,85 1,7

Padrão: Fenício
Metal: AU
Denominação: Estáter
Peso: 7,12 g e 7,15 g
Cidade: Cirene e Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues 1b (pl. XXVIII.8); BMC *Cyr.*, Regal Issues 1 (pl. XXVIII.6)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

67
Anverso: Cabeça diademada de Ptolomeu I à d., com a égide
Reverso: Niké com túnica em pé à e., com coroa na mão d. e estandarte no braço e.
Inscrição: ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕ-- (reverso)
Data: 300-298 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,12

Padrão: Ático
Metal: AU
Denominação: 1/3 de estáter
Peso: 2,82 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues 3 (pl. XXVIII.5)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

300-298 a.C. – Moedas autônomas

PRATA

68
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: ΚΥΡΗ (reverso)
Data: 300-298 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,33 2,66

Padrão: Ródio
Metal: AR
Denominação: Tetradracma
Peso: 14,44 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 226 (pl. XX.25)
Procedência da imagem: Morkholm (1991, pl. VII.117)

69
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à e. ou à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 300-298 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,05 2,1

Padrão: Ródio
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 7,57 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 243 (pl. XXII.15)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

70
Anverso: Cabeça de Hermes Parammon à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: BAΣI (reverso)
Data: 300-298 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,05 2,1

Padrão: Ródio
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 6,95 g
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 260 (pl. XXIV.7)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

290-283 a.C. – Moedas autônomas

OURO

71
Anverso: Quadriga à d., conduzida por Niké
Reverso: Zeus Ammon em pé à e., com o cetro e fazendo libação; *thymiaterion* à e.
Inscrição: KYPANAION (anverso)
Data: 290-283 a.C.

Padrão: Fenício
Metal: AU
Denominação: Estáter
Peso: 7,13 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 210a (pl. XX.1)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

PRATA

72
Anverso: Cabeça de Apolo Myrtous à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 290-283 a.C.

Padrão: Fenício
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 6,64 g
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 264 (pl. XXIV.14)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

300-283 a.C. – Moedas reais

BRONZE

73
Anverso: Cabeça de Ptolomeu I à d.
Reverso: Águia à d., com asas abertas, sobre raio
Inscrição: ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ (reverso)
Data: 300-283 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,885 1,77

Metal: AE
Diâmetro: 1,77 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Coinages 5d (pl. XXVIII.17)

74
Anverso: Cabeça de Apolo Myrtous à d., com coroa de mirto
Reverso: Águia à e., com asas abertas, sobre o raio
Inscrição: ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ (reverso)
Data: 300-283 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,825 1,65

Metal: AE
Diâmetro: 1,65 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal 5 (pl. XXVIII.14)

75
Anverso: Cabeça de Héracles à d.
Reverso: Aljava e clava
Inscrição: ΒΑΣΙΛΕΩΣ (reverso)
Data: 300-283 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,8 1,6

Metal: AE
Diâmetro: 1,60 cm
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: Buttrey (1998, pl. 11.736)

282-261 a.C. – Moedas autônomas

BRONZE

76
Anverso: Cabeça diademada de Zeus Ammon à d.
Reverso: Palmeira
Inscrição: ΚΥΡΑ (reverso); não há (Barce)
Data: 282-261 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,05 2,1

Metal: AE
Diâmetro: 2,10 cm e 1,65 cm
Cidade: Cirene e Barce
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 292; BMC *Cyr.*, Barce 47b (pl. XXXVII.18)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

77
Anverso: Cabeça de Apolo Myrtous à d., com coroa de mirto
Reverso: Lira de quatro cordas
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 282-261 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,02 2,04

Metal: AE
Diâmetro: 2,04 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 319 (pl. XXVI.23)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

78
Anverso: Cabeça de Zeus Ammon à d.
Reverso: Aljava
Inscrição: KYPA (reverso)
Data: 282-261 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,95 1,9

Metal: AE
Diâmetro: 1,90 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 286 (pl. XXV.19)

79
Anverso: Cabeça diademada de Líbia à d.
Reverso: *Silfium*
Inscrição: K[ ] P[ ]
Data: 282-261 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,88 1,76

Metal: AE
Diâmetro: 1,76 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 290 (pl. XXV.20)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

80
Anverso: Cabeça de Apolo Myrtous à d., com coroa de mirto
Reverso: Aljava entre flecha e clava
Inscrição: ΚΥΡΑΝΑΣ (reverso)
Data: 282-261 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,855 1,71

Metal: AE
Diâmetro: 1,71 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 291a (pl. XXV.25)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

81
Anverso: Cabeça de Apolo Myrtous à d., com coroa de mirto
Reverso: Cavalo galopando
Inscrição: KY (Cirene); BA (Barce); E (Euespérides) (reverso)
Data: 282-261 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,825 1,65

Metal: AE
Diâmetro: 1,65 cm, 1,71 cm e 1,65 cm
Cidade: Cirene, Barce e Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Cyrene 343 (pl. XXVII.11); BMC *Cyr.*, Barce 48 (pl. XXXVII.19); BMC *Cyr.*, Euhesperides 12 (pl. XXXVIII.20)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

261-258 a.C. – **Moedas reais**

PRATA

82
Anverso: Cabeça diademada de Ptolomeu I à d., com a égide
Reverso: Águia à d. ou à e., sobre o raio
Inscrição: ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ
Data: 261-258 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,95 1,9

Padrão: Fenício
Metal: AR
Denominação: Tetradracma e didracma
Peso: não forneceu; 6,54 g e 6,45 g
Cidade: Cirene; Cirene e Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Coinages, p. cxlii, 5f; Regal Issues 6 (pl. XXIX.1); BMC *Cyr.*, Regal Issues 8 (pl. XXIX.9)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

83
Anverso: Cabeça diademada de Berenice I à d., com pescoço drapeado
Reverso: Clava, com coroa de macieira ao redor
Inscrição: ΒΕΡΕΝΙΚΗΣ ΒΑΣΙΛΙΣΣΗΣ (reverso)
Data: 261-258 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 0,875 1,75

Padrão: Fenício
Metal: AR
Denominação: Didracma
Peso: 6,74 g
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues 9 (pl. XXIX.13)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

BRONZE

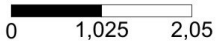
84
Anverso: Cabeça diademada de Ptolomeu I à d., com a égide
Reverso: Raio alado
Inscrição: ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ (reverso)
Data: 261-258 a.C.

Escala gráfica em cm:
0 1,05 2,1

Metal: AE
Diâmetro: 2,10 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues 16 (pl. XXX.2)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

85
Anverso: Cabeça diademada de Ptolomeu I à d., com a égide
Reverso: Proa à e.
Inscrição: ΠΤΟΛ ΒΑΣΙ (reverso)
Data: 261-258 a.C.

Escala gráfica em cm:



Metal: AE
Diâmetro: 2,05 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues 25 (pl. XXX.7)

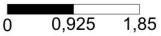
86
Anverso: Cabeça diademada de Ptolomeu I à d., com a égide
Reverso: Águia à e., com asas abertas, sobre o raio
Inscrição: ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ (ou não) (reverso)
Data: 261-258 a.C.

Escala gráfica em cm:

Metal: AE
Diâmetro: 1,93 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues 20 (pl. XXX.4)

87
Anverso: Cabeça diademada de Berenice I à d., com pescoço drapeado
Reverso: Clava; ao redor, coroa
Inscrição: ΒΕΡΕΝΙΝΙΚΗΣ ΒΑΣΙΛΙΣΣΗΣ (reverso)
Data: 261-258 a.C.

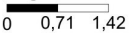
Escala gráfica em cm:



Metal: AE
Diâmetro: 1,85 cm
Cidade: Euespérides
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues 29 (pl. XXX.11)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

88
Anverso: Cabeça diademada de Ptolomeu I à d., com a égide
Reverso: Pégasos à d.
Inscrição: ΠΤΟ ΒΑΣΙΛ (reverso)
Data: 261-258 a.C.

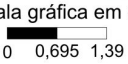
Escala gráfica em cm:



Metal: AE
Diâmetro: 1,42 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues 26 (pl. XXX.8)
Procedência da imagem: Arquivo pessoal (Musée du Cabinet des Médailles, Paris)

89
Anverso: Cabeça diademada de Ptolomeu I à d., com a égide
Reverso: Cavalo livre galopando à e.
Inscrição: obliterada (reverso)
Data: 261-258 a.C.

Escala gráfica em cm:



Metal: AE
Diâmetro: 1,39 cm
Cidade: Cirene
Ref. bibl.: BMC *Cyr.*, Regal Issues 28 (pl. XXX.10)

5. Achados arqueológicos

Introdução

Achamos que seria proveitoso apresentar um capítulo com comentários sobre achados arqueológicos em que constam moedas dos mesmos tipos daquelas de nosso repertório. Serão considerados aqui os achados publicados em dois tipos de trabalhos diferentes: *An Inventory of Greek Coin Hoards* (*IGCH,* 1973), editado por Thompson, Kraay e Morkholm; e os achados feitos em superfície na antiga cidade de Euespérides e que foram publicados por Bond e Swales no artigo "Surface finds of coins from the city of Euesperides", em *Libya Antiqua*, em 1965; e ainda as moedas encontradas nas escavações do Santuário Extra-urbano de Deméter e Perséfone e publicadas por T.V. Buttrey no volume V (The Coins) da série intitulada *Extramural Sanctuary of Demeter and Persephone at Cyrene, Libya. Final Reports*, de 1997 (sob a responsabilidade de Donald White).

Temos de considerar que é de fato um grande trunfo termos em mãos esse tipo de documentação no estudo de um material que raramente é encontrado em superfície em abundância, como aconteceu em Euespérides, ou em escavações, como no Santuário de Deméter e Perséfone. Quanto aos tesouros – nos quais raramente se encontram moedas da Cirenaica –, embora não tenhamos conseguido toda a bibliografia específica para uma análise mais detalhada do conteúdo desses achados, a indicação das moedas encontradas em paralelo com o BMC *Cyr*. no próprio IGCH, o precioso estudo sobre os tesouros de Creta feito por Le Rider (1966) e ainda algum comentário feito por Laronde (1987) nos permitem fazer algumas considerações sobre os tipos encontrados nesses depósitos monetários.

Através dessas evidências, tentando cruzar informações ou trabalhando-as isoladamente quando necessário, tentaremos observar na medida do possível a permanência ou não dessas moedas na Cirenaica, os tipos de metais que circularam ou não, a freqüência dessas moedas dentro dos achados, enfim, explorar os indícios que esses achados nos permitirem, já que acreditamos que o destino que essas moedas tiveram podem ser de alguma utilidade na compreensão dessas emissões, mesmo que as informações sejam lacunares.

a. Os tesouros monetários

IGCH 151, 152, 154 – Hermes Parammon/*silfium* e Apolo Myrtous/*silfium*

Os didracmas de Hermes Parammon/*silfium* foram cunhados repetidamente ao longo de todo o século IV a.C. nos didracmas da Cirenaica. A julgar pelos achados em tesouros monetários, sua circulação ultrapassou as fronteiras da Líbia, além-mar. Em três tesouros encontrados em Creta, todos datados do início do século III a.C., foram encontrados didracmas deste tipo em número considerável. Em Mitrópolis, próximo de Gortina (Mapa 4), em um tesouro (IGCH 151) datado de 280-270 a.C., foram resgatados 27 didracmas que corresponderiam às nossas moedas **48**, **53** e **69**, que foram datados por Morkolm entre 308 e 298 a.C., todos em padrão ródio. Neste tesouro, as moedas de Cirene eram as mais numerosas, mas também foram encontrados 10 Pégasos (da região de Corinto e de Siracusa) (Mapa 4), moeda que a partir de Timoleonte adquiriu um caráter de cunhagem direcionada à guerra, juntamente com denominações menores e em pequeno número de outras localidades.

Também com tipos de Hermes Parammon/*silfium*, nesta mesma ilha, em Festo (Mapa 4) foi descoberto um tesouro (IGCH 152) com 65 didracmas ródios, datado também de 280-270 a.C. Neste tesouro, a grande quantidade de moedas de Cirene só perde em número para a grande quantidade de moedas de Gortina, 119 didracmas.

Também na região central de Creta (IGCH 154), foram encontrados 12 didracmas de Cirene. Do nosso repertório, correspondem aos exemplares **48**, **53** e **69** (Hermes Parammon/*silfium*, em padrão ródio, datados entre 305-298 a.C.) e **72** (este último, também didracma, mas fenício, com a representação de Apolo Myrtous/*silfium*, de 290-83 a.C.). Le Rider data este tesouro em 280-270 a.C., mas para Hackens seria posterior a 270 a.C. Neste tesouro as denominações das diversas localidades são mais numerosas e variadas.

Segundo estudo de Le Rider (1966 : 191-2), todas essas moedas foram levadas para essa ilha por mercenários, provavelmente quando Magas partiu para invadir Alexandria, logo depois da morte de Ptolomeu I. Como sabemos, esta ilha

era um grande centro fornecedor de mercenários, que se distinguiam por fazerem uso do arco em batalhas (PRÉAUX, 1978, I : 315).

IGCH 2276 – Hermes Parammon/*silfium*

Ainda em um outro tesouro, situado na Argélia (IGCH 2276) (Mapa 1), datado da metade do século III a.C., foram encontrados 44 didracmas de Cirene, junto com uma moeda ptolomaica e uma de Alexandre III. Esses didracmas correspondem aos nossos exemplares **53** e **69**, que são os didracmas ródios batidos entre 305 e 298 a.C., também encontrados nos tesouros de Creta.

IGCH 1686 – Apolo Myrtous/lira e Ammon/palmeira

Em Trípoli (Líbia) (IGCH 1686) (Mapa 1) foram encontradas mais de mil moedas de bronze de Cirene. Dessas mil, com exceção de três moedas de bronze com a representação de Ammon e a palmeira (**76**), todas as outras têm a representação de Apolo Myrtous e a lira (**77**). Este tesouro foi datado da metade do século III a.C.

O mais interessante neste tesouro é a grande quantidade de moedas de bronze com Apolo Myrtous no anverso e a lira no reverso, que juntamente com as três de Ammon/palmeira, totalizavam 5,9 kg do metal. E aqui mais uma vez arriscamos a dizer que eles foram utilizados para o pagamento de mercenários, no caso, cartagineses.

IGCH 2299 – Ammon/palmeira

Também nos Açores foi encontrado um tesouro misto (IGCH 2299) – com moedas de ouro e de bronze – que continha uma moeda de bronze de Cirene, correspondente à de Ammon e a palmeira (**71**). Este tesouro foi datado em 200 a.C. e continha ainda moedas de Cartago, de ouro e bronze, em pequenas quantidades.

IGCH 2265 e 2266 – Cavaleiro/*silfium*

Moedas com anverso de cavaleiro e o *silfium* no reverso foram encontradas em dois achados monetários em Túnis (Mapa 1). No primeiro (IGCH 2265), foram encontrados 1/3 de estáteres (**40**). O tesouro foi datado em 300 a.C. por Gauckler

(1899). No segundo tesouro (IGCH 2266), também datado de 300 a.C., foram encontradas duas moedas de ouro de Cirene (**5**), junto com pequenas denominações em ouro de Ptolomeu e de Cartago.

Laronde (1987 : 355) entende que essas moedas tenham sido levadas para Túnis pelos soldados de Ofelas quando de sua investida contra Cartago, e que diante do insucesso da expedição teriam-nas abandonado, dada a pequena quantidade desses achados. O estudioso argumenta que foi justamente nessa localidade que Agátocles se estabeleceu após desembarcar na África em 310 a.C., e que, segundo Diodoro, Ofelas teria acampado próximo dele. Segundo as conjecturas de Gsell (1913, III : 35, *apud* LARONDE, *id., ibid.* : 355), o acampamento se localizaria em Belvedere, onde o primeiro tesouro foi encontrado.

b. Os achados de superfície em Euespérides

Em Benghazi, na área hoje ocupada pelo cemitério Sidi Abeid, foram encontradas na superfície mais de 200 moedas de bronze em uma área que seria o centro da antiga cidade de Euespérides. Elas foram publicadas por Bond e Swales na *Libya Antiqua* em 1965 e forneceram dados para datar a transferência da cidade de Euespérides para uma área mais a oeste, situada a não mais de 3 km dali, que foi batizada de Berenice (atual Sidi Khrebish, também em Benghazi).

Com exceção de duas moedas de Cirene – uma datada por Buttrey como sendo posterior a 258 a.C. e outra do século I a.C.[35] – e uma de Crotona (Mapa 4), todas as peças foram batidas na Cirenaica entre o último quarto do século IV a.C. e a morte de Magas. Mas a nossa preocupação aqui não é a de datar a fundação da cidade de Berenice, mas observar em que medida os tipos batidos em bronze pelas cidades da Cirenaica permaneceram no território (ou circularam pela cidade mais ocidental da Cirenaica). Para tanto, reproduziremos abaixo os tipos encontrados em Euespérides que foram catalogados pelos autores, fazendo referência: aos números que os exemplares encontrados foram catalogados por Bond e Swales; aos tipos correspondentes do nosso repertório; e ainda os números correspondentes aos exemplares trabalhados por Buttrey. Omiti as inscrições e as medidas, pois elas correspondem às reproduzidas em nosso trabalho.

[35] Trata-se de um tipo de cabeça feminina com elmo coríntio/abelha, de 9,7 g e 2,15 cm de diâmetro, datada entre 77 e 24 a.C. e que corresponde ao tipo BMC *Cyr.*, Under the Romans 1.

Alguns tipos por eles catalogados foram omitidos em nossa listagem, pois, devido ao péssimo estado de conservação em que foram encontradas, os autores não conseguiram definir o seu tipo de anverso ou de reverso, de modo que não podemos trabalhar com essas moedas a partir de tipos incompletos. O mesmo motivo levou os próprios autores a não incluírem neste trabalho mais de 60 moedas encontradas no sítio. Das mais de 200 moedas encontradas, somente 137 foram catalogadas.

No mais, alguns tipos publicados por Bond e Swales não foram listados aqui porque a identificação da imagem de anverso ou de reverso era duvidosa (como foi indicada pelos autores com um ponto de interrogação ou com a omissão da descrição da imagem). Uma delas foi descrita por Bond e Swales como cabeça de Ptolomeu jovem no anverso e, no reverso, aljava e clava (EU 132-133), constando um ponto de interrogação ao lado da descrição do tipo. Talvez se constitua de um tipo de anverso com cabeça de Héracles no anverso, mas como não temos a imagem desta moeda não podemos fazer nenhum tipo de afirmação definitiva. Há uma outra moeda aqui descrita, como cabeça de Apolo no anverso e a proa de barco no reverso (EU 134), que também não foi fornecido nenhum correspondente do BMC *Cyr.* Ao lado da descrição também encontramos um ponto de interrogação, e acreditamos que talvez se trate da cabeça de Ptolomeu Soter no anverso com a proa no reverso (BMC *Cyr.*, Regal Issues 25), que traz o monograma de Magas e que foi indicado no nosso repertório com o número **85**. Como dissemos acima, como não podemos confirmar essa identificação, esses tipos não foram incluídos na listagem abaixo.

Listagem de moedas encontradas em Euespérides, com indicação dos seus correspondentes no catálogo de Buttrey e em nosso repertório

Repertório		*Bond e Swales*	*Buttrey*
Cirene			
13	Hermes Parammon/*silfium*	EU 1-2, 17-28	122,127-9, 133-8
14	Apolo/*silfium*	EU 5-6	112-5
16	Cirene/*silfium*	EU 3-4	123
21	Ammon/roda	EU 7, 37-9	139
22	Cavalo/roda	EU 8-12, 29-34	140-9 e 153
23	Cavaleiro/roda	EU 13-6	150-2
59	Gazela/*silfium*	EU 40-1	156
61	Líbia/gazela	EU 47-49, 51-7	165-9 e 70-7
63	Gerbo/caranguejo	EU 42-6	158-64
76	Ammon/palmeira	EU 58-65	194-6
77	Apolo Myrtous/lira	EU 66-82	187-91
79	Líbia/*silfium*	EU 50	192
81	Apolo Myrtous/cavalo	EU 83-90	186
Barce			
30	Cavalo/carneiro	EU 91	–
Euespérides			
26	Héracles/tridente	EU 92-9	–
27	Ammon/tridente	EU 100-1	–
60	Ninfa/*silfium*	EU 102-10	–
Moedas ptolomaicas			
73	Ptolomeu/águia s. raio	EU 116-22	183-5
74	Apolo Myrtous/águia s. raio	EU 112-5	178-82
88	Ptolomeu/Pégasos[36]	EU 123-27	211-5

[36] Bond e Swales interpretam o reverso dos exemplares EU 124-127 (BMC *Cyr.*, Regal Issues 27) como uma cabeça de cavalo saindo de uma concha, e não como um cavalo alado.

c. Cruzando os dados

Dentre os tipos mais numerosos encontrados em superfície em Euespérides, temos as moedas com Hermes Parammon no anverso e o *silfium* no reverso (**13**), totalizando 30 exemplares, em duas denominações que os autores denominariam unidades e quartos. Também no Santuário de Deméter, essa moeda figurou com boa freqüência: 10 exemplares nas duas denominações. Observamos que a representação de Hermes Parammon não figura em bronze nos tesouros monetários até a publicação do último IGCH, em 1973; mas esses mesmos tipos circularam em Creta e na Argélia nas moedas de prata, batidas em padrão ródio.

Também o cavalo com a roda (**22**) tem boa freqüência na circulação local. Em Euespérides foram encontrados 11 exemplares, em duas denominações, meios e oitavos. No Santuário de Deméter, temos o mesmo número total, mas em meios e quartos. Não temos notícias de achados de moedas com esta combinação de tipos nos tesouros monetários.

Com representação de Líbia no anverso e gazela no reverso (**61**) foram encontrados 10 exemplares em superfície em Euespérides, em quartos e oitavos. No Santuário de Deméter e Perséfone, foram encontrados 13 exemplares, entre meios e oitavos.

Por fim, temos ainda mais uma observação a fazer sobre duas peças em especial, que consistem da representação de Ammon no anverso com a palmeira no reverso (**76**) e de Apolo Myrtous no anverso e a lira no reverso (**77**). Buttrey (1997 : 5) nos informa que, em Berenice (Sidi Khrebish), foram encontrados 8 exemplares de Ammon com a palmeira e 3 de Apolo com a lira. No Santuário, elas não são tão numerosas: figuram em 5 e 3 exemplares, respectivamente. Em Euespérides, elas foram encontradas em número de 8 e 17, que são quantidades significativas para achados de superfície. Como essas cunhagens foram encontradas em Berenice, uma cidade datada de depois da anexação da Cirenaica ao Egito, supomos que elas tenham continuado a circular muitos anos depois de terem sido batidas. E mais: depois de terem entrado em circulação as moedas reais com a representação de Soter no anverso e Líbia no reverso.

Mas o que é mais importante é que moedas com esses mesmos tipos também foram encontradas em tesouros monetários. Lembramos que tanto a moeda **76** quanto a **77** constavam de um tesouro em Trípoli (IGCH 1686) – em que havia

grande quantidade especialmente de Apolo no anverso com a lira no reverso – e que uma moeda com Ammon no anverso e a palmeira no reverso estava presente em um tesouro nos Açores (IGCH 2299). Esses dados, em conjunto, nos revelam como essas moedas, batidas em Cirene e em nome de Cirene, não foram encontradas somente na cidade, como atestam os achados do Santuário de Deméter e Perséfone. Elas circularam durante algum tempo na direção oeste da Cirenaica, em Euespérides e Berenice, indo parar até mesmo fora da Cirenaica, como Trípoli e os Açores.

***

Para fechar este capítulo, acrescentamos que Buttrey, em seu catálogo, nos informa que foram encontrados nas escavações do Santuário Extra-urbano de Deméter e Perséfone, dos anos de nosso interesse, duas moedas de bronze de Rodes, datadas entre 333 a.C. e 304 a.C., do tipo de cabeça de Rhodos no anverso e a rosa no reverso (BMC *Caria*, p. 238, 74). E ainda três exemplares, também em bronze, da Córcira, datados entre 300 a.C. e 229 a.C., com cântaro no anverso e cacho de uva no reverso (BMC *Thes.*, p. 132, 280).

Também em Euespérides, nos achados de superfície, foi encontrada uma moeda de bronze de Crotona, que foi catalogada por Bond e Swales como EU 111. Este exemplar tem no anverso a representação de Perséfone com coroa de cereais e no reverso três crescentes. Ela foi datada pelo autor (1965 : 101) da segunda metade do século IV a.C.

TABELA DAS MOEDAS DO REPERTÓRIO

Número	Tipo anverso	Tipo reverso	Metal	Padrão	Denominação
1	Quadriga	Lycaios	AU	Ático	Estáter
2	Quadriga	Ammon	AU	Ático	Estáter
3	Quadriga	Ammon	AU	Ático	Estáter
4	Quadriga	Ammon	AU	Ático	Estáter
5	Cavaleiro	Silfium	AU	Ático	Hemiestáter
6	Atena coríntio	Silfium	AU	Ático	1/4 de estáter
7	Ammon	Cirene	AU	Ático	Décimo
8	Ammon	Líbia	AU	Ático	Décimo
9	Parammon	Cirene	AU	Ático	Décimo
10	Cirene	Parammon	AU	Ático	Décimo
11	Parammon	Líbia	AU	Ático	Décimo
12	Parammon	Carneiro	AU	Ático	Décimo
13	Parammon	Silfium	AE		2,30 e 1,52 cm
14	Apolo	Silfium	AE		2,15 cm
15	Ammon	Silfium	AE		2,15 cm
16	Cirene	Silfium	AE		2,05 cm
17	Cavaleiro	Silfium	AE		1,65 cm
18	Líbia	Silfium	AE		1,39 cm
19	Atena ateniense	Silfium	AE		1,39 cm
20	Atena coríntio	Silfium	AE		1,52 cm
21	Ammon	Roda	AE		2,40 cm
22	Cavalo	Roda	AE		2,28 cm
23	Cavaleiro	Roda	AE		1,97 cm
24	Cavalo	Roda	AE		1,95 e 1,39 cm
25	Héracles	Clava	AE		2,54 cm
26	Héracles	Tridente	AE		2,54 cm
27	Ammon	Tridente	AE		2,03 cm
28	Golfinho	Tridente	AE		1,52 cm
29	Ammon	Carneiro	AE		2,03 cm
30	Cavalo	Carneiro	AE		1,90 cm
31	Atena coríntio	Niké	AU	Ático	Estáter e hemiestáter
32	Dioniso	Silfium	AR	Ático	Didracma
33	Parammon	Silfium	AR	Ático	Didracma
34	Dioniso	Atena Alkidemos	AR	Ático	Didracma
35	Parammon	Hermes	AR	Ático	Didracma
36	Dioniso	Eros	AR	Ático	Didracma
37	Ammon	Tumba de Batos	AE		2,15 cm
38	Ártemis	Niké	AE		2,03 cm
39	Cavaleiro	Silfium e palmeira	AU	Ático	Hemiestáter
40	Cavaleiro	Silfium	AU	Ático	1/3 de estáter
41	Parammon	Silfium	AR	Ático	Didracma e tri-hemióbolo
42	Dioniso	Silfium e palmeira	AR	Ático	Didracma
43	Ammon	Palmeira	AE		2,10 cm
44	Parammon	Cirene	AU	Ático	1/11 de estáter
45	Ammon	Ártemis	AU	Ático	1/11 de estáter
46	Ammon	Cirene	AU	Ático	1/11 de estáter
47	Ammon	Silfium	AR	Ródio	Tetradracma
48	Parammon	Silfium	AR	Ródio	Didracma
49	Atena coríntio	Niké	AU	Ático	Estáter e hemiestáter
50	Héracles	Zeus	AR	Ático	Tetradracma
51	Ammon	Raio	AU	Ático	1/12 de estáter
52	Aljava	Silfium	AU	Ático	1/12 de estáter
53	Parammon	Silfium	AR	Ródio	Didracma
54	Ísis	Silfium	AR	Incerto	Dracma
55	Apolo	Estrela	AR	Incerto	Óbolo

56	Ísis	Águia	AR	Incerto	Óbolo
57	Ammon	Atena ateniense	AR	Incerto	Óbolo
58	Cavalo	Lira	AR	Incerto	Óbolo
59	Gazela	Silfium	AE		1,85 cm
60	Ninfa	Silfium	AE		1,77 cm
61	Líbia	Gazela	AE		1,60, 1,52 e 1,14 cm
62	Caranguejo	Gerbo	AE		1,48 cm
63	Gerbo	Caranguejo	AE		1,39 cm
64	Parammon	Silfium	AE		1,27 cm
65	Ammon	Atena ateniense	AE		1,14 cm
66	Ptolomeu	Alexandre	AU	Fenício	Estáter
67	Ptolomeu	Niké	AU	Ático	1/3 de estáter
68	Ammon	Silfium	AR	Ródio	Tetradracma
69	Parammon	Silfium	AR	Ródio	Didracma
70	Parammon	Silfium	AR	Ródio	Didracma
71	Quadriga	Ammon	AU	Fenício	Estáter
72	Apolo Myrtous	Silfium	AR	Fenício	Didracma
73	Ptolomeu	Águia	AE		1,77 cm
74	Apolo Myrtous	Águia	AE		1,65 cm
75	Héracles	Aljava e clava	AE		1,60 cm
76	Ammon	Palmeira	AE		2,10 e 1,65 cm
77	Apolo Myrtous	Lira	AE		2,04 cm
78	Ammon	Aljava	AE		1,90 cm
79	Líbia	Silfium	AE		1,76 cm
80	Apolo Myrtous	Aljava	AE		1,71 cm
81	Apolo Myrtous	Cavalo	AE		1,65, 1,71 e 1,65 cm
82	Ptolomeu	Águia	AR	Fenício	Tetradracma e didracma
83	Berenice	Clava	AR	Fenício	Didracma
84	Ptolomeu	Raio	AE		2,10 cm
85	Ptolomeu	Proa	AE		2,05 cm
86	Ptolomeu	Águia	AE		1,93 cm
87	Berenice	Clava	AE		1,85 cm
88	Ptolomeu	Pégasos	AE		1,42 cm
89	Ptolomeu	Cavalo	AE		1,39 cm

6. Análise dos tipos monetários

Introdução

Como podemos observar a partir do nosso repertório, os tipos locais da Cirenaica predominaram nas cunhagens até o governo de Magas independente. Que Magas governando independente em relaçao ao Egito tenha lançado mão de tipos locais para suas moedas, isso é compreensível. Mas mesmo após Ptolomeu I impor um padrão monetário único para as cunhagens da região no começo do século III a.C., são os tipos locais que estampam as moedas das cidades. E é a partir de uma reflexão e comparação sobre o uso de determinados tipos principais em momentos diferentes, em denominações e padrões monetários específicos dentro deste intervalo maior que podemos trazer esclarecimentos sobre a cidade e sobre o posicionamento das diversas facções em relação ao controle ptolomaico desde 322 a.C. Se associarmos os tipos monetários às inscrições, este estudo se enriquece ainda mais e nos mostra aspectos interessantes sobre a política naquele momento. Fazendo um paralelo do conjunto dos aspectos observados com as nossas fontes textuais, podemos perceber como a análise dos tipos monetários pode ser reveladora e trazer à tona sutilezas do momento político que os autores antigos não mostraram. E é justamente isto que nos propomos neste trabalho.

***

Como observa Florenzano (1999 : 37), mesmo que uma moeda seja batida em metal precioso e que nela contenha as mais diversas informações – como o tipo, o sistema ponderal, as inscrições –, a primeira coisa que chama a atenção quando colocamos uma moeda antiga em nossas mãos é a imagem que ela traz em suas duas faces. Somente depois da primeira olhada, em que o tipo monetário foi contemplado, é que as outras informações são observadas.

E não somente é relevante o fato de a imagem ser o que mais nos atrai em um primeiro instante. A grande diversidade de tipos que estamparam as moedas antigas é de se considerar. Como toda *pólis* que fosse suficientemente rica para ter acesso a metal e para manter atividades que demandassem o uso do disco metálico

em algum momento bateu suas próprias moedas, essas representações são muito variadas (FLORENZANO, 1995 : 223).

Através das figuras estampadas, os tipos monetários expressavam características do Estado emissor. Fossem elementos da flora e da fauna característicos de uma localidade, ou divindades cultuadas regionalmente ou fundadoras da cidade e seus atributos, ou ainda imagens que faziam referência a elementos fonéticos relacionados a esse Estado (como a foca da Focéia, a rosa de Rodes) (FLORENZANO, 1995 : 224), foram tão variadas essas representações que seu estudo nos fornece informações valiosas sobre os mais diversos aspectos das sociedades antigas.

Sendo a moeda uma forma que a *pólis* encontrou de expressão do poder político constituído – fosse ele democrático, oligárquico ou tirânico –, a imagem servia aos interesses tanto da comunidade como um todo, ou para divulgar o prestígio de governantes únicos, ou ainda se referiam a grupos pequenos instalados no poder da cidade. Pois a moeda era um instrumento de afirmação política, destinada a circular e mostrar não somente à sua comunidade, mas também às outras, o poder emissor que fazia uso desse instrumento. (*id.*, *ibid.* : 224)

Embora a moeda por ela mesma forneça elementos suficientes para a sua compreensão e interpretação – já que, além da imagem, ela carrega as inscrições –, ainda assim lançaremos mão de outros recursos para ampliarmos a análise de suas representações. Lacroix (1975 : 154) já nos provou como pode ser proveitoso nesse estudo recorrer às fontes literárias, epigráficas, arqueológicas e ainda aos estudos etimológicos dos antigos para se aprofundar no significado das informações que o disco metálico carrega e tentar inserir esse significado no universo que emitiu a moeda.

Por outro lado, interpretar as imagens que a moeda antiga carrega sempre foi um desafio para os numismatas. Mesmo lançando mão de modelos interpretativos e de critérios rígidos nesta tarefa, as regras que ocasionaram a escolha de uma imagem nem sempre nos são claras. E muitas vezes temos de recorrer a um pouco de intuição para afirmarmos se foram razões políticas, religiosas ou artísticas que motivaram a escolha da imagem figurada (CALTABIANO, 1998 : 57 *apud* FLORENZANO, 1999 : 37).

E diante das infinitas possibilidades de interpretação que a imagem neste tipo de suporte possa fornecer, como observa Florenzano (1999 : 38) temos de ter em mente o que buscamos neste estudo, qual pergunta fazemos à moeda. De outro modo, o numismata se perderia, sem obter respostas que a moeda de fato possa fornecer. No estudo aqui proposto, como foi dito anteriormente, nosso objetivo é compreender a escolha de determinados tipos monetários em certos momentos históricos e de que forma este tipo se articula com as inscrições para revelar os aspectos políticos das cidades, expressos como mensagem e como afirmação de identidade e de expressão política nestas moedas.

Silfium

Dentre os tipos locais, o *silfium* é o que merece iniciar esta análise por vários motivos. Além de ser o tipo mais recorrente neste repertório, embora figurado sempre no reverso, o *silfium* foi o primeiro tipo batido em Cirene, a primeira cidade do platô a cunhar moedas. Foi também o primeiro tipo a ser batido pelas outras duas cidades do platô que tiveram uma cunhagem significativa, Barce e Euespérides. Ele foi também a imagem escolhida para ilustrar as moedas das alianças feitas entre Barce e Cirene (BMC *Cyr.*, Barce 49, pl. XXXVIII.1) e entre Barce e Taucheira (BMC *Cyr.*, Barce 50 e 51, pl. XXXVII. 21 e XXXVII.20) na segunda metade do século V a.C. Além disso, ele também marcou presença nas moedas do *Koinon*.

Além das moedas de Cirene propriamente, em que ele foi majoritariamente representado no anverso, notamos que o *silfium* foi utilizado no reverso das moedas tanto de Barce como de Euespérides, desde 480 a.C., em geral tendo como reverso Zeus Ammon. Como podemos observar a partir do nosso histórico de cunhagens da Cirenaica, ele foi o único tipo de anverso estampado nas cunhagens de Barce nos últimos 50 anos da dinastia dos Batíadas. E nas cunhagens de Euespérides, embora muito lacunar, ele sempre esteve presente nos momentos em que foram emitidas moedas, também desde 480 a.C. Nessas cunhagens, batidas pelas duas cidades, era utilizado o étnico como inscrição de cada uma delas. A partir de 435 a.C., o *silfium* também começa se combinar com Hermes Parammon, mas mesmo assim em uma minoria das cunhagens com *silfium* no anverso.

Nas moedas da Aliança que se formou entre as cidades da Cirenaica depois de *c.* 450 a.C., Barce e Cirene bateram tetradracmas áticos com *silfium* no anverso e

Ammon no reverso com a inscrição de Barce (BMC *Cyr.*, Barce 49). Barce e Taucheira cunharam tetradracmas áticos e dracmas asiáticos também com representações do *silfium* no anverso e Ammon no reverso (BMC *Cyr.*, Barce 50 e 51) e com a inscrição de Taucheira no anverso e de Barce no reverso. Já Cirene e Euespérides bateram tetradracmas áticos com anverso de *silfium* e reverso de Ammon, tendo como inscrição de anverso as iniciais de Euespérides e no reverso as de Cirene (BMC *Cyr.*, Introduction 60c-e).

Stazio (1999) fez um estudo que discorre sobre o uso do tipo monetário de uma cidade no anverso como expressão da soberania desta cidade sobre outras de uma mesma região. Segundo este autor, depois da difusão da moeda pelas *póleis* gregas, o símbolo da cidade estampado na moeda transformou-se no seu emblema cívico e assumiu o caráter político da autoridade emissora oficial. Portanto não se pode deixar de reconhecer um valor político na adoção do tipo monetário de uma dada cidade por outra cidade ou comunidade. Essa adoção, se integral, pode ser interpretada como o reconhecimento da posição hegemônica da cidade detentora de tal tipo. Através da adoção do trípode de Crotona no anverso, ele mostra como foi feita uma aliança entre essa cidade, soberana, e Síbaris, que tem seu símbolo, o touro, no reverso. As inscrições compõem-se de étnicos de diversas localidades vizinhas (*id.*, *ibid.* : 411-3), submetidas a Crotona, e em segunda instância, a Síbaris.

Mas o que nos interessa neste estudo é demonstrar que mesmo que a inscrição seja feita no anverso em nome de outra cidade que não aquela representada pelo tipo principal, é o tipo monetário que representa a soberania de uma cidade sobre as outras, identificadas pela inscrição (*id.*, *ibid.* : 412).

No caso do *silfium*, podemos notar que ele foi consagrado no mundo antigo como o símbolo da cidade de Cirene. E que foi utilizado pelas outras cidades a partir de um dado momento, talvez como forma de expressão de uma unidade federal que tinha Cirene como soberana. De fato, sob Batos IV, Barce foi submetida a Cirene, embora Barce tenha prosperado mais do que esta propriamente.

O *silfium* foi o principal produto explorado pelos gregos do platô e ao qual a Cirenaica devia a sua riqueza. Essa planta nativa – de que se tem notícia somente na Cirenaica e somente na Antiguidade – crescia nas estepes pré-desérticas, e foi amplamente explorada nas redondezas de Euespérides. Era uma planta anual, que

não crescia na área cultivada e se reproduzia espontaneamente – suas sementes eram dispersas pelo vento do sul nas estepes (PRESICCE, 1994 : 86).

Toda a planta era aproveitada, a raiz, o talo, as folhas e flores. Ela era utilizada como legume na culinária; do seu talo e da raiz se faziam *pickles*, e servia de forragem ao gado. Para exportar o *silfium*, segundo Teofrasto (*Hist. Plant.*, IV, 3, 1) e Plínio (XIX, 3), misturava-se o suco – extraído da raiz – à farinha. Ele servia como contraceptivo, aperitivo, purgativo, adstringente, antisséptico.

Há diversas opiniões entre os estudiosos a respeito de qual divindade presidiria a planta que fez a riqueza da Cirenaica. Alguns, como Robinson, são da opinião de que seria a ninfa Cirene. Mas não encontramos argumentação convincente sobre essa atribuição à ninfa local. Em 1994, Presicce lançou um artigo na revista *Libyan Studies* (1994 : 85-100) em que defendia que o *silfium* na Cirenaica era associado a uma deusa que tramitava tanto na esfera helênica como naquela dos líbios, a Panacéia. Segundo este autor, entre os gregos essa deusa era considerada uma das filhas de Asclépio. Na Cirenaica, além do poder curativo, os aspectos da fertilidade e da regeneração espontânea estão subentendidos na sua representação. Ela foi figurada na estatuária entre o século V e III a.C., sempre de produção local – o mesmo intervalo de tempo em que seria representada nas moedas. Os seus atributos eram o *silfium*, a gazela, um pequeno recipiente, o *pólos* e às vezes um diadema ou uma coroa.

Em um depósito votivo de Apolônia, da primeira metade do século IV a.C., foram encontradas estatuetas (em calcário e em terracota) da deusa, assim como na *chora* de Cirene, na antiga estrada que ligava Cirene a Derna (Mapa 3), sob as atuais habitações da cidade de Shahat. Deste mesmo período datam três altares consagrados à deusa; mas Presicce chama a atenção para a importância da existência de altares com inscrições que atestam que ela foi adorada ainda juntamente com outros deuses (*synbomos*) – um em associação a Apolo e Afrodite; outro com Hécate (deusa lunar associada ao ciclo da vida, deusa muito importante em Cirene), Héracles (que em Cirene estaria associado ao matrimônio, como em Cós) e Hígia (que juntamente com Panacéia estão ligadas às capacidades terapêuticas) –, no interior do Santuário de Apolo, em Cirene, na esfera de Asclépio (PRESICCE, 1994 : 93).

Figuras 18 e 19. À esquerda, estatuetas de terracota com a representação da "deusa do *silfium*", datadas do século IV a.C. A deusa tem nas mãos um ramo de *silfium* e a gazela ao seu lado (Museu das Esculturas, Shahat). À direita, anverso de tetradracma de prata do final do período arcaico com representação da "deusa do *silfium*" (BMC *Cyr*., Cyrene 12a, pl. III.1). Extraídas de: PRESICCE, 1994 : 89 e 93.

Enquanto Aristeu é considerado no panteão da Cirenaica como o descobridor do *silfium* e Panacéia está ligada a suas propriedades terapêuticas e a sua regeneração espontânea, o "dom de Aristeu" (1953 : 248) somado às inúmeras propriedades terapêuticas e culinárias presididas pela "deusa do *silfium*" acabaram por abrir a esta colônia as portas para o comércio com diversas cidades do mundo grego. Devido à preponderância das fontes literárias atenienses, é de lá que temos mais notícias sobre o consumo deste produto fora da Cirenaica.

O primeiro a fazer referência a esta planta foi Sólon (*Pollux*, X, 103 *apud* PRESICCE, 1994 : 86), o reformador ateniense. No século V a.C., Aristófanes nos fala desta planta como de uso corrente em Atenas (*Cavaleiros*, 894; *Aves*, 534) como condimento. Heródoto (IV, 169 e 192) nos informa que o *silfium* cresce da ilha de Platéia até a Sirte, no território dos nômades (Mapa 3). Teofrasto (IX, 7, 7) afirma que os líbios faziam a coleta do *silfium*. Ao cunhar a frase "o *silfium* de Batos" (*Pluto*, 925), Aristófanes sinaliza para o fato de que a comercialização do *silfium* era monopólio dos Batíadas.

Catulo (VII, 4) diz que a Cirenaica é a terra do *silfium*. Mas talvez a definição de François Chamoux seja mais exata quando disse que o *silfium* fez a fortuna de Cirene (1953 : 246). Pois o *silfium*, que crescia em território que pertencia aos líbios, era colhido pelos nômades. Como vimos anteriormente, a escolha do sítio pelos gregos na verdade foi feita pelos líbios (HERÓDOTO, IV, 158), que conduziram os

gregos ao platô onde seria construída a cidade de Cirene, nas margens da qual crescia o *silfium*.

Ao que tudo indica, houve um acordo entre as partes de que a coleta e o preparo do produto seriam feitos pelos líbios, enquanto os gregos organizariam a distribuição e a exportação do produto – ou então o produto seria cobrado como tributo aos líbios em troca das vantagens econômicas que a cidade grega proporcionaria aos grupos indígenas (PRESICCE, 1994 : 86).

Outra sugestão de que este produto foi monopolizado pelos reis da dinastia está na representação iconográfica da "Taça de Arcesilas", também conhecida como a "Pesagem do *silfium*". A produção desta cerâmica é datada entre o fim do século VII e o começo do VI a.C. A julgar pela técnica de fabricação e pela proveniência da argila[37], é uma cerâmica lacônica. O alfabeto das inscrições é de Esparta, onde podemos ler a palavra Σλιφόμαχος (uma espécie de nome próprio que pode ser associado à palavra "*silfium*") saindo da boca do personagem que está de pé, à direita (CHAMOUX, 1953 : 244-245).

Figura 20. Representação em cerâmica da "Pesagem do *silfium*" (Cabinet des Médailles). Extraída de: CHAMOUX, 1953, pl. VI.

[37] Na Cirenaica, a argila não era apropriada à produção de cerâmica mais fina, somente às de uso cotidiano e terracota.

Na cena, podem ser identificados nove personagens. O rei, que tem na mão esquerda um cetro e está posicionado na extremidade esquerda da cena, encontra-se sentado em um banco, assistindo ao trabalho dos outros personagens. A sua frente, cinco homens pesam em uma balança de pratos algum produto esbranquiçado. Dois entre eles controlam o prato da esquerda; outros dois erguem um saco em cestaria; o quinto deles, atrás, segura outro saco, que parece estar vazio. No exergo, abaixo, dois carregadores, vestidos com panos, pegam os sacos para colocá-los ao lado de outros que se encontram ali. Um terceiro, vestido com um manto, observa a operação.

Segundo a interpretação dada por Chamoux (1953 : 259), a cena está dividida em dois planos. Acima, o tecido estendido parece constituir uma tenda que abriga o rei do sol. O rei assiste à pesagem do produto, que é pago pelos nativos como tributo. Dois funcionários verificam se o peso está de acordo com o tributo cobrado, e os outros dois colocam o *silfium* dentro do cesto para ser depositado dentro de um silo real.

Teofrasto (VI, 3, 2) escreve que nas caves de Cirene encontravam-se verdadeiras minas de *silfium*. Pelas escavações empreendidas na ágora de Cirene, temos notícias de que embaixo da ágora, em período romano, havia galerias subterrâneas de época imperial que eram utilizadas como armazéns. Para os períodos mais recuados, Chamoux (1953 : 261) acredita que a estocagem do *silfium* poderia ter sido feita nas diversas grutas naturais ou artificais, abundantes em toda a região.

Mas em algum momento o *silfium* se extinguiu, pois os botanistas de hoje não encontram uma planta que tenha propriedades equivalentes ao *silfium* da Cirenaica. Não sabemos exatamente quando ocorreu o total desaparecimento da planta. Estrabão (XVII, 837) diz que o *silfium* foi destruído pelos bárbaros nômades em hostilidade aos gregos. Plínio (III, 4), se por um lado diz que Cesar, no começo da guerra civil, encontrou no tesouro público uma reserva de *silfium* que havia sido paga como tributo a Roma pela Cirenaica, por outro lado, o mesmo autor diz que um talo de *silfium* foi enviado a Nero como um presente raro (XII, 100). Já no século IV d.C., Sinésio (*Epístola,* 106 apud PRESICCE, 1994 : 87) conhece o *silfium* da Cirenaica como uma simples planta ornamental no jardim de uma casa.

Mas voltando às nossas moedas, notamos no Gráfico 2 que ele está presente como tipo principal sozinho 27 vezes, além de figurar associado à roda (**23**), como um tipo secundário ou menos importante, e à palmeira (**39** e **42**), lado a lado com esta. E não somente ilustrou exaustivamente as moedas do platô, mas também foi associado na literatura antiga sempre aos gregos da Líbia e à dinastia que fundou a colônia.

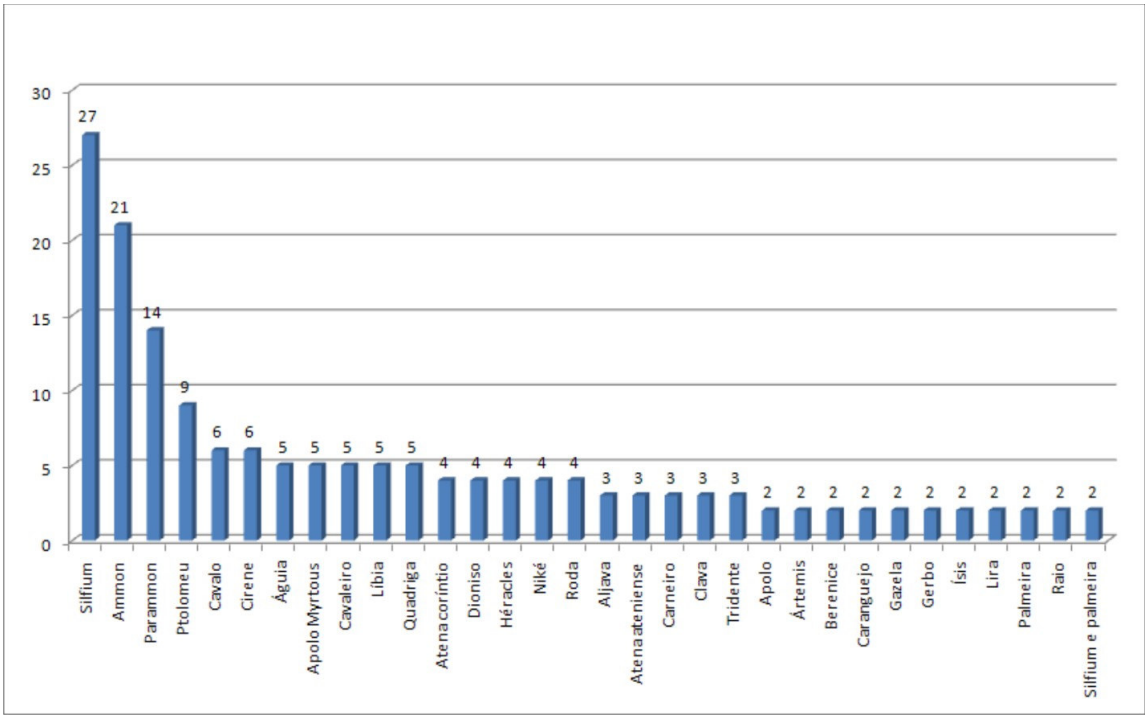


Gráfico 2. Ocorrências dos tipos monetários mais representados no repertório
** Não incluímos os tipos que aparecem somente uma vez no repertório de moedas.*

Neste repertório ele figura com os mais variados tipos, de modo que seria exaustivo descrevermos aqui todas as combinações de anverso que acompanharam o símbolo de Cirene ao longo desses mais de sessenta anos. Mesmo porque, para interpretarmos esta representação, precisamos analisar seu uso ao longo de um tempo ainda mais extenso do que o do recorte aqui proposto. Por isso, pinçaremos aqui algumas moedas em que o seu uso neste repertório nos trazem indicativos mais evidentes do posicionamento do grupo social que esta imagem estaria representando.

Como vimos anteriormente, o *silfium* representou no passado a vitória de uma aristocracia envolvida na exploração do *silfium*, que tinha como rival uma outra

facção detentora de grandes propriedades, instalada em Cirene, Barce e Euespérides. O *silfium*, portanto, representa a facção aristocrática dos thereus. Como veremos na análise da imagem de Zeus Ammon, o "deus da Líbia" e o *silfium* representariam, dentro de um contexto de instabilidade social, facções não concordantes com relação à intervenção de Ptolomeu, daí eles não serem representados em uma mesma moeda em alguns momentos decisivos dos anos abordados nesta pesquisa.

Outro ponto marcante na representação do *silfium* como tipo principal neste repertório é o fato de que ele não figura nas cunhagens de Barce. Barce foi fundada como resultado de uma oposição dentro da família batíada e abrigou não somente aqueles que também faziam resistência aos Batíadas, mas ainda uma aristocracia líbia que em diversos momentos fez oposição a Cirene.

Já em Euespérides, as relações com essa aristocracia de Cirene não parecem ter sido tão conflituosas. Cidade localizada próxima de grandes grupos líbios, próxima da área onde o *silfium* crescia, certamente ali também estava instalada uma aristocracia que se beneficiaria da exploração da planta. Foi ali que Arcesilas IV instalaria uma colônia de mercenários e buscaria refúgio em caso de urgência.

No intervalo de nosso interesse, quando da chegada de Ptolomeu a Cirene, a aristocracia que apoiou os Batíadas seria a mesma que deu apoio ao monarca lagida e que teria partido para o Egito para pedir auxílio a Ptolomeu quando da guerra contra Thibron. Por isso, o *silfium* carrega a inscrição KYPANAION ΠΤΟΛΕΜΑΙΩ, que expressa a intervenção de Ptolomeu sobre o território (**32** e **33**). Por outro lado, ele não figura como tipo principal nas moedas emitidas durante a revolta democrática. Ao que tudo indica, seria essa parcela da sociedade que se refugiou na Acrópole quando desta revolta e que Diodoro (XIX, 79) a denominaria como "os fiéis a Ptolomeu".

Na expedição contra Cartago, em que Ofelas faria um acordo com Agátocles para dominar esta região do Norte da África, que fazia fronteira com a Cirenaica e constituía a maior potência comercial do Mediterrâneo ocidental no século IV a.C., o *silfium* aparece no reverso de um hemiestáter (**39**) e de um didracma (**42**) dividindo o bojo com a palmeira de Cartago. Nesta composição, o *silfium* parece significar a

união de dois territórios sob um só governo, o de Ofelas. Para esta aristocracia theréia, seria interessante enviar para Cartago os democratas que haviam acabado de se revoltar contra Ptolomeu, de modo que a cidade ficaria livre dessa parcela de população desprivilegiada, sem terras.

Na revolta antimonárquica, entre *c.* 305 e 300 a.C., o *silfium* figura em algumas cunhagens, mas não se combinaria ao Ammon, e sim ao Hermes Parammon (**53**). Estes mesmos tipos comporiam uma moeda de Euespérides que traz ao reconhecimento de título real de Ptolomeu através do uso da inscrição ΒΑΣΙ (**70**), logo que Ptolomeu retomou o "controle" da região.

Depois de 290 a.C., o *silfium* se torna cada vez mais escasso como tipo monetário. Podemos entender com isso que, sendo uma facção pouco numerosa, embora ela desse apoio a Ptolomeu, ela não constituía a autoridade emissora mais forte dentro da cidade neste contexto. E se ela ainda sobreviviria, embora escassamente na cunhagem da região, seria porque ela era um contrapeso aos grupos que se opunham à influência de Ptolomeu nos assuntos das cidades.

Sob Magas independente, essas forças opostas dentro da cidade parecem ter se atenuado, e a diminuição das rebeliões internas atestam isso. Deste modo, o *silfium* figura nos tipos autônomos batidos nas moedas de bronze de Magas – ou d cidade –, mas mesmo assim somente em uma moeda, como tipo principal de reverso, tendo no anverso a cabeça da Líbia (**79**).

Ele não figura como tipo principal nas moedas de Magas reconciliado com Ptolomeu II, mas acreditamos que esta facção seria a mesma que durante o *Koinon* apoiaria a entrega da Cirenaica ao Egito. Em período romano, o *silfium* vai figurar em uma moeda apenas, no reverso de uma pequena denominação em bronze, com a deusa Líbia no anverso, entre 67 e 24 a.C. (BMC *Cyr.*, Under the Romans 26).

Para Chamoux (1953 : 252), esse desaparecimento do *silfium* das moedas está associado à perda de autonomia da cidade quando do domínio lagida mais do que a uma rarefação da planta – que só teria acontecido mais tarde. Também Presicce (1994 : 97) acredita que a produção do *silfium* não diminuiu necessariamente. Que o fato de ter desaparecido das moedas deve-se mesmo à centralização da produção do *silfium* pelos lagidas e, com isso, à perda da identidade da cidade nas moedas, que passaram então a ser cunhadas somente em

nome do rei, não mais da cidade. Segundo este estudioso (*ibid.* : 94, 96) a sua representação reflete uma mudança na exploração da planta após a queda da dinastia. O monopólio do *silfium* teria ficado nas mãos dos Batíadas até a queda da monarquia, no século V a.C., quando os benefícios da exploração desta planta recaíam sobre toda a comunidade. Depois disso, somente uma parte da comunidade da Cirenaica herdou a gestão da distribuição e da exportação do suco da planta.

No Decreto de Fundação (Anexo 2), datado do século IV a.C., notamos que esta aristocracia theréia redigiu um documento que buscava não somente o reconhecimento de sua identidade como fundadora da colônia, mas ao que parece criava um estímulo para que os thereus viessem a viver na Cirenaica, gozando de cidadania plena. Este grupo, que deve ter sofrido perdas depois das diversas revoltas que ocorreram em época republicana, com o exílio e morte de aristocratas, talvez estivesse precisando incrementar a parcela reduzida que ali se encontrava e que perdia gradualmente sua representatividade política. Tudo indica que os outros grupos que compunham a sociedade cirenaica, no século IV a.C. no máximo, já tivessem um número de representantes muito mais numeroso do que a aristocracia fundadora. Com isso, compreendemos porque o *silfium* aparece no reverso, em posição de submissão em relação aos outros tipos monetários da cidade, embora ele estivesse presente e fosse, mesmo no reverso, a iconografia mais recorrente deste repertório.

Zeus Ammon

Não sabemos em que momento Ammon começou a ser adorado pelos cireneus e se seu culto foi inspirado pelo Amon egípcio, se pelo de Siwa ou ainda por um deus carneiro pré-dório, que teria sido trazido a Cirene pelos peloponésios. A versão mais aceita é a de que o Zeus Ammon da Cirenaica tenha sido assimilado ao Amon egípcio (ROBINSON, 1965 : ccxxxiii) e que sua assimilação com Zeus foi feita primeiramente pelos gregos do platô. Isso porque Píndaro faz referência a esta divindade como “o deus da Líbia”, com os qualificativos de “Zeus” ou “mestre do Olimpo” (IV, 14-6; IX, 51-3), associação também feita por Heródoto (II, 42; II, 55). Nesta linha, os cireneus, a julgar pelas relações que Cirene tinha com Esparta, teriam propagado o culto e a imagem de Zeus Ammon pela Grécia.

Sabemos pelas fontes textuais que os egípcios adoravam Amon, deus que tinha como animal sagrado o carneiro e possuía um oráculo em Tebas (HERÓDOTO, II, 42; II, 54) (Mapa 4). Mas também os líbios cultuavam um deus carneiro que tinha oráculo em Siwa (HERÓDOTO, I, 46; II, 18) e que recebeu o nome de Ammon ou por associação ao Amon egípcio (HERÓDOTO, IV, 181) ou porque em grego άμμος (*ámos*) significa "areia", subentendendo-se com isso "nascido das areias do deserto" (*Mytographus Vaticanus*, 3, 3, 9 *apud* LECLANT e CLERC, 1981 : 668).

Mas Pausânias nos informa ainda que desde o século VI a.C. temos referências à existência de um templo de Ammon no Gythion (PAUSÂNIAS, III, 21, 8) e em Esparta (*id.*, *ibid.*, III, 18, 3), e em Tebas (Beócia) ao menos desde o século V a.C. (*id.*, *ibid.*, IX, 16, 1) (Mapa 4). A propósito, foi neste templo da Beócia que Píndaro consagrou uma estátua do deus feita pelo artista Calamis e no santuário de Siwa gravou um hino a Ammon (PÍNDARO, *Pythiques*, IV, 14-16; IX, 51-53), que provavelmente teve como intermediária a corte de Cirene (LECLANT e CLERC, 1981 : 666).

Tanto o deus cultuado no Oásis de Siwa – portanto líbio – quanto o de Tebas, egípcio, estavam associados ao carneiro e à fertilidade. No Egito o deus usava plumas de avestruz ou o *uraeus* e o disco e era representado ou sob a forma humana ou com cabeça de Carneiro. No Oásis de Siwa (ROBINSON, 1965 : ccxxxiv) era a forma animal a adotada pelos líbios. Já o Ammon da Cirenaica só herdou os cornos de carneiro, marca do seu aspecto bestial. Na sua assimilação com Zeus, ele adquiriu a postura olímpica, a barba e o manto drapeado.

Figuras 21 e 22. À esquerda, cabeça de Zeus Ammon, proveniente da moderna cidade de Shahat, de uma área onde possivelmente existia um santuário dedicado ao deus. À direita, relevo com representação de Zeus Ammon sentado ao centro, com um carneiro ao seu lado, em meio a diversas divindades gregas e líbias (Museu das Esculturas, Shahat). Extraídas de: Arquivo pessoal.

Segundo Pausânias (III, 18, 3), havia também um santuário consagrado ao deus em Aphytes (a nordeste de Palene), na Calcídia (Mapa 4). Como em 348 a.C., a Calcídia foi dominada pelos macedônios – e portanto incluímos aí o *Ammonion* de Aphytes –, os estudiosos acreditam que foi a partir de então que os macedônios travaram relações com o culto deste deus (KREMYDI-SICILIANOU, 1997 : 371). Segundo Plutarco (*Alexandre*, 3), Filipe teria sido aconselhado pela sacerdotisa do oráculo de Apolo em Delfos a sacrificar em honra de Ammon para expiar uma falta que havia cometido contra uma divindade que se manifestou em forma de serpente sobre o corpo de sua mulher.

Outra referência da importância deste deus para os nobres macedônios diz respeito diretamente a Alexandre. Por volta de 331 a.C., o monarca faz a peregrinação a Siwa, onde se considera proclamado "filho de Zeus" pelos sacerdotes desse oráculo (PLUTARCO, *Alexandre*, 27; DIODORO, XVII, 49, 3). A partir de então, é reconhecida sua origem divina e Alexandre, depois de morto, é representado nas moedas dos diádocos com os cornos de carneiro[38], assim como essa representação acaba sendo utilizada pelos monarcas helenísticos como legitimidade de poder.

[38] O primeiro a bater o retrato de Alexandre com cornos de carneiro de Ammon foi Lisímaco, que o fez sobre suas primeiras moedas. Já Ptolomeu I bateu a cabeça de Alexandre com a pele de elefante (PRÉAUX, I : 285).

Mas nas cunhagens feitas pelas cidades da Cirenaica, Zeus Ammon representaria uma classe proprietária de terras, composta principalmente por gregos de diversas proveniências que vieram para a Cirenaica a partir do século VI a.C. Eles seriam identificados em época arcaica e clássica como a segunda e a terceira tribo que comporiam o quadro da cidade na reforma feita por Demonax. Faziam parte dessas tribos peloponésios, cretenses, e gregos de diversas ilhas, principalmente os jônios. Esse grupo faria oposição aos aristocratas descendentes dos primeiros thereus em diversos momentos. E durante o controle lagida da região, acreditamos que eles constituíam uma facção pró-monarquia, mas que não aceitava entregar a região a Ptolomeu.[39]

A imagem de Zeus Ammon, deste modo, tinha um apelo local, étnico muito forte. Inclusive sua representação foi muito utilizada nas moedas de Barce, que também usavam uma variante sua, o carneiro, como representação tipicamente local. Como vimos, no Oásis de Siwa a representação do deus-carneiro era feita pelo animal propriamente, e a escolha pela representação do carneiro nas moedas de Barce se deve à existência desta aristocracia indígena.

Como o tipo monetário serviu aos gregos para expressar a identidade de uma autoridade emissora, e como a moeda circularia também em outras cidades e regiões, esta parcela da sociedade buscava uma forma de expressão em que ela se diferenciasse dos gregos de outras localidades. E como os próprios gregos se referiam aos gregos da Líbia como líbios (PAUSÂNIAS, VI, 19, 10), foi na imagem de Zeus Ammon que esses gregos encontraram uma forma de identificação.

Nas moedas, a representação de sua cabeça – com cornos de carneiro e barba – começa a aparecer no final do século VI aC. e já no século V a.C. ganha posição predominante. Sua aparição coincide com a chegada dos peloponésios e dos outros gregos sob Batos II e ainda com a ocupação da colina oeste da cidade, onde seria construído o Grande Templo de Zeus. Ela foi representada também nas moedas de Barce, de Euespérides e da liga das cidades, que ocorreu na segunda metade do século V a.C. Neste repertório, Zeus Ammon é o tipo mais numeroso de anverso. No Gráfico 2, notamos que no total ele figura 21 vezes nas moedas. Dessas, 4 vezes ele está nos reversos dos estáteres. As outras 17 vezes é a cabeça

[39] É possível, inclusive, que se encaixasse ainda neste grupo a aristocracia líbia helenizada, que fez oposição aos thereus em diversos momentos, como podemos notar principalmente em Barce.

do deus-carneiro que compõe a face privilegiada da moeda. Isso tudo sem contar as 3 ocorrências da representação do carneiro feitas nas moedas de Barce.

A cabeça de Zeus Ammon seguiu a mesma evolução das representações de Zeus em diversas localidades. Nos séculos VI e V a.C. temos uma cabeça de Zeus Ammon em estilo dórico, como nas representações de Zeus das moedas de Élis (Mapa 4). Ele é representado de perfil, com uma trança ao redor da cabeça, a barba pontuda, os olhos somente contornados, sem a representação do globo ocular. A orelha, que seria mais um traço humano em sua representação, não consta dessas primeiras cunhagens. A partir de 480 a.C., a influência ático-siciliana se faz evidente na forma de representação do deus, com um aspecto mais realista, aproximando-se da aparência humana, com cabelo curto, a barba bem aparada mas cheia e a orelha humana visível, juntamente com os cornos de carneiro. Também a partir de época clássica sua cabeça passa a ser representada laureada nas moedas da Cirenaica. Já no final do período clássico, podemos perceber que sua representação vai adquirindo mais liberdade de expressão, em que Zeus tem um cabelo um pouco mais comprido, cobrindo o pescoço, e a barba também comprida.

Já nos estáteres deste repertório, ele é representado de corpo inteiro. Nas cenas de culto (**3**, **4**, **71**), Zeus Ammon, a versão grega do deus-carneiro, está em pé, vestido com *himation*, com uma coroa de louro e com o cetro na mão esquerda. Na mão direita, ele tem uma *phiale*, e verte o líquido da libação, que pode ser visto caindo. À sua direita vemos o *thymiaterion*, que é um tipo de recipiente próprio para queimar ervas e incensos, que Trell (1984 : 119, 122, 127) cita como um elemento trazido do leste para o oeste pelos fenícios, carregado de significado étnico, e que este objeto foi representado também nas moedas da Sicília e de Cartago.

Esse tipo de Zeus Ammon fazendo libação começou a ser cunhado em Cirene somente na segunda metade do século IV a.C. O Zeus em pé, com uma posição desleixada ou descansada, com cabelos cobrindo o pescoço e barba longa, como já dissemos anteriormente, é típico do século IV a.C. O cabelo comprido nesta versão de Zeus Ammon já mostra uma atitude mais livre na sua imagem, em comparação com o Zeus representado de cabelo curto nas moedas do período clássico, e o aproxima do seu lado bestial, que pode ser mais facilmente percebida na moeda **4** deste repertório. Por outro lado, os atributos remetem diretamente a Zeus, como o *himation* e o cetro. Neste último, o simbolismo de Zeus como a

garantia do poder real e da hierarquia social é manifesta. O *thymiaterion* e a *phiale* (φιάλη, φιάλιον) remetem ao aspecto purificador de Zeus no ato da libação nos rituais sacrificiais (DAREMBERG e SAGLIO, IV, 1 : 434).

Nas cunhagens da Sicília, em especial em Himera e em Selinunte, no século V a.C., popularizou-se a representação de divindades locais em ato de sacrifício. Nesta última cidade, temos o deus-rio Selinus representado em tipo de reverso combinado com a quadriga no anverso, como nestes de Cirene. Embora de período anterior, a combinação quadriga no anverso e deus local fazendo libação no reverso sugerem uma influência tardia dos exemplares siciliotas sobre a cunhagem da Cirenaica.

A representação de Zeus Ammon com a águia e também o cetro é uma versão adaptada ao gosto local da consagrada imagem de Zeus Lycaios das cunhagens de Filipe e de Alexandre e também do modelo originalmente cunhado pela cidade de Élis. Portanto, faremos a análise do tipo de número **1** quando tratarmos dos tipos helenísticos.

O final do século IV e podemos até dizer que o começo do III a.C. marcam o ponto alto de criatividade na representação de Zeus Ammon. Posteriormente, durante o *Koinon*, ele foi anverso nas moedas de prata e de bronze (BMC *Cyr.*, Koinon 1-27), mas somente a sua cabeça era representada. A partir da anexação da Cirenaica ao Egito, sua imagem se torna escassa nos discos de metal, figurando somente em uma moeda de bronze do século II a.C. (BMC *Cyr.*, Regal Issues 106-108). Em período romano, conhecemos somente duas moedas de bronze (BMC *Cyr.*, Under the Romans 19 e 20) em que foi representada a cabeça do deus-carneiro no anverso.

Podemos notar nas cunhagens que têm a representação de Zeus Ammon que esta imagem é fiel ao étnico das três cidades, não figurando nenhuma inscrição relacionada a Ptolomeu em suas moedas. Assim como o *silfium*, ele se combina com diversos tipos, mas assinalaremos aqui algumas ocorrências em particular que sinalizam para a sua atuação política dentro deste contexto.

O primeiro ponto que lança luz sobre o posicionamento deste grupo no contexto em questão diz respeito à sua ausência nas cunhagens de 314 a.C. Um grupo que se opunha ao controle de um governo estrangeiro não cunharia moedas que trouxessem a inscrição em nome de Ptolomeu como dominador do seu território.

Mas a cabeça de Zeus Ammon está presente nas moedas da revolta democrática (**39**). Ela tem no reverso a representação da tumba de Batos, o fundador, e um apelo à monarquia muito claro – afinal, Batos I foi o bom rei e lançou as bases para o bom relacionamento entre gregos e líbios. A inscrição é feita em nome dos cireneus, e não dos democratas, e demonstra dois grupos proprietários de terras de acordo que o retorno a um sistema republicano não seria conveniente.

Os democratas que tiveram suas armas recolhidas participariam da expedição contra Cartago, sob a direção de Ofelas e com o apoio dos aristocratas pró-Ptolomeu. Os aristocratas que fizeram até então oposição ao seu governo estariam representados nas moedas dos preparativos contra Cartago com uma pequena denominação em bronze, em que a cabeça do deus-carneiro figuraria no anverso e a palmeira de Cartago no reverso. Ao contrário das outras moedas deste intervalo, em que o *silfium* divide o mesmo bojo de reverso com a palmeira, este Zeus Ammon não parece disputar um mesmo espaço com os cartagineses. Essa moeda de bronze não demonstra uma participação deste grupo dentro do projeto de Ofelas, embora a palmeira no anverso faça referência a Cartago e por ser uma moeda de bronze também sugira o pagamento de mercenários. Mas em que contexto essa moeda seria usada? Ela pagaria mercenários cartagineses que lutariam para Ofelas e Agátocles?

Uma vez que a investida contra Cartago fracassou, ele tem sua presença ainda mais efetiva nas moedas da região. Ele será representado nos tetradracmas de padrão ródio, quando este foi imposto por Ptolomeu na Cirenaica para as moedas de prata, com o *silfium* no reverso (**47**). É importante assinalar aqui que o tetradracma era a denominação mais importante da propaganda de época helenística, devido à importância que os tetradracmas adquiriram na propaganda de Alexandre e dos monarcas helenísticos (FLORENZANO, 1989 : *passim*). E a partir deste momento, será Ammon que figurará nos tetradracmas da região, com o *silfium* no reverso.

Quando Magas chega à Cirenaica, ele será novamente o anverso de um tetradracma em padrão ródio (**68**), com *silfium* no reverso, e será representado em um estáter com a quadriga no anverso e Zeus Ammon de corpo inteiro fazendo libação no reverso (**71**). Esta cunhagem feita em ouro e em padrão fenício – que

antes só eram permitidos às moedas reais – em nome da cidade já demonstra o poder que esta facção ainda gozava.

E por fim, na revolta de Magas, ele está em duas moedas de bronze: uma com a palmeira no reverso (**76**) e outra com a aljava (**78**). Esses bronzes podem bem ter sido cunhados para o pagamento de mercenários cartagineses. É possível que Magas tenha necessitado de mercenários em algum episódio que não foi documentado pelas fontes textuais, talvez até na marcha que empreendeu contra Alexandria.

Hermes Parammon

Há uma representação neste repertório de um jovem com cabelos curtos, sem barba, com um ornamento na cabeça, com cornos de carneiro nas têmporas, que se faz presente nas cunhagens de Cirene desde a metade do século V a.C. Esta imagem figura como que concorrendo em popularidade com as cunhagens de Zeus Ammon, tendo sido batida, a partir da queda da monarquia, lado a lado com as moedas daquele que seria o deus mais representado nas cunhagens da Cirenaica, o "deus da Líbia" por excelência.

Neste repertório, este jovem figura 14 vezes nas cunhagens locais nos três metais. De longe, ele é o deus mais presente nos didracmas da Cirenaica entre a chegada de Ptolomeu à região e a morte de Magas. Ele figura em 7 didracmas, dos quais 6 têm no reverso o *silfium*. Ele foi cunhado somente nas moedas batidas pela cidade. Mas é esta cabeça que está no anverso de uma das cunhagens que representam a primeira intervenção de Ptolomeu I na Cirenaica, com a inscrição em nome da cidade e de Ptolomeu (**33**), em que ele usa um ornamento na cabeça, e ainda na moeda atribuída a Euespérides que traz o título de Ptolomeu I, rei, na qual a face deste jovem imberbe se assemelha a um retrato do monarca (**70**).

Assim como sua representação é numerosa neste repertório, também são abundantes as opiniões dos especialistas a respeito da identidade deste deus. Os numismatas especializados na Cirenaica discutem desde o começo do século XX sobre quem seria esse jovem deus: se seria Apolo Carneius, deus *Arquegueta* (fundador) de Cirene; Apolo líbio; Aristeu; Dioniso; um Ammon jovem; ou ainda um Hermes Parammon.

Diante de tantas argumentações atraentes e convincentes, os estudiosos procuram explicações ora no panteão da Cirenaica, ora na escultura e cerâmica figurada da Grécia. Outros ainda não buscam nas fontes materiais seus argumentos, mas se baseiam nos relatos escritos de fontes não contemporâneas às cunhagens. Portanto, discutiremos aqui todas as hipóteses de identidade levantadas pelos estudiosos para justificarmos o porquê de nossa escolha por Hermes Parammon.

Robinson (1965) julgou que este seria um Apolo Carneius. Carneius é um deus-carneiro em sua essência. Ele preside a prosperidade provinda da agricultura e do pastoreio. Segundo Pausânias (III, 13, 3), entre os dórios, ele era cultuado em um ritual de propiciação, como forma de purificar o assassinato do acarnense Carnus, um vidente de Apolo. E ainda nesta mesma passagem, o autor diz que os lacedemônios deram-lhe o cognome de "da Casa", o que explica sua associação à realeza tanto em Thera quanto em Cirene (ROBINSON, 1965 : ccxl).

De acordo com Calímaco (*Hinos*, II, 68 *sqq*.) e Píndaro (*Pyth*., V, 7), Apolo Carneius havia sido trazido pelos colonos de Thera e desde a fundação da colônia foi adorado entre os cidadãos. Seu templo ficava sobre o Monte dos Mirtos, de onde se podia avistar a fonte de Apolo (MALTEN, *Kyrene* : 205 *apud* ROBINSON, 1965 : ccxl). Inclusive, de acordo com esses autores, havia um festival anual em sua honra em Cirene, conhecido como Carnéiades. Na versão de Pausânias (III, 13, 3), Apolo Carneius foi adotado pelos dórios e associado a Apolo e em Esparta seu culto já havia se estabelecido antes mesmo da dinastia dos Heráclidas.

Figuras 23 e 24. À esquerda, êxedra de Apolo Carneius, localizada ao lado do templo de Apolo, no grande Santuário de Apolo de Cirene, na Myrtousa. À direita, detalhe de representação de Carneius sob a coluna central da êxedra. Datada do governo de Magas na Cirenaica. Extraídas de: Arquivo pessoal.

Robinson (1965 : ccxli) observa que em nenhum dos lugares onde houve culto a Carneius foi batida a cabeça sem barba, com cornos de carneiro em suas moedas. Mas o numismata observa que este fato não é tão relevante assim, dado que das dezenove cidades em que se atestam o culto ao deus-carneiro, somente onze bateram moedas. Dessas onze, Las e Gythium bateram somente em época Imperial. Camirus e Lindos somente em época arcaica, quando grande parte da iconografia monetária trazia somente o símbolo das cidades. Esparta começou a bater moeda somente a partir do século III a.C., quando na Cirenaica este jovem já não era mais representado nos tipos monetários. Sicyon, Argos, Gortina, Cós e Cnidus não tinham um culto de Carneius tão significativo que surpreendesse não ter tipos batidos deste deus. Somente em Thera este fato é surpreendente, já que esta cidade bateu moedas desde época arcaica e tinha um culto de Carneius importante, assim como em Cirene; no entanto, não encontramos o tipo deste deus em suas moedas. (ROBINSON, 1965 : ccxli-ccxlii) (Mapa 4)

Por outro lado, nos lugares fora da Cirenaica onde foram batidos os tipos de desta divindade imberbe não encontramos testemunhos de culto a Carneius (ROBINSON, 1965 : ccxli-ccxlii). Chamoux (1959 : 34, nota 1) chama a atenção para o empréstimo que estas cidades fizeram do tipo monetário criado em Cirene. Para o estudioso, as cunhagens com a representação deste jovem deus imberbe com cornos de carneiro, feitas pelas cidades de Mitilene, Tinos, Cnossos, Aphytis (em Palene) e em Metaponto são casos interessantes de empréstimo de um tipo que muito pode nos revelar sobre a relação de Cirene com o mundo grego (Mapa 4). Outro aspecto interessante a se observar é que todos os lugares que adotaram a imagem deste jovem em suas cunhagens o fizeram simultaneamente à de Ammon. Robinson sugere que este fato sugere uma relação interessante entre os dois deuses, mas nós entenderíamos como facções bem definidas dentro destas cidades da Cirenaica (ROBINSON, 1965 : ccxlii).

Figuras 25 e 26. À esquerda, anverso de dióbolo (1,15 g) batido em Metaponto, entre 325 e 300 a.C., com a representação da cabeça de Hermes Parammon À direita, também anverso de dióbolo (1,05 g) batido em Metaponto no mesmo intervalo, com a representação da cabeça de Zeus Ammon. Extraídas de: Sylloge Nummorum Graecorum – http://www.s110120695.websitehome.co.uk/SNG/sng_reply2a.php?verb=SNGuk_0300_0431; http://www.s110120695.websitehome.co.uk/SNG/sng_reply2a.php?verb=SNGuk_0300_0432. Acesso em: 2/5/2008

No Gythium e em Esparta, em que não encontramos a representação de Carneius em suas cunhagens, temos por outro lado testemunhos da existência do culto tanto a Ammon como a Carneius (ROBINSON, 1965 : ccxlii).

Podemos observar que embora o culto de Carneius tenha tido grande importância durante a dinastia dos Batíadas, a cabeça deste jovem imberbe não figura nas moedas da Cirenaica até a instauração de um sistema republicano de governo, na segunda metade do século V a.C. Sabemos que Apolo era o deus *Arquegueta* e que sob Batos I o grande e majestoso santuário de Apolo foi construído. Este deus, além de ter presidido propriamente a fundação da colônia através do Oráculo de Delfos, também nomeou aqueles que seriam os seus fundadores (CHAMOUX, 1956 : 301).

Para Head (1963 : 865), este jovem seria Aristeu, filho da ninfa Cirene com Apolo, um herói caçador e pastor associado à fundação da cidade de Cirene. Mas não se conhece nenhuma figuração deste deus com cornos de carneiro, o que invalidaria a sua representação como este jovem com cornos (CHAMOUX, 1959 : 32).

Já Müller (1860 : 25, 32, 64) consideraria o jovem como sendo um Dioniso líbio. Müller se baseia na associação de Dioniso como filho de Ammon, versão dada por Diodoro (III, 68, 74). Mas não encontramos nenhum aspecto dionisíaco nesta representação. O jovem é figurado sempre com cabelos curtos e quando tem coroa, esta é de louro, não de hera. No mais, embora Dioniso seja representado na arte

grega com diversos aspectos – jovem, velho, com ou sem barba, com cabelos curtos ou longos –, nas moedas da Cirenaica ele sempre tem cabelo comprido, usa coroa de hera e não possui cornos, como podemos conferir nas moedas **32**, **34**, **36** e **42** deste repertório.

Quanto à opinião de que esse seria um Ammon jovem, Chamoux (1959 : 32) é cauteloso ao não compartilhar desta opinião. O arqueólogo francês argumenta que de fato Zeus é representado jovem e sem barba com coroa de louro em muitas moedas, como nas de Siracusa, por exemplo. E acrescenta que esta construção iconográfica encontra nas fontes escritas um correspondente, como podemos confirmar no relato de Pausânias sobre um Zeus sem barba adorado em Olímpia (V, 24, 6). No entanto, as duas representações – de Ammon e desse jovem – foram feitas simultaneamente em Cirene e o que é mais importante: não encontramos testemunhos de culto de um Ammon juvenil em Cirene, muito menos um suporte que contenha a imagem de Ammon jovem para que pudéssemos basear nossa argumentação.

Quanto à opinião de que este seria um Apolo líbio, esta é defendida por M. Fasciato e J. Leclant (1949 : 7-33 *apud* CHAMOUX, 1959 : 33). Esses autores consideram a versão atribuída a Aristóteles que nos chegou por Clemente de Alexandria (CHAMOUX, 1959 : 33), de que haveria cinco Apolos, todos de origens diferentes, sendo que um deles seria líbio e filho de Ammon. Mas Chamoux observa que não encontramos em Cirene uma representação de Apolo em que este deus tenha cornos de carneiro. Sobre as moedas, Apolo sempre é representado com cabelos mais soltos e longos e sem cornos (**14** e **55**).

E enfim chegamos à analise da hipótese de este deus ser um Hermes Parammon, defendida por Chamoux (1959 : 31-40). Podemos dizer que duas questões iconográficas levaram o estudioso francês a defender essa possibilidade. Um dos motivos é que Hermes começou a ser representado na arte grega com os cabelos curtos e aspecto jovial exatamente no momento em que esse jovem com aspecto juvenil começa a aparecer nas moedas de Cirene, no final do século V a.C. Esse Hermes juvenil é representado desta forma, por exemplo, na coluna esculpida do Artemísion de Éfeso (Mapa 4).

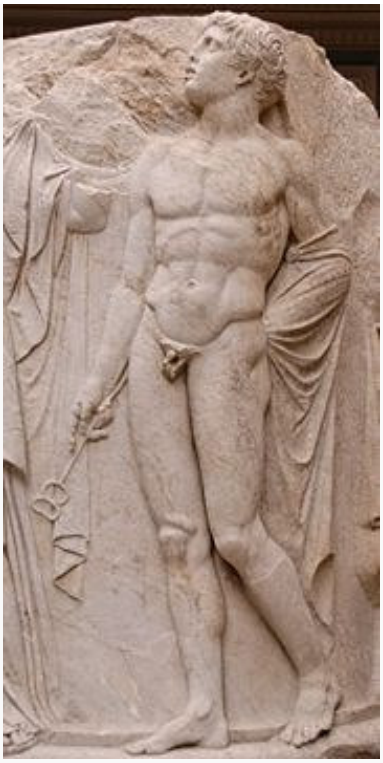


Figura 27. Hermes com caduceu em coluna esculpida do Artemision de Éfeso (Museu Britânico). Extraída de: http://fr.wikipedia.org/wiki/Temple_d'Art%C3%A9mis_%C3%A0_%C3%89ph%C3%A8se.
Acesso em: 24/4/2008

Outra questão levantada por Chamoux é o ornamento que o deus traz na cabeça no século IV a.C. Robinson havia descrito este ornamento como um pequeno *uraeus* egípcio anexado a um diadema, atributo dos faraós. Chamoux, que foi quem primeiro levantou a hipótese de se tratar de uma representação de Hermes Parammon, interpreta esse objeto como um *apex*.

O *apex* era um ornamento que foi representado na cerâmica tanto na cabeça dos homens como dos jovens. No período helenístico, consagrou-se um padrão iconográfico na escultura em que Hermes, associado então ao ginásio e aos esportes, trazia na cabeça o *apex*. É o caso do Hermes lutador de Antióquia, que atualmente se encontra no Museu de Istambul. Nesta representação escultórica, o diadema com um ornamento frontal está bem evidente. Alguns estudiosos consideram que esse ornamento seria uma pluma, outros dizem ser uma folha, outros ainda que é uma pétala de lótus. Chamoux (1959 : 35) acredita ser uma folha, lembrando que aos atletas vencedores nos grandes jogos eram dados coroas ou ramos de folhas, como testemunha Píndaro, nas *Píticas* (IX, 121), em que ramos foram dados a Alexidamos por sua vitória.

Para encontrar uma explicação para os cornos na cabeça do suposto Hermes, ele resgata a origem do deus. Hermes é um deus arcádio, onde há uma forte tradição religiosa ligada ao carneiro (CHAMOUX, 1959 : 36). Sobre um relevo do Museu Metropolitan (Nova Iorque), o carneiro é representado ao lado do deus. Portanto, assim como Zeus ganhou os cornos de carneiro na Cirenaica, Chamoux acredita que também Hermes tenha adquirido os cornos do seu animal preferido nas moedas. Pausânias (V, 15, 7), quando relata os sacrifícios feitos em Élis, acrescenta que "eles honram por libações não somente os deuses da Grécia, mas também o deus da Líbia [Ammon], Hera Ammonia e Parammon; pois Parammon é um epíteto de Hermes".

Figura 28. Relevo com representação de Zeus Ammon, com uma divindade juvenil ao seu lado. Este jovem seria um Hermes? Em caso afirmativo, na arte escultórica esta última divindade não é representada com os cornos de carneiro como seria nas moedas (Museu das Esculturas, Shahat). Extraída de: Arquivo pessoal.

Sendo a moeda um suporte de expressão da identidade de uma dada autoridade emissora, na Líbia Hermes Parammon foi ornado com os cornos de carneiro, assim como Zeus ganhou os cornos de Ammon nesta localidade. Este Parammon adquiriu também traços étnicos dos líbios, como o osso frontal proeminente. No tipo **35** deste repertório este traço está bem evidente.

Como ele foi introduzido nas cunhagens locais a partir da queda da dinastia, sempre paralelamente ao Ammon e em geral cunhado nos didracmas – enquanto Parammon em geral estaria nos tetradracmas –, esse Parammon é entendido por

nós como representante da facção republicana, de caráter democrático. Como vimos em nossa contextualização, os democratas constituíam-se da parcela da sociedade que havia migrado para a Cirenaica depois que Demonax estabeleceu uma divisão cívica calcada na proveniência dos colonos e deu direito de cidadania não somente a todos os thereus e líbios que participaram da construção da colônia, mas também aos peloponésios, cretenses e os povos das ilhas (principalmente da Jônia), de modo que a Cirenaica se tornou ainda mais populosa. Além desses novos colonos, havia uma parcela de líbios envolvidos na coleta e colheita do *silfium* que se encontrava insatisfeita por ser altamente explorada pelos Batíadas. Deste modo, Hermes Parammon, um deus arcádio, cultuado em Élis, encontra paralelo no deus-carneiro adorado entre os líbios.

A medida de Ptolomeu no *diagramma* de Cirene de incluir entre os cidadãos os filhos de mulheres líbias e homens gregos que se deslocassem – eles eram seminômades – dentro do território que se estende até o Paraitonion talvez contemplasse esta parcela de líbios que era encarregada da colheita do *silfium*. Com isso, Ptolomeu se beneficiaria da produção desta parcela da sociedade e ao mesmo tempo conseguiria apoio de uma facção que há mais de um século causava distúrbios internos. Isso talvez explique porque Parammon seria utilizado nas cunhagens que marcam a intervenção de Ptolomeu sobre um território, a Cirenaica, de gregos e líbios. Neste didracma (**33**), a sua cabeça é representada com o *apex* dos atletas olímpicos, jovens e vigorosos, e no reverso o *silfium*, da aristocracia que comercializava esse produto.

Mas não encontramos nas fontes textuais detalhes do que teria ocorrido para que esta facção organizasse uma revolta democrática como a de 314 a.C. Mais uma vez figura a sua cabeça, mas desta vez a inscrição é feita em nome do povo de Cirene.

Uma vez que esta revolta foi apaziguada por Ptolomeu, eles participariam de uma expedição a Cartago que, se vencedores, teriam direito a terras neste local. E sua representatividade neste episódio se faz notar no didracma e tri-hemióbolo que foram batidos nos preparativos desta expedição organizada por Ofelas (**41**).

Mais uma vez derrotados, esta facção parece ter desistido de se opor a Ptolomeu, até porque logo depois da guerra contra Cartago Ptolomeu se aliaria a

Agátocles, que era um representante dos democratas na Sicília. Essa aliança que se iniciava seria vista com bons olhos por este grupo. E então os didracmas que foram cunhados entre *c.* 308 e 298 a.C. serviriam ao pagamento de mercenários cretenses, como atestam achados de tesouros monetários nesta ilha. Talvez esses mercenários tivessem lutado para restabelecer o controle ptolomaico na região, já que em c. 298 a.C. a cidade de Euespérides cunharia uma cabeça de Hermes Parammon muito semelhante ao rosto de Ptolomeu I dos retratos recém-lançados, e a inscrição com o título real, ΒΑΣΙ (**70**). Esta cunhagem parece reconhecer o título recém-adquirido de Ptolomeu I.

Mas conforme Magas foi se apoderando de sua posição nas cidades, esse Parammon dos republicanos é substituído nos didracmas por um Apolo Myrtous mais associado à fundação da colônia, portanto mais monarquista. A partir de 290 a.C., Parammon, representante dos democratas, não figuraria nunca mais nas cunhagens locais.

Apolo Myrtous

A expressão Apolo Myrtous encontra referência em uma inscrição de época imperial, enquanto Myrtousa, o Monte dos Mirtos, é uma expressão diretamente associada à fundação mítica da cidade de Cirene, que se tornou a sede do templo de Apolo e o coração do estabelecimento original da cidade (ROBINSON, 1965 : cxvii). Apolo Myrtous é uma construção do século IV a.C. que resgatava a memória da fundação da cidade e da união mítica de Apolo com a ninfa Cirene.

Figura 29. Reconstrução do Recinto do Mirto, localizado no Santuário de Apolo. A monumentalização de um local sagrado que abriga a memória da fundação mítica da cidade data do final do século IV a.C. Extraído de: ENSOLI e PRESICCE, 2000 : 112. Desenho de A. Pagnini.

Apolo na versão Myrtous é representado como os outros Apolos de período clássico, com cabelos mais compridos e ondulados, soltos. Robinson, que teve essas moedas em suas mãos, argumenta que as folhas de sua coroa – que seriam então de mirto – são muito pequenas para serem folhas de louro.

Embora ele tenha sido utilizado como tipo monetário por muito pouco tempo nas moedas da região – somente nessas ocorrências deste repertório –, sua freqüência não é pequena. Ele figura 5 vezes nas moedas deste nosso estudo. Sua primeira representação neste repertório está em um didracma autônomo, batido quando a cidade passou a adotar o padrão fenício estabelecido por Ptolomeu. Nesta cunhagem autônoma (**72**), o *silfium* está no reverso e a inscrição é KYPA. Nestes mesmos anos, nas moedas de bronze datadas da chegada de Magas até a morte de Ptolomeu I, sua cabeça está presente com a águia ptolomaica no reverso e a inscrição ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ (**74**). Por causa da inscrição e porque seu reverso se equipara ao bronze indiscutivelmente real batido neste mesmo intervalo, com o retrato de Ptolomeu I no anverso e a águia ptolomaica no reverso (**73**), esta moeda foi classificada pelos numismatas como real. É interessante percebermos aqui primeiramente o uso de uma representaçã local utilizada em um mesmo intervalo em uma moeda real e em outra autônoma. E, principalmente, o uso de uma imagem local no anverso de uma cunhagem real, de Ptolomeu I. Esta cunhagem demonstra que se Ptolomeu I não conseguiu exercer um controle efetivo da região seria pela oposição feita ao seu domínio na região. E não nos parece que esta resistência tenha sido feita pela aristocracia que tinha ligação com os fundadores, que teriam representatividade até mesmo nas cunhagens reais, como uma forma até mesmo de aliança e suporte a esta aliança, mas ao Ammon que estava sendo batido nos tetradracmas e nos estáteres. Afinal, não encontramos um Ammon com a inscrição em nome de Ptolomeu ou fazendo qualquer referência a outro grupo social que não o deles próprios.

Um outro problema que se coloca na representação de Apolo Myrtous foi ele ter substituído a imagem de Hermes Parammon nos didracmas da cidade. Robinson (1965 : cxvii) entende que a introdução deste novo tipo de Apolo seria uma maneira de distinguir os didracmas de padrão fenício dos de padrão ródio, que tinham a imagem de Parammon estampada em seus discos. De fato essa substituição foi

feita. Mas nós acreditamos que o que realmente motivou essa substituição foi o apelo democrático do Parammon não ter espaço diante da vitória da monarquia sobre o sistema republicano. Com a vinda de Magas para a Cirenaica e o fortalecimento da facção monarquista que se representava nas moedas pela imagem de Zeus Ammon, não teria sentido a representação monetária de uma facção antimonárquica em essência como o Hermes Parammon. Esse Apolo Myrtous seria o representante nos didracmas e nas moedas de bronze da aristocracia ligada aos fundadores, que também eram monarquistas.

Os didracmas com anverso de Apolo Myrtous e reverso de *silfium* foram encontrados em tesouros monetários em Creta (IGCH 151, 152 e 154), em quantidades significativas. A ele misturavam-se didracmas em padrão ródio com anverso de Hermes Parammon e reverso de *silfium*. Segundo Le Rider (1966 : 191-2), dificilmente essas moedas teriam chegado a Creta por razões comerciais. Mais provavelmente teriam sido carregadas para Creta por mercenários. Le Rider nota que os cireneus já haviam contratado mercenários cretenses na guerra contra Thibron, como confirmam tetradracmas asiáticos de Cirene também constantes de tesouros encontrados na ilha. Para o estudioso, essas moedas em padrão ródio e fenício teriam chegado a Creta contratados por Magas, que teria recorrido aos seus serviços por volta de 280 a.C. O autor ainda acrescenta nesta evidência a relação entre Magas e os cretenses, que se estreitaria ainda mais quando Magas fez um tratado com os Oreioi no final do seu governo.

Também em um tesouro monetário encontrado em Trípoli, em que a data de enterramento foi estabelecida na metade do século III a.C., foram resgatadas mais de mil moedas de bronze com Apolo Myrtous no anverso e a lira no reverso (**77**) (IGCH 1686). A julgar pela grande quantidade de moedas de bronze juntas, elas sugerem pagamento de mercenários.

Tumba de Batos

O tipo que foi denominado neste repertório como a tumba de Batos trata-se da representação de uma coluna jônica saindo de um montículo e com uma urna funerária sobre esta coluna, batida sobre o reverso de uma moeda de bronze com a inscrição KYPANAION (**29**). Apenas cinco exemplares deste tipo foram publicados

até agora[1]. A julgar pela quantidade de achados e pelo motivo estampado, este parece ter sido um tipo cunhado pontualmente, com uma mensagem específica.

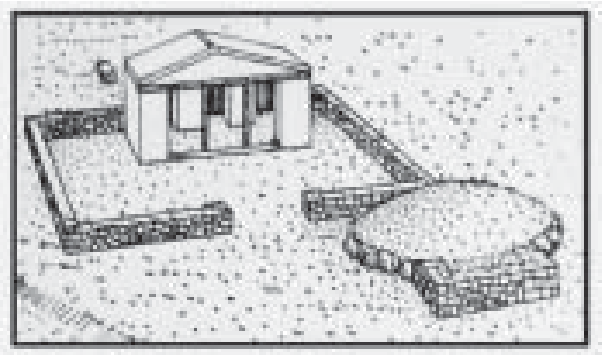
O primeiro a identificar esta representação com a tumba do fundador da colônia, Batos, foi Duchalais (1851 : 89 sqq. *apud* ROBINSON, 1965 : xcvi). Segundo este autor, este seria o monumento do fundador, que Píndaro (*Pyth*., V, 90 sqq.) havia localizado no fim da ágora, junto com a tumba de outros reis. Seria a representação, portanto, de um monumento do século VI a.C., parte do conjunto dos primeiros monumentos da cidade (BONACASA e ENSOLI, 2000 : 61). Chamoux (1956 : 133) observa que havia três monumentos capitais relacionados à Cirene arcaica: o Templo de Apolo, o Artemísion e a Tumba do Fundador, todos três construídos sobre a colina Oeste, próximo da Fonte de Apolo.

O fundador da colônia havia recebido uma sepultura no primeiro quarto do século VI a.C., sobre o limite oriental da ágora, ao norte da Casa de Ofeles[2], que consistia de um túmulo de terra que recobria as cinzas, circundado por um muro de pedras irregulares. A área onde se localizava esta sepultura estava sob a proteção de Apolo *Arquegueta*, garantidor do governo e das boas transações comerciais, dentre as quais a do *silfium*, monopólio dos Batíadas. Com a queda dos Batíadas, no fim do século V a.C., a sepultura de Batos foi destruída durante a revolta antimonárquica (BONACASA e ENSOLI, 2000 : 61). No final do século IV a.C., quando os aristocratas retornaram do exílio e empreenderam uma renovação urbanística em Cirene, o *Herôon* de Batos é reformado, quando o túmulo original é substituído por uma caixa de pedra protegida por um muro (BONACASA e ENSOLI, 2000 : 65). Esta última construção foi destruída na Revolta Judaica de 115-117 d.C. e não foi reconstruída por Adriano posteriormente (BONACASA e ENSOLI, 2000 : 77).

---

[1] Três foram publicados no BMC *Cyr*., mas como moedas não pertencentes a este museu. Dois estariam em Paris (BMC *Cyr*., Cyrene 187c e 187d), outra em Copenhagen (SNG Cop. 1218; BMC *Cyr*., Cyrene 187e) e outra foi publicada por Robinson em *Numismatic Chronicle* (1944 : 107) como sendo de uma coleção privada. Há ainda um exemplar que foi encontrado no Santuário de Deméter e Perséfone em Cirene, publicado por Buttrey (1997, n. 154).

[2] Ofeles teria sido um herói cultuado em Cirene, associado ao descobridor do silfium, Aristeu, deus Arcádio, e durante o sistema republicano associado a Asclépio (CHAMOUX, 1956 : 131).



Figuras 30 e 31. À esquerda, reconstrução idealizada do *Oikos* de Ofeles e da Tumba de Batos, datados do final do século VII a.C. e começo do VI a.C. À direita, em primeiro plano, tumba de Batos construída no século IV a.C. Extraídas de: BONACASA E ENSOLI, 2000 : 61 e Arquivo pessoal.

Na opinião de Chamoux (1956 : 131), o túmulo em forma de *tholos*, com um dispositivo de libação – dentro do qual parece que este edifício abrigava uma estátua de culto e um altar –, sugere que ali funcionava um oráculo. Há inclusive uma passagem de um documento epigráfico, conhecido como as *Leis Sagradas* (SEG, IX, 72, § 5, l. 16-21 *apud* CHAMOUX, 1956 : 286), datado do século IV a.C., que faz referência – embora não muito claramente – a uma atividade oracular neste recinto. Ao que tudo indica, no século IV a.C. o culto ainda estava ativo e talvez mesmo funcionasse ali um oráculo.

Este tipo de representação de tumbas construídas em montículos é encontrado na cerâmica de diversos períodos, como podemos observar neste exemplar do Louvre, em que estão figurados Hermes, Electra e Orestes diante da tumba de Agamemnon. Nas lápides áticas este modelo de coluna com uma urna sobreposta é comum, mas a representação mais característica deste tipo monetário é o sarcófago de Clazomene, na Jônia, que parece ter sido erigido no mesmo momento em que este tipo foi batido, embora neste sarcófago a urna seja substituída por um *lebes*, e o montículo, por uma base em degraus (ROBINSON, 1965 : xcvii).

Figuras 32 e 33. À esquerda, representação de Orestes, Hermes e Elektra na tumba de Agamemnon (pintor dos Choephoroi). Lado A de uma *peliké* lucana de figuras vermelhas, datada de *c*. 380-370 a.C. (Museu do Louvre, Paris). À direita, moeda de bronze (2,4 cm), batida em Agrigento entre 330 e 300 a.C. No anverso temos a representação de Acragas, deus-rio, e no reverso, a águia sobre uma coluna jônica. Extraídas de: http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Orestes_Elektra_Hermes_Louvre_K544.jpg; ; http://www.s110120695.websitehome.co.uk/SNG/sng_reply2a.php?verb=SNGuk_0800_0143. Acesso em: 23/05/2008.

Também em uma moeda de bronze de Agrigento, datada da segunda metade do século IV a.C., encontramos no reverso uma águia, que foi largamente representada nas cunhagens desta cidade, sobre uma coluna jônica. Nesta moeda em particular é interessante notar que no anverso há a representação de um deus-rio de caráter estritamente local, como o Zeus Ammon da moeda de bronze de nosso repertório.

Buttrey (1997 : 36) argumenta que este bronze de Cirene só pode ter sido cunhado nos anos de revolta democrática (313-312 a.C.). Nada mais natural para este início de período helenístico – em que vários grupos procuravam se legitimar dentro da cidade – que o passado fosse resgatado e apropriado por uma parcela da sociedade que queria legitimar sua posição através do fundador, Batos.

É interessante que esta parcela da sociedade não tenha utilizado o *silfium*, o símbolo que a identificaria em outros contextos, para se representar. Ela busca aquilo que garante sua posição, que é a ligação com a fundação da cidade e por ser o grupo helênico mais antigo na Cirenaica em comparação com todos os outros. A

julgar pela inscrição, em nome dos cireneus, ela não parece tomar parte na revolta democrática, mas sim reivindica que se a situação política mudasse, que fossem considerados os grupos dominantes, os proprietários de terra.

Hermes

Hermes é uma das doze divindades do panteão grego que mais foram representados na arte grega. Desde época micênica, Hermes figurava nos tabletes em linear B de Cnossos, Tebas e Pilos (SIEBERT, 1990 : 285) (Mapa 4). Já nesta época ele figurava como um deus pan-helênico, embora nenhum deles faça referência ao seu aspecto. Nos versos de Homero esse personagem tem uma complexidade tal que nos é difícil atualmente identificar todas as suas facetas.

Mas há uma função na personalidade de Hermes desde o relato de Homero que foi uma constante na arte de grega de toda a Antiguidade: ele é o mensageiro dos deuses. Na sua vestimenta, ele se identifica com o arauto: o chapéu (ou o pétaso), a clâmide, o *himation* curto, o caduceu (SIEBERT, 1990 : 286). E como mensageiro, na literatura ele é o deus capaz de deslocar-se por terra ou sobre as águas, com velocidade e sempre alerta.

Ele é o guia por excelência, aquele que atravessa as mais perigosas fronteiras e se compraz de acompanhar os mortais. Ele conduz os rebanhos de Apolo, mas também tem acesso ao céu e ao inferno. E ainda relacionado a esta faceta, ele é o deus viajante, expresso também nos seus atributos, o pétaso e a clâmide, e muitas vezes é representado com asas no chapéu e nas sandálias, que facilitam e ampliam sua capacidade de locomoção.

São tantas as facetas deste deus – o musicista, o mágico, o pacificador, o deus da dança e do amor –, quantas são as suas representações em todas as formas da arte grega. Ele figura sozinho, com outros deuses, com carneiros, com instrumentos musicais, sobre o carro, em procissões fúnebres, em cenas de casamento, de libação e sacrifício, nos ginásios.

E como são muitas as suas funções, no tipo em que ele está representado neste repertório (**35**), sozinho, nu, com a clâmide, o pétaso, sandálias aladas e o caduceu, sua interpretação neste tipo monetário suscita as mais diversas interpretações. Por outro lado, neste didracma temos um Apolo Carneius no anverso

e a inscrição ΔΑΜΩ ΚΥΡΑ no reverso, onde ele está representado. Nesta composição, o mensageiro dos deuses e porta-voz do povo, o arauto, aquele que anuncia a guerra ou a paz e que faz os acordos diplomáticos entre as partes, associado a Hermes Parammon no anverso, sugere uma interpretação do anjo que traz a mensagem dos democratas.

Robinson (1965 : lxxxviii) sugeriu que este Hermes seria o guia que conduz os noivos ao casamento, por associar esta cunhagem a uma outra da revolta democrática, que tem a representação de Dioniso/Eros e a inscrição ΔΑΜΩ ΚΥΡΑΝΑ (**36**). Como esta última foi associada à hierogamia de Dioniso/Ariadne e relacionada ao casamento recente de Ofelas, o numismata britânico interpretou esse Hermes nesses termos.

Dioniso (e Eros)

A representação de Dioniso nas cunhagens da Cirenaica constitui-se somente dos anversos dessas quatro moedas que estão figuradas neste repertório. Em nenhum momento anterior ou posterior a este, Dioniso se fez presente nas moedas da região. Nos quatro tipos (**32**, **34**, **36** e **42**) é representada a cabeça de um Dioniso jovem, afeminado, com coroa de hera e tirso, como o modelo iconográfico inaugurado pelas moedas de Naxos nos séculos V-IV a.C. Ele figura neste repertório sempre nos didracmas áticos, mas é intrigante que ele carregue três tipos de inscrição – o étnico da cidade de Cirene, a legenda que marca a intervenção de Ptolomeu e aquele feito em nome do povo de Cirene, democrática.

Podemos notar nestas quatro moedas que serão aqui trabalhadas, portanto, que não podemos aplicar uma mesma interpretação para todas elas, embora esses Dionisos tenham sido representados segundo um mesmo esquema iconográfico. De certo, a mensagem de Ptolomeu e dos seus aliados através da representação de Dioniso não seria a mesma dos democratas, por exemplo. E são tantas as possibilidades de interpretação dessas representações quantos são os episódios vividos por este deus do seu nascimento conturbado até o seu retorno da Índia. Ele é ao mesmo tempo o deus da contra-cultura, da fuga de um esquema repressivo através do rompimento da ordem estabelecida, ao mesmo tempo que é o dispensador da vitória, o deus da fertilidade e da criação, o deus estrangeiro que foi

introduzido na Grécia para propiciar o estabelecimento da *pólis*. São múltiplas as suas facetas, e isso reflete o caráter misterioso desse deus.

Gasparri (1986 : 514) propõe uma interpretaçao interessante que ressalta o aspecto de conquistador do deus, expresso no episódio mítico em que Dioniso, quando vagava enlouquecido pelo Oriente, conquistou uma região da Índia pelas armas, acompanhado de um exército semiguerreiro e semidivino. Neste aspecto, ele é tido como o deus poderoso e conquistador, portador de uma mensagem ética e civilizadora, que conquista e subjuga os povos "bárbaros".

Este aspecto do Dioniso que conquista regiões longínquas era parte da imagem de conquistador de territórios cultivada pelos monarcas helenísticos, inspirados em Alexandre. É pelo território que o rei helenístico exerce seu poder e cobra seus tributos, sendo o território uma condição da realeza (PRÉAUX, 1978, I : 186). É a posse do território que incita os reis helenísticos à guerra. A conquista de um território pelas armas é um dos títulos que serve de apoio a uma reivindicação de posse de uma zona por um rei (DIODORO, XVIII, 39). Ptolomeu, nas palavras de Diodoro (XVIII, 43), conquistou o Egito pela lança. É pela conquista do território que se funda a propriedade. Do direito de propriedade que se funda a herança de um patrimônio e que se defende esse patrimônio das reivindicações de terceiros, invocando os títulos "autênticos e legítimos" tão explorados pelos monarcas helenísticos (PRÉAUX, *ibid.* : 188).

Em três das moedas deste repertório esta interpretação se encaixa bem. Em duas delas, temos a inscrição em que Ptolomeu assimila seu nome ao território, em clara referência a uma intervenção ou um controle da região (**33** e **34**). No anverso de uma delas, temos o *silfium*, e na outra, a Atena Alkidemos, deusa guerreira. Como vimos em nossa contextualização, nos primeiros anos do governo de Ofelas, ele conquistou as regiões a oeste da Cirenaica até Automala. Como observamos, esse era já um projeto da aristocracia cirenéia, e esse encontro de interesses na conquista dos territórios pertencentes a grupos indígenas guerreiros e seminômades pode estar expressa nessas duas moedas. Neste sentido, Ptolomeu teria chegado à região como um general de cultura grega, salvador, restabelecedor da ordem e conquistador de territórios, onde ele agiria como o civilizador desses povos "bárbaros" ao expandir as fronteiras a oeste. Por isso o *silfium* está presente no

anverso de uma dessas cunhagens, pois a expansão para o oeste era um projeto da aristocracia grega e de Ptolomeu.

Mas esta mesma mensagem pode também estar incutida no Dioniso que tem como reverso a palmeira junto com o *silfium* (**42**). Mais uma vez podemos entender nesta moeda o apelo à conquista de território, de helenização de uma região "bárbara" através do projeto de unificação da área que se estende da Cirenaica até Cartago.

Mas não podemos aplicar esta mesma interpretação ao Dioniso batido durante a revolta democrática. Se olharmos o reverso deste didracma, encontramos uma bela representação de Eros nu, ainda criança, alado e tocando lira. A inscrição é feita em nome do povo. Eros foi muito representado no círculo de Dioniso associado ao casamento deste deus com Ariadne. Nessas cenas, Dioniso é representado jovem e nu. Eros, também nu e tocando lira, é parte de uma tradição iconográfica em que ele figura em cenas de música e dança durante a festa de casamento que uniu Dioniso a Ariadne. O tema da hierogamia é introduzido na cerâmica ática e nos vasos italiotas a partir de *c*. 420 a.C. (BLANC e CURY, 1986 : 922) e encontra na arte do século IV a.C. suas maiores expressões. Como criança, a imagem de Eros se torna popular a partir do século IV a.C. e mais precisamente na segunda metade deste século, então considerado realmente filho de Afrodite (BLANC e CURY, 1986 : 938).

Esta associação de Dioniso com Eros levou Robinson (1965 : lxxxviii) a associar esta cena ao casamento de Ofelas com a ateniense Eutídice (PLUTARCO, *Demetrius*, 14.1). Mas esta interpretação nos leva a pensar se os democratas estariam somente se posicionando contra Ptolomeu. Esta interpretação nos dá margem a questionar se eles não estariam reivindicando um estreitamento com Cassandro, que estava em posse de Atenas nesta época. E de fato, depois de Ptolomeu restabelecer a ordem, Ofelas partiria para Cartago com 10 mil soldados atenienses (DIODORO, XX, 3-40), além dos cireneus que lhe acompanhavam, o que pode ter sido a causa inclusive do desentendimento de Ptolomeu com Cassandro no ano subseqüente e ter propiciado a aliança que ele estabeleceria com Agátocles.

Ninfa Cirene, ninfa do rio Lethon e Ártemis

Uma outra representação que consta deste repertório e que merece uma explicação com relação à sua identificação é a cabeça feminina – como definiu Robinson (1965 : *passim*) –, que acabou sendo consagrada entre os numismatas como sendo da ninfa Cirene. Em sua origem, acreditamos que ela tinha um caráter puramente local. Ela estava ligada à fundação da cidade, haja vista a fonte que lhe foi consagrada desde a chegada dos thereus, denominada fonte Kyra. Mais tarde, a partir do século V a.C., no entanto, por uma construção literária, ela foi associada a uma outra Cirene da Tessália (ZAGDOUN, 1992 : 170).

A versão literária mais completa de que temos notícias sobre a ninfa Cirene é de Píndaro (*Pyth.*, IX, 56-59), datada do século V a.C. Segundo este autor, Cirene cuidava dos rebanhos do seu pai no monte Pélion, na Tessália, quando um dia lutou com um leão sozinha estrangulando-o. Apolo, assistindo a esta luta, apaixonou-se por ela, e seguindo os conselhos que havia pedido ao centauro Quíron, conduziu-a à Líbia no seu carro. Lá, eles tiveram um filho, que se chamou Aristeu. Segundo Píndaro, havia uma imagem de culto da ninfa e um templo lhe foi consagrado em Cirene.

Figuras 34 e 35. À esquerda, cópia em gesso de relevo em mármore, encontrado na ágora de Cirene, com a representação da ninfa Cirene com o leão nos braços, sendo coroada pela Líbia. Datada de 275 a.C. À direita, cópia de estátua romana com representação da ninfa Cirene estrangulando o leão. Os originais encontram-se no Museu Britânico (ambas as cópias são do Museu das Esculturas, Shahat). Extraídas de: Arquivo pessoal.

No período helenístico, uma nova versão é dada ao enredo de Cirene. Apolônio Rodes (II, 500-510) relata sua origem tessália e o romance com Apolo, mas coloca o combate com o leão acontecendo na Líbia, não na Tessália. Cirene torna-se uma grande caçadora e ninfa dos grandes rios. Segundo esta versão, Eurípilos, rei da Líbia, encontrava-se com problemas com um grande leão e prometeu a realeza a quem o ajudasse a se livrar desta fera. Então Cirene veio à Líbia, matou o leão e tornou-se a rainha da Líbia. Na versão de Calímaco (*Hinos*, II, 90-9; III, 206-208), ela matou o leão sobre a colina dos Mirtos, a Mirtousa, em Cirene. Do alto desta colina, ela assistiu às Carnéiades, festa em honra de Apolo Carneius e instituída por Batos I. Cirene recebeu de Ártemis dois cães de caça como prêmio. Já na versão de Justino (13, 7), do século II d.C., a ninfa Cirene era a fundadora da cidade e o autor não faz referência à passagem da luta contra o leão.

Cirene estava presente no repertório iconográfico das cunhagens da Cirenaica desde o período arcaico. Nestas primeiras representações, a ninfa local é figurada com o cabelo preso com uma fita, com ou sem brincos de pingente (BMC *Cyr.*, Cyrene 25a, pl. IV.19; 40b, pl. IV.21), sempre tendo no anverso o *silfium*.

Figuras 36 e 37. À esquerda, reverso de hemidracma asiático (1,56 g) com a representação da ninfa Cirene, cunhada em Cirene no final do século VI e começo do V a.C. À direita, reverso de uma dracma (3,36 g) da mesma localidade, datada da primeira metade do século V a.C. Extraídas de: BMC *Cyr.*, Cyrene 40b, pl. IV.21 e Addenda 46 *bis*, pl. XLVII.10.

No período clássico, ela continua usando o cabelo preso por uma fita, mas um novo aspecto entra em seu repertório: a ninfa passa a ser figurada também com cabelo curto (BMC *Cyr.*, Cyrene 59, pl. VII.14). No final do período clássico, ela começa a usar o *cecryphalus*, que é uma rede que as mulheres usam para prender os cabelos. No século IV a.C., o uso do *cecryphalus* é predominante, mas há também uma retomada do uso dos cabelos da ninfa enrolados, como no período

arcaico (BMC *Cyr.*, Cyrene 144). A partir do século III a.C., não encontraremos mais a ninfa epônima nas cunhagens da cidade.

Neste repertório, a ninfa continua sendo representada como no passado. O cabelo enrolado que vinha sendo figurado desde o período arcaico permanece nos décimos que temos no anverso Zeus Ammon no anverso (**7**) e Carneius (**9**) e ainda na moeda de bronze (**16**), coroada, e no 1/11 de estáter um pouco posterior a este (**44**). No exemplar de numero **10**, o *cecryphalus* que se popularizou em sua representação no século IV a.C. está presente.

Se observarmos todos essas representações da ninfa Cirene, percebemos que não existe um atributo iconográfico propriamente da ninfa que nos leve a identificá-la com a Cirene epônima. Tanto na literatura como na escultura, ela é associada à luta contra o leão e ao episódio em que foi coroada pela Líbia, que a acolheu em solo africano.

O que levou Robinson a identificá-la com uma ninfa local nessas moedas foi seu aspecto de ninfa. Esta convenção iconográfica na representação das ninfas foi criada em Siracusa, nas moedas do período clássico, para figurar a ninfa Aretusa, associada à fundação da cidade. Esta convenção foi adotada nas moedas de outras *póleis* gregas, de modo que ao fazer um paralelo entre a Aretusa e outras ninfas de outras localidades percebemos um padrão na representação que nos ajuda a identificar quem seria a figura feminina figurada nos discos metálicos.

Mas para defini-la como Cirene especificamente, Robinson (1965 : xcv) observou que nosso tipo **14** traz a mesma inscrição, KYPANA, que a figura feminina de época clássica representada anteriormente (Figura 37). Esta inscrição pode ser entendida como um étnico e como nome da deusa epônima.

O mesmo critério foi utilizado por Robinson (1965 : cxcvi) na identificação da figura feminina batida em uma moeda de bronze de Euespérides (**60**). Ela tem características de ninfa – seu cabelo se mostra enrolado com nos exemplares da ninfa Cirene e de outras ninfas – e foi cunhada nos últimos anos do século IV a.C. No anverso desta moeda encontramos a inscrição ΛΗΘΩΝ (Lethon, que é o nome de um rio, ou *oued*, que corre entre Euespérides e Taucheira até desaguar no mar) e no reverso, temos o *silfium* e a inscrição em nome da cidade de Euespérides. No

caso desta ninfa Lethon, ela só figura nas cunhagens da cidade neste exemplar aqui apresentado.

A ninfa Cirene está presente em pequenas denominações e em moedas de bronze, e as inscrições, quando presentes, são feitas em nome da cidade. Além de ela ter sido cunhada desde época arcaica, ela se combina com tipos que representam os grupos sociais das cidades expressos nos tipos monetários, desde época arcaica. Neste repertório, somente no primeiro intervalo, ela é acompanhada de Zeus Ammon (**7**), de Hermes Parammon (**9** e **10**) e ainda do *silfium* (**16**). Também quando Ptolomeu cunha os 1/11 de estáteres na Cirenaica, ela estará no reverso com Hermes Parammon (**44**) e com Zeus Ammon (**46**). A ninfa Cirene figura pela última vez nas moedas de Cirene entre 309 e 308 a.C.

Embora cunhada desde época arcaica, sua representação toma mais força a partir de época republicana. Neste contexto, talvez o que tenha motivado o seu uso foi a necessidade de a aristocracia "fundadora" se representar de mais uma forma além do *silfium* nas denominações menores. Além do mais, não podemos ignorar o aumento dos tipos representados nas moedas locais a partir do século V a.C. e justamente no século V a.C. a Aretusa siracusana se popularizava em toda a Grécia.

A propósito, na série em ouro cunhada em 309-8 a.C., percebemos que a ninfa Cirene foi assimilada a Ártemis, como aconteceu em Siracusa com relação a Aretusa. No tipo **46** em especial, ela é representada com as mesmas características da Ártemis desta mesma série. E essa assimilação encontra ecos na versão de Apolônio Rodes, em que Cirene se torna uma caçadora e ninfa dos rios, e ainda na versão de Calímaco, que a ninfa recebe de Ártemis dois cães de caça como prêmio.

Em Cirene, Ártemis foi cultuada pelos primeiros colonos. O Artemísion constitui um dos primeiros edifícios sagrados erguidos na cidade. Mas nas moedas, anteriormente a deusa caçadora foi representada em uma única cunhagem de Cirene, de corpo inteiro, alada, no final do século VI a.C. e começo do V a.C. De acordo com Robinson, esta Ártemis alada teria sido inspirada na imagem de Ártemis Orthia cultuada em Esparta (1965 : xxxiii). A sua cabeça com aspecto de ninfa tem suas primeiras representações na região nas denominações que se encontram neste repertório.

Figuras 38 e 39. À esquerda, templo de Ártemis, localizado ao lado do templo de Apolo, no Santuário de Apolo de Cirene. Construído no século VI a.C., reconstruído no século IV a.C. e posteriormente no século II d.C. À direita, reverso de litra (6,55 g) batida em Siracusa por volta de 300 a.C., em que temos a representação de Ártemis, com cabelo amarrado em coque, com brinco, colar e a aljava sobre o ombro. Extraídas de: Arquivo pessoal e KRAAY e HIRMER, 1966, pl. 46.130.

O único ponto de diferenciação entre Cirene e Ártemis nessas moedas de ouro é a presença da aljava, atributo da deusa caçadora, que pode ser vista atrás da sua cabeça. Também em um exemplar dos anos de revolta democrática, é pela presença da aljava que fazemos a identificação da deusa. Inclusive, neste exemplar, ela tem o cabelo preso em um coque. Este tipo monetário traz a inscrição ΔΑΜΩ ΚΥΡΑΝΑ e tem a Niké no reverso (**38**). Mas se a ninfa Cirene foi associada a Ártemis nas moedas locais, como podemos entender o uso desta Ártemis nas moedas da revolta democrática?

Líbia

Outra deusa local que neste repertório é representada segundo a convenção iconográfica de ninfa é a deusa Líbia. Ela na verdade é a personificação de um território, mas como tipo monetário ela se assemelha mais a uma ninfa do que a uma deusa ou a uma personificação (ROBINSON, 1965 : ccxlix; ZAGDOUN, 1992 : 284).

Líbia foi quem, no relato de Píndaro (*Pyth.*, IX, 55, 68), acolheu Cirene em seu templo de ouro quando esta foi trazida por Apolo da Grécia para a Líbia, sua nova morada. Também é ela quem coroa Cirene quando esta última luta contra o leão tanto na versão de Calímaco (*Hinos*, II, 90-9; III, 206-208) quanto em um relevo de

época imperial (BMC *Greek Sculpture*, I, 790). Há ainda um relevo que, segundo a descrição de Pausânias (X, 15, 6) e a inscrição que se encontra na base deste monumento, mostra Batos sendo coroado pela deusa Líbia em um carro guiado pela ninfa Cirene (ROBINSON, 1965 : ccxlviii)[3]. A representação da Líbia como tipo monetário foi introduzida no século IV a.C. e depois foi amplamente utilizada na propaganda dos lagidas, até época romana.

O que levou Robinson (ROBINSON, 1965 : ccl) a identificar esta figura feminina com a Líbia foi a existência uma moeda de época romana, batida entre 67 e 24 a.C., em que figura um busto drapeado desta mesma imagem de figura feminina, com cachos, diademada (BMC *Cyr.*, Under the Romans 2, pl. XXXIX.5), e que traz como inscrição a palavra ΛΙΒΥΗ (Libye), que é o nome referido por Heródoto (IV, 45) da mulher que emprestou seu nome à região. Alguns estudiosos preferem identificá-la com a deusa Ísis (FURTWÄNGLER, IV : 83 *apud* ROBINSON, 1965 : ccl), que é figurada nas moedas de Cirene com coroa de cereais. Mas acreditamos particularmente que o que diferencia a Ísis da Líbia é o aspecto de ninfa que Líbia adquiriu como tipo monetário.

Seu aspecto físico é identificado pelos estudiosos como sendo semelhante ao dos líbios nativos: nariz aquilino, osso frontal saliente (ZAGDOUN, 1992 : 285), cabelos com cachos. Alguns estudiosos observam que no século III a.C. ela vai perdendo esses traços étnicos e adquirindo de certa forma aspectos ptolomaicos, ou de Berenice II (ROBINSON, 1965 : ccl), observação feita principalmente com respeito ao exemplar **79** deste repertório e mais ainda a suas representações feitas sob os Ptolomeus seguintes (BMC *Cyr.*, Regal Issues 30-33), da série que seria denominada Soter/Líbia, em que Berenice é assimilada à Líbia.

No final do século IV a.C., a deusa é representada com cachos em espiral bem marcados, semelhante à moda líbia. Inclusive Robinson (1965 : ccxlix) nota o uso dos cabelos muito parecido com os de Dido, a divindade fundadora de Cartago, das moedas sículo-púnicas. Ela aparece no reverso de uma pequena denominação em ouro (**8**), com os cachos caindo da coroa sobre o pescoço. Usa brincos e colar, como as ninfas. No anverso, temos a cabeça de Zeus Ammon.

---

[3] Na opinião de Washburn (1906 : 151), este relevo foi dedicado pelos cireneus em Delfos, mas de acordo com Zagdoun (1992 : 285) foi dedicado por Arcesilas IV quando este venceu a corrida de carros em 462 a.C.

Figuras 40 e 41. À esquerda, anverso de tetradracma (17,16 g) sículo-púnico, batido no século IV a.C., com a representação de cabeça feminina (Dido?) com tiara de forma oriental. À direita, tetradracma (16,49 g) sículo-punico, datado da segunda metade do século IV a.C., com a representação de Perséfone e o símbolo de Tanit à esquerda.
Extraídas de: Sylloge Nummorum Graecorum – http://www.s110120695.websitehome.co.uk/SNG/sng_reply2a.php?verb=SNGuk_0601_0427; http://www.s110120695.websitehome.co.uk/SNG/sng_reply2a.php?verb=SNGuk_0102_0098. Acesso em: 26/06/2008.

Ainda nos décimos encontramos um exemplar que a cabeça de Líbia está no reverso e no anverso temos a cabeça de Hermes Parammon (**11**). Nesta peça, a coroa parece ser de espigas de cereais, e sua representação se assemelha muita à cabeça de Perséfone que começava a se popularizar nas moedas da Sicília desde o início do século IV a.C., também assimilada a ninfa.

Esta representação de uma deusa associada à agricultura e ao modo de vida da *pólis* nas moedas ganhou impulso principalmente nos centros indígenas e púnicos desta ilha (FLORENZANO, 2005 : 26) (Figura 43), recebendo adaptações também em Cartago (*id.*, *ibid.* : 15). Inclusive, Agátocles fez uso desta imagem na sua propaganda política como forma de se aproximar das camadas populares da Sicília (*id.*, *ibid.*, 8). Na Cirenaica, esta representação tem traços étnicos evidentes. O seu rosto delicado de ninfa possui osso frontal marcado e cabelos cacheados que caem da coroa sobre o pescoço. Acreditamos que não é casual que justamente neste exemplar ela tenha como anverso o Hermes Parammon dos democratas, facção que tinha um contingente líbio significativo e forte apelo popular. Na união de um aspecto local da Líbia com uma deusa grega relacionada à agricultura e a uma forma de vida característica da *pólis*, esta Líbia parece contemplar os líbios que foram incluídos no corpo de cidadãos de Cirene e que se encaixaria na facção democrática que já estava em ação desde o século V a.C.

Gerbo e caranguejo

O gerbo é um mamífero roedor que vive nos ambientes desérticos e semidesérticos do Velho Mundo. Esta espécie representada neste tipo em particular, a *Jaculus jaculus*, é a mais conhecida e habita nos desertos mais hostis do planeta. Alimenta-se de raízes, tubérculos, sementes e também de insetos, extraindo dos alimentos a água necessária para sua sobrevivência.

Em geral, os gerbos assemelham-se a um rato. Possui um tufo como cauda, e patas traseiras mais compridas que as dianteiras, que são bem curtas. Extremamente arisco e veloz, este animal usa somente as patas traseiras para se locomover, mantendo as dianteiras junto ao corpo quando salta. (BRITANNICA, v. 12 : 1004; ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA, t. XV : 1409) Deve ser por isso que Heródoto (IV, 192) faz referência ao gerbo como se ele tivesse duas patas somente, denominando-o *dipous* (δίπους, bípede). Este autor observa que o gerbo – ou *dipous* – é um dos animais selvagens encontrados no território dos líbios seminômades.

O gerbo foi a única representação além do *silfium* que figurou nas primeiras cunhagens de Cirene que tinham no reverso figuras geométricas incusas, em um didracma ático (BMC *Cyr.*, Cyrene 3b), entre 570 e 525 a.C. Depois, ele só volta a figurar nas moedas da região nos tipos que estão presentes aqui neste repertório.

Como tipo principal, o gerbo no reverso faz par com o caranguejo no anverso e vice-versa (**62** e **63**) em moedas de bronze batidas entre 308 e 300 a.C. Como iconografia monetária, o caranguejo se tornou um símbolo consagrado da cidade de Agrigento (Acragas). Na Cirenaica, sua única aparição como tipo principal data do final do século IV a.C., em duas moedas somente, no anverso (**62**) e no reverso (**50**), com o gerbo. Mas como ele figura como pequenos símbolos nas moedas a partir do final do século IV até a primeira metade do III a.C., os estudiosos da Cirenaica – como Müller e Robinson (1965 : xcvii) – consideraram-no como um tipo local, símbolo da cidade de Apolônia, que até época helenística era o "porto de Cirene".

Já Buttrey (1997 : 39) é mais cauteloso e não compartilha desta teoria. Ele argumenta que o nome Apolônia é usado pela primeira vez na literatura com Estrabão e que a cidade só adquiriu sua idependência, e portanto ganhou um nome,

a partir do século II-I a.C., na época de Ptolomeu Apion (LARONDE, 1987 : 459). É certo que Diodoro (XVIII,19) nos informa que no começo de época ptolomaica Apolônia, como porto de Cirene, tinha adquirido importância nas transações comerciais da região. Mas isso não significa que ela pudesse ter uma casa de moedas própria – ou subsidiária. Mas a representação deste crustáceo só está presente nas moedas de Cirene no final do século IV a.C.

Acreditamos que esta representação possa ter uma mensagem de resistência relacionada a Agrigento mesmo. Esta cidade serviu de refúgio aos oligarcas que se negavam a aliar-se a Agátocles e ofereceram resistência até mesmo depois que Agátocles já havia se autodenominado rei e conquistado toda a parte ocidental da Sicília, com exceção desta cidade (MEISTER, 1984 : 404-5). O gerbo, por sua vez, como é muito reduzida a sua representação na cunhagem local, é difícil propormos uma interpretação para este tipo monetário. De qualquer maneira, ele tem um apelo étnico muito forte.

Gazela

A gazela também foi um dos animais elencados por Heródoto (IV, 192) como parte da fauna do ambiente dos líbios seminômades. Ela é um antílope do gênero *Gazzella*. Vive nas planícies e nas regiões semidesérticas e é conhecida por correr velozmente. Possui cornos que variam de curtos a médios (BRITANNICA, 10 : 43). Ela foi representada na estatuária da Cirenaica do século IV a.C., figurando nas peças que levaram Presicce a identificar a "deusa do *silfium*" como a Panacéia (Fig. 19).

Assim como o gerbo, a gazela está presente nas primeiras cunhagens de Cirene. Ela é cunhada pela primeira vez como tipo secundário em um tetradracma ático com o *silfium* no anverso e figuras geométricas incusas no reverso, batido entre 570 a.C. e 525 a.C. Em uma dracma ática ela figura como tipo principal, cunhada no final do século VI a.C. e começo do V a.C. Nesta moeda, ela está no reverso, tendo como anverso o *silfium* (BMC *Cyr.*, Cyrene 21d). No final do século V a.C. e começo do IV a.C., ela é representada como tipo secundário no anverso de um tetradracma asiático de Cirene, com *silfium* no anverso e Zeus Ammon no reverso (BMC *Cyr.*, Cyrene 92a), combinaçao esta que também encontramos em um tetradracma asiático de Barce da mesma época, em que ela também é figurada

como tipo secundário (BMC *Cyr.*, Barce 30b-c). Posteriormente, nas moedas do *Koinon*, é representado somente os seus cornos como tipo secundário em um didracma ródio, com Zeus Ammon no anverso e o *silfium* no reverso (BMC *Cyr.*, *Koinon* 1).

Figura 42. Relevo com representação de divindades gregas e líbias. Na parte superior, gazelas (Museu das Esculturas, Shahat). Extraída de: Arquivo pessoal.

A gazela aparece neste repertório somente como tipo principal. Em uma moeda de bronze batida entre 308 e 300 a.C., ela está no anverso com o *silfium* no reverso (**59**). Neste mesmo intervalo, ela foi representada no reverso de outra moeda de bronze, com a Líbia no anverso (**61**). As inscrições são feitas em nome de Cirene.

Palmeira

A palmeira foi um tipo consagrado das cunhagens de Cartago. Nas moedas cartaginesas do final do século IV a.C. e do III a.C., a palmeira ilustrava os reversos do ouro e da prata, inicialmente com o leão caminhando a sua frente e posteriormente com o cavalo, tendo se consagrado com este último como o símbolo da cidade.

A palmeira fornecedora de tâmaras começou a ser representada nas cunhagens da Cirenaica justamente em um momento em que Ofelas avançava em suas

conquistas territoriais na direção de Cartago e se preparava para fundar uma colônia neste local. Na moeda **39**, ela divide o reverso em pé de igualdade com o *silfium* e tem no anverso o cavaleiro. Já na moeda **42**, com este mesmo reverso, é o Dioniso que está no anverso, o mesmo que foi cunhado por Ptolomeu em c. 314 a.C. Nessas duas moedas, a palmeira e o *silfium* parecem compor a idéia de união territorial através da conquista de Cartago, tendo Ofelas como governante deste extenso território do Norte da África. Já em uma moeda de bronze deste intervalo (**43**), a palmeira aparece sozinha, com a cabeça de Zeus Ammon no anverso. Nesta peça não vemos a mesma idéia de unificação de território da composição *silfium*-palmeira das outras moedas. Acreditamos que todas as três tenham sido batidas para o pagamento de mercenários. Mas esta última parece estar destacada das outras. Essa palmeira tem como anverso a representação de uma facção que não apoiava a intervenção de Ptolomeu na Cirenaica. Teria mesmo ela sido emitida para pagar mercenários que lutariam ao lado de Ofelas?

O mesmo diríamos da moeda batida sob Magas. Neste exemplar, a palmeira compõe um belo tipo em bronze (**76**), com Ammon novamente no reverso. Em um tesouro em Trípoli (IGCH 1686), foram encontradas 3 moedas com estes tipos de anverso e reverso em um tesouro que continha mais de mil moedas de bronze com Apolo Myrtous no anverso e a lira no reverso (**77**). Talvez essas moedas tenham sido levadas para Trípoli por mercenários cartagineses, que provavelmente estiveram em Cirene para marchar com Magas contra Alexandria.

Cavalo

O cavalo foi largamente representado nas cunhagens gregas, em especial no sul da Itália e Sicília. Mas foi nas moedas sículo-púnicas propriamente que o cavalo se destacou, transformando-se em símbolo de Cartago e dos cartagineses. A cabeça de cavalo começou a ser representada nas moedas de Cartago nos tetradracmas que traziam a palmeira à sua frente no anverso, e a julgar pela inscrição, consistia de uma cunhagem de emergência para a guerra (JENKINS, 1972 : 253).

Já o cavalo inteiro foi batido pelos púnicos na Sicília nas moedas de prata e em Cartago nas moedas de ouro, sempre com a palmeira presente. É interessante observar que o cavalo inteiro combinado à palmeira predominou nas moedas

púnicas batidas na Sicília mais do que em Cartago propriamente. Além disso, esta combinação foi feita principalmente nas moedas de prata, cujos exemplares parecem ter sido destinados ao pagamento de mercenários (KRAAY e HIRMER, 1966 : 301) e em épocas de disputas territoriais para o pagamento de mercenários (KORMIKIARI, 2000 : 327).

Figura 43. Reverso de 50 litras batida em Siracusa no começo do século IV a.C., em que temos a representação do cavalo com a estrela, como na peça **80** deste repertório. Extraída de: KRAAY e HIRMER, 1966, pl. 46.126.

Neste repertório, pela primeira e última vez na Cirenaica encontramos o cavalo como tipo monetário: ele figura 6 vezes em nosso repertório. Aparece ora só a cabeça, ora de corpo inteiro, parado, marchando ou galopando, arreado ou não. Na série em bronze que tem no reverso a roda temos representações da cabeça de cavalo (**22**), do cavalo inteiro, marchando ou galopando (**24**). Em um exemplar de Barce deste mesmo intervalo, o cavalo no anverso está em uma moeda de bronze com o carneiro no reverso (**31**). É interessante notar esta quantidade de representações do cavalo em um intervalo tão curto e nas moedas de bronze.

Na série com reverso de roda, além dos temas associados ao cavalo (incluindo aí o cavaleiro, **23**), somente Zeus Ammon é tomado como anverso dessas moedas. O mesmo não acontece na série com o *silfium* no reverso, em que diversas divindades são representadas no anverso. Desde o período arcaico, encontramos nas moedas gregas a representação da roda, elemento fundamental dos carros, sejam quadrigas ou bigas. A roda que proporciona movimento aos carros, como tipo monetário, tem uma forma muito apropriada ao disco metálico. Ela ainda está

associada ao movimento – e portanto à circulação que está intrínseca à materialidade da moeda como instrumento de troca (FLORENZANO, 2008, prelo) –, além de constituir um elemento de status das aristocracias da Antigüidade, por estar associada à quadriga. Sempre com recorrência ao cavalo, esta série em bronze com uma sugestão aristocrática sugere ter sido batida para o pagamento de mercenários, justamente em um momento em que as expedições de conquistas territoriais de Ofelas avançavam para o oeste.

Cavaleiro

A imagem do cavaleiro como tipo monetário foi repetidamente batido nas moedas da Grécia. Mas onde encontramos maior ocorrência é nas cunhagens do Sul da Itália e da Sicília, desde época clássica. Nessas localidades, seus atributos variam muito, podendo ter nas mãos armas ou a tocha. Aparecem montados ou ao lado do cavalo; algumas vezes a cena compõe-se de somente um cavaleiro, outras vezes em dupla. Os cavalos podem estar parados, em velocidade em cenas agonísticas ou em marcha lenta. Em alguns exemplares a estrela acompanha a sua representação.

Também Filipe II bateu o cavaleiro em suas moedas de prata e bronze. Posteriormente, outros dinastas helenísticos se inspiraram na escolha do monarca macedônio, destacando-se os Selêucidas, que tiveram inumeráveis cunhagens com o tipo do cavaleiro no Oriente.

Na Cirenaica, o tipo de cavaleiro começa a figurar nas moedas a partir do governo de Ofelas. Neste repertório ele está presente em 5 moedas. Entre 322 e 313 a.C., temos o cavaleiro em três peças. Sua primeira ocorrência acontece em um hemiestáter, com o *silfium* no reverso (**5**), com a inscrição KYPANAION ou KYPA no anverso. Neste mesmo intervalo, ele está nas moedas de bronze com o *silfium* (**17**) e ainda com a roda (**23**) no reverso, em ambos com inscrição ilegível ou sem inscrição. O cavalo tem o porte típico dos cavalos líbios, com a crina curta e de pequeno porte. Ele está arreado (ou não), marcha compassadamente, e o movimento do animal se faz sentir pela representação das patas dianteira e traseira esquerdas estarem levantadas, dando um passo. A cena mostra um movimento sem velocidade, e por isso podemos concluir que não se trata de uma cena agonística.

Quanto ao homem que está montado, ele porta a clâmide e em alguns casos o pétaso – sobre a cabeça ou caído atrás da cabeça –, atributos esses do viajante.

Quando Ofelas se preparava para atacar Cartago, acompanhado de Agátocles, foi batido um tipo de cavaleiro muito interessante. Trata-se de um hemiestáter em que aparece representado no anverso o cavaleiro com o símbolo de Tanit e no reverso, o *silfium* e a palmeira (**39**). A inscrição é KYPA. O cavaleiro tem um diadema e está vestido da cabeça aos pés. A clâmide está presa por um broche e ele parece segurar uma tocha acesa na mão direita. Neste tipo, ele usa calças bufantes à moda oriental e o cavalo tem cilha e coleira.

É interessante notar que em Tarento (Mapa 4), onde os *lampadéphoroi* – cavaleiro que participa de corrida de velocidade carregando uma tocha – foram representados nos tipos monetários, o cavaleiro é figurado nu e o cavalo, com a rédea somente. Naville (1951 : 60) observa que todo este equipamento é muito complicado para um cavaleiro que estivesse participando de uma corrida de velocidade. Ele sugere ainda que a vestimenta sofisticada do cavaleiro sinaliza para uma figura de importância, talvez Ofelas. Em alguns exemplares, temos ao lado do cavaleiro o símbolo de Tanit, a principal divindade feminina do panteão púnico, que consiste de um triângulo com um círculo em cima.

Por fim, no anverso de um 1/3 de estáter batido neste mesmo intervalo (**40**), o cavaleiro é representado com a clâmide e o pétaso caído atrás da cabeça, o cavalo está arreado e a estrela está acima deles. No reverso, o *silfium* e a inscrição KYPA. Moedas de ouro destes tipos – não sabemos especificar a quantidade – foram encontradas em Belvedere (Túnis) em um tesouro monetário (IGCH 2265) que se localizava justamente onde Agátocles teria acampado após desembarcar na África em 310 a.C. Em outro tesouro, também em Túnis, foram encontradas duas outras moedas de ouro com o tipo do cavaleiro, mas neste caso com o *silfium* no reverso (**5**). Estas moedas de ouro, com a presença do cavaleiro, muito provavelmente foram utilizadas para o pagamento de mercenários.

Quadriga

Dentre as moedas autônomas batidas por Cirene, os estáteres da cidade – excluindo os tipos de Alexandre – têm invariavelmente a quadriga no anverso, todos

com a inscrição KYPANAION. Quatro deles foram batidos nos primeiros anos do governo de Ofelas em padrão ático. Somente um foi batido em padrão fenício, quando a cidade é autorizada a bater moedas autônomas em ouro.

Podemos entender estes cinco exemplares com a representação da quadriga como uma cena agonística. O caráter agonístico pode ser percebido pela roupa do auriga, que veste um *quíton* longo com mangas e uma capa, vestimenta que era representada nas cenas das corridas de carro (ROBINSON, 1965 : lxxix).

As mais conhecidas dentre as moedas que trazem essas cenas são as cunhagens da Sicília do século V a.C. A quadriga foi primeiramente usada em Siracusa, expressando os interesses da aristocracia local e dos tiranos, que usavam a imagem de vencedores nas corridas de carros como propaganda política. Neste século, a representação da quadriga aparece em Leontinoi e em Gela como símbolo da supremacia de Siracusa sobre a região (Mapa 4). A iconografia estabeleceu-se como a oficial dos tetradracmas de Siracusa e foi então adaptada a diversas localidades da ilha (KRAAY e HIRMER, 1966 : 14). Também Filipe II, da Macedônia, que já na etimologia do seu nome traz expressa a sua ligação com a equitação e com o espírito agonístico ("amante dos cavalos"), bateu em seus estáteres a quadriga. Inclusive, Plutarco (*Alexandre*, 3) narra que o cavalo de Filipe venceu a corrida de carros em Olímpia no dia em que Alexandre nasceu e que esse fato foi um dos bons presságios que o monarca recebeu naquele dia.

Mas foi em Siracusa que esta representação ganhou maior vivacidade, no final do século V a.C., quando os artistas siciliotas fizeram uma inovação na representação das quadrigas que podemos observar nesses estáteres de Cirene. Eles deram movimento à cena, de modo que a quadriga – representada em perspectiva, com os cavalos com as patas levemente levantadas – sugere estar em velocidade (JENKINS, 1972 : 159). Nesses cinco estáteres, é clara a referência às cunhagens feitas em Siracusa. Em geral, nas moedas siciliotas, encontramos Niké coroando o auriga ou os cavalos, o que não encontramos nestas cunhagens batidas em nome de Cirene.

Nos tipos **1**, **2** e **3**, há o disco solar no lado direito da cena à frente do auriga. Nas quadrigas representadas nos decadracmas de Agrigento do final do século V a.C. era Hélios quem conduzia o carro (JENKINS, 1972 : 179, n. 435). Na Cirenaica,

em que o santuário de Apolo de Delfos teve um papel determinante na fundação da cidade, segundo relato de Heródoto (IV, 150), o sol à frente do condutor da quadriga bem poderia estar relacionado ao deus *Arquegueta*. Além desta referência de Heródoto, temos a de Píndaro (*Pyth.*, IX, 56-59), em que Cirene foi levada por Apolo à Líbia em seu carro. Este mesmo Apolo que levou Cirene à Líbia em seu carro aconselhou os thereus a fundarem uma colônia na Líbia que prosperou sobremaneira. Apolo seria na Cirenaica o protetor da aristocracia que tinha como origem a ser resgatada no século IV a.C. os thereus fundadores de Cirene.

No tipo **4** e **71** podemos observar que não há o disco solar. E quem conduz o carro é Niké, a incorporação da vitória. Nestas representações, ela está alada, vestida também como os condutores de carro nas competições, com *quíton* com mangas. Ela segura as rédeas na mão esquerda e um chicote na mão direita.

Figura 44. Relevo com a representação de divindades gregas e líbias. À esquerda, na parte superior, figura feminina conduzindo uma quadriga (Museu das Esculturas, Shahat). Extraída de: Arquivo pessoal.

Nos tipos **1**, **2** e **3** é uma figura feminina não identificada quem conduz o carro. Robinson (1965 : lxxix) questiona se essa figura não seria a ninfa Cirene, que foi levada à Líbia no carro de Apolo, segundo a versão de Píndaro (*Pyth.*, IX, 56-59). Outros estudiosos (KERAMOPULLOS, 1909 : 33 *apud* ROBINSON, 1965 : lxxix) sugerem ser a deusa Líbia, em alusão ao relevo que foi oferecido pelos cireneus em Delfos, em que se tem representado Batos sobre um carro sendo coroado pela deusa Líbia, feita por um artista de Creta, conforme descrição de Pausânias (X, 15, 6). Também na Sicília algumas representações de quadriga tinham como condutores as ninfas locais.

Essas quadrigas refletem a aproximação dos tipos da Cirenaica àqueles caracteristicamente siciliotas. Símbolo da aristocracia, a quadriga batida sobre estáteres fenícios, em ouro, sinalizam para a autonomia que a cidade tinha de bater suas próprias moedas mesmo depois de uma série de medidas monetárias terem sido implementadas por Ptolomeu I (JENKINS, 1972 : *passim*). E Zeus Ammon fazendo libação no reverso desta moeda associa esta quadriga à autoridade emissora mais forte nestes anos, os gregos proprietários de terras que chegaram posteriormente aos thereus.

Apolo

Há duas representações de cabeça de uma divindade masculina nas cunhagens neste repertório que foram identificadas pelos numismatas como um Apolo. Um dos exemplares foi batido no anverso de uma moeda de bronze (**14**), datada entre 322 e 313 a.C. Nesta peça, a cabeça de Apolo é representada com a coroa de louro. A inscrição faz referência aos cireneus. No reverso, o *silfium*. Em outro exemplar, datado entre 305 e 300 a.C., Apolo é representado diademado, no anverso, com a estrela no reverso (**55**). Esta peça, que consiste de um óbolo de padrão incerto, não tem inscrição.

É curioso notar que estas duas representações de Apolo diferem muito no padrão iconográfico de Apolo Myrtous que começaria a ser batido nas moedas alguns anos depois de sua última ocorrência. Ele também não se assemelha aos retratos de Ptolomeu I que começariam a ser representados na cunhagem da Cirenaica depois de 300 a.C. E não há nenhum atributo nem característica física que nos permita identificá-lo como um retrato de Magas (ROBINSON, 1965 : cxx).

Em nenhum momento antes ou depois deste, figurou um Apolo com coroa de louro nas cunhagens locais. Florenzano (1984 : 17) explora as referências de Apolo nas cunhagens da Sicília e do Sul da Itália, onde este deus foi muito representado nas suas moedas desde época arcaica, que comumente era figurado com a coroa de louro. A estudiosa destaca o papel de Apolo como *Arquegueta* dessas fundações gregas.

Também em Cirene ele foi cultuado como o *Arquegueta* e a ele foi consagrado um templo na Ágora. Mas não acreditamos que esse Apolo tenha algum significado local. Dadas as relações que a Cirenaica tinha com a Sicília, em especial

neste início de período helenístico, é possível que este Apolo tenha sido batido nas moedas da região – que são todas de pequeno valor, óbolos e moedas de bronze – com algum fim específico. Seria para o pagamento de mercenários do Sul da Itália?

Niké

Niké, a personificação da vitória, foi batida inumeráveis vezes nas moedas gregas, com diversos atributos. Ora a Niké alada foi representada como se estivesse caminhando no ar, ora voando, em quadrigas, dentre outras. Ela porta nas mãos a coroa, que homenageia os vencedores na guerra ou nos jogos pan-helênicos, ou ainda tem uma fita na mão como um símbolo ritual. Nas moedas de Élis, em especial, Niké foi batida desde o final do período arcaico e começo do clássico, portando a coroa, a fita ou ainda um ramo de palmeira, homenageando os vencedores olímpicos. Diademada ou não, a deusa veste um longo *quíton*, e em alguns exemplares ela segura com uma das mãos as saias de sua túnica.

Por representar a vitória, Niké foi um tipo de escolha dos tiranos da Sicília e dos monarcas helenísticos. Em Siracusa, ora Niké aparecia voando e coroando os cavalos que puxavam os carros, ora ela mesma conduzia a quadriga ou a biga, como nos estáteres de Filipe II. Mas ela também foi o tipo escolhido por Aetna quando da restauração da cidade aos seus habitantes, no final do século V a.C., depois de ter sido subjugada por Hieron (JENKINS, 1972 : 148). Alexandre, por seu lado, utilizou uma Niké com coroa e *stylis*. No tipo **29**, ela caminha, com a coroa dos vencedores na mão direita e a fita na mão esquerda. Esta Niké foi batida durante a revolta de 313-312 a.C. e traz a inscrição ΔΑΜΩ ΚΥΡΑΝΑ. No anverso, temos a cabeça de Ártemis.

Afora esta ocorrência, a Niké aparece somente como condutora das quadrigas, como nas moedas de Siracusa, ou em tipos genuinamente de Alexandre, que serão analisados adiante. Podemos notar que um ou dois anos antes desta revolta, Ptolomeu faz sua primeira intervenção nas cunhagens em que em uma das moedas temos uma Niké que caminha com coroa e estandarte nas mãos – um tipo de Alexandre – e a inscriçao [ΚΥΡΑΝΑΙΟΝ] ΠΤΟΛΕΜΑΙΩ. Nesta Niké da revolta democrática ela tem a fita, e não o estandarte, e a inscrição é feita em nome do

povo de Cirene. Este tipo sugere uma resposta ao tipo batido com o nome de Ptolomeu I, em que a mesma incorporação da vitória coroaria desta vez o povo, que reivindicava independência e a vitória dos democratas.

Atena com elmo ateniense

A julgar pelos testemunhos literários, Atena foi uma deusa cultuada em Cirene ao menos desde época clássica e na Ágora localizava-se o seu templo. Píndaro (*Pyth*., IX, 97 sq.) faz referência aos jogos atléticos que eram celebrados nas festas locais em honra de Pallas. Heródoto (II, 182) conta que Amasis consagrou dentro do templo da deusa uma estátua dourada de Atena. É ainda o mesmo autor que nos informa dos sacrifícios feitos em honra de Atena, Triton e Poseidon pelos habitantes da região do Lago Tritonis. Heródoto ainda afirma (IV, 189) que Atena é uma deusa líbia, assim como a arte de atrelar quatro cavalos juntos. Nas contas dos demiurgos do século IV a.C. (SEG, 13, 1, 12-13; 21, 1, 3 *apud* CHAMOUX, 1956 : 270) havia referência a uma sacerdotisa de Atena. Na Missão Norton empreendida no começo do século XX, na Ágora, foi encontrada uma cabeça de Atena com elmo ateniense, um original do século IV a.C. (CHAMOUX, 1956 : 270).

Figura 45. Anverso de decadracma (42,62 g) ateniense batido por volta de 479 a.C., com a representação de Atena com elmo ateniense. Extraído de: KRAAY e HIRMER, 1966, pl. 12.357.

O esquema iconográfico de Atena com elmo ateniense se consagrou no mundo helênico como um tipo ateniense, que com a coruja no reverso inspirou as cunhagens de diversas cidades do mundo grego e no Oriente. Grande número de moedas de prata com anverso de Atena e reverso de coruja foram encontradas em todo o mundo antigo, como testemunha um tesouro encontrado no Egito em 1946,

que continha 10 mil moedas atenienses com estes tipos (KRAAY e HIRMER, 1966 : 324).

Mas nas cunhagens da Cirenaica, a primeira aparição de Atena com elmo ateniense acontece nestes exemplares deste repertório, no final do século IV a.C. Em uma moeda de bronze batida entre 322 e 313 a.C., Atena com elmo ateniense tem como reverso o *silfium* e a inscrição KYPA (**19**). Em um exemplar batido pela cidade entre 305 e 300 a.C., Atena com pescoço drapeado está presente no reverso de um óbolo em padrão incerto, com Zeus Ammon no anverso (**57**). Nestes mesmos anos no final do século IV a.C., ela é representada com o pescoço drapeado e tem Zeus Ammon no anverso, em uma moeda de bronze sem inscrição (**65**), como no óbolo citado.

Posteriormente a deusa com elmo ateniense não figuraria mais nas cunhagens da região. Como foi mostrado na contextualização histórica, as relações comerciais entre Cirene e Atenas existiram desde época arcaica. Mas a deusa só seria representada nas moedas neste final de século IV a.C. Talvez este uso nas cunhagens se justifique pela aproximação política ocasionada pelo casamento de Ofelas com Eutídice, como atestam as fontes textuais. E ainda com os mercenários atenienses que acompanharam Ofelas na expedição contra Cartago.

Tridente e golfinho

O tridente é o atributo de Poseidon por excelência e figura pela primeira e única vez na Cirenaica nos três tipos que constam desse repertório, todos atribuídos a Euespérides, já que neles encontramos a inscrição EY. Como tipo principal, o tridente figura no reverso, sozinho, em uma moeda de bronze que tem a cabeça de Héracles com pele de leão no anverso (**26**) e em outra com a cabeça laureada de Zeus Ammon (**27**). Em uma terceira moeda, o tridente está no reverso envolto por uma coroa e tem no anverso o golfinho (**28**). Todos esses três exemplares são datados entre 322 e 313 a.C.

Alguns especialistas, dentre eles Robinson (1965 : cxcv), julgam que o tridente estaria relacionado a uma expressão da identidade da cidade. Nas referências textuais encontramos associações de Euespérides com Poseidon, o deus que porta este atributo. Heródoto nos informa que Poseidon era um deus já adorado pelos líbios antes da chegada dos gregos – este autor diz que os líbios

tinham um deus com o nome de Poseidon (II, 50) – e ainda que os habitantes ao redor do lago Tritonis ofereciam sacrifícios a este deus (IV, 188). Sabemos ainda pelas fontes textuais que Poseidon era considerado um ancestral divino dos Batíadas por ser pai de Eurípilos. Segundo Píndaro (*Pyth.*, IV, 33) e Apolônio Rodes (*Argon.*, IV, 1549 *apud* CHAMOUX, 1953 : 279), foi Eurípilos, rei mítico da Líbia, que deu a Eufemos um torrão de terra como símbolo de hospitalidade quando os argonautas passaram pelo lago Tritonis.

Ainda a respeito deste deus, sabemos pelos vestígios arqueológicos que em Thera e em Creta, ilhas que tinham estreita relação com a Cirenaica, havia um culto de Apolo Delphinius anterior à vinda dos thereus para a Cirenaica (ROBINSON, 1965 : cxci).

Já a representação do golfinho foi feita no anverso de uma moeda de bronze de Euespérides (**28**). Este é o único golfinho que aparece neste repertório, mas nas cunhagens de Euespérides, este animal marinho, associado tanto a Poseidon, quanto a Apolo Delphinius, compôs os reversos das primeiras moedas da cidade. Nesses primeiros exemplares ele era representado somente no reverso, já que o anverso era reservado ao *silfium* (BMC *Cyr.*, Euhesperides 1). Como tipos secundários, eram representados a gazela (BMC *Cyr.*, Euhesperides 1a) ou a garra do caranguejo (BMC *Cyr.*, Euhesperides 1d) no reverso.

Nas moedas de Cirene do período arcaico, ora o golfinho aparecia como tipo secundário de anverso ao lado do tipo principal, o *silfium* (BMC *Cyr.*, Cyrene 21b), ora são representados dois golfinhos nadando em direções opostas com o *silfium* entre eles (BMC *Cyr.*, Cyrene 16a).

Robinson sugere que nessas cunhagens arcaicas o golfinho esteja relacionado a Thera, a metrópole, onde os dois golfinhos foram utilizados como símbolo desta ilha. A propósito, no relato de Píndaro (IV, 19) sobre o surgimento da ilha de Thera e do sucesso que seria a fundação de uma colônia na Líbia profetizado por Medéia, tanto o golfinho quanto o Lago Tritonis estão presentes associados a Eurípilo, filho de Poseidon, que é quem dá as boas-vindas aos Argonautas em terras líbias.

Mas nós acreditamos que esta iconografia relacionada a temas marinhos esteja associada aos mercenários cretenses. Nesta ilha, representações de temas marinhos, assim como de Poseidon foram utilizadas pelas cidades nas suas

cunhagens monetárias. Em Rhaucos, por exemplo, tanto o golfinho, quanto o tridente foram amplamente representados em suas cunhagens. Já vimos na nossa análise dos tesouros monetários que didracmas de Creta, datadas do último quartel do século IV a.C., foram encontrados nesta ilha. Segundo Le Rider (1966 : 143-6), essas moedas teriam chegado a Creta através dos mercenários que retornaram da Cirenaica. Euespérides tinha uma relação particular com os cretenses. Foi ali que Arcesilas IV instalou uma colônia de mercenários cretenses. Além de que nesta cidade se produzia púrpura, tintura extraída dos múrices (WILSON, 2006 : 148). Como nos informa Heródoto (IV, 153), Corobios, que guiou os gregos à Líbia, era um pescador de múrices.

Ísis

A deusa venerada em todo o Egito desde o Antigo Império – e que recebeu múltiplas representações quando foi adotada na arte por gregos e romanos – foi representada nas moedas deste repertório somente pela cidade de Cirene quando da revolta ocorrida entre 305 e 300 a.C. Em uma dracma deste intervalo, a cabeça da deusa é representada com coroa de espigas de cereais (**54**), o cabelo à moda líbia, frisado, com uma estética já helenizada em que ela sofreu sincretismo com Deméter. No reverso desta dracma, está presente o *silfium* e a inscrição KYPA.

Neste mesmo intervalo, em um óbolo autônomo, de padrão incerto, Ísis é representada da mesma forma (**56**), mas no reverso temos a águia com uma serpente que se ergue diante dela. Esta pequena denominação em prata não tem inscrição.

No relato mítico, Ísis formava com Osíris o casal divino. Era uma deusa tipicamente egípcia e, como nos informa Heródoto (II, 42), ela e Osíris são os únicos deuses venerados por todos os egípcios. Na arte ela é representada com os mais variados atributos: o *uraeus*, o sistro[4], o lótus, o carneiro; seu cabelo frisado é semelhante aos das divindades líbias e em sua vestimenta um nó é feito entre os seios com duas pontas de um tecido (conhecido como nó isíaco). Heródoto (II, 41) acrescenta que as imagens de Ísis apresentam os cornos de vaca, já que as vacas são consagradas a Ísis. A propósito, segundo este autor (IV, 186), as mulheres dos

[4] Antigo instrumento de percussão egípcio.

cirenaicos não comiam carne de vaca por causa de Ísis, em cuja honra elas até jejuavam e celebravam festas.

Não sabemos exatamente em que momento aconteceu a helenização de Ísis. Na forma sincrética, Isis é a deusa civilizadora. Educada por Hermes (DIODORO, I, 27), acabou com a antropofagia e instituiu a justiça e as leis (*id.*, I, 14). Ensinou a agricultura (*id.*, I, 15) e inventou a civilização ao instituir o casamento (K 17-18; Ma 41-42 *apud* TINH, 1990 : 793). Deusa poderosa, soberana do céu, da terra e do mar, ela cura todas as enfermidades humanas (DIODORO, I, 25).

E foi o aspecto da fertilidade, somado ao luto das duas deusas em episódio mítico – Deméter por sua filha Perséfone e Ísis por seu marido Osíris – que propiciou o sincretismo desta deusa egípcia com a Deméter grega. Na forma Ísis-Demeter, a deusa da colheita é representada com as vestimentas à moda isíaca e os seus atributos (como o sistro, a cornucópia ou um disco entre duas cornucópias ou ainda um crescente sobre a cabeça), mas porta também os atributos de Deméter, como a coroa de espigas, a tocha ou o véu que representa a mulher em luto. (TINH, 1990 : 791)

Foi a partir do século III a.C. que Ísis começa a ser figurada com a cornucópia da abundância, representação que foi largamente utilizada nas moedas helenísticas e em especial por Berenice e outras rainhas do Egito, que fizeram assimilação com Ísis simbolizando a prosperidade. Inclusive, no decreto de Canopus (l. 57 *apud* TINH, 1990 : 762) encontramos uma referência às sacerdotisas de Ísis a serviço de Berenice, que segundo especificações vestiam-se à moda isíaca, com o *basileion* (emblema de Hathor sobre o qual são dispostos duas plumas e duas espigas de trigo) e o véu.

Figura 46. Estátua de Ísis, encontrada no Santuário das Divindades Alexandrinas (Museu das Esculturas, Shahat). Extraída de: Arquivo pessoal.

Dados arqueológicos e as fontes literárias evidenciam em Cirene um local de culto dedicado à deusa pré-colonial líbio-egípcia, que possui muitos componentes com o Ammon líbio-egípcio e que na Grécia foi assimilada a Deméter talvez antes ainda da *apoikia* grega. Atualmente este local sagrado é conhecido como Santuário das Divindades Alexandrinas e se localiza fora dos muros da cidade, sobre a encosta nordeste da Acrópole. (ENSOLI, 2000 : 55-6)

Os vestígios arquitetônicos indicam a existência deste recinto sagrado antes de época helenística. E a fundação do *têmenos*, dedicado à deusa líbio-egípcia assimilada à *Thesmophoros*, no século V a.C., talvez coincida com o evidente aumento de importância ocorrido no Santuário Extra-urbano de Deméter e Perséfone neste mesmo século, e ainda com a construção na Myrtousa do Templo de Ísis, datado do século IV a.C., na área sagrada de Apolo. A construção deste templo intra-urbano foi parte da ampliação urbana empreendida pela aristocracia a partir da metade do século IV a.C. e está relacionada à chegada de Ptolomeu. Neste templo, a deusa era venerada como uma divindade da saúde – como em Melos, Delos e Atenas. (*id.*, *ibid.* : 56) (Mapa 4)

Figuras 47 e 48. À esquerda, templo de Ísis situado no Santuário de Apolo. À direita, Santuário das Divindades Alexandrinas, situado na encosta nordeste da Acrópole. Extraídas de: Arquivo pessoal.

Assim como havia em Cirene um santuário extra-urbano de Deméter e outro na Ágora, também Ísis possuiu dois espaços sagrados. Os dois templos, o extra-urbano e o intra-urbano, a partir de certo momento foram coligados, quando a conexão com a fertilidade de Deméter se tornou mais aparente. Sobre a Acrópole, Ísis era venerada como uma divindade *Tesmophoria*, e no Santuário de Apolo, como Kore. Depois da revolta judaica, o templo de Ísis intra-muros sofreu diversas intervenções e reformas, até ser destruído pelo terremoto de 365 d.C. (ENSOLI, 2000 : 131).

As relações estreitas entre Cirene e Naucrátis, onde Ísis era identificada com Deméter, e ainda com o Egito, largamente documentada no século VI a.C., sugerem que o testemunho de Heródoto seja o resultado de um longo processo que em época clássica já estava definido, como indicam alguns achados arqueológicos, dentre eles o busto de mármore de uma divindade com romã e coroa de *uraeus* datada do século V a.C. (*id.*, *ibid.*).

A sua utilização assimilada a Deméter nas moedas dos anos de revolta antimonárquica em Cirene sugerem a parceria entre os dois grandes produtores de trigo, o Egito e a Cirenaica, e a prosperidade decorrente do comércio deste produto sob controle lagida. Deste modo, ela estaria sendo batida por uma autoridade emissora que apoiava o controle lagida na região.

TIPOS HELENÍSTICOS

Tanto as cidades da Cirenaica como Ptolomeu, utilizaram em suas moedas os tipos que se consagraram nas moedas de Alexandre. A cidade, durante o intervalo de revolta antimonárquica, expressou sua independência em relação ao Egito utilizando a inscrição em nome de Alexandre. Já Ptolomeu, aproveitou-se do apelo pan-helênico desses tipos para marcar o controle sobre o território com inscrições que traziam seu nome, associado ao território sobre o qual exercia seu poder, em *c.* 314 a.C. Nestas cunhagens é interessante notar como esses tipos de Alexandre serviram a propósitos diferentes de propaganda dependendo da autoridade emissora que fez uso deles.

Atena com elmo coríntio e Niké

Nos estáteres e hemiestáteres batidos por Ptolomeu quando de sua primeira intervenção nas cunhagens da Cirenaica, Atena com elmo coríntio no anverso e Niké com coroa e estandarte nas mãos traziam a inscrição [KYPANAION] ΠΤΟΛΕΜΑΙΩ (de Ptolomeu dos cireneus). Esta inscrição expressaria o controle de Ptolomeu sobre um dado território e associado aos tipos monetários utilizados a dar suporte a esta mensagem, fariam parte da propaganda que Ptolomeu manipularia em suas cunhagens no Egito e em suas possessões.

No anverso dessas moedas de ouro, temos a Atena que se consagrou como símbolo da cidade de Corinto e fazia referência à Liga sediada nesta cidade, que foi fundada por Filipe e que teve Alexandre como presidente supremo. Tendo todas as cidades gregas como membro (exceto Esparta), a Liga de Corinto representou a união das cidades gregas na luta contra os persas, de modo que este tipo monetário tinha uma mensagem associada à luta dos gregos para preservarem sua cultura e autonomia e marcava a afirmação da cultura grega como superior a todas as outras, bárbaras. Para enfatizar essa superioridade, Alexandre utilizou a representação de Niké, a “incorporação da vitória”, vitória esta que justificava não somente a superioridade da cultura grega, mas o poder que Alexandre conquistou através da vitória militar sobre os outros povos.

A vitória passou, deste modo, a ser uma prerrogativa da monarquia. Seria através da vitória militar que os monarcas helenísticos justificariam sua soberania

sobre um território. E esta mensagem, que foi muito bem manipulada nas cunhagens de Ptolomeu, foi a tônica da propaganda política deste monarca. É a vitória que garante ao monarca poder e promessa de sucesso. (PRÉAUX, 1978, I : 287) Ao fazer uso de uma moeda com tipos de Alexandre, ele se equipara ao grande vitorioso, que era Alexandre, e se coloca dessa forma como um sucessor daquele que conquistou a soberania.

Já a cidade utilizaria esses mesmos tipos monetários, também em estáteres e hemiestáteres (**49**), em cunhagens feitas durante a revolta antimonárquica. Diante do fracasso de Ptolomeu na batalha de Salamina de Chipre (Mapa 4), a cidade, independente e soberana, goza do caráter internacional desta cunhagem diante de sua grande aceitabilidade entre os mercenários.

Héracles em pele de leão e Zeus sentado no trono

Nos tetradracmas batidos durante o intervalo de revolta antimonárquica, os cireneus figurariam também os tipos utilizados por Alexandre nos seus tetradracmas e dracmas (**50**). Temos no anverso dessa denominação Héracles em pele de leão e no reverso Zeus sentado no trono.

Este Héracles faz referência ao episódio em que o herói luta com o monstruoso leão de Neméia. Esta imagem do herói civilizador, que lutou contra Gigantes, Amazonas e monstros para libertar o mundo dessas ameaças, foi utilizado na propaganda de Alexandre e evidencia a civilidade do modo de vida grego em comparação a todas as outras culturas das diversas partes do mundo, “bárbaras”, conquistadas por Alexandre. Este modo de vida propagado pelo conquistador seria o direcionamento de um projeto de unificação do seu império.

Alguns autores sugerem que Alexandre tenha batido o seu próprio retrato, assimilado a Héracles, em vida. A aparência humana dada a Héracles – ou a aparência divina dada a Alexandre – seria uma das estratégias que os monarcas helenísticos se apropriariam para expressar a sua linhagem divina, justificativa da realeza (PRÉAUX, 1978, I : 286).

Alexandre, por sua vez, havia se apropriado de uma estratégia utilizada pelos monarcas macedônios, que se diziam serem ancestrais de Héracles buscando uma ancestralidade mítica para justificar a realeza.

Figura 49. Estáter (9,46 g) batido por Amyntas III, na Macedônia, entre 400 e 370 a.C., que traz no anverso a representação de Héracles com pele de leão e no reverso, o cavalo. Extraído de: Sylloge Nummorum Graecorum – http://www.s110120695.websitehome.co.uk/SNG/sng_reply2a.php?verb=SNGuk_0700_0630. Acesso em: 27/5/2008.

No reverso de seus tetradracmas, Alexandre completou esta idéia de justificativa de poder utilizando uma representação de Zeus sentado no trono com o cetro e a águia nas mãos. Imagem consagrada nas moedas da cidade de Élis e que teve sua versão com Zeus Lycaios nas cunhagens da Liga Arcádia, o uso deste tipo na mais importante denominação da propaganda política do monarca se explica pelo caráter pan-helênico que Zeus sentado no trono adquiriu por estar associado aos jogos realizados em Olímpia. Nas moedas da Cirenaica, este Zeus está vestido com *himation*, sentado no trono, com a águia e o cetro. A inscrição também é feita em referência a Alexandre.

Figura 50. Decadracma (41,64 g) batido na Macedônia por Alexandre, o Grande, entre 336 a.C. e 323 a.C., que traz no reverso Zeus sentado com o cetro e a águia. Extraída de: KRAAY e HIRMER, 1966, pl. 173.572.

O apelo de Alexandre era uma inovação ditada pela necessidade de criar um tipo que fosse aceito e reconhecido por todos os gregos. Neste caso, Héracles, o maior amigo da espécie humana, associado a Zeus, a grande divindade pan-

helênica e o senhor da geração olímpica, gozou de tal popularidade que foi utilizado nos confins do mundo helenístico, assimilado a divindades locais, assim como Zeus também sofreu assimilação.

Morkholm (1991 : 69) nota que as cunhagens póstumas em nome de Alexandre batidas na Cirenaica foram uma das primeiras feitas pelas cidades independentes com o intuito de colocar em circulação uma moeda de aceitação quase que universal. A aceitabilidade das cunhagens com os tipos de Alexandre no mundo helenístico é comparada à das corujas atenienses em época clássica. As cidades, em algumas ocasiões, não queriam expressar em suas cunhagens o poder de um determinado monarca helenístico, ao mesmo tempo que tinham de bater moedas emergenciais, com fins militares, para fazerem o pagamento de mercenários. E acreditamos que tenha sido com este fim que estas moedas de ouro e prata foram batidas pelas cidades em um momento conturbado politicamente como este.

Há ainda uma terceira moeda de bronze com cabeça de Héracles e suas armas, batida entre a chegada de Magas à Cirenaica e a morte de Ptolomeu I (**56**). Ela traz a inscrição ΒΑΣΙΛΕΩΣ. Este exemplar está em péssimo estado de conservação e não foi possível aos especialistas identificar se Héracles porta a pele de leão ou não, nem mesmo se no disco estão presentes outros adjuntos ou símbolos.

Héracles em pele de leão nas cunhagens de Euespérides

Neste repertório temos ainda duas moedas de bronze atribuídas a Euespérides em que consta a cabeça de Héracles com pele de leão (**25** e **26**), sendo que em uma delas tem como reverso as armas do herói, a clava, a aljava e a flecha, que ele recebeu dos deuses olímpicos.

A presença das armas do herói civilizador no reverso, associado à sua cabeça no anverso, remete mais uma vez às moedas da Macedônia batidas pelos reis locais, inclusive por Filipe II. Mas foi com Alexandre que esta combinação de tipos se popularizou como helenística, já que este monarca estampou suas cunhagens em bronze com esta tradicional combinação de tipos.

Esta imagem, além de despertar um interesse global, por ser um tipo helenístico, foi especialmente bem-vinda na cidade de Euespérides, onde dois dos

Trabalhos do herói têm a Líbia[1] como cenário. A conquista dos frutos maravilhosos das Hespérides e o combate contra o gigante Anteu receberam dos fundadores de Cirene uma localização precisa no lado ocidental da Cirenaica, na Grande Sirte, próximo de onde seria fundada a cidade de Euespérides.

As referências literárias que tentam situar topograficamente o Jardim das Hespérides não são anteriores ao século IV a.C. (ver discussão em KORMIKIARI, 2000 : 34). Embora estas referências localizem o tal jardim ora no lado ocidental da atual Líbia, ora no Monte Atlas, no extremo ocidental do continente africano, ora ainda no país dos Hiperbóreos, a localização do Jardim nas proximidades de Euespérides parece ter sido uma criação local dos primeiros fundadores. Como observa Chamoux (1953 : 280), a cidade recebeu este nome no final do século VI a.C., o que sugere que anteriormente os gregos do platô já haviam atribuído a localização do jardim maravilhoso próximo de Euespérides. Outro indicativo desta associação é a existência de uma cunhagem feita por Cirene no final do século VI a.C., em que Héracles e uma Hespéride são representados ao lado da árvore fornecedora das maçãs de ouro (BMC *Cyr.*, Cyrene 10a, pl. II.19). Temos ainda uma referência de Estrabão (XVII, 837) sobre a existência de um Heracleion nas redondezas de Paliouros, perto de Euespérides.

Figura 51. À esquerda, reverso de tetradracma ático (17,35 g) batido em Cirene por volta de 500 a.C., em que traz a representação de Héracles com uma das Hespérides e a árvore mágica. Extraída de: BMC *Cyr.*, Cyrene 10a, pl. II.19.

Por estar localizada na extremidade ocidental da Cirenaica, perto de grandes grupos indígenas guerreiros, ao longo de toda a sua história Euespérides foi marcada por conflitos com a população nativa. Além do fato de Héracles ter se

[1] Nesta passagem, entenda-se por Líbia todo o território a oeste do Egito.

tornado um tipo pan-helênico a partir do século IV a.C., no caso dessas três cunhagens associadas a Euespérides acreditamos que uma busca por sua identidade, através do resgate de um mito de fundação, tenha motivado o uso nas suas cunhagens destes tipos que se tornaram helenísticos.

Os tipos de Alexandre nas moedas de Ptolomeu rei

Nas moedas de ouro, notamos que a propaganda de Ptolomeu vai se desvencilhando dos tipos de Alexandre. Ele utilizaria a mesma Niké dos estáteres e hemiestáres de Alexandre no reverso de um pequeno 1/3 de estáterer. Já no anverso colocaria seu retrato e o título de Ptolomeu rei (**67**), embora sem referência ao território sobre o qual exerceria essa soberania. Esta última cunhagem foi feita em padrão ático, quando este já havia sido abandonado por Ptolomeu cerca de dez anos antes. Por isso, Morkholm (1991 : 69) entende esta cunhagem como de transição, mas nós acreditamos que ela tivesse um fim específico, já que ele não retornaria a um sistema ponderal abandonado cerca de dez anos antes em suas moedas. Com esta cunhagem, ele reafirma sua vitória e impõe o título real recém-adquirido.

Esta tendência varia nas moedas de bronze. Como veremos adiante, ele utiliza tipos ptolomaicos, com seu retrato no anverso e águia sobre o raio no reverso, em uma das cunhagens reais em bronze feitas na região. Mas encontramos neste mesmo intervalo, entre o reconhecimento de seu título pelas cidades e sua morte, moedas de bronze em que foram utilizados os tipos que Alexandre imprimiu nas suas próprias moedas de bronze (**75**).

Ptolomeu já havia experimentado por volta de 314 a.C. utilizar inscrição em seu nome que sinalizaria para o controle de um território, experiência essa que não foi bem-vinda na Cirenaica. Nestas cunhagens em bronze que tem a iconografia associada a Héracles, acreditamos que o uso de tipos de Alexandre, ao mesmo tempo que têm um significado local forte, teria maior aceitação pela cidade de Euespérides e seria visto como menos invasivo. Na inscrição ele não cita seu nome, mas seu título somente.

Tipos helenísticos nas moedas de Cirene

O tipo de Alexandre que tem Zeus sentado no trono com águia e cetro foi o que mais influenciou as cunhagens da Cirenaica depois que Cirene fez um pacto de amizade com este monarca. Nos estáteres dos primeiros anos do governo de Ofelas, este tipo de caráter internacional adquire traços locais, ao ter Zeus substituído pelo Lycaios e pelo Ammon. Zeus Lycaios começa a ser representado nas cunhagens da região somente no século IV a.C., embora seu culto seja atestado desde o século VI a.C. em Cirene (HERÓDOTO, IV, 203), talvez por influência dos peloponésios que participaram da colonização da cidade. Segundo Malten (*Kyrene* : 122 *apud* ROBINSON, 1965 : ccxxxix), ele teria como origem longínqua um deus pré-dórico do Peloponeso.

Nestes dois tipos da Cirenaica, Ammon e Lycaios usam o *himation*. No segundo tipo Zeus Ammon tem a sua frente um *thymiaterion*, representação trazida pelos fenícios para o Ocidente e que figurou nas moedas de Cartago e da Sicília. Mas originalmente, neste tipo o *thymiaterion* não estava presente. Nessas moedas de Cirene, tanto o incensário como o trono têm decorações em forma de flores de lótus, cuja representação foi explorada das mais diversas maneiras nas moedas da Macedônia, associada à realeza.

A pose indolente de Zeus Lycaios nessa imagem talvez justifique o título *Elinymenos* dado ao Lycaios de Cirene (ελινυμενος, do verbo ελινυω, descansar, repousar), cuja referência foi feita pelo lexicógrafo Esíquio para o Zeus de Cirene e cuja associação foi observada por A. B. Cook na obra *Zeus* (v. 1 : 86 *apud* ROBINSON : ccxl). Nesta imagem, Zeus Lycaios se diferencia de Zeus Ammon pela ausência dos cornos de carneiro. Nessas representações os gregos da Líbia buscaram colocar a sua marca e deste modo se diferenciarem dos outros gregos de outras localidades.

Além da influência de Alexandre, essas cunhagens denunciam o uso iconográfico de tipos que podem ser associados a uma parcela da aristocracia que era em sua maioria composta por peloponésios. O Lycaios das moedas da Liga Arcádia e o Zeus Ammon dos aristocratas da Líbia recebem também influência siciliota clara, seja no uso do *thymiaterion*, como no anverso dessas cunhagens, com belas quadrigas aristocráticas.

TIPOS PTOLOMAICOS

Atena guerreira

A representação em posição de combate, seja com a lança ou com a espada e o escudo, ficou consagradamente conhecida como Atena Alkidemos, a deusa tutelar de Pella, na Macedônia (JENKINS, 1972 : 217). A sua representação consistiu em uma das primeiras inovações feitas por Ptolomeu I nas moedas de Alexandria e foi também a primeira cunhagem a trazer uma inscrição que denotaria a sua intervenção sobre um território (MORKHOLM, 1991 : 64).

Neste tipo, a deusa é representada de perfil, movendo-se para a direita em uma passada energética e com sua espada posicionada para ataque. Em Alexandria, no anverso havia a cabeça de Alexandre vestida com pele de elefante, a mesma combinação que foi adotada em Sídon por Ptolomeu I, depois da batalha de Gaza, em 312 a.C. (MORKHOLM, 1991 : 65). Em Chipre, nesta mesma época, esse tipo ptolomaico em padrão ático foi assinado inicialmente pelo enteado de Ptolomeu I, Eunostus, rei de Soli. Mas depois que as moedas de Chipre sofreram as reduções do peso estabelecidas por Ptolomeu, a inscrição ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ passou a figurar nesse mesmo tipo (MORKHOLM, 1972 : 65).

Assim como em Alexandria, também em Cirene pela primeira vez o nome de Ptolomeu é inscrito em suas moedas (MORKHOLM, 1972 : 64). Mas em Cirene, este tipo batido em um didracma tem no anverso a representação da cabeça de Dioniso (**35**). Não encontramos na região, anteriormente nem posteriormente, nenhuma outra moeda em que figura a Atena Alkidemos.

A popularidade deste tipo monetário entre os monarcas helenísticos se explica pelo fato de a Atena Guerreira ser vista como o símbolo de um aspecto importante da ideologia governante: o seu direito ao território (MORKHOLM, 1991 : 26), que Ptolomeu conquistou “pela espada” (DIODORO, XVIII, 3). No caso de Ptolomeu I, a conquista pela espada talvez faça referência ao ataque de Perdicas, quando este foi morto pelos oficiais de Ptolomeu em 321 a.C., e o território do Egito ficou a ele assegurado (*id.*, XVIII, 43; TURNER, 1984 : 122-3). Na Cirenaica, é o deus estrangeiro Dioniso, conquistador de territórios como Ptolomeu, que acompanha a Atena guerreira que legaliza o direito a este território.

Alexandre em quadriga de elefantes

Dentre as primeiras cunhagens batidas por Ptolomeu I depois que ele reconquista a Cirenaica, seus estáteres trazem no reverso a representação de Alexandre, com a égide e o raio, conduzindo uma quadriga de elefantes (**56**), atribuídos a Cirene e a Euespérides. Este tipo foi batido primeiramente em Alexandria logo que Ptolomeu se auto-intitulou rei (MORKHOLM, 1991 : 69). Tanto na Cirenaica como no Egito, ele foi cunhado nos estáteres reais e inauguram a adoção do padrão fenício e o uso da inscrição ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ.

Em um primeiro momento, podemos afirmar que esta cena faz referência à vitória de Alexandre na Índia, contra o rei Porus, cujo episódio inspirou os outros monarcas helenísticos a fazerem uso dos elefantes na guerra e utilizá-los como tipo monetário no período helenístico (SCULLARD, 1948).

Anteriormente, Ptolomeu já havia associado a imagem de Alexandre a este episódio na Índia. No primeiro retrato de Alexandre batido nas moedas de Ptolomeu, em Alexandria e em outras possessões, o monarca macedônio é representado como Héracles, mas, ao invés da pele do leão de Neméia, é a de elefante que veste sua cabeça. Mas esta cunhagem não alcançou a Cirenaica.

A reivindicação por Ptolomeu de levar o corpo de Alexandre para o Egito – já que ali ele teria sido considerado pelos sacerdotes de Ammon como filho de Zeus – seria uma das estratégias utilizadas pelo monarca para ali instalar-se um culto a Alexandre. Este culto seria uma forma de Ptolomeu legitimar-se como um sucessor deste no Egito.

Não temos referências de que Ptolomeu I tenha feito uso de elefantes em guerras. Mas sim às vitórias de Ptolomeu em que ele capturou os elefantes dos vencidos. Por volta de 321 a.C., quando Perdicas atacou o Egito contra Ptolomeu com uma força que incluía elefantes indianos (DIODORO, XVIII, 33-36) e é derrotado no Nilo, supõe-se que Ptolomeu tenha capturado os elefantes sobreviventes de Perdicas. Em 313-2 a.C., quando Ptolomeu vence Demétrius Poliorcetes em Gaza (Mapa 4), que nesta ocasião estava com 43 elefantes indianos, os animais foram capturados por Ptolomeu (DIODORO, XIX, 83-4).

Mas por que Ptolomeu I usaria esta referência ao epiosódio entre Alexandre e Porus neste momento?

Como vimos anteriormente, nas moedas de bronze batidas por Ptolomeu com tipos relacionados a Héracles, o monarca escolheu tipos de Alexandre como forma de legitimar seu poder como um sucessor daquele que os cireneus fizeram pacto de amizade. Desta forma, ficaria marcada sua influência na Cirenaica, mas não um domínio propriamente.

Retratos de Ptolomeu I e de Berenice

A partir do momento que Ptolomeu I se autoproclamou rei, em 305 a.C., ele cunhou suas moedas reais com seu retrato e a inscrição do seu nome acompanhado do título de rei em Alexandria. Mas na Cirenaica, somente depois que ele conseguiu retomar o controle da região, após uma revolta antimonárquica, ele começou a cunhar seus próprios tipos como *Soter*, entre 300 e 298 a.C. Seu retrato no anverso foi batido nas moedas de ouro e marcaria a inscrição com seu nome e o título real, ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ.

Nos estáteres e hemiestáteres (**66**), tanto Alexandre no reverso como Ptolomeu no anverso trazem atributos divinos. Alexandre, como nos medalhões da Babilônia, tem o raio de Zeus nas mãos. Já Ptolomeu usa o diadema. Como observa Préaux (1978, I : 184), o diadema que irá ornar a cabeça dos monarcas helenísticos nas batalhas é o antigo adorno dos vencedores atléticos. Assim como a coroa, os dois ornamentos eram oferecidos pelas cidades aos reis depois das vitórias de libertação das cidades. Deste modo, a coroa e o diadema real são sacralizantes, é um atributo da soberania que foi muito bem utilizado nos retratos dos monarcas helenísticos.

Outro aspecto da divinização da imagem do dinasta nos retratos é o uso da égide de Zeus ao redor do pescoço. A propósito, era uma característica das moedas ptolomaicas incluir os ombros – com égide ou não – nos retratos dos Ptolomeus e o pescoço drapeado no caso dos retratos das rainhas, ao invés de terminar a cabeça no pescoço. O monarca escolheu ainda outros atributos de Zeus para se representar, de modo que a águia sobre o raio tornou-se seu emblema, cunhado nos reversos de suas moedas. Um exemplo deste modelo batido em Cirene constitui-se do terceiro retrato deste repertório feito por Ptolomeu I em vida, em uma moeda de bronze, tendo no reverso a águia sobre o raio (**73**) e a inscrição em seu nome.

Ao bater o seu retrato com Alexandre no reverso, Ptolomeu chamava a atenção para a sua conexão com Alexandre e para o culto que ele estabeleceu em Alexandria, depois que o corpo de Alexandre foi transportado primeiramente para Mênfis e depois para Alexandria (MORKHOLM, 1972 : 65). Após a morte de Ptolomeu I, Ptolomeu II institui um culto aos seus antepassados, incluindo aí Alexandre e seu pai. Segundo Teócrito (*Idylle*, XVII, 16-17 *apud* PRÉAUX, p. 256), Ptolomeu II instala seu pai defunto em um trono de ouro ao lado de Zeus. E assim os cultos aos antepassados vão se instituindo sucessivamente pelos lagidas e os outros monarcas helenísticos.

Após a morte de Ptolomeu I, o seu retrato só retoma nas cunhagens da Cirenaica depois que Magas se reconcilia com seu meio-irmão, Filadelfo, e as relações políticas entre a Cirenaica e o Egito são retomadas. Essa retomada dos tipos reais inaugurados por Ptolomeu I explica o grande número de ocorrências deste tipo monetário no repertório. Como podemos observar no Gráfico 2, o retrato de Ptolomeu figura 9 vezes no total, mas em somente 3 moedas esta representação foi feita por Ptolomeu I em vida.

Magas bate tetradracmas e didracmas com o retrato daquele que lhe concedeu a Cirenaica no anverso, nos moldes estabelecidos pelo primeiro monarca lagida (**82**). No reverso, figura uma águia com as asas fechadas sobre o raio, como uma retomada dos tipos em bronze batidos em vida pelo fundador da dinastia. Mas esta combinação de tipos também será utilizada por Magas nas moedas de bronze, também com a inscrição em nome de Ptolomeu rei, com variações de tipos no reverso. Em uma dessas peças, a águia no reverso tem as asas abertas (**86**), exatamente como nas moedas de bronze do monarca.

Nos últimos anos do governo de Magas, além dos retratos de Ptolomeu I, ele utiliza também os de sua mãe em suas moedas. Neste repertório o retrato de Berenice foi batido em didracmas da cidade de Euespérides (**83**), em que no anverso a mãe de Magas é representada diademada, com o pescoço drapeado, com a inscrição em seu nome e o título de rainha, ao estilo ptolomaico. No reverso temos a clava de Héracles e a coroa de macieira ao redor do bojo. Em bronze também foi batido um retrato de Berenice I (**87**), diademada, com a inscrição em nome da rainha. Neste exemplar temos no reverso a clava, também arma de Héracles, o que estabelece uma ligação com a cidade de Euespérides.

É curioso que quando Magas se reconcilia com seu irmão ele não cunha alguns tipos que estavam sendo usados no Egito neste momento. Em Alexandria, onde já havia iniciado um culto de Arsinoe, esposa e irmã de Filadelfo, é o retrato de Arsínoe que figura em suas cunhagens, velada. Mas na Cirenaica, Magas, que ainda governava independente do Egito, busca na sua origem, entre aqueles que lhe concederam um posto político na região, um motivo para as suas cunhagens, como forma de legitimação de poder e de demonstrar que a Cirenaica não estava submissa ao Egito.

Se em uma peça de bronze ele reproduz a águia ptolomaica batida nas moedas de bronze de Ptolomeu, nas outras cunhagens em bronze percebemos uma influência dos tipos monetários siciliotas, como o raio alado e o Pégasos, que estamparam moedas de Agátocles e de Pirro.

Na representação da proa como tipo monetário de reverso dessas moedas de bronze de Magas (**85**), com retrato de Ptolomeu no anverso, podemos perceber a reconciliação dos meio-irmãos e a proteção que a força naval de Filadelfo então daria também à Cirenaica. Filadelfo, neste momento rei supremo do Egito, já havia conquistado diversas partes do Mediterrâneo e se tornado o Senhor dos Mares, cuja simbologia pode bem ser traduzida nesta proa. A proa era um símbolo do domínio fenício dos mares. Mas como nestes anos Ptolomeu II já havia conquistado boa parte do Mediterrâneo oriental, este tipo traduziria o seu sucesso em uma luta que havia se iniciado com seu pai e a aliança que Magas iniciava, já com vistas à anexação da região ao jovem rei do Egito.

7. Conclusão

Como podemos observar ao longo de toda a contextualização histórica, a constituição da sociedade cirenaica foi desde o início muito variada. Os líbios, embora inicialmente tivessem uma relação amigável com os primeiros gregos a se estabelecerem no platô, com a chegada de novos migrantes eles se tornaram uma ameaça constante às ambições dos colonos. Entre os próprios gregos, a situação privilegiada dos colonos mais antigos ocasionou crises internas, como se evidenciou na reforma de Demonax – e na adoção de um sistema republicano de governo após a queda da dinastia dos Batíadas. No século IV a.C., o cenário que encontramos é o de disputa entre os diversos grupos que compunham esta sociedade, de modo a provocar desequilíbrio político e desarmonia dentro das cidades.

Nas moedas que são objeto de nosso estudo, notamos que as facções buscaram se expressar pelos tipos monetários que estamparam suas moedas – não somente para se identificarem como os gregos da Líbia para os outros gregos de outras localidades, mas ainda para se diferenciarem entre si, internamente. Deste modo, através de três tipos basicamente – o *silfium*, Zeus Ammon e Hermes Parammon – identificamos a existência e o posicionamento político desses grupos: um composto pelos descendentes dos thereus, os primeiros colonos que se estabeleceram em Cirene; os descendentes dos colonos que chegaram a partir de Batos II, composto por peloponésios, cretenses e os habitantes das ilhas, principalmente jônios; e por fim, os colonos que chegaram à Cirenaica posteriormente à *isopoliteía* concedida a gregos dessas várias proveniências na reforma de Demonax.

O primeiro problema colocado na nossa análise de tipos monetários foi o fato de o *silfium* passar a ser representado no reverso das moedas, até praticamente desaparecer das cunhagens da região. O *silfium* como tipo monetário foi utilizado como forma de expressão dos descendentes da aristocracia theréia que fundou Cirene. Eles possuíam as melhores terras e herdaram dos Batíadas o direito de exploração do *silfium*. Esses privilégios talvez tenham sido a causa de tantos conflitos internos, que se tornaram mais marcantes a partir da queda da monarquia, quando nas moedas este tipo monetário começa a dividir o anverso das peças principalmente com Zeus Ammon e com Hermes Parammon.

Esse fato sugere uma perda de poder desta parcela da sociedade nos magistrados das cidades. Por conseqüência, interpretamos que tenha sido esse o grupo político que fez aliança com Alexandre, o Grande e ainda que recorreu à ajuda de Ptolomeu quando da guerra contra Thibron – afinal, também os Batíadas em diversos momentos recorreram à ajuda do Egito para resolver problemas internos. E como os grupos mais poderosos da Cirenaica se dividiam entre aqueles que apoiavam um governo estrangeiro e outros que se opunham, entendemos que tenha sido a facção que descende dos thereus – e portanto aquela que utilizou o *silfium* como tipo monetário para expressar sua identidade – que apoiou a intervenção de Ptolomeu. Isso pode justificar porque, embora no reverso, o *silfium* seja o tipo monetário mais numeroso em nosso repertório.

O segundo tipo monetário mais presente é o de Zeus Ammon, que embora em segundo lugar foi figurado no anverso – exceto em 4 estáteres em que Ammon está no reverso. Notamos que, das cunhagens autônomas com tipos locais, é a cabeça de Zeus Ammon que figura nos tetradracmas, denominação por excelência da propaganda helenística. Este grupo político, composto por peloponésios, cretenses e principalmente jônios, ao que tudo indica, teria sido aquele que estabeleceu um equilíbrio dentro da cidade de modo que o controle político de Ptolomeu I não fosse definitivo. Por outro lado, este grupo – juntamente com os aristocratas descendentes dos thereus – expressaram pelas emissões monetárias que não desejavam o retorno ao sistema democrático que vigorava antes da chegada de Ptolomeu à região, cunhando durante a revolta democrática uma moeda de bronze com a cabeça de Ammon no anverso, a tumba de Batos – expressão máxima dos aristocratas – no reverso e a inscrição em nome da cidade de Cirene.

O grupo que tem Ammon como expressão de sua identidade tinha uma representatividade significativa no quadro dos magistrados, constituindo portanto a autoridade emissora local mais forte. Pelo que podemos perceber nas emissões que trazem Ammon como tipo principal, este grupo não aceitava a entrega da Cirenaica nem a Ptolomeu I nem aos seus sucessores no Egito. Ele também não apoiou a união da Cirenaica a Cartago sob o governo de Ofelas, o que pode ser percebido ao não ser representado nas moedas que trazem no reverso o *silfium* com a palmeira juntos. A propósito, ao ser figurado no anverso de uma moeda de bronze, tendo a palmeira sozinha no reverso, nos questionamos qual seria seu posicionamento neste projeto de unificação dos dois territórios.

Quando Ptolomeu I começa a bater moedas na região com a inscrição que traz seu título de *basileus*, é a cabeça de Zeus Ammon que aparece na denominação mais importante deste intervalo, os tetradracmas. E ainda, alguns anos depois, Ammon de corpo inteiro é figurado no reverso dos estáteres, com a quadriga no anverso. Com esta cunhagem, percebemos que esta facção monarquista foi adquirindo ainda mais poder internamente e, para que Magas conseguisse a independência da Cirenaica em relação ao Egito, contou com o apoiou desta poderosa facção.

Também os democratas tiveram um posicionamento importante neste cenário. Esta facção utilizou como expressão de sua identidade a representação de Hermes Parammon, o terceiro tipo monetário mais constante em nosso repertório. Parammon é o tipo batido nos didracmas que acompanharam tetradracmas com a representação da cabeça de Ammon – não somente na Cirenaica, mas também nas localidades que utilizaram esses tipos monetários que foram inspirados nas moedas dos gregos da Líbia. Esse paralelismo nas cunhagens sugere a força que os dois grupos políticos – que utilizaram Ammon e Parammon como expressão de identidade – adquiriram a partir da implementação do sistema republicano, quando os aristocratas foram perseguidos e seus direitos limitados.

Em nosso repertório, percebemos que a inscrição feita nas moedas em nome de Ptolomeu e do território em *c.* 314 a.C. está presente em um didracma com representação de Parammon. Um ou dois anos depois nas moedas com representação de Parammon trouxe inscrição em nome do povo de Cirene. Já quando Ptolomeu I começa a cunhar moedas com incrição fazendo referência ao seu título de *basileus*, os democratas de Euespérides em especial emitiram cunhagens que traziam o reconhecimento do título de rei de Ptolomeu I e que foram os últimos didracmas em que figurou Hermes Parammon.

Na medida em que Magas conquistava espaço nas cidades da Cirenaica como representante de Ptolomeu I, esta representação dos democratas perdeu a razão, sendo substituída por um Apolo Myrtous – aquele da Myrtousa, ligado aos fundadores da dinastia dos Batíadas, de apelo monárquico. E foram, então, os grupos que apoiavam a monarquia que tiveram maior representatividade nas moedas batidas sob o governo independente de Magas. Nessas cunhagens em bronze, os anversos têm figuradas principalmente a cabeça de Zeus Ammon e de Apolo Myrtous. Quando Magas se reconciliou com Ptolomeu II, a necessidade de se afirmar como herdeiro de Ptolomeu I, que lhe concedeu o governo da Cirenaica, se evidenciou. Deste modo, nesses anos, Magas cunhou somente anversos com retratos do fundador da dinastia lagida e de sua mãe, Berenice I. E para marcar ainda mais sua independência em relação ao Egito, inscreveu um monograma discreto em suas moedas com as primeiras consoantes de seu nome.

Quanto à tão polêmica discussão entre os numismatas sobre Ofelas não ter batido moedas em seu próprio nome, podemos considerar que isto não foi feito ou porque o controle da região não foi efetivo, ou porque nesses primeiros anos de intervenção lagida Ptolomeu não confiasse plenamente em seu preposto. Sobre a última hipótese, isso pode justificar ainda a morte inesperada de Ofelas por Agátocles e a aliança que se estabeleceu entre os dois governantes.

Esta relação com o tirano siracusano, aliás, parecia existir antes da expedição contra Cartago. É certo que ao longo do século IV a.C. notamos uma influência siciliota nas cunhagens locais. Mas nas moedas do nosso repertório, há uma concentração de tipos monetários claramente influenciados pela Sicília. Só para exemplificar, o cavaleiro e a quadriga, juntos, somam 10 ocorrências, que podem ser justificadas pelo estreitamento desta relação entre a Cirenaica, o Egito e a Sicília.

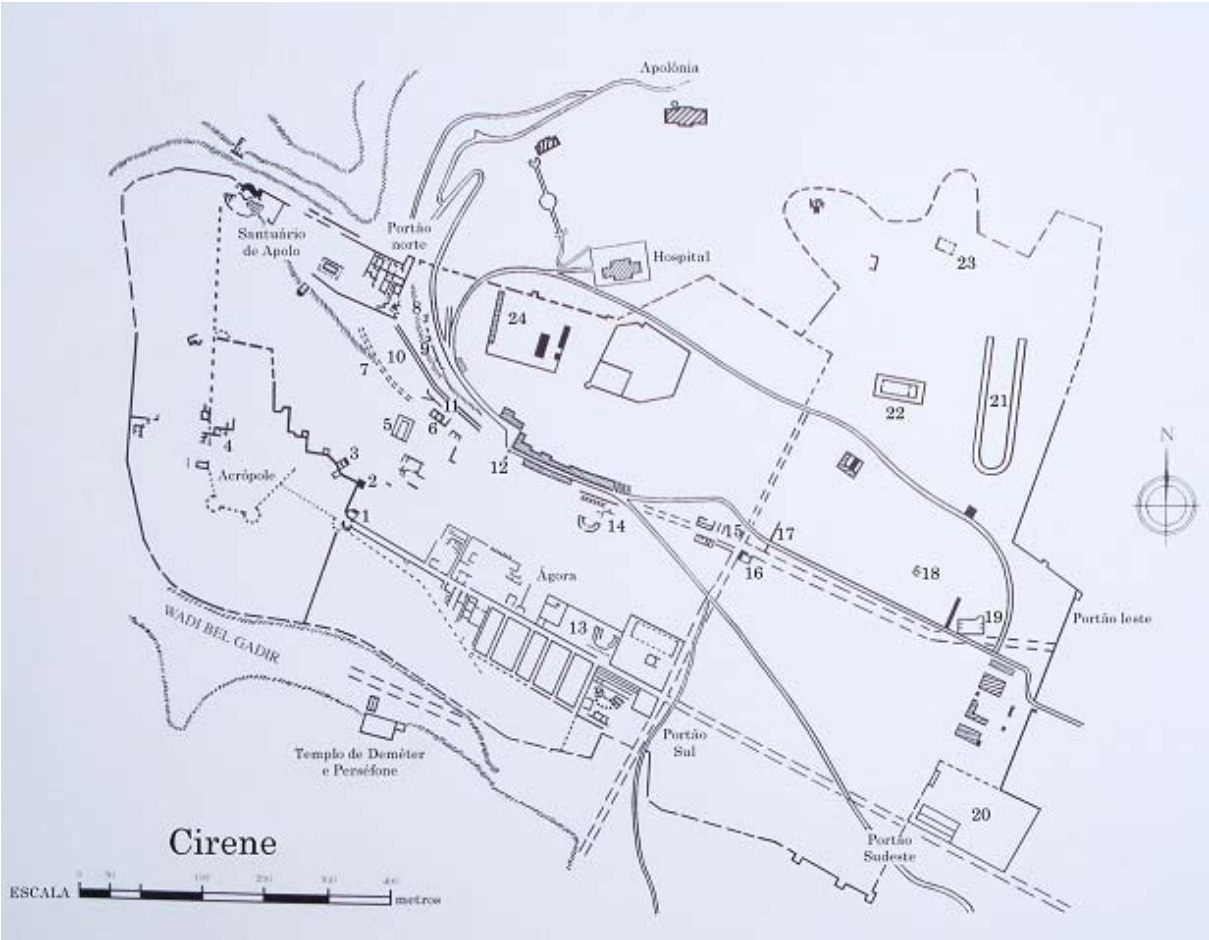
Já o cavalo, tipo que marca influência dos cartagineses, fazia referência à expedição de Ofelas. O mesmo podemos dizer com relação à Atena com elmo ateniense, que figura 3 vezes em nosso repertório, cunhagem motivada talvez pelo contingente ateniense que partiu com este general para lutar contra Cartago, apoio este que foi facilitado pelo casamento de Ofelas com Euthydice.

Quanto à metrologia, lembramos que quando Cirene fez aliança com Alexandre, as moedas da cidade passaram a ser batidas no mesmo padrão ático estabelecido por este monarca. E isto não significou uma submissão ou controle político de Alexandre sobre a região. Por isso, acreditamos que a adoção do padrão fenício pelas cidades do platô possa ter um significado econômico mais que político, ao menos até a Cirenaica ser anexada ao Egito. De certo, necessitaríamos de uma pesquisa aprofundada dos aspectos econômicos que caracterizariam o que Morkholm (1991 : 65) denominou de semi-independência. Laronde (1989 : 326) sublinha que somente a partir de Ptolomeu III encontramos documentos epigráficos que sugerem mais claramente um controle da economia pelos Ptolomeus, como, por exemplo, uma reforma no sistema de pesos e medidas, que se equipararam aos adotados no Egito. De qualquer maneira, para que esta pesquisa contemplasse a economia, não poderíamos nos limitar a uma análise dos tipos monetários. Deste modo, futuramente, o aspecto econômico dessas cunhagens e da intervenção de Ptolomeu I sobre a Cirenaica será foco de pesquisa outra, com outra metodologia que nos permita vislumbrar o significado dessas moedas em âmbito econômico.

A propósito, queremos salientar que julgamos muito proveitoso o estudo da associação entre as inscrições e os tipos monetários, no sentido de nos revelar as sutilezas do uso da iconografia nas moedas como expressão de identidade e de poderes internos nas cidades. O que havíamos nos proposto a fazer no projeto de pesquisa – identificar e analisar o posicionamento das diversas facções das cidades da chegada de Ptolomeu à Cirenaica até a morte de Magas – foi possível graças à análise desses dois aspectos da moeda e principalmente à análise dos tipos monetários genuinamente locais.

ANEXOS

Anexo 1. Planta de Cirene



Legenda

1. Portões de entrada para a ágora
2. Torre da acrópole
3. Santuário de Serapis e Ísis
4. Casa romana
5. Edifício não identificado
6. Casa com mosaico de Dioniso
7. Passagem para a fonte
8. Calcário de Adriano
9. Via Sacra (*Skyrotá*)
10. Nova fonte (*Aqua Augusta*)
11. Banhos gregos
12. Arco do Triunfo (Antonino)
13. Teatro 2, ao sul do Ginásio
14. Teatro 3, conhecido como Teatro do Mercado, e *propylaeum* de Severo
15. Centro da cidade romana (Estrada do Vale)
16. Igreja cristã (século VI d.C.)
17. Muro bizantino
18. Torre árabe
19. Catedral
20. Reservatórios romanos
21. Hipódromo
22. Templo de Zeus
23. Templo
24. Torre sobre os muros da cidade

Desenho baseado em planta feita por Richard Goodchild e publicada em: DI VITA, DI VITA-EVRARD e BACCHIELLI, 1999 : 194.

Anexo 2. Decreto de fundação de Cirene

Contrato dos fundadores

Decidido por Assembléia. Desde que Apolo deu uma profecia espontânea a Batos e aos thereus ordenando-os a colonizar Cirene, os thereus resolvem que Batos seja enviado à Líbia como líder e rei: que os thereus partam como seus companheiros; que eles partam em termos justos e igualitários, como se fossem uma família; que seja recrutado um filho de cada família; e que aqueles que partirem estejam na plenitude de suas vidas; quanto ao restante dos thereus, qualquer homem livre que desejar pode partir. Se os colonos estabelecerem uma cidade, quaisquer dos seus compatriotas que futuramente partirem para a Líbia poderão compartilhar da cidadania e das honras e poderão receber uma porção de terra desocupada. Mas se eles não estabelecerem uma cidade e os thereus não tiverem como ajudá-los e eles sofrerem problemas inevitáveis por mais de cinco anos, então eles podem retornar desta terra para Thera sem temor, para as suas posses e serem cidadãos. Mas aquele que estiver relutante a partir quando a cidade o envia estará sujeito a pena de morte e seus bens serão confiscados. E aquele que receber ou proteger o outro, mesmo que seja um pai ao seu filho ou um irmão ao seu irmão, sofrerá as mesmas penalidades que o homem que se recusa a partir. Nestas condições, eles fazem um contrato, aqueles que ficam aqui e aqueles que partem na expedição colonizadora, e fazem imprecações contra aqueles que transgredirem estas condições e que não as executarem, sejam aqueles que estiverem vivendo na Líbia ou aqueles que permanecerem em Thera. Eles moldaram imagens de cera e queimaram-nas enquanto proferiam a seguinte imprecação, todos eles, juntos, homens e mulheres, meninos e meninas. Aqueles que cumprirem com este contrato, tanto aqueles que partem para a Líbia como aqueles que permanecem em Thera, terão abundância e prosperidade tanto para eles próprios como para seus descendentes.

Tradução feita do grego com base em texto publicado e traduzido para o inglês por GRAHAM, 1983 : 224-6.

Anexo 3. Relação dos tesouros monetários com moedas da Cirenaica datadas do último quartel do século IV e primeira metade do século III a.C., publicados no IGCH (1973)

IGCH 151
Local do achado: Mitrópolis, perto da antiga Gortyna, Creta
Data de entesouramento: 280-270 a.C.
Conteúdo: 49 + AR
- Pegasi: 10 estáteres (Corinto 3, Thyrreium 4, Anactorium 1, Siracusa 1, Argos Amphilochicon 1)
- Argos: 5 tetraóbolos
- Cidônia: 1 didracma; 3 dracmas
- Gortyna: 1 dracma
- Itanus: 1 dracma
- Lyttus: 1 dracma
- Cirene: 27 didracmas

Bibliografia: LE RIDER, 1966 : 7-11, 47-8.

IGCH 152
Local do achado: Festos, Creta
Data de entesouramento: 280-270 a.C.
Conteúdo: 410 + AR
- Beócia: 3 hemidracmas
- Pégasos: 13 + estáteres (Corinto 1, Thyrreium 3, Anactorium 2)
- Argos: 18 tetraóbolos
- Aptera: 8 didracmas
- Arcádia: 1 didracma
- Axus: 6 didracmas
- Quersoneso: 8 didracmas
- Cnossus: 33 didracmas
- Cidônia: 27 didracmas, 8 trióbolos
- Eleutherna: 18 didracmas
- Gortina: 119 didracmas
- Itanus: 2 didracmas
- Lyttus: 19 didracmas
- Festos: 55 didracmas
- Falasarna: 6 didracmas
- Polyrhenium: 1 didracma
- Praesus: 11 didracmas
- Priansus: 2 didracmas
- Rhaucus: 14 didracmas, 1 dracma
- Sibrita: 8 didracmas
- Tylisus: 3 didracmas
- Rodes: 1 didracma
- Chipre (Euágoras de Salamina): 1 didracma
- Cirene: 65 didracmas

Bibliografia: LE RIDER, 1966 : 19-49.

IGCH 154
Local do achado: Creta, região central
Data de entesouramento: 280-70 a.C. (Le Rider); depois de 270 a.C. (Hackens)
Conteúdo: 127 + AR
Beócia: 1 dracma
Corinto e colônias: 14 estáteres
Argos: 27 tetraóbolos
Pseudaeginetica: 1 trióbolo
Axus?: 1 estáter
Quersoneso: 2 estáteres
Cnossus: 14 estáteres, 5 dracmas
Cidônia: 3 estáteres
Eleutherna: 1 óbolo
Elyrus: 1 dracma
Gortina: 6 estáteres, 2 dracmas, 1 trióbolo
Itanus: 2 estáteres, 3 dracmas
Lyttus: 4 estáteres
Moda: 1 estáter
Festos: 5 estáteres
Falasarna: 2 estáteres
Praesus: 4 estáteres, 1 dracma
Rhaucus: 3 estáteres
Sybrita: 7 estáteres
Tylisus: 4 estáteres
Cirene: 12 didracmas
Bibliografia: LE RIDER, 1966 : 11-9, 40-9.

IGCH 1686
Local do achado: Trípoli (Líbia)
Data de entesouramento: metade do século III a.C.
Conteúdo: 1000 + AE (5,9 kg)
Cirene: AE (como BMC p. 64, n. 319)
3 AE (como BMC p. 61, n. 292)
Bibliografia: HILL, 1899 : 175-6.

IGCH 1757
Local do achado: Mesopotâmia ou Babilônia
Data de entesouramento: 310-300 a.C.
Conteúdo: 43 + AR
Atenas: 37 tetradracmas
Celenderis: 1 estáter
“Paphus”: 1 estáter
Sidon: 1 e 1/16 – shekel
Tiro: 1 shekel
Babilônia: 1 estáter
Cirene: 1 tetradracma
Bibliografia: LE RIDER (no prelo)

IGCH 2265
Local do achado: Túnis
Data de entesouramento: 300 a.C.
Conteúdo: AU (tesouro em pote)
Cirene: 1/3 de estáter (como BMC 210)
Bibliografia: GAUCKLER, 1899 : clv.

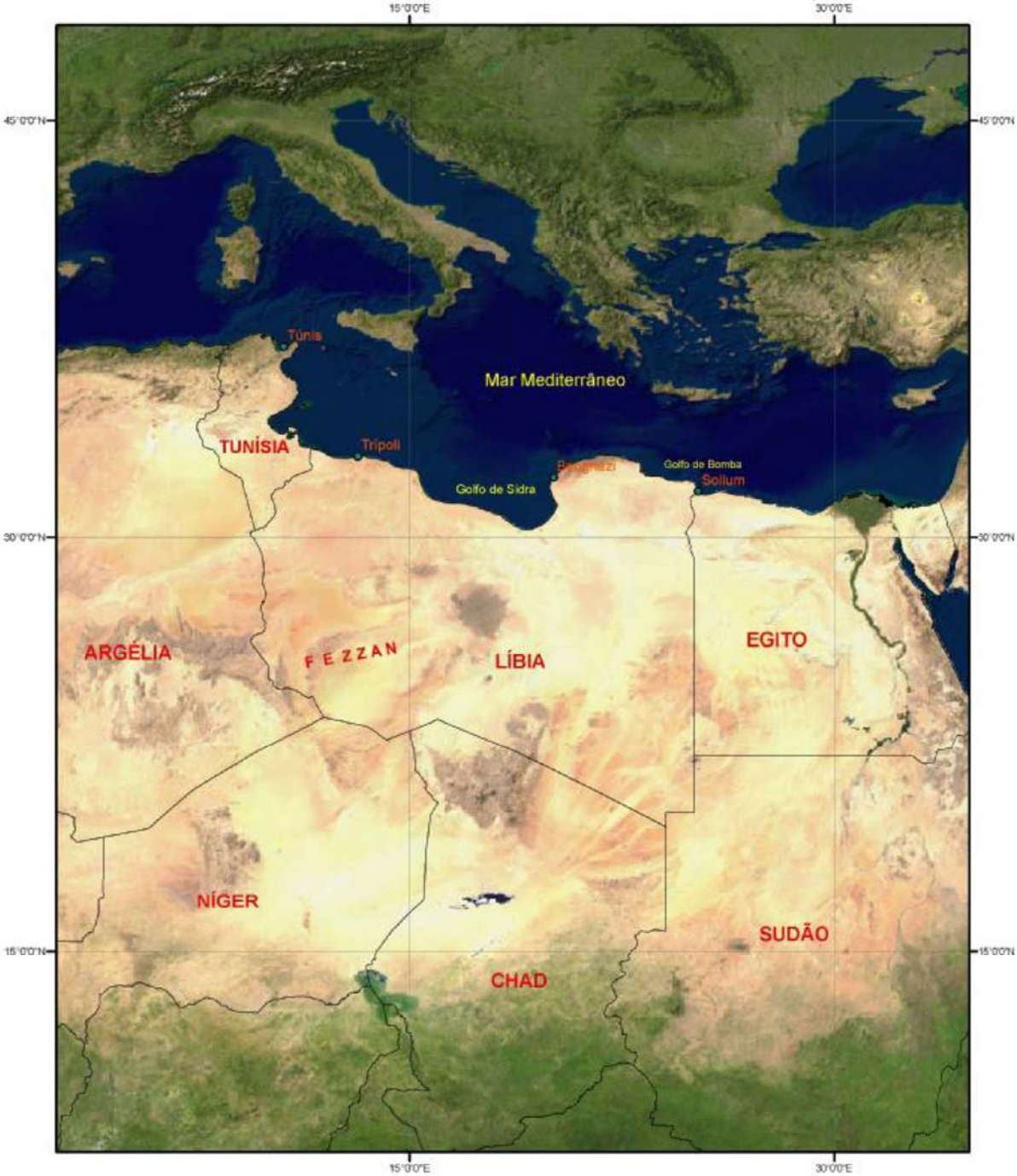
IGCH 2266
Local do achado: Túnis
Data de entesouramento: 300 a.C.
Conteúdo: 16 AU, 1 *electrum*
Ptolomeu I: 1/5 de estáter
Cirene: 1 tetraóbolo, 2 trióbolos, 11 litras
Cartago: 1/5 de estáter, 1 1/5 de estáter de *electrum*
Bibliografia: JENKINS-LEWIS, 1963 : 56.

IGCH 2276
Local do achado: Argélia
Data de entesouramento: metade do século III a.C.
Conteúdo: 46 AR
Alexandre III: 1 (Abydus?)
Ptolomaica: 1
Cirene: 44 didracmas (como BMC *Cyr.*, pl. 21-2)

IGCH 2299
Local do achado: Corvo, Açores
Data de entesouramento: 200 a.C.
Conteúdo: 2 AU, 7 AE (tesouro em pote)
Cirene: 1 AE (como BMC *Cyr.*, pl. 26.3)
Cartago: 1 AU 1/5 de estáter, 1 AU 1/10 de estáter, 6 AE (incluindo os tipos SNG *Cop*. 118, 126, 164, 175, 191?, 310)
Bibliografia: JENKINS-LEWIS, 1963 : 61.

MAPAS

Mapa 1. Líbia atual



Legenda

Limites Territoriais

Cidades

N

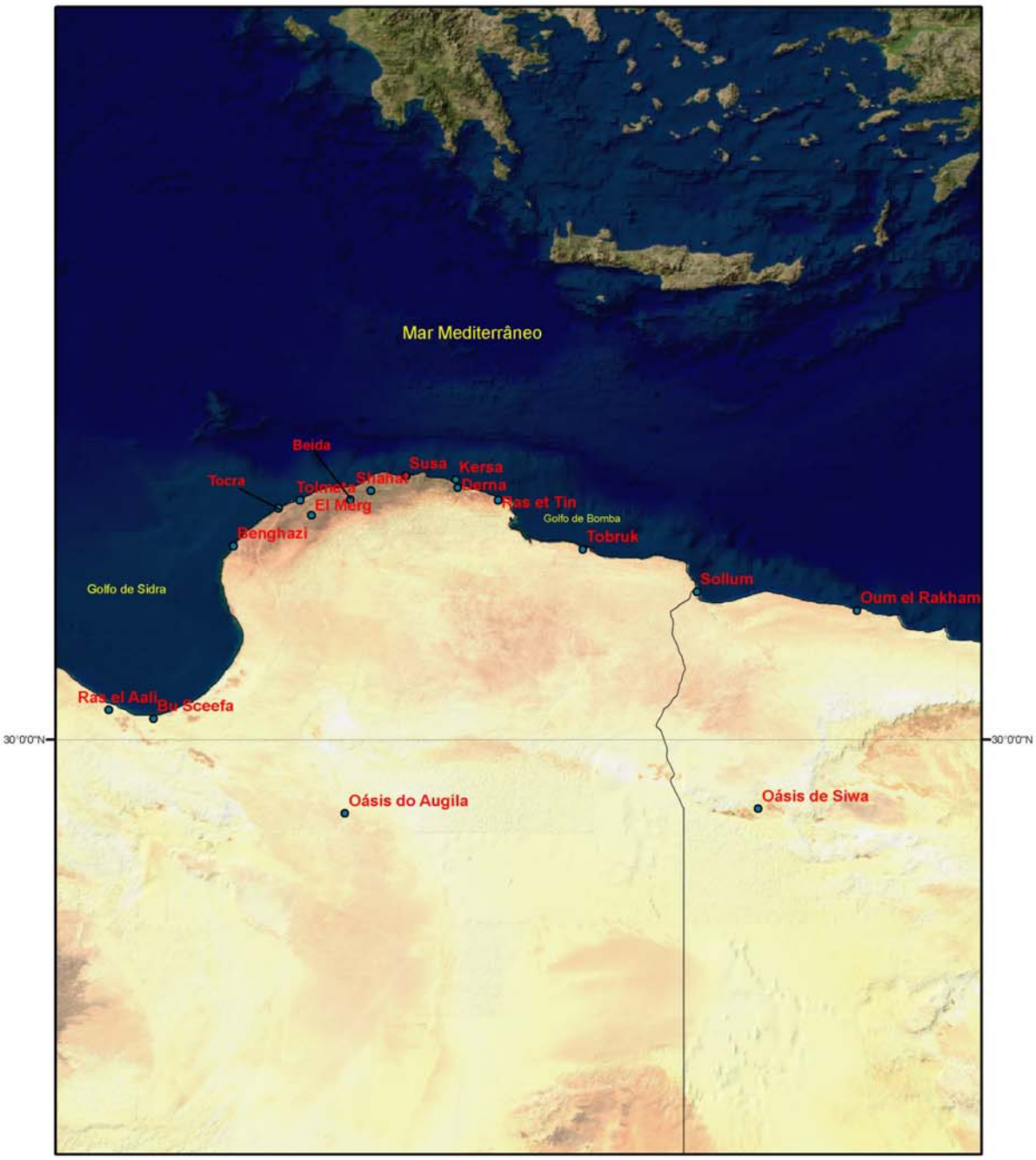
Meters

0 250.000500.000

Criação e Desenvolvimento GIS
Dr. José Roberto Pellini

Projeção: WGS84

Mapa 2. Cirenaica atual



Legenda

- Cidade Atuais Libia
- Limites Territoriais

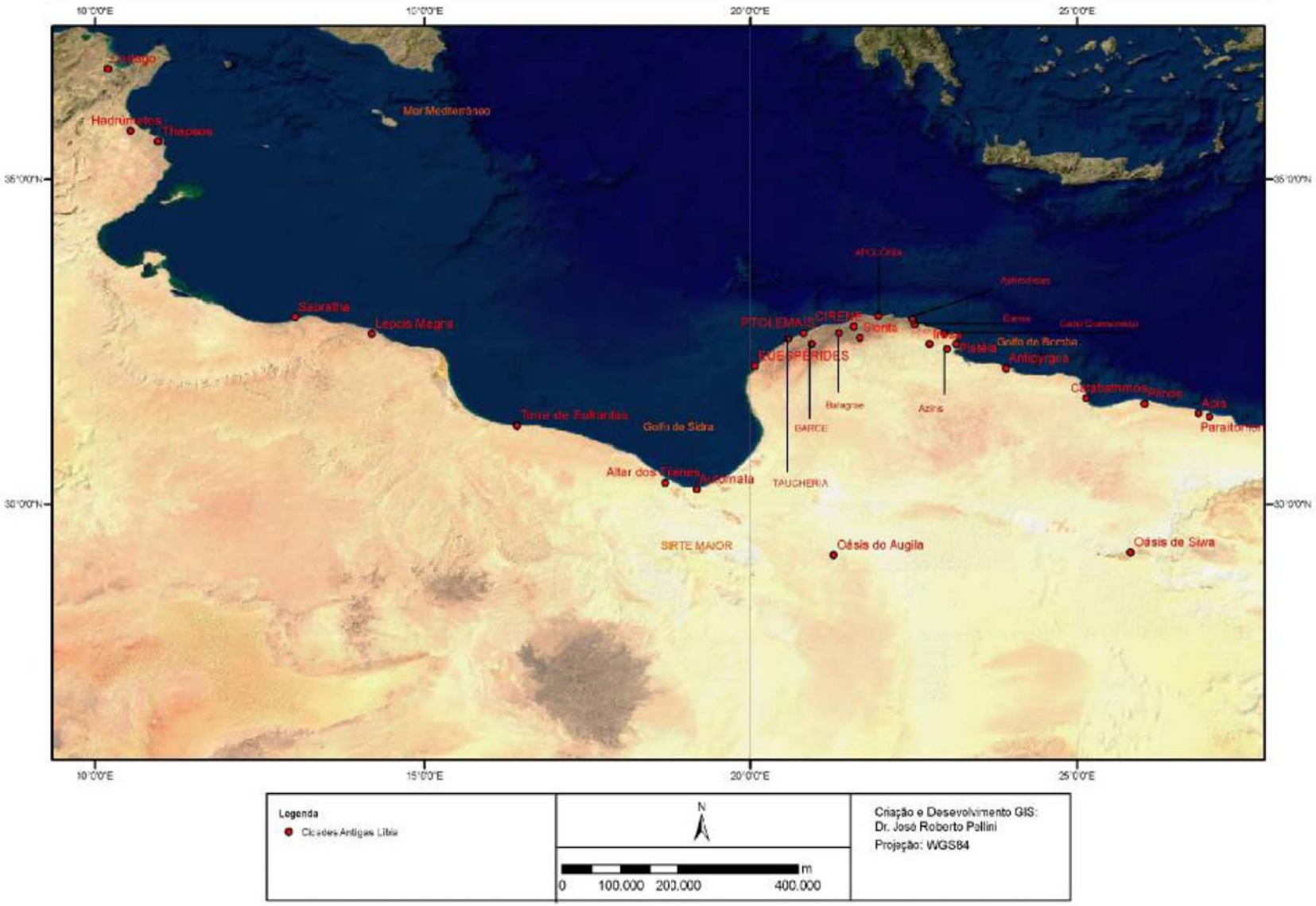
N

0 130.000 260.000 Meters

Criação e Desenvolvimento GIS:
Dr. José Roberto Pellini

Projeção: WGS84

Mapa 3. Líbia antiga

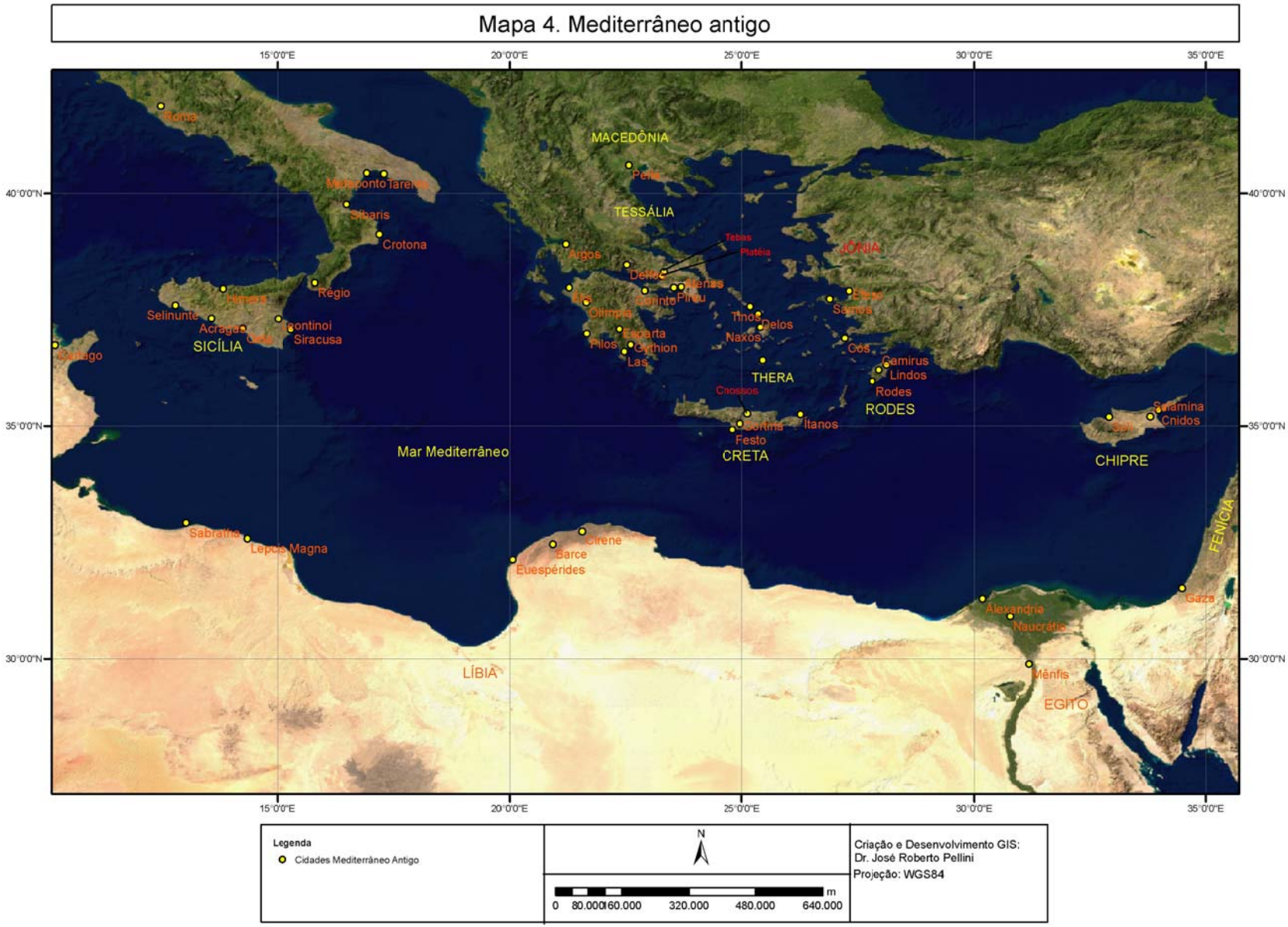


Legenda
- Cidades Antigas Líbia

N

0 100.000 200.000 400.000 m

Criação e Desevolvimento GIS:
Dr. José Roberto Pellini
Projeção: WGS84


Mapa 4. Mediterrâneo antigo
15°0'0"E
20°0'0"E
25°0'0"E
30°0'0"E
35°0'0"E
40°0'0"N
35°0'0"N
30°0'0"N
Roma
Metaponto
Taranto
Sibaris
Crotona
Régio
Himera
Selinunte
Acragas
Gela
Tauromenion
Siracusa
SICÍLIA
Cartago
MACEDÔNIA
Pella
TESSÁLIA
Tebas
Platéia
JÔNIA
Argos
Delfos
Atenas
Corinto
Pireu
Elis
Olímpia
Esparta
Pilos
Cythion
Las
Tinos
Delos
Naxos
Éfeso
Samos
Cos
Camirus
Lindos
Rodes
RODES
THERA
Cnossos
Gortine
Festo
CRETA
Itanos
Mar Mediterrâneo
Salamina
Cnidos
Soli
CHIPRE
FENÍCIA
Sabratha
Leptis Magna
Cirene
Barce
Euespérides
LÍBIA
Alexandria
Naucrátis
Gaza
Ménfis
EGITO
Legenda
Cidades Mediterrâneo Antigo
N
0 80.000 160.000 320.000 480.000 640.000 m
Criação e Desenvolvimento GIS:
Dr. José Roberto Pellini
Projeção: WGS84

8. Bibliografia

Abreviações

BMC Cyr. – *Catalogue of the Greek Coins in the British Museum: Cyrenaica*

BMC *Thes*. – *Catalogue of the Greek Coins in the British Museum: Thessaly to Aetolia*

BRITANNICA – *Encyclopaedia Britannica*

IGCH – *An Inventory of Greek Coin Hoards*

SNG *Cop*. – *Sylloge Nummorum Graecorum* – *The Royal Collection of Coins and Medals. Danish National Museum, North Africa, Syrtica-Mauritania*

SEG – *Supplementum Epigraphicum Graecum*

Fontes numismáticas

BUTTREY, T. V. The Coins. In: WHITE, D. (ed) *Extramural Sanctuary of Demeter and Persephone at Cyrene, Libya Final Reports vol. V*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.

HEAD, B. V. *Historia Nummorum: A Manual of Greek Numismatics.* London: Spink and Son, 1963.

NAVILLE, L. *Les Monnaies d'Or de la Cyrénaïque de 450 a 250 Avant J.C.: Contribution a l'Étude des Monnaies Grecques Antiques*. Geneve, 1951.

ROBINSON, B. A. *Catalogue of the Greek Coins in the British Museum: Cyrenaica*. Bologna: Arnaldo Forni Editore, 1965. (Catalogue of the Greek Coins in the British Museum).

SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. *The Royal Collection of Coins and Medals. Danish National Museum, North Africa, Syrtica-Mauritania*. Dinamarca: Copenhagen, 1969.

SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. *Milano Civiche Racolte Numismatiche*. Itália, XIV, Cyrenaica-Mauritania, 1989.

THOMPSON, M.; KRAAY, C. M.; MORKHOLM, O. (eds.). *An Inventory of Greek Coin Hoards*. New York: American Numismatic Society, 1973.

GARDNER, P. *Catalogue of the Greek Coins in the British Museum: Peloponnesus*. Bologna, 1887.

_____. *Catalogue of the Greek Coins in the British Museum: Thessaly to Aetolia.* London, 1883.

HEAD, B. V. *Catalogue of the Greek Coins in the British Museum: Caria, Cos and Rhodes*. London, 1897.

Obras de referência

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français.* Paris: Hachette, 1950.

DAREMBERG, C.; SAGLIO, M. E. (dir.). *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris: Hachette, 1873. 5v. + Tables.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Chicago/London/Toronto: William Benton, Publisher, 1959. 23 v. + The Index.

ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA Europeo-Americana. Madrid: Espasa-Calpe, 1924. 70v. + Suppl.

GRAND LAROUSSE ENCYCLOPÉDIQUE en dix volumes. Paris, Librairie Larousse, 1962.

HANSEN, H. M.; NIELSEN, T. H. (eds.). *An Inventory of Archaic and Classical* Poleis. Oxford University Press, 2004.

LEXICON Iconographicum Mythologiae Classicae. Zürich: Artemis, 1981-1999. 8v. + 2v. apêndices.

PRYCE, M. A. *Catalogue of Sculpture in the Department of Greek and Roman Antiquities of the British Museum*. Oxford University Press, 1938. v. I, part I: Prehellenic and Early Greek.

Fontes textuais

ARISTOPHANE. *Les Oiseaux. Lysistrata*. Trad. Hilaire Van Daele. 8.ed. Paris: Les Belles Lettres, 1977. t. III. (Coll. des Universités de France).

_____. *L'Assemblée des Femmes. Ploutos*. Trad. Hilaire Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1954. t. V. (Coll. des Universités de France).

_____. *Les Acharniens. Les Cavaliers. Les Nuées*. 7.ed. Trad. Hilaire Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1960. t. I. (Coll. des Universités de France).

ARISTÓTELES. *A Política*. Trad. Mário da Gama Kury. Universidade de Brasília, 1997.

CALÍMACO. *Himnes*. Trad. Émile Cahen. 3.ed. Paris: Les Belles Lettres, 1948. (Coll. des Universités de France). pp. 201-330.

CATULO. *Poésies*. Trad. G. Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1922. (Coll. des Universités de France).

CICÉRON. *Oeuvres Philosophiques: Tusculanes.* Trad. J. Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1931. (Coll. des Universités de France). t. I.

DEMOSTHÈNE. *Plaidoyers Civilis*. Trad. L. Gernet. Paris: Les Belles Lettres, 1954. (Coll. des Universités de France). t. I.

DIODORUS OF SICILY in twelve volumes. London/Cambridge: William Heinemann/Harvard University Press. vol IX (books XVIII, XIX, 1-65), 1947; vol. X (books XIX, 66-100, XX), 1954. Trad. Russel M. Geer. Original grego.

ESTRABÃO: THE GEOGRAPHY OF STRABO. Trad. H. L. Jones. Harvard University Press, 1959-60. v. I, books I-II e v. II, books III-V; v. VIII, book XVII.

HERÓDOTO. *História*. Trad. Mário da GamaKury. Ed. Universidade de Brasília, 1985. Original grego.

JUSTINO. *Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée et Prologues de Trogue Pompée*. Trad. É. Chambry e L. Thiély-Chambry. Paris: Garnier Freres, 1936. 2v.

MYTOGRAPHUS VATICANUS. *Rerum Mythicarum Latini Tres-Romae Nuper Reperti*. Cellis, 1834.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Trad. W. H. S. Jones e H. A. Ormerod. Harvard University Press, 1954-5. v. I: Ática (I) e Corinth (II); v. II: Lacônia (III), Messênia (IV) e Élis I (V); v. III: Elis II (VI), Achaia (VII) e Arcadia (VIII).

PINDARE. *Pythiques*. 2.ed. Trad. Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1951. t. II. (Coll. des Universités de France).

PLINY. *Natural History*. Trad. H. Rackham. Harvard University Press, 1971-89. v. II, books III-VII; v. IV, books XII-XVI; v. V, books XVII-XIX.

PLUTARCO. *Vies*. Trad. R. Flacelière et Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1971-7. t. VI: Pyrrhos-Marius – Lysandre-Sylla; t. IX: Alexandre – César; t. XII: Démosthène – Cicéron; t. XIII: Demetrios – Antoine.

QUINTUS CURTIUS RUFUS. *The History of Alexander*. Trad. J. Yardley, W. Heckel e Johnyardley. Harmondsworth: Penguin, 1984. (Penguin Classics).

SALÚSTIO. *La Guerre de Jugurtha*. Trad. Alfredo Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1974.

TEOFRASTO. *Enquiry into Plants*. Harvard University Press, 1948-9. v. I, books I-V; v. II, books VI-IX.

Obras numismáticas, metodológicas e históricas

APERGHIS, M. Population – Production – Taxation – Coinage: A Model for the Seleukid Economy. In: ARCHIBALD, Z. H. *et al*. *Hellenistic Economies*. London: Routledge, 2001. pp. 69-102.

APPLEBAUM, S. *Jews and Greeks in Ancient Cyrene*. Leiden: s.n., 1979. (Studies in Judaism in Late Antiquity, 28).

BACCHIELLI, L. Cyrenaica. In: DI VITA, A.; DI VITA-EVRARD, G.; BACCHIELLI, L. *Lybia: The Lost Cities of the Roman Empire*. Cologne: Könemann, 1999. pp. 183-239.

BERVE, H. Ophellas. In: PAULY-WISSOVA. *Realencyclopädie*, XVIII, 1, *s.v.*, col. 633, 1939.

BEVAN, E. R. *The House of Ptolemy: A History of Egypt under the Ptolemaic Dynasty*. London, 1927.

BLANC, N. e CURY, F. Eros. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich: Artemis, 1986. v. 3, pp. 850-1049.

BOARDMAN, J. *Los Griegos en Ultramar: Comercio y Expansión Colonial antes de la Era Clásica*. Trad. Antonio Escohato. Madrid: Alianza Editorial, 1975. Original em inglês.

BONACASA, N. Introduzione. In: BONACASA, N. e ENSOLI, S. (eds.). *Cirene*. Milano: Electa, 2000. pp. 11-7.

_____. Topografia e urbanistica. In: BONACASA, N. e ENSOLI, S. (eds.). *Cirene*. Milano: Electa, 2000. pp. 37-49.

BOND, R. C. e SWALES, J. M. Surface Finds of Coins from the City of Euesperides. *Libya Antiqua*, n. 2, 1965, pp. 91-102.

BUTTREY, T. V. Coins and Coinage at Euesperides.In: REYNOLDS, J. (ed.). *Cyrenaican Archaeology. An International Colloquium.* London: The Society for Libyan Studies, n. 25, 1994.

CALTABIANO, M.C. Il Ruolo di una Basilissa Rivelato dalle sue Monete. In: CATANI, E.; MARENGO, S. M. *La Cirenaica in etá Ântica.* Atti del Convegno Internaziolale di Studi, Macerata, 1998, pp. 97-115.

CARY, M. A. Constitutional Inscription from Cyrene. *The Journal of Hellenic Studies*, n. 48, pp. 222-38, 1928.

CHAMOUX, F. *Cyrène sous la Monarchie des Battiades*. Paris: s.n., 1953. (Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome, 177)

_____. Le Roi Magas. *Revue Historique*, n. 216, 1956.

_____. Épigramme de Cyrène em L´Honneur du Roi Magas. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, LXXXII, 1958, II, pp. 572-587.

CHRISTIANSEN, E. *Coins of Alexandria and the Nomes. A Supplement to the British Museum Catalogue*. London: British Museum Press, 1991. (Occasional Paper, 77).

CONSOLO LANGHER, S. N. Cirene, Egitto e Sicilia nell'etá di Agatocle. In: CATANI, E. e MARENGO, S. M. (eds.). *La Cirenaica in etá Antica.* Atti del Convegno Internaziolale di Studi, Macerata, 1998, pp. 145-164.

_____. *Contributo alla Storia della Monetazione del Bronzo in Sicilia*. Milano: s.l., 1964.

DAVIS, N. e KRAAY, C. M. *The Hellenistic Kingdoms: Portrait Coins and History*. London: Thames and Hudson, 1973.

DEMARGNE, P. Athena. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich: Artemis, 1984. v. 2, pp. 955-1044.

DUCHALAIS, A. *Revue Numismatique*, Paris, 1851.

ENSOLI, S. L'Acropoli. In: BONACASA, N. e ENSOLI, S. (eds.). *Cirene*. Milano: Electa, 2000. pp. 55-7.

_____. L'Agorà. In: BONACASA, N. e ENSOLI, S. (eds.). *Cirene*. Milano: Electa, 2000. pp. 59-80.

_____ e PRESICCE, C. P. Il Santuario di Apollo. In: BONACASA, N. e ENSOLI, S. (eds.). *Cirene*. Milano: Electa, 2000. pp. 105-17.

_____. Il Tempio di Iside. In: BONACASA, N. e ENSOLI, S. (eds.). *Cirene*. Milano: Electa, 2000. pp. 131.

EHRENBERG, V. Ofella di Cirene. *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, n. 66, 1938, pp. 144-51.

FASCIATO, M. e LECLANT, J. Notes sur les types monétaires présentant une figure imberbe à cornes de bélier. *Mélanges d'archéologie et d'histoire*. École Française de Rome, v. 61, 1949, pp. 7-33.

FLORENZANO, M. B. B. Iconografia Monetária: Interpretações. (Mimeografado). In: *Numismática e História Antiga.* Atas do I Simpósio Nacional de História Antiga. UFPb, 1984, pp. 48-56.

_____. Coins and Religions: Representations of Demeter and of Kore/Persephone on Sicilian Coins. *Revue Belge de Numismatique et de Sigillographie*, 151, Bruxelles, 2005, pp. 1-28.

_____. A note on the triskelis as the badge of Sicily: territorial identity in Ancient Greek Coinage. In: FLORENZANO, M. B. B. *et al*. (eds.). *Liber Amicorum: Tony Hackens.* Louvain-la-Neuve: Association de Numismatique Professeur Marcel Hoc, 2007. (Numismatica Lovaniensia 20). pp. 153-7.

_____. Origens da moeda. In: NAZARETH, O. (ed.). *Faces da Moeda*. São Paulo: Olhares/Estúdio Substância, 2008. pp. 1-47. (Prelo).

FRASER, P. M. e MATTHEWS, E. (eds.). *A Lexicon of Greek Personal Names I: Aegean Islands, Cyprus, Cyrenaica*. Oxford: Clarendon Press 1987.

FURTWÄNGLER. *Jahrb. d. Arch. Inst*., IV, s.d.

FURUMARK, A. *Mycenaean Pottery*. Stockholm, 1941.

GABBA, E.; VALLET, G. *La Sicilia Greca dal VI Secolo alle Guerre Puniche*. Palermo: Società Editrice, 1980. (La Sicilia Antica, 2).

GASPARRI, C. Dyonisos. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich: Artemis, 1986. v. 3, pp. 414-514.

GAUCKLER, P. Découvertes récentes en Tunisie. *Bulletin Archéologique du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques* (Section d'Archéologie, Paris), 1899, pp. 160-73.

GLOTZ, G. *La Cité Grecque*. Paris: Albin Michel, 1928.

GRAHAM, A. J. *Colony and Mother City in Ancient Greece*. 2.ed. Chicago: Ares Publishers, 1983.

_____. The Authenticity of the OPKION TΩN OIKIΣTHPΩN of Cyrene. *The Journal of Hellenic Studies*, n. 80, 1960, pp. 94-111.

GRAS, M. *O Mediterrâneo Arcaico*. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1998.

GSELL, S. *Histoire Ancienne de l'Afrique du Nord*. Paris: Hachette, 1913. v. 1.

HALL, J. M. Quem eram os gregos. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 11, 2001, pp. 213-25.

HALLAG, D. Libyans Here and There: A Comparision between Ancient Libyan and Greek Culture. In: MATTINGLY, D. *et al*. *The Libyan Desert: Natural Resources and Cultural Heritage*. London: The Society for Libyan Studies, 2006. pp. 217-22.

HAZZARD, R. A. *Ptolemaic Coins: An Introduction for Collectors*. Toronto: Kirk & Bentley, 1995.

JENKINS, G. K. An Early Ptolemaic Hoard from Phacous. *Mnemosyne*, n. 9, pp. 17-37, 1960.

_____. *Ancient Greek Coins*. London: Barrie & Jenkins, 1972. (The World of Numismatics).

_____ e LEWIS, R. B. *Carthaginian gold and electrum coins*. London: Royal Numismatic Society, 1963.

KAHIL, L. Artémis. Colaboração de Noëlle Icard. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich: Artemis, 1984. v. 2, pp. 618-753.

KERAMOPULLOS. *Athen. Mitteil*., XXXIV, 1909.

KORMIKIARI, M. C. N. *Norte da África Autóctone do Século III a.C.*: As Imagens Monetárias Reais Berberes. 2000. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Grupos indígenas berberes na Antiguidade: a documentação textual e epigráfica. *Revista de História*, n. 145, pp. 9-60, 2001.

_____. *Organização espacial berbere na Numídia Centro-oriental (da proto-história ao período dos reinos berberes nos séculos III a.C. ao I a.C.)*. Relatório de pesquisa de pós-doutoramento. FAPESP, set./2003.

KRAAY, C. M. Greek Coinage and War. In: HECKEL, W. e SULLIVAN, R. *Ancient Coins of the Graeco-Roman World: The Nickle Numismatic Papers*. University of Calgary, 1981. pp. 3-18.

_____. *Archaic and Classical Greek Coins*. London: Methuen, 1976.

KREMYDI-SICILIANOU, S. Zeus: Coins. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich: Artemis, 1997. v. 8, pp. 362-71.

LACROIX, L. Les types des monnaies grecques. In: DENTZER, J.-M.; GAUTHIER, Ph.; HACKENS, T. (eds.). *Numismatique Antique: Problèmes et Méthodes*. Nancy-Louvain, 1975. (Annales de l'Est, publiées par l'Université de Nancy II. Mémoire 44). pp. 153-63.

LARONDE, A. Observations sur la Politique d'Ophellas à Cyrène. *Revue Historique*, n. 498, 1971, pp. 297-306.

LARONDE, A. *Cyrène et la Lybie Hellénistique: Libykai Historiai. De l'Époque Républicaine au Principat d'Auguste*. Paris: Éditions du CNRS, 1987.

_____. Greeks and Libyans in Cyrenaica. In: DESCOEUDRES, J.-P. (ed.). *Greek Colonists and Natives Populations*. Oxford University Press, 1990. pp. 169-80.

LECLANT, J. e CLERC, G. Ammon. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich: Artemis, 1981. v. 1, pp. 666-89.

LE RIDER, G. *Monnaies crétoises du Ve au Ier siècle av. J.-C.* Paris: Guethner, 1966.

MACDONALD, George. *Coin Types: It's origin and development*. Chicago: Argonaut, 1969.

MACHU, J. Cyrène: la Cité et le Souverain à l'Époque Hellénistique. *Revue Historique*, n. 205, 1951.

MAZZARINO, S. *Il Pensiero Storico Classico*. Roma-Bari, 1966. 2v.

MEISTER, K. Agathocles. In: WALBANK *et al.* (ed.). *The Hellenistic World. 2.ed.* Cambridge University Press, 1984. pp. 384-411. (The Cambridge Ancient History, 7).

MITCHELL, B. Cyrene: Typical or Atypical?. In: BROCK, R.; HODKINSON, S. (eds.). *Alternatives to Athens. Varieties of Political Organization and Community in Ancient Greece.* Oxford University Press, 2000. pp. 82-102.

MOHAMED, F. A. The Horseman of Tobruk. *Libyan Studies*, London, 28, 1997, pp. 5-9.

MORKHOLM, O. Cyrene and Ptolemy I: Some Numismatic Comments. *Chiron*, 10, pp. 145-59, 1980.

_____. *Early Hellenistic Coinage from Alexander to the Peace of Apamea (336-188 B.C.)*. Cambridge University Press, 1991.

MORKOT, R. *The Penguin Historical Atlas of Ancient Greece*. New York: Penguin Books, 1996.

MÜLLER, L. *Numismatique de l'Ancienne Afrique*. Copenhagen, 1860-74.

OLIVERIO, G. La Stele di Tolomeo Neoteros re di Cirene. *Documenti Antichi dell'Africa Italiana*, Bergamo, II, 1, 1932.

PEAKE, H. e FLEURE, H. J. *Peasants and Potters*. Yale University Press, 1927.

PRÉAUX, C. *Le Monde Hellénistique: La Gréce et le Orient (323-146 av.J.-C.)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1978. 2 v. (Nouvelle Clio, 6).

PRESICCE. La dea con il silfio e l'iconographia di Panakeia a Cirene. In: REYNOLDS, J. (ed.). *Cyrenaican Archaeology: An International Coloquium*. *Libyan Studies*, 25, pp. 85-100, 1994. (The Society for Libyan Studies).

_____. L'Agorà degli Dei. In: BONACASA, N. e ENSOLI, S. (eds.). *Cirene*. Milano: Electa, 2000. pp. 125-6.

ROBINSON, E. S. G. Greek coins found in Cyrenaica. *Numismatic Chronicle*, I-IV, 1944, pp. 105-13.

SCULLARD, H. H.; GOWERS, W. Hannibal's Elephants Again. *Numismatic Chronicle*, 1950, pp. 271-83.

SANTORINI Akroteri: Specially selected 16 sheets. Athens: Éditions Hannibal, s.d.

SIEBERT, G. Hermes. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich: Artemis, 1990. v. 5, pp. 285-387.

SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. *A guerra na Grécia Antiga*. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

STAZIO, A. "Modelli di Gestione del Territorio delle Poleis Italiote e Siceliote nella Documentazione Numismática". In: La Colonization Grecque en Méditerranée Occidentale. Actes de la Rencontre Scientifique en Hommage à Georges Vallet, oganisée par le Centre Jean-Bérard, l´École Française de Rome, L´Istituto Universitario Orientale et l´Università degli Studi di Napoli "Federico II": Rome-Naples, 15-18 Novembre 1995. (Collection de l´École Française de Rome, 251). Rome: École Française de Rome, 1999. pp. 411-418.

STILLWELL, R. (ed.). *The Princeton Encyclopedia of Classical Sites*. Princeton University Press, 1976.

STUCCHI, S. *L'Agorà di Cirene: Il Lati Nord ed Est della Platea Inferiore*. Roma: "L'Erma" de Bretschneider, 1965. 2 v.

_____. *Cirene 1957-1966, un Decenio di Attività della Missione Archeologica Italiana a Cirene*. Tripoli, 1967.

_____. Prime trace tardo-minoiche a Cirene: i rapporti della Libya con il mondo egeo. *Quaderni di Archeologia della Libia*, n. 5, Roma, pp. 19-45, 1967.

THRIGE, J. P. *Res Cyrenensium*. Copenhagen: Ferri, 1828, Verbania, 1940.

TINH, TRAN TAM. Isis. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich: Artemis, 1990. v. 5, pp. 761-96.

TOURNIKIOTIS, P. (ed.). *The Partenon and its impact in modern times*. Athens: Melissa Publishing House, 1994.

TRELL, B. Coins of the Phoenician World. In: HECKEL, W. e SULLIVAN, R. *Ancient Coins of the Graeco-Roman World: The Nickle Numismatic Papers*. University of Calgary, 1981. pp. 117-39.

TURNER, E. G. Ptolemaic Egypt. In: WALBANK, F. W. *et al*. *The Cambridge Ancient History*. 2.ed. Cambridge University Press, 1984. pp. 118-79.

VANDERPOOL, E., News Letter from Greece. *American Journal of Archaeology*, v. 69, 1965, pp. 353-7.

WALBANK, F. W. et al. (ed.). *The Hellenistic World*. 2.ed. Cambridge University Press, 1984. (The Cambridge Ancient History, 7).

_____. Sources for the Period. In: WALBANK, F. W. *et al.* (ed.). *The Hellenistic World. 2.ed.* Cambridge University Press, 1984. pp. 1-22. (The Cambridge Ancient History*, 7*).

_____. Monarchies and Monarchic Ideas. In: WALBANK, F. W. *et al*. (ed.). *The Hellenistic World. 2.ed.* Cambridge University Press, 1984. pp. 62-100. (The Cambridge Ancient History, *7*).

WHITE, D. (ed). Gifts to the Gods: Cyrene's Sanctuary of Demeter and Persephone. *Expedition*, 34, n. 1-2, 1992.

WASHBURN, Oliver M. The Charioteer of Delphi. *American Journal of Archaeology*, v. 10, n. 2 (Apr.-Jun., 1906), pp. 151-153. (Archaeological Institute of America).

WILL, E. La Cyrenaique et les Partages Successifs de l'Empire d'Alexandre. *L'Antiquité Classique*, 1960.

_____. Ophellas, Ptolémée, Cassandre et la Chronologie. *Revue des Études Anciennes*, 66, p. 328-32, 1964.

_____. The Succession to Alexander. In: WALBANK, F. W. *et al.* (ed.). *The Hellenistic World.* 2.ed. Cambridge University Press, 1984. pp. 23-61. (The Cambridge Ancient History, *7*).

_____. The Formation of Hellenistic Kingdoms. In: WALBANK, F. W. *et al.* (ed.). *The Hellenistic World.* 2.ed. Cambridge University Press, 1984a. pp. 101-117. (The Cambridge Ancient History, *7*).

_____. *Histoire Politique du Mond Hellénistique*. Université Nancy, 1966. v. 1.

WILLIAMS, J. (ed.). *Money: A History*. London: The British Museum Press, 1997.

WILSON, A. New Light on a Greek City: Archaeology and History at Euesperides. In: FABBRICOTTI, E. e MENOZZI, O. (Org.). *Cirenaica: studi, scavi e scoperte.* Atti del X Convegno di Archeolog*ia Cirenaica. Chieti 24-26 Novembre 2003. Nuovi datti da città e território*. British Archaeological Reports. International Series, Oxford 2006. pp. 141-152.

ZAGDOUN, M.-A. Libye. In: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich: Artemis, 1992. v. 6, pp. 284-6.

Sites

American Numismatic Society – www.numismatics.org

Coinarchives – www.coinarchives.com

Perseus Digital Library (Tufts University) – www.perseus.tuft.edu

Sylloge Nummorum Graecorum – www.sylloge-nummorum-graecorum.org

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo